Cristóvão Domingos de Almeida
Rita de Cássia Domingues dos Santos
Naine Terena de Jesus

COMUNICAÇÃO CULTURA E O OUTRO

CADERNOS MULTIMUNDOS - Volume 2

Organizadores:
Cristóvão Domingos de Almeida,
Rita de Cássia Domingues dos Santos
Naine Terena de Jesus

COMUNICAÇÃO, CULTURA E O OUTRO

CADERNOS MULTIMUNDOS

Volume II

1a. Edição

BAGÉ
EDITORA FAITH
2021

Título: Comunicação, Cultura e o Outro.
Coleção: Cadernos Multimundos - Volume II
Organizadores: Cristóvão Domingos de Almeida, Rita de Cássia Domingues dos Santos, Naine Terena de Jesus
Capa: Pâmela Carina Ely
Foto de Capa: Escultura Maria Taquara
Copyright: ©2021 todos os direitos reservado aos autores e organizadores, sob encomenda à Editora Faith.
ISBN Livro impresso: 978-65-89270-04-1
ISBN E-book: 978-65-89270-06-5
Apoio financeiro no formato impresso: PROAP/CAPES

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C741 Comunicação, cultura e o outro: cadernos multimundos / Cristóvão Domingos de Almeida, Rita de Cássia Domingues dos Santos, Naine Terena de Jesus (orgs).-- Bagé,RS:Faith, 2021.
204p.; v.2;(Coleção multimundos)

ISBN: 978-65-89270-06-5

1. Cultura
2.Arte
3. Sociologia cultural
4. Comunicação
5. Filosofia
6.Educação
7.Almeida, Cristóvão Domingos de
8.Santos, Rita de Cássia D. dos
9.Jesus, Naine Terena de
X. Título

CDU:316.7

Ficha catalográfica elaborada por Dayse Pestana – CRB10/1100

Direção Geral
Caroline Powarczuk Haubert

Revisão
Organizadores

Corpo Editorial

Prof. Dr. Alfredo Alejandro Gugliano - UFRGS
Prof. Dr. Cristóvão Domingos de Almeida - UFMT
Prof. Dr. Dejalma Cremonese - UFSM
Profa. Dra. Elisângela Maia Pessôa - UNIPAMPA
Prof. Dr. Fernando da Silva Camargo - UFPEL
Prof. Dr. Gabriel Sausen Feil - UNIPAMPA
Profa. Dra. Patrícia Krieger Grossi - PUC-RS
Prof. Dr. Ronaldo B. Colvero - UNIPAMPA
Profa. Dra. Simone Barros Oliveira - UNIPAMPA
Profa. Dra. Sheila Kocourek - UFSM
Prof. Dr. Edson Paniagua - UNIPAMPA
Profa. Dra. Maria de Fátima Bento Ribeiro – UFPEL
Profa. Dra. Danusa de Lara Bonoto – UFFS
Profa. Dra. Érica do Espírito Santo Hermel – UFFS
Prof. Dr. João Carlos Krause – URI
Prof. Dr. Márcio Marques Martins -UNIPAMPA
Prof. Dr. Marcos Barros - UFPE
Profa. Dra. Paula Vanessa Bervian – UFFS
Profa. Dra. Sandra Nonenmacher – IFFAR

Sumário

Homenagem 7

Apresentação 8

Prefácio 11

Capítulo 1 - Cultura e Sensibilidade nas Reportagens sobre os 300 anos de Cuiabá (Cristóvão Domingos de Almeida, José Elias Neto) 13

Capítulo 2 - O Outro Indiscernível: abordagem e texto nas notícias diárias sobre Ciência em portais da mídia digital (Ricardo Duarte Gomes da Silva).... 33

Capítulo 3 - Quando Bárbaros Invadiram a Torre de Marfim: o impacto da inclusão social e racial nas universidades (Elaine Pereira Rocha) 53

Capítulo 4 - Transculturação e a Imigração do(s) Outro(s) na Identidade - uma perspectiva de Transgermania (Markus Auditor) 72

Capítulo 5 - "O que se Passa Aqui?": o enquadramento de notícias acerca da participação brasileira na 74ª Assembleia Geral das Nações Unidas (Naine Terena de Jesus) 88

Capítulo 6 - A Sensibilidade Artística e o Outro: Estética da Impureza nas culturas contemporâneas (Rita de Cássia Domingues dos Santos).... 102

Capítulo 7 - Difusão Científica através da Revista de Educação Pública em Diálogo com Fleck (Téo de Miranda) 124

Capítulo 8 - Alteridade, Fotografia e Arquitetura: reflexões sobre o espaço urbano na modernidade (Paula Roberta Ramos Libos, Vinicius André da Silva Appolari, Benedito Diélcio Moreira) 137

Capítulo 9 - Junho de 2013 e as "Franjas da Reverberação" de um acontecimento (Juliana Santana dos Santos) 150

Capítulo 10 - A Trajetória de uma Figura Pública Poconeana: no garimpo digital da fama e poder (Alessandra Pereira da Paz, Pedro Pinto de Oliveira).....170

Capítulo 11 - Patrimônio Histórico e a Dança dos Mascarados: como a história e a cultura da baixada cuiabana se perdem no culto ao progresso (Ivoneides Maria Batista do Amaral, Danielle Ferraz Garcia) **184**

Capítulo 12 - Cultura, Religião e o Capitalismo em Marx (Acimar da Costa Magalhães) **197**

Homenagem

Prestamos nossas sinceras, simples e humilde homenagens aos brasileiros e brasileiras que lutaram e foram vencidos pela Covid-19, vírus devastador que assolou a nossa humanidade e encheu de dor e tristeza os centros urbanos, rurais, aldeias, comunidades e os lares familiares que se apegaram na esperança e na fé para reverter a tristeza.

De modo especial, homenageamos a memória e os exemplos de simplicidade e trabalho do Sr. Manoel Concizão de Almeida (01/01/1949 – 16/01/2021) e David da Costa Magalhães (29/12/1944 - 05/01/2021), que viam no processo educacional a melhor forma de vencer e conquistar espaços sociais e culturais. O legado de todos e todas brilharão nos corações de quem conduz e têm a missão em dar continuidade à caminhada com justiça, solidariedade e amor ao Outro.

Apresentação

O advento das mídias digitais e a ampliação de espaços não formais de educação e de disseminação de informação, aliados à ubiquidade de processos audiovisuais, assim como de experiências de trabalhos colaborativos em rede, além da circulação de notícias falsas e da necessidade do autoaprendizado, principalmente entre os públicos adolescente e jovem, dentre outras iniciativas igualmente relevantes, estão a exigir pesquisas sobre a comunicação contemporânea, sobre os novos modos de aprender e compreender, sobre os impactos na educação, no pensamento filosófico, nas poéticas contemporâneas e nos saberes populares.

Diante deste quadro, propõe-se compartilhar experiências com diferentes pesquisadores, não apenas em congressos de especialistas de uma determinada área, cujas pesquisas estão já consolidadas ou em processos de execução, mas, sobretudo, com grupos interdisciplinares e interculturais, com atuação no "durante", isto é, no processo de construção de uma pesquisa, em sua configuração, reconfigurações, definições de procedimentos metodológicos, condução e análise de resultados.

Para dar início a este instigante e empolgante desafio, pesquisadores da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), do Brasil, e da Universidade da Beira Interior (UBI), de Portugal, com apoio e envolvimento nas discussões da professora Vera França, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), iniciaram os encontros e os debates em 2018 sobre estas questões, cujos resultados apresentamos no volume 2 dos CADERNOS MULTIMUNDOS.

O grupo de pesquisa Multimundos se caracteriza, desta forma, como um grupo Multidisciplinar, abarcando as áreas de Comunicação, Filosofia, Educação, Cultura e Artes, Cinema, Audiovisual, Design e Tecnologias, *Media Arts*, e Poéticas Contemporâneas. Este grupo tem como objetivos questionar como estão sendo construídos os mundos contemporâneos: Os Novos Modos de Conhecimento, Outros Saberes e Formas contemporâneas de Comunicação, Arte e Cultura; identificar qual o papel de novas linguagens emergentes (Audiovisual, transmídia, multimídia, etc) na constituição e disseminação de

Saberes e Conhecimentos; experimentar novas formas de escrituras científicas. Abarca cinco grandes linhas de pesquisa: Ciências, Cinema e Outras Artes; Educação, Cultura, Ciências e Outros Saberes; Comunicação e Linguagens; Comunicação, Migrações e Ativismos Sociais e, por fim, Comunicação e Ciências. Neste segundo volume do Cadernos Multimundos, intitulado Comunicação, Cultura e o Outro, o leitor encontrará um panorama das pesquisas realizadas pelos membros do Multimundos nestas cinco áreas.

A linha de pesquisa Educação, Cultura, Ciências e Outros Saberes visa debater as Ciência(s), Artes e Culturas Populares, explicitando tensões e contágios; discutir as Narrativas Transmídias como espaço de transa(ção) entre saberes populares, artísticos, culturais e científicos; e estudar a hierarquia dos saberes, a pertinência dos cânones e a democratização do conhecimento. Representando esta linha temos os textos *Cultura e sensibilidade nas reportagens sobre os 300 anos de Cuiabá* e *Patrimônio Histórico e a Dança dos Mascarados: como a história e a cultura da baixada cuiabana se perdem no culto ao progresso* nos quais os autores relatam sobre a cultura e as diversidades de saberes matogrossenses.

A linha de pesquisa Comunicação e Ciências pretende compreender as práticas científicas contemporâneas e o papel da comunicação na formação de pensamento complexo e no exercício da transdisciplinaridade. Neste eixo temos os textos *O Outro indiscernível: abordagem e texto nas notícias diárias sobre Ciência em portais da mídia digital*; *Difusão científica através da Revista de Educação Pública em Diálogo com Fleck;* e *Cultura, religião e o capitalismo em Marx.* Nestes três capítulos são discutidos como ocorrem a comunicação, a Ciência e o processo de Educação e estrutura social para o conjunto da sociedade.

A linha de pesquisa Comunicação, Migrações e Ativismos Sociais visa entender o uso da comunicação como espaço de ativismo social e compreender de que forma a comunicação tem se posicionado dentro dos estudos migratórios. Representando esta linha de pesquisa temos os textos "*O que se passa aqui?": o enquadramento de notícias acerca da participação brasileira na 74ª Assembleia Geral das Nações Unidas*; *Quando bárbaros invadiram a torre de marfim: o impacto da inclusão social e racial nas universidades* e *Transculturação e a imigração do(s) outro(s) na identidade - uma perspectiva de Transgermania,* que questionam o impacto no comunicação e na sociedade tanto as migrações ocorridas no território da atual Alemanha como o impacto da inclusão social

e racial nas Universidades, sendo que o primeiro texto elencado verifica a presença indígena na mídia, a partir da construção das diferentes narrativas que dizem respeito principalmente aos embates sócio-políticos que envolvem os povos originários no século XXI.

A linha de pesquisa Comunicação e Linguagens intenciona analisar as linguagens audiovisuais, o design de dados e a escrita científica, as linguagens emergentes (narrativas transmídia, *media arts* e multimídia, entre outros) na convergência entre ciências e na criação de mundos imaginários. Neste eixo temos os textos *Junho de 2013 e as "franjas da reverberação" de um acontecimento* e *A trajetória de uma figura pública poconeana: no garimpo digital da fama e poder,* onde são discutidos o universo comunicacional dos novos protagonistas de tensões na contemporaneidade, visando compreender as configurações e reconfigurações dos fenômenos comunicativos e os impactos na cultura.

A linha de pesquisa Ciências, Cinema e Outras Artes visa desenvolver estudos sobre relações, práticas e gestos criativos e experimentais entre os domínios do Cinema, Poéticas Contemporâneas e a Cultura. Representando esta linha de pesquisa temos os textos *A sensibilidade artística e o Outro: Estética da Impureza nas culturas contemporâneas* e *Alteridade, fotografia e arquitetura: reflexões sobre o espaço urbano na modernidade*, que trazem uma discussão das Artes na contemporaneidade através da fotografia, da arquitetura e, no caso do primeiro texto, da Estética da Impureza.

Todos estes textos são frutos de pesquisas com propostas inovadoras e provocativas, com destaque para a diversidade de pesquisadores, e por isso acreditamos que serão instigantes e enriquecedores para toda comunidade acadêmica. Boa leitura e ótimas interlocuções!

Organizadores
verão em Mato Grosso

Prefácio

Comunicação, cultura e o outro, é uma obra que reúne autores com uma diversidade de interesses em torno de uma temática central. Um convite para explorar um pouco do universo que envolve esses conceitos. Muito já foi dito e escrito sobre cultura e comunicação, mas sua relação e abrangência é tão ampla e significativa que sempre se pode produzir e problematizar mais. Comunicação e cultura são direitos e o outro é central nesse processo.

Este livro traz temas essenciais e necessários, principalmente no atual contexto brasileiro. O Brasil está enfrentando diversos desafios. Os problemas brasileiros não são novos, é certo. A história nos mostra isso. Mas entre avanços e retrocessos, ocorridos nas últimas décadas, o país vivenciou um quadro de diminuição da desigualdade, de 2003 a 2015-2016. A eleição de 2018 agravou ainda mais a situação no país. De lá para cá, só se observa retrocessos, em praticamente todos os aspectos.

O mundo enfrenta a pandemia do novo coronavírus e o Brasil, além da doença, sofre com a total ineficácia do Governo Federal no combate à Covid-19. Que em países como o Brasil, desigual, é ainda mais cruel e avassaladora. A desigualdade cresce assustadoramente. Os números são impactantes. Nesse cenário, uma obra como essa ganha mais significado, pois discute, também, questões que fazem parte desse processo histórico recente.

Escrever é uma forma de resistência. Compartilhar conhecimento é fundamental. Debater, dialogar, expor problemas e visibilizar boas experiências é função de pesquisadores comprometidos com uma sociedade mais justa, igualitária e solidária. Isso é realizado aqui. O outro, perceber e pensar no outro. Quem é esse outro que os autores se referem? São muitos, são diversos e compõem essa sociedade complexa. Lembrados e esquecidos. Visíveis e invisibilizados. Muitas vezes silenciados.

Diversidade, atualidade, qualidade, profundidade, seriedade, criticidade, complexidade, problematização, esforço de pesquisa, estão presentes nos textos. Um conteúdo rico e plural. Uma oportunidade de refletir sobre a realidade que nos cerca e nos desafia. Uma tentativa de tentar entender como chegamos à situação difícil que enfrentamos hoje e o que podemos fazer para mudar

esse cenário. Uma das ações possíveis é divulgar a produção de conhecimento qualificado que ocorre nas universidades.

Aqui o leitor interessado em questões que cercam a sociedade brasileira vai encontrar muitas informações, dados, indicações, referências e possibilidades de novas pesquisas. Os autores trazem abordagens que dizem sobre o agora. O que vivemos. Acontecimentos demarcadores do nosso tempo aparecem nos textos. Estão presentes neste trabalho a memória, o jornalismo, a ciência, a educação, a imigração, a tecnologia, a inclusão social, a política, a pandemia, as relações de poder, as disputas, os fenômenos midiáticos atuais e bem mais. Passado, presente e futuro. Tudo em harmônico diálogo com a temática central proposta.

Parabéns aos organizadores e autores do livro. Boa leitura!

Carmen Abreu
Professora da Universidade Federal do Pampa. Doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos.

Capítulo 1
Cultura e Sensibilidade nas Reportagens sobre os 300 anos de Cuiabá

Cristóvão Domingos de Almeida[1]
José Elias Neto[2]

Introdução

Em 2019, quando a capital de Mato Grosso completou 300 anos, a TV Centro América (TVCA), emissora da Rede Mato-grossense de Comunicação, afiliada à Rede Globo, abriu espaço para narrar a história da capital, com foco nas pessoas que contribuíram e contribuem para o desenvolvimento de Cuiabá e, por consequência, para o desenvolvimento do Estado.

Foi criado o projeto *Cuiabá 300 anos*, cuja editoria, sob a responsabilidade do jornalista Elias Neto, teve o objetivo de tratar de assuntos referentes à cultura. Com abordagem histórica e social, este projeto valorizou a identidade do povo, numa dinâmica com relatos circunstanciados pelo tempo e espaço, isto é, num diálogo constante entre o passado e o presente.

Nesse contexto, no âmbito do estado de Mato Grosso, buscou-se também firmar a identidade institucional da emissora como divulgadora da cultura cuiabana e pioneira na transmissão de som e imagens. Esta emissora foi inaugurada em 13 de fevereiro de 1969 numa época em que a televisão era novidade aos mato-grossenses. A partir de então, a TVCA passou a fazer parte do cotidiano das famílias, da vida empresarial e, também, do desenvolvimento socioeconômico e cultural de Mato Grosso. Relatos e acontecimentos que ajudaram a tirar o estado do isolamento do estado, porém de forma lenta e gradual, já que o processo de envio de material regional para a central Globo

[1] Pós-doutor em Comunicação e Práticas de Consumo, doutor em Comunicação, mestre em Educação e graduado em Comunicação Social, hab. Relações Públicas. É professor do PPGECCO e do PPGCOM da UFMT.

[2] Mestrando do PPGECCO, jornalista da TV Centro América.

nas décadas de setenta e oitenta era realizado com as dificuldades das telecomunicações e, além disso, havia a centralidade nas informações que giravam no eixo Rio-São Paulo. Essa realidade começa a ganhar outros contornos com a inclusão das tecnologias, por exemplo, a transmissão via satélite e a *Internet*, possibilitando a convergência de mídia (CANCLINI, 2008).

Ao longo dos anos foram exibidos diversos programas com ênfase na cultura regional como o *Chora Viola*, programa dominical apresentado pelo comunicador conhecido por Compadre Crispim, com período de exibição nos anos setenta e começo dos anos oitenta.

Neste artigo apresentaremos e debateremos três reportagens que contemplam cultura, memória e história, veiculadas no projeto *Cuiabá 300 anos*, em sintonia com o tricentenário da capital mato-grossense, que se configuram num período sociopolítico emblemático para celebrar. Entretanto, divulgar a cultura é demonstrar a importância das pessoas na construção da identidade, do imaginário e da memória coletiva, pois, mesmo esses acontecimentos fazendo parte do cotidiano das pessoas, as novas gerações, novos habitantes que compõem o cenário e espaço urbano desconhecem a história e a memória do povo.

Televisão e as reportagens que ajudam na construção da identidade

O sistema de transmissão de som e imagem, a televisão, é estudado por alguns autores. Dentre eles, Marcondes Filho (1988) e Jacks (2009) dizem que a televisão marca a história e os fenômenos sociais. É importante recordar que os primeiros sinais surgiram em Londres e no começo da década de 1940 nos Estados Unidos. Não demorou muito para o Brasil experimentar a novidade, quando em 1950 teve início comercialmente a TV Tupi em São Paulo com equipamentos trazidos por Assis Chateaubriand.

Em Mato Grosso, foi no dia treze de fevereiro de 1969 que nasceu a TV Centro América, a primeira emissora de televisão do estado, propriedade do grupo Zahran. A introdução dessa tecnologia foi paulatina, aos poucos passou a fazer parte dos lares dos mato-grossenses, já que a aquisição de um televisor era para poucos, devido ao preço elevado para as famílias de baixa renda, e esse consumo, provocou um reordenamento comportamental nas pessoas. Acostumadas a ouvir, elas passaram a ver e ouvir, despertando com isso a atenção para uma única direção, o aparelho de televisão. Era uma janela para o mun-

do, nascendo inicialmente a figura do "televizinho", pois o cidadão que não tinha condições de adquirir o equipamento e se reunia na casa do vizinho para assistir principalmente aos telejornais e às novelas. Esse cidadão se transforma em presença constante nas poucas casas com o aparelho.

Esse panorama mostra as mudanças de comportamento, um novo desenho cultural (CANCLINI, 1997, p. 311). Por sua vez, as telenovelas passam a ditar modas e novos costumes que até então eram praticados em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo. O hibridismo cultural que já se fazia presente desde a chegada dos colonizadores junto à cultura indígena, com a dos migrantes de outros estados e estrangeiros, ganha velocidade com a chegada da televisão.

> [...] A hibridez tem um longo trajeto nas culturas latino-americanas. Recordamos antes as formas sincréticas criadas pelas matrizes espanholas e portuguesas com a figuração indígena. Nos projetos de independência e desenvolvimento nacional, vimos a luta para contabilizar o modernismo cultural com a semi modernização econômica, e ambos com as tradições persistentes. (CANCLINI, 1977, p. 326)

Em princípio, a transmissão era realizada somente para a capital. Em Cuiabá, a população foi tomada por encanto, principalmente com os enredos ficcionais das novelas que, para Lopes (2003), narram a realidade cotidiana da sociedade, construindo sentidos da vida pública e privada.

Desse modo a telenovela ganha adesão do público. Concomitantemente, a figura do jornalista de televisão, bem como dos repórteres, apresentadores, produtores e editores, começa a ganhar força em Mato Grosso. Esta gama de profissionais reúne habilidades de escrita, fala, desenvoltura diante da câmera e ainda tem que se preocupar com a aparência. A reportagem e o fazer jornalístico são resultados desse complexo sistema formado por equipes que trabalham no levantamento e elaboração de pautas, assuntos que devem ser úteis aos interesses coletivos em um jogo de imagens e palavras com responsabilidade e sentimentos (PATERNOSTRO, 1999 p. 61). Nesse aspecto concordamos com Wolton (2011) quando ele apresenta as quatro dimensões da comunicação: acesso, afeto, convicção e transparência. Por essa perspectiva devemos entender que a força da informação visual é a de descobrir como associá-la à palavra, porque a informação na TV funciona a partir da relação texto e imagem.

Por muitos anos, as televisões concorriam somente entre elas. As progra-

mações mantinham suas características por longos tempos, quase inalteradas. Squirra (apud ABREU 1995, p. 38) diz: "é inegável o papel da televisão como dinamizador cultural, formador de opinião, difusor do conhecimento e, obviamente, de entretenimento". Com advento das novas mídias, a televisão busca se reinventar e já não goza mais da audiência do passado, entretanto ainda desenvolve papel importante como veículo de comunicação com capacidade de debater e conduzir um número infindável de temas para o público diversificado. Dentre uma imensa gama de temas, as culturas e o fortalecimento da identidade fazem parte cotidiana desse debate. A identidade aqui retratada é na perspectiva de Hall (2004), ou seja, o sujeito sociológico, que se constitui na e pela relação que esse sujeito estabelece com os outros.

Diante desses aspectos, o projeto *Cuiabá 300 anos* da TV Centro América surge com uma proposta de um novo olhar de afirmação da identidade numa relação de alteridade para a capital de Mato Grosso, quando ela completa três centenários de emancipação política e administrativa. O propósito aqui é evidenciar os valores materiais e imateriais da cultura cuiabana, num diálogo entre as pessoas.

Contextualizar os valores materiais e imateriais de uma cidade, passa necessariamente pela história e a memória. A partir de uma leitura criteriosa do passado vamos entrar na progressão dos acontecimentos para encontrarmos explicações para o contexto atual. Nessa perspectiva é necessário revisitar as memórias por meio dos documentos escritos e outros recursos como os audiovisuais, fotos e imagens com participação efetiva de testemunhas que vivenciaram, estudaram e os descendentes que viveram em tempo remotos para que narram os seus conhecimentos e saberes cotidianos, de modo parcial. Desse modo, o jornalismo, segundo Gomes (1989) impõe uma sistematização que nem sempre consegue dizer tudo o que ela significa, ainda mais se levarmos em conta "que o jornalismo não existe como fenômeno abstrato, fora de todo o contexto histórico, que não pode compreender-se fora de suas relações com uma sociedade concreta e da sua estrutura de classe num determinado nível de desenvolvimento" (HUDEC, 1980, p. 35).

É importante mencionar que, no jornalismo, identificamos ao menos duas vertentes: reprodução e leitura do real; e natureza estrutural dos relatos observáveis (GOMES, 1989). Melo (1985), após análise dessas vertentes, postula a definição: opinativa e informativa. Com isso, percebemos que essas dimensões se articulam com as duas maneiras de relacionar com o real. Tendo

presente esse posicionamento, o jornalismo neste estudo relaciona-se com a leitura do real e privilegia o gênero informativo.

Por sua vez, o jornalista é um contador de história, ele lança mão das reportagens que são denominadas como temas de cultura, no caso do projeto *Cuiabá 300 anos*, para preservar a memória, mostrando a evolução socioeconômica e política de uma região, cidade, estado ou país. Sobre o conceito de memória nos apoiamos em Chauí (2000). Ela define memória como algo conferindo "sentido ao passado como diferente do presente, mas fazendo ou podendo fazer parte dele e do futuro, mas podendo permitir esperá-lo e compreendê-lo" (CHAUÍ, 2000, p. 130, apud AZEVEDO et al. p. 98).

A reportagem, com duração entre cinco a sete minutos, é uma "peça" condensada de um grande material, fruto inicialmente de pesquisa, com levantamento de dados, escolha do foco que será dado ao assunto e trabalho árduo em campo que envolve um jornalista/repórter, repórter cinematográfico, auxiliar e motorista, uma equipe que trabalha dentro da mesma sincronia. Para concretização da reportagem, também conhecida como matéria, é preciso caminhar por mais algumas etapas como o reconhecimento do material colhido, escrita do texto, revisão e gravação do *off,* o texto do repórter, para só depois ser submetida a montagem, a edição, onde os recursos técnicos comandados pela mente humana, fazem o diálogo entre som, imagens, textos e depoimentos dos personagens que compuseram a investigação do fato. É o que Benetti Hagen (2009) chama de práticas discursivas articuladas com muitos sujeitos, dentre eles, a fonte, o veículo, o anunciante e o próprio jornalista.

Desse modo, o jornalista interpreta as histórias de personagens vividas e vivenciadas nos tempos mais distantes, os descobridores, desbravadores e colonizadores, ou histórias mais recentes, de fato, esses profissionais mergulham no cotidiano, num caminho inverso, a partir dos vestígios que são apresentados na paisagem urbana, nos documentos e nos descendentes dos atores que fizeram a história e ainda hoje apresentam impactos relevantes no comportamento e no cotidiano da sociedade. É essa relação entre relato e o fato que garante o sentido de fidelidade e credibilidade da notícia (BENETTI e HAGEN, 2009).

É importante ressaltar que o nosso entendimento de uma notícia, a partir do cotidiano, vai além da sua etimologia, aquilo que acontece todos os dias, banal. Aqui entendemos que a razão para os acontecimentos diários se solidifica com o passar dos tempos, e o que seria banal ganha significado até

mesmo inquestionável por meio das interpretações internas e externas aos grupos que legitimam os diferentes hábitos que se transformam ao longo do tempo em legado cultural. Desta forma podemos citar a cultura da dança de Cururu e Siriri, de tecer redes e a cultura de um poeta andarilho que à época da sua existência fazia parte da cidade invisível, mas perdurou na oralidade do povo cuiabano e atualmente integra o visível, a paisagem sonora e os cenários sensíveis dos sujeitos.

Contextualização: o projeto Cuiabá 300 anos e suas relações com a televisão

O projeto *Cuiabá 300 anos* surgiu como espaço para divulgar, na emissora de televisão, a história e a memória de pessoas que ajudaram a construir a identidade da cidade. A estreia das reportagens ocorreu no dia 14 de março de 2019, menos de um mês para o tricentenário da Capital, que faz aniversário em 08 de abril. Inicialmente, foram selecionados dez temas, as histórias mais conhecidas no imaginário coletivo e em seguida, após a estreia, buscamos contatos com historiadores, professores, artistas e populares para ajudarem na elaboração da pauta, essas sugestões foram fundamentais para identificar as micro histórias, algumas delas com grande aceitação no bairro, mas desconhecidas dos demais públicos, como é o caso do primeiro pouso de avião em solo cuiabano.

Buscamos o contato com os personagens, realizamos também a pesquisa acerca de cada assunto, a partir de contatos com pesquisadores de forma presencial e pelos meios disponíveis de comunicação: telefone, e-mail, WhatsApp. A realização e a gravação das reportagens dependiam do resultado do levantamento de dados, para que a execução em campo obtivesse êxito. De material bruto, obtivemos quase quatro horas de gravação, entretanto, as edições veiculadas nos telejornais Bom dia Mato Grosso e MT1 (telejornais que vão ao ar de 5:00h às 7:00h da manhã; e de 10h às 11h45), contendo a matéria editada e finalizada, gira entre cinco a sete minutos. No jornal da noite, o MT2 o tempo total de produção do noticiário, que vai ao ar às 18h30, fica em torno de quinze minutos, e por isso é apresentada uma versão de no máximo três minutos.

As reportagens ganharam adesão e aceitação do público, por isso, a própria emissora ampliou a sua abrangência, contemplando as demais platafor-

mas do grupo: televisão, rádio, *site* e ainda uma versão reduzida, de no máximo um minuto, que permeia a programação da emissora nos intervalos comerciais, num revezamento entre os assuntos, de forma que os temas relacionados a história, a memória e a cultura estejam em evidência, fazendo um convite para amplificar a audiência.

Nesse contexto e dentre as diversas reportagens veiculadas na televisão, esta pesquisa vai abordar três delas: o poeta andarilho Zé Bolo-Flor, *Grupo Flor Ribeirinha* e Rede Cuiabana, história das redeiras.

As histórias narradas: poeta Zé Bolo-Flor

Um homem, conhecido apenas pelo apelido Zé Bolo-Flor, viveu na capital de Mato Grosso e se notabilizou como um andarilho poeta na década de sessenta, sendo que o poeta morreu no início da década de setenta. Zé Bolo-Flor perambulava pelas ruas com um saco nas costas, acompanhado de vários cães e uma lata de querosene vazia debaixo do braço, que servia como instrumento de percussão para cantar suas músicas e declamar seus poemas nas esquinas, onde sempre havia alguém interessado em ouvir seus versos. Zé Bolo-Flor negava ao que era convencional para viver de acordo com a sua poesia.

Para o cantor e compositor Roberto Luciano, que o conheceu pessoalmente, o saco seria o *pendrive* do Zé, onde ele carregava algumas roupas velhas e papéis, manuscritos com suas crônicas, poemas e letras de músicas como rasqueado, marchinhas de carnaval e outros ensaios. Roberto Lucialdo foi um dos entrevistados na reportagem sobre o artista no projeto *Cuiabá 300 anos*. Ele conta que o poeta andarilho costumava declamar seus versos para quem o recebesse em troca de um prato de comida.

> Teve um certo dia que eu estava na casa da minha sogra. Ele estava na porta comendo. Aí ele acabou de comer, entregou o prato para minha sogra e fez uma poesia para ela. Não me lembro a poesia, mas foi muito bonita. Minha sogra adorava dar comida pra ele porque recebia em troca essas poesias. (LUCIALDO, R., 2019, entrevista).

Da origem do Zé Bolo-Flor pouco se sabe. Porém o pouco que ficou do seu registro, não permitiu que o Zé se transformasse em uma lenda para permanecer vivo na memória da população. A professora Silvia Ramos Bezerra acredita que o andarilho nasceu em alguma cidade do nordeste do Brasil,

porém, segundo ela, não há nenhum registro oficial sobre a origem de Zé Bolo-Flor. Bezerra, durante a entrevista, comenta: "*o Zé Bolo-Flor não tem a sua biografia registrada. Os registros oficiais do poeta sumiram. No final da vida ele é considerado louco e conduzido até o hospital Adauto Botelho".* Ninguém sabia o nome completo dele. Nem mesmo se era Zé. O apelido ele ganhou por causa da atividade que exercia pelas ruas do centro da capital de Mato Grosso, quando não estava compondo.

> Ele começa a vida como ambulante, daí o nome Bolo-Flor. Era vendedor de flores e de bolo na Generoso Ponce, no centro da cidade, e com o passar dos anos ele vai se incorporando à paisagem urbana. Faz a sua produção poética através do contato com a própria cidade. Então ele conta a história de Cuiabá através dos seus escritos que acabaram registrados na memória das pessoas. (BEZERRA, 2019, entrevista).

O reconhecimento de Zé Bolo-Flor e de sua obra ocorreu muitos anos depois da sua morte, nos anos dois mil, quando o estado criou o Parque Zé Bolo-Flor, conforme o Decreto Estadual nº 1693, de 23/08/2000, com seis mil hectares, na região conhecida como Coxipó da Ponte, Cuiabá-MT. Muitas pessoas frequentam o espaço, fazem atividades de lazer, esporte e entretenimento, mas pouco conhecem a origem do homenageado.

Porém o homem, que teria sido deixado num hospital para loucos como forma de higienização da cidade, pois a sua imagem seria um contraste com o desenvolvimento que começa a se ampliar na capital, vive no inconsciente popular por meio de suas músicas gravadas pelo cantor e compositor regional, Roberto Lucialdo composições que exaltam a cidade de Cuiabá como a letra *Eu sou de Cuiabá*.

> Eu vim, eu vim, eu vim, eu vim de lá pra cá. Eu sou, eu sou, eu sou, eu sou de Cuiabá. Terra de Dom Aquino, me lembra o tempo de menino. Jogava peteca, soltava io-io e brincava com Zé Bolo-Flor. (LUCIALDO, 2019. Letra musical).

Os escritos se perderam e somente o que ficou na memória das pessoas que o conheceram virou música. Para Bezerra, ele fez parte da transição do antigo para o contemporâneo que chegava à capital de Mato Grosso. Paradoxalmente foi um personagem rejeitado e ao mesmo tempo aclamado pela camada menos favorecida. Nunca se soube ao certo se realmente ele era louco,

ou a sua retirada das ruas teria sido uma "higienização" dentro de uma política de que tudo deveria se identificar com o novo e sua imagem "polui" as ruas da cidade. Somente depois da sua morte ele passou a ser reconhecido como um patrimônio da história cuiabana. Zé Bolo-Flor, de poeta andarilho, passou a ser, *in memoriam*, inspiração para novos poetas e artistas como o cantor e compositor Pescuma que o descreve na música cujo título é *Tipos Populares*.

> Toda cidade tem seus tipos. Cuiabá também os têm. Uma cidade sem eles vive cheia de ninguém. (...) Viva cobra fumando, Maria Preta, Zé Bolo-Flor, em cada esquina uma saudade, em cada canto uma canção de amor.

Observa-se então uma linha poética do pensar e falar sobre os que passam sem que sejam percebidos pelo sistema politicamente predominante. Bezerra (2007) classifica esse personagem do cotidiano das cidades como *flâneur*.

> No processo de aniquilação das individualidades e idiossincrasias da racionalidade instrumental, surge o flâneur como um personagem típico do esfacelamento do sujeito. Como pária, mendigo ou louco, o flâneur se afasta do processo de produção, conseguindo, por isso, reconhecer a verdade da cidade e de seus moradores, já sem nomes ou rostos. (BEZERRA, 2007, p. 32).

Diante do contexto histórico que o personagem adquiriu ao longo dos anos, e principalmente, tempos depois da sua morte, a obra de Zé Bolo-Flor se materializa além da memória, torna-se viva por meio de suas letras, eternizadas em forma de canção. Em que pese ser uma pequena parte do que ele deixou, contudo é possível afirmar que a cultura e a identidade, a partir das trocas, resistem ao tempo e ultrapassam os interesses políticos e sociais das diferentes épocas. É também uma história da resistência cultural, conforme vamos ver nos dois temas seguintes.

Cultura vivida: Flor Ribeirinha

Compartilhando com o pensamento de Canclini (1997, p. 159) em *Culturas Híbridas, "o* mundo moderno não se faz apenas com aqueles que têm projetos modernizadores. Quando cientistas, tecnólogos e empresários buscam seus clientes, eles também têm que lidar com a resistência a modernidade". É desse modo que podemos nos aproximar do grupo tradicional *Flor Ribeiri-*

nha que traz em seus primeiros momentos a resistência aos novos conceitos de cultura. Nasce com uma proposta de preservar e manter a tradição do Cururu e do Siriri que atravessou três séculos e se confunde com a história de Cuiabá, a capital de Mato Grosso. Estas são danças nativas e o grupo *Flor Ribeirinha* pretende mantê-las vivas, ainda que as novas tendências e a força midiática, imediatista por natureza, exerçam uma pressão contrária.

Na música, usa-se o ganzá e o mocho para acompanhar as danças do Siriri e Cururu em Mato Grosso. Percebe-se então uma adaptação que pode estar no campo da linguagem das diferentes regiões ou uma adaptação baseada na cultura dos povos de acordo com os costumes e os instrumentos historicamente disponíveis. Possibilidade que pode ser vista como um tipo de hibridação da cultura. Entretanto, essa cultura raiz em Mato Grosso sofre a resistência das elites e, assim como o samba, o cururu chegou a ser proibido.

Este contexto é descrito por Santos (2019) como união do coletivo. Ela relata que foi a partir da criação do festival de Cururu e Siriri, em dois 2001 em Cuiabá, reunindo grupos de todo o estado, que as duas manifestações culturais ganharam mais visibilidade. Santos (2019) afirma que, em tempos remotos, essas manifestações já foram consideradas ameaçadoras para as elites.

> O cururu, por exemplo, era visto como ameaça para a pomposa elite de Mato Grosso. Populares e escravos que viveram entre os anos de 1827 e 1900 eram proibidos por códigos de posturas de praticar essa manifestação cultural. (SANTOS, 2019)

A partir da década de setenta, com o fluxo migratório, começa um trabalho de resgate da cultura de Mato Grosso, com mais atenção dos meios de comunicação de massa. Projetos como o *Muxirum Cuiabano,* das décadas de oitenta e noventa, contribuíram para dar visibilidade às culturas regionais. Entretanto, a atividade ainda encontrava dificuldades para romper as barreiras do preconceito.

Para romper essas barreiras e ao mesmo tempo dar ocupação às crianças e adolescentes do São Gonçalo Beira Rio, um bairro onde a maioria das famílias sobrevivia e ainda sobrevive da pesca e do artesanato em argila, nasceu o *Flor Ribeirinha* em 1994. Esta foi uma iniciativa da dona Domingas Leonor da Silva, líder comunitária, com apoio do mestre Ivo Antunes Pereira, cantor e compositor de Cururu e Siriri.

Domingas coordenava o grupo *Nova Esperança*, formado por pessoas

com idade mais avançada, situação que gerava preocupação com o futuro da arte. Mestre Ivo também era conhecedor do Cururu e Siriri, danças tradicionais dos ribeirinhos, famílias que vivem nas margens dos maiores rios de Mato Grosso, como o Paraguai e o Cuiabá, principais formadores do Pantanal mato-grossense. O bairro São Gonçalo está localizado no distrito do Coxipó da Ponte, margem esquerda do rio Cuiabá, uma das comunidades mais antigas da capital mato-grossense. Até então, a tradição de dançar Cururu e Siriri era restrita às famílias mais antigas, na zona rural e nos bairros da periferia. A arte despertava pouco interesse nos jovens, sendo na época apresentada somente nas festas religiosas (São Benedito, São Gonçalo, São João e Santo Antônio), normalmente nos quintais das casas, debaixo de alguma árvore.

Estas são festas que unem a comunidade mantendo uma unidade social, destacada por Cruz (1999, p. 39): "os preparativos começam bem antes do dia, culminando numa grande festa com comida e bebida em abundância, para um número maior de participantes".

Percebendo que a tradição da dança do Cururu e do Siriri estava desaparecendo, Domingas vislumbrou na cultura a possibilidade de resgatar a tradição e mudar o futuro de crianças e adolescentes do bairro e arredores, até então com poucas perspectivas de evolução econômica, cultural e social, ao mesmo tempo em que "o subalterno" começa a ganhar voz por meio das manifestações culturais e, "tornar visível o que não é visto" (SPIVAK, 2014, p. 78).

A série especial de quatro reportagens por mês, por todo o ano, começou num dos lugares onde nasceu Cuiabá, o bairro São Gonçalo Beira Rio. Rico em história, foi preciso fazer um recorte no universo das diversas atividades lá existentes com foco no grupo *Flor Ribeirinha*. Provavelmente a fidelidade ao espaço e às raízes que o geraram tenha contribuído para ser reconhecido como um grupo internacional de dança folclórica.

> [...] Eu quis alavancar novamente para que este grupo tivesse esperança. Que esse grupo seria a nossa grande esperança, da gente voltar a manter e resgatar nossa *cultura cuiabana.* (DOMINGAS, testemunho pessoal 14\03\2019).

Inicialmente, os ensaios e as apresentações eram realizados no quintal da casa de Domingas e arredores do bairro. Ali se ensinava e aprendia os passos do Cururu e do Siriri. Com o passar do tempo, e como consequência da

qualidade do trabalho que apresentava, o grupo passou a ser solicitado para apresentações em festivais do gênero, abertura de congressos e diferentes eventos locais, regionais, nacionais e internacionais. Entretanto, não poderia perder o foco, manter-se na proposta original de formação de crianças e jovens. Por meio da cultura regional, conseguiram inserir a juventude no contexto socioeconômico e cultural.

Diante de uma nova realidade com maior visibilidade do trabalho que nasceu num quintal junto ao rio Cuiabá, foi preciso buscar novos parceiros e se adaptar às mudanças. As adaptações foram importantes para a sobrevivência da própria cultural regional, conforme Osório (2019) destaca, em entrevista, "*todo trabalho de mudança que o Flor Ribeirinha faz na coreografia, na indumentária, eu acho que são centrais para a continuidade dessa cultura, a inserção de jovens nesses grupos".*

A visibilidade do grupo ultrapassa os limites do bairro e atinge abrangência internacional. Nesse contexto surgem novas necessidades. Foi necessário conceber a ideia de uma companhia de dança com funções administrativas como explica o diretor musical do Flor Ribeirinha,

> [...] hoje o grupo tem uma nova visão de mercado, porque além de cultura, nós somos um grupo que exportamos o nome do Brasil. Hoje nós levamos o Brasil para fora, incluindo a cultura do centro da América do Sul. (MACIEL, 2019, entrevista).

Em agosto de dois mil e dezessete, o *Flor Ribeirinha* conquistou o primeiro lugar no *Festival Internacional de Arte e Cultura* de Istambul, na Turquia. Na ocasião concorreu com grupos de outros vinte e cinco países. Edmilson Maciel conta que participar de um festival internacional da importância do que foi na Turquia já significava uma vitória. O primeiro lugar foi além do que eles esperavam, uma surpresa

> [...] Nós concorremos com companhias de dança estatais. A gente sai daqui do coração do Brasil levando nossa cultura lá, e de repente em cada movimento nosso o público levantava e aplaudia. (MACIEL, 2019, entrevista)

A mesma emoção é descrita por um dos dançarinos do grupo, Francismar Petini: "Estar *no palco e representando a sua cultura, a sua cultura popular, é um*

privilégio e uma responsabilidade dobrada, e a emoção, lógico, é em dobro".

Também colaborou com esse processo, o reconhecimento da viola de cocho, um dos principais instrumentos com o qual se dança Cururu, Siriri e outros ritmos, entre elas a dança de São Gonçalo, como patrimônio imaterial brasileiro. Diante dessa nova realidade que se desenhou a partir do trabalho de resgate, o processo de sucessão familiar da cultura foi retomado com a participação de pais, filhos e netos no mesmo palco onde é possível encontrar pelo menos três gerações. Atrai também jovens de outras comunidades, inclusive de outros lugares do estado que se deslocam das cidades da baixada cuiabana como Santo Antônio de Leverger para se juntar ao grupo nos ensaios e nas apresentações dentro e fora do estado. Entre as participantes, a neta de Domingas Leonor, Amanda Cristina Pereira, é uma das mais jovens do grupo e diz: "*Todos fazem parte por amor. Então nos unimos para manter essa cultura e levar ela para o mundo afora*".

O trabalho de resistência contra as pressões para investir em ritmos novos e atuais, e nisso incluem-se as mídias, não deixou desaparecer a cultura regional, que atravessa gerações e continua a despertar interesse e gosto pela dança. Aqui podemos articular com o pensamento de Canclini (2008, p. 94):

> [...] Sob a lógica da globalização, o "popular" não é sinônimo de local. Não se forma nem se consolida apenas em relação a um território. [...] Os intercâmbios mundializados misturam roupas indianas, músicas africanas e latinas, rock e pop multilíngues. Pop, popular, popularidade: as identificações étnicas e nacionais, sem desaparecerem por completo, transbordam suas localizações em linguagens e espetáculos transnacionalizados.

Nos deparamos, até aqui, com dois casos de resistência, porém, com desfechos diferentes e resultados parecidos, devido aos contextos vivenciados pelos atores. Ressaltamos que a manutenção da cultura é o ponto em que Zé Bolo-Flor e *Flor Ribeirinha* se entrelaçam. As duas experiências sofrem da mesma rejeição. Ambos são "jogados" na marginalidade com indiferença que atravessa a história do poeta solitário e do grupo nascido no bairro São Gonçalo Beira-Rio, em Cuiabá. O primeiro é sufocado pelos efeitos psicológicos da modernidade e sai de cena com a morte para ressurgir no contexto artístico e cultural como patrimônio imaterial devido ao "eco" do seu silêncio. O segundo reaparece com atores ainda em vida, descendentes da cultura e fazem

do patrimônio imaterial, que padecia de um adormecimento, uma alavanca para a socialização de crianças e jovens.

Redes, redeiras e trabalho

Seguindo a mesma linha da resistência, uma outra cultura popular permanece na região metropolitana de Cuiabá, a arte de tecer redes, porém de uma forma reduzida. Pouco é conhecido sobre esta herança dos índios que habitavam a região antes da chegada dos colonizadores, pois não há registros de quando as primeiras redes foram fabricadas. Sabe-se que é mais uma cultura singular que passou de geração para geração por meio da oralidade e da prática do fazer rede, sendo que foi um dos temas abordados no projeto *Cuiabá 300 anos* da TV Centro América.

O artesanato conhecido por rede cuiabana, é fabricado em Várzea Grande, cidade vizinha da capital tendo como divisa o rio Cuiabá, mais especificamente numa localidade conhecida por Limpo Grande. Provavelmente por desconhecimento da história é comum o questionamento: porque rede cuiabana, se ela é fabricada em outra cidade? Ocorre que ela ganhou importância muito antes de Várzea Grande se tornar município. De acordo as tecelãs, também conhecidas por redeiras ou artesãs, quando Várzea Grande foi elevada à categoria de município em 1948, o utensílio já era consagrado como rede cuiabana, conforme relato da Dona Judith Pereira da Silva, que aprendeu a arte de tecer com a mãe. Ela diz: "*Minha avó disse que a família dela era de índios. Ela que ensinou para minha mãe. Aí aqui no Limpo Grande teve outras pessoas que ensinaram"* (SILVA, 2019, entrevista).

Dona Ruth lembra que, quando criança, não tinha o hábito de ir às lojas para comprar fio para tecer. O material era fabricado a partir do algodão plantado na roça da família. Havia um processo completo com o preparo da terra, plantio, colheita, fabricação do fio e só depois vinha o preparo da rede, que, à época, era mais utilizada para o consumo próprio, já que toda a família, dormia na rede, aliás até hoje, nas residências dos mais antigos, ainda se dorme em rede. Ela reforça: *"a minha mãe plantava o algodão e aí descaroçava, tirava a semente, batia aquele algodão. Aí que ia torcer para ficar a linha. Torcia com um fuso. Um fuso que torce o fio. Aí fazia o novelo para fiar a rede".* (SILVA, 2019, entrevista).

A reportagem, com o título *Rede cuiabana e redeiras,* foi uma sugestão de

fora da redação, chegou por meio do *Instagram,* como sugestão da telespectadora Néia Amorim, filha da artesã Terezinha Ferreira de Jesus, que trabalhou na Casa do Artesão em Cuiabá por vinte anos. Néia sugeriu falar da casa onde a mãe dela trabalhou, então o tema seria a Casa do Artesão. Entretanto, durante o levantamento de informações constatamos que o imóvel estava fechado para reforma. Diante da pouca materialidade para falar sobre o espaço histórico da capital, mudamos o título da reportagem para *Redes e Redeiras,* ficando a história do imóvel, estilo neoclássico construído em 1913, como pano de fundo para a reportagem. Com o prédio interditado, a conversa foi no quintal do casarão e a reportagem se limitou a mostrar a fachada e caminhar pela história de vida da artesã Terezinha e dona Ruth, outra redeira que resiste no tempo com a arte de tecer.

Em entrevista, a dona Terezinha contou que teve o prazer de fabricar a rede que foi doada pelo governo do estado ao Papa João Paulo II, quando ele visitou Cuiabá em 1991. Aos setenta e sete anos de idade, já aposentada, com a saúde debilitada e com dificuldades para falar, se emocionou quando voltou, quinze anos depois, ao local onde trabalhou por duas décadas. Ela expressou: *"saudade da casa, saudade das minhas colegas, que já se foram e eu ainda estou aqui"* (JESUS, 2019, Entrevista). Ela não perdeu o bom humor e recordou que esteve em vários estados brasileiros, como Rio de Janeiro, em exposições com a rede Cuiabana quando contava aos visitantes das exposições como era o trabalho de fabricação. Ela dizia que, para finalizar a rede, dura em média três meses de mão de obra diante do tear. O tear é uma armação de madeira, a principal ferramenta para garantir a continuidade de uma identidade cultural onde praticamente só as mulheres trabalham.

A artesã Terezinha Ferreira de Jesus afirma que a atividade de tecer a rede Cuiabana, hoje mais procurada por estrangeiros do que pela população e encontrada em alguns poucos pontos de venda, poderia ter desaparecido há muito tempo. Segundo ela, o renascimento dessa cultura ocorreu por causa da iniciativa da primeira dama do estado de Mato Grosso, no governo de José Garcia Neto entre 1975 e 1978, a senhora Maria Lygia de Borges Garcia. Ela conta que foi a então primeira dama quem tomou a iniciativa de dar novo significado a rede Cuiabana, quando ela foi contratada para trabalhar na casa do artesão. *Esse trabalho estava acabando. A dona Maria Lígia deu esse privilégio para nós, de trabalhar* (JESUS, 2019, Entrevista).

A rede foi ressignificada, além da tradição que veio dos índios, tornou-se

símbolo de divulgação da flora e da fauna mato-grossenses. Em um trabalho urdido minuciosamente, com desenhos de araras, periquitos, papagaios, tuiuiús, pacus, piraputangas, pintados e animais silvestres, representando o pantanal, o cerrado e a mata amazônica em desenhos que surgem com a habilidade das artesãs.

Todavia a preocupação com o possível desaparecimento da cultura ainda incomoda as mulheres e as pessoas envolvidas com o artesanato. Esse pensamento é compartilhado pelas redeiras de Limpo Grande. Elas relatam que, há vinte anos, a comunidade tinha pelo menos setenta profissionais que trabalhavam na fabricação das redes, hoje são no máximo vinte e cinco. Diante das demonstrações de sentimento de perda, percebe-se que há uma resistência para garantir a identidade dos grupos, cuja existência na periferia os colocam numa condição de subalternos. Nesse sentido, a mundialização e a globalização participam de forma decisiva no processo de encolhimento das culturas tradicionais e ainda assim, os movimentos de afirmação buscam na própria cultura a sua identidade num movimento quase invisível.

As antigas redeiras acreditam que o acesso às novas tecnologias, como a televisão e as mídias sociais, fazem diminuir o interesse dos jovens pelo artesanato, já que o contato com o mundo globalizado, faz mudar as mentalidades, que sonham com novos horizontes com ampliação do poder aquisitivo e consumo para se inserir no contexto social mundializado de acordo com os modelos demonstrados pelos meios de comunicação. Outro fator importante é o baixo ganho financeiro que a atividade proporciona aos trabalhadores. Pelo fato de ser totalmente manual, a tarefa de execução de uma rede demora até três meses, sendo vendida no local de produção por cerca de dois mil reais, e os gastos com os materiais giram em torno de quinhentos reais. Diante destas realidades, as novas gerações saem das comunidades em busca de outras qualificações, emprego e renda que lhes proporcionem melhores condições de vida.

Mesmo diante desse contexto, na comunidade de Limpo Grande em Várzea Grande-MT, percebemos uma preocupação do jovem que deixa o seu local de origem em busca de novas oportunidades. A juventude também se preocupa com a preservação da cultura e busca, por meio das mídias, propagar o trabalho que os pais e avós herdaram dos índios. Durante a reportagem, a filha de dona Terezinha, Néia Amorim, se emociona quando lembra do trabalho e do legado que a mãe deixou para a história de Mato Grosso.

> A gente fica com muito orgulho. Então, eu não estou aqui só para homenagear a minha mãe. Mas, para homenagear também as tecedeiras, essas profissionais que hoje estão esquecidas. Então vamos resgatar essas pessoas. É um trabalho tão bonito. Dura meses para fazer uma rede cuiabana (AMORIM, 2019, Entrevista).

As redeiras, assim como a artista Dona Domingas, travam uma luta constante pela valorização da arte, não apenas como reconhecimento, mas como meio de vida e de desenvolvimento social das regiões onde vivem, com um discurso que nem sempre é ouvido. Ainda assim, conseguem romper fronteiras. Porém a primeira batalha está nos próprios redutos das culturas, onde os antigos precisam demonstrar aos jovens a importância do movimento de preservação para a manutenção do equilíbrio entre o passado e o presente e, com isso, construir a consciência identitária, apesar da inegável reterritorialização e da desterritorizalização, processo que se a torna ainda mais visível a partir da globalização.

A busca dos pesquisadores e artistas para trazer à atualidade a memória de personagens da vida real, como Zé Bolo-Flor, constitui-se na defesa da identidade e da importância desses sujeitos enquanto cidadãos que marcaram tempo e espaço no cotidiano da cidade, bem como deixaram os seus legados culturais. Nesse caso, o tempo foi o despertar dos pesquisadores para consolidar a resistência e valorizar a memória e a história.

Considerações finais

Partindo do princípio de que os três temas apresentados e problematizados neste artigo são relevantes para a construção identitária dos sujeitos que compõem as diversas paisagens da cidade de Cuiabá, por meio da sua cultura, manifestada na dança, música e artesanato, é possível considerar que são manifestações e práticas de resistência e de valorização do local, uma vez que demarcam e divulgam a essência dos moradores da capital de Mato Grosso. O projeto *Cuiabá 300 anos,* ao privilegiar as experiências no formato de entrevista e ao veicular estas na televisão, além de relatar os acontecimentos, recupera o protagonismo das pessoas e dos grupos sociais. Desse modo, essas experiências, potencializadas pelas reportagens, configuram-se como ações de resistência e memória.

Percebemos que os esforços dos representantes dessa camada social nem

sempre são reconhecidos pelas instituições e, em alguns casos, nem mesmo pela população, especialmente o público que utiliza as plataformas digitais. Apesar da juventude se esforçar para compartilhar as experiências socioculturais, permanece apenas no âmbito digital, sem a ação concreta, uma vez que essas histórias devem ser lembradas, contadas e articuladas de forma que possamos entender as razões das experiências vividas enquanto resistência e memória e marcas para traçarmos o agir no futuro.

É indispensável que, além do aprender a fazer, se crie literaturas para salvaguardar o conhecimento, já que, em alguns casos como a arte de tecer redes tem sido ao longo dos anos, o conhecimento é transmitido muito mais pela oralidade que pela escrita, imagética, o que compromete esta transmissão, já que a maioria das artesãs se encontra em idade avançada.

Por fim, a nossa problematização gira em torno da preservação da história, da memória, da cultura, que possibilitam construir e fortalecer a identidade do sujeito coletivo. Desta forma, pode-se transformar a cultura num produto sustentável para as famílias que vivem da arte de fazer (CERTEAU, 1994), sendo indiscutível que essas atividades se tornem políticas públicas, com projetos sólidos de sustentação para garantir a execução e divulgação sobre o valor de patrimônios imateriais como o Siriri, o Cururu, o grupo *Flor Ribeirinha*, as redeiras, a rede Cuiabana e os personagens como o poeta andarilho Zé Bolo-Flor.

Referências

BENETTI, Márcia; HAGEN. JORNALISMO E IMAGEM DE SI: o discurso institucional das revistas semanais. **XVIII Encontro da Compós**, na PUC-MG, Belo Horizonte, MG, em junho de 2009.

BEZERRA, Silvia Ramos. **Boemia e modernidade em Cuiabá:** O personagem Zé Bolo-flor. 2007. Dissertação (Mestrado em Estudos de linguagens) – Instituto de Linguagens, Universidade Federal de Mato Grosso, Mato Grosso, 2007.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas:** Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EduSP, 1997.

_____. **Latino-americanos à procura de um Lugar neste século**. São Paulo: Iluminuras Ltda, 2008.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano:** 1. Artes de fazer. 12. Ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHAUÍ, Marilena. Convite à filosofia. In: AZEVEDO, C. T. e BEMFICA, V. T. S. Falando sobre memória: Relações com a educação. **Rev. Momento**, Rio Grande, 20 (1): 87-100, 2000.

GOMES, Pedro Gilberto. Jornalismo: memória no movimento popular. In. GOMES, Pedro Gilberto; BULIK, Linda e PIVA; Marcia Cruz. **Comunicação, memória e resistência.** São Paulo: Paulinas, 1989.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. 9. Ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2004.

HUDEC, Vladimir. **O que é jornalismo?** Lisboa: Caminho, 1980.

JACKS, N. Televisión, recepción e identidad: cuestiones e imbricaciones. In GÓMEZ, Guillermo Orozco (coord). **Miradas latinoamericanas e la televisión**. México: PROIICOM/ UIA, 1996.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. **Comunicação e Sociedade,** n.26, 17 a 34, jan/abr., 2003.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão:** a vida pelo vídeo. São Paulo: Moderna, 1988.

MELO, José Marques. **A opinião no jornalismo brasileiro.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

OSÓRIO, Patrícia Silva. Os Festivais de Cururu e Siriri: mudanças de cenários e contextos na cultura popular. **Anuário** Antropológico/ 2011- I, 2012 p. 237 – 264.

PATERNOSTRO, V. I. **O texto na TV** – Manual de Telejornalismo. Rio de Janeiro: Elsevier Editora Ltda, 1999.

SANTOS, Giordanna. **Siriri e cururu**: do anonimato aos palcos. UFMT Ciência, divulgação científica, 2019. Disponível em https://www.ufmt.br/ufmtciencia/pt-br/todas-noticias/71-ciencias-humanas/112-siriri-e-cururu-do-anonimato-aos-palcos. Acesso em: 01/11/2019.

SPIVAK, G.C. **Pode o subalterno falar ?** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014. p. 13.

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação**. São Paulo: Paulus, 2016.

_____. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

Capítulo 2
O Outro Indiscernível: abordagem e texto nas notícias diárias sobre Ciência em portais da mídia digital[1]

Ricardo Duarte Gomes da Silva[2]

Introdução

Este estudo apresenta reflexões sobre uma pesquisa realizada em 2019 a respeito de notícias sobre Ciência e Tecnologia (CT)[3] nos portais da internet. Na época a CT não tinha o protagonismo que alcançou a partir de fevereiro de 2020. Com o acontecimento global da Covid-19, os jornalistas da grande imprensa se transformaram em "jornalistas de ciência" e tiveram que se familiarizar com assuntos relativos à área do conhecimento científico. Mas esse protagonismo da CT nas mídias se restringiu apenas às pesquisas científicas envolvidas com a pandemia.

O foco do estudo em 2019 foi as editorias de Ciências do G1 e do Uol[4]. Sabe-se que esta editoria publica pesquisas sob o rótulo de *high sciences*, ou seja, pesquisas de ponta das Ciências Exatas, Biológicas, da Saúde, Agrárias e semelhantes. As divulgações de estudos das outras áreas do conhecimento estariam espalhadas por outras editorias (Economia, Educação, Cidades etc). Pode-se dizer que a divulgação do conhecimento científico nos meios de massa não se concentra na editoria de Ciência.

Estas separações dos assuntos de CT comprometem o desenvolvimento

[1] A pesquisa contou com o apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Pesquisa (PIBIC/CNPq) e está registrada no Portal do Sistema de Pesquisa e Pós-Graduação da UFV sob o número 196963.

[2] Professor Adjunto do Departamento de Comunicação Social da UFV-MG, no Curso de Jornalismo. Doutor em Comunicação Social (UFMG). Mestre em Comunicação (UFRPE). Bacharel em Comunicação Social (UFPE). Coordenador do Grupo de Pesquisas Interações Midiáticas, Textualidades e Processos Comunicativos (Intexcom). Coordenador do Projeto "Portal UFV Ciência" desenvolvido sob apoio da Fundação de Amparo às Pesquisas do Estado de Minas Gerais (Fapemig).

[3] A partir daqui usaremos apenas a sigla CT.

[4] São veículos do Grupo Globo e do Grupo Folha, respectivamente.

tanto do Jornalismo Científico (JC)[5] quanto de uma agenda voltada à democratização do conhecimento científico brasileiro[6]. A especialização do jornalismo em um segmento denota aprofundamento das formas de abordagem e da textualidade da notícia em determinada área de cobertura, permitindo um jornalismo crítico e sistêmico, capaz não somente de abordar o resultado e a aplicabilidade da pesquisa científica, mas sobretudo explicar o padrão cultural de funcionamento das instituições que produzem CT, bem como as políticas públicas envolvidas, a relação com organizações privadas e com os problemas públicos brasileiros.

Mesmo sob o contexto da pandemia, a CT no Brasil ainda se encontra indiscernível para a grande imprensa diária. Em 2019, o estudo observou em mais de duzentas notícias uma narrativa jornalística reprodutora do imaginário do fascínio pela CT e subserviente ao nicho mercadológico da área da Saúde. Soma-se a isto o fato do domínio da cultura *touch* na produção de notícias, que têm marcado a pauta do jornal diário com os assuntos de maior *frisson* na internet.

Os caminhos por onde se desenvolveu o jornalismo para CT

O jornalismo de CT tem relação com o desenvolvimento das tecnologias de impressão. Com os primeiros tipos móveis e a difusão do papel se tornou possível a disseminação do conhecimento aos letrados, sendo possível tanto a divulgação de textos científicos quanto a troca de estudos impressos nas primeiras comunidades científicas. Grandes nomes da Ciência, como Albert Einstein, começaram a separar um tempo para a divulgação científica (OLIVEIRA, 2006). A divulgação da CT e a publicação de notícias na Imprensa se

[5] A partir daqui usaremos apenas a sigla JC.

[6] Nos limites deste texto não iremos abordar a "popularização da CT", reconhecendo a importância da interação Ciência e Sociedade ou a necessidade de diálogo da CT com pessoas comuns. O termo "popularização" pode significar algo como "banalização" ou o ato de "tornar popular" denotar uma espécie de "rebaixamento da Ciência". Germano e Kulesza (2007) revisaram os termos "vulgarização da ciência", "divulgação" e "popularização" identificando tanto o modo pejorativo quanto a relação vertical da transmissão do conhecimento. Então, "popularizar a ciência" seria um termo vinculado a uma proposta de coparticipação na construção de saberes, através da participação popular e dos movimentos sociais (SILVA, 2019). Ressalta-se, contudo, que a Comunicação Pública no Brasil não existe só com a participação das assessorias de imprensa das instituições e Universidades, mas sim atrelada a uma política de desenvolvimento institucional, adotada por setores estratégicos das organizações na promoção do engajamento daqueles que fazem a Ciência com setores da sociedade e das comunidades.

desenvolveram atreladas a uma classe social de letrados e aos avanços tecnológicos de produção textual e impressão gráfica.

No Brasil do século XIX, após a abertura do bloqueio cultural imposto pela Coroa portuguesa, diversas publicações começaram a surgir, entre elas duas de Divulgação Científica (DC)[7]: as Gazetas Médicas do Rio de Janeiro (1862) e da Bahia (1866). Mais tarde, em 1917, surgia a Revista da Sociedade Brasileira de Ciências. Até esta época não se tinha uma discussão sobre as diferenças entre *divulgação* e *jornalismo*, debate que adquiriu contornos mais intensos com a criação da Associação Brasileira de Jornalismo Científico (ABJC), em 1977. Nos anos de 1980 começou-se a falar de temas como "camada de ozônio" e "efeito estufa" e a ABJC participou desses e outros debates no campo da CT.

Nos anos de 1980 e 1990 cresceram no jornalismo brasileiro as editorias e os veículos especializados em CT (como Globo Ciência, Globo Rural), como também revistas de entidades representativas de pesquisa (como a Revista Ciência Hoje da SBPC, em 1982, e a Revista da Fapesp, em 1999). Neste período, preocupadas com a divulgação dos estudos, instituições de pesquisa e Universidades tentaram organizar assessorias especializadas para a divulgação de seus projetos, visando espaço nos órgãos de imprensa. Em geral essas assessorias eram núcleos de divulgação formados por profissionais não-jornalistas. Por isso que a formação do profissional na área de DC também estava entre as preocupações de pesquisadores das Universidades. Alguns grupos de pesquisa começaram a desenvolver estudos sobre JC e DC, como o Núcleo José Reis (Usp), o Labjor (Unicamp) e diversos outros importantes cursos de especialização que formaram profissionais para assessorar a DC nos institutos de pesquisa.

Com o avanço da internet nos anos de 1990, o Jornalismo de Banco de Dados (JDBD)[8] começou a se tornar um importante aliado das assessorias de imprensa e de um "jornalismo institucional" praticado nas organizações. Ao mesmo tempo também crescia a estratégia das publicações especializadas voltadas aos nichos de mercado e para públicos cada vez mais especializados. Ao longo das últimas duas décadas, multiplicaram-se os bancos de dados com informações sobre pesquisas, como também a circulação dessas informações e das diferentes narrativas (infográficos, audiovisuais, *podcasts*), permitindo maior

[7] A partir daqui usaremos apenas a sigla DC.
[8] A partir daqui será usada apenas a sigla JDBD.

visibilidade aos assuntos sobre CT.

As diferenças entre DC e JC começaram a se tornar claras, assim como a diferenciação entre o JC praticado nas assessorias de imprensa das organizações em relação ao JC praticado pela grande imprensa. De fato, o JC brasileiro cresceu enquanto "jornalismo institucional" praticado nas assessorias de imprensa, porém os assessores, ao divulgarem um estudo, estão naturalmente inclinados a defender a comunidade científica de sua instituição.

Na divulgação de um estudo, a lógica da grande imprensa funciona diferente. Em geral, a cobertura de um assunto de CT depende do espaço que as filiais e a Rede ou o veículo fornecem ao jornalista na apuração. Um profissional experiente seria destacado para a matéria e presume-se que o jornalista se preocupe com os resultados do estudo, com os benefícios para a sociedade e, talvez, alcance as políticas públicas dos órgãos dos governos federal e estadual. A experiência do repórter e o tempo para a investigação são fatores fundamentais para a produção de notícias para CT.

Contudo, sabe-se que tempo para investigação e espaço para expor a explicação não são prioridades quando se trata do jornalismo diário. A elaboração apressada e em espaço pequeno deixa o conhecimento científico à mercê de uma narrativa do fascínio pela Ciência (DIAS, 2019). E se a angulação das notícias for menos direcionada aos problemas públicos do que ao mercadológico (privado), turvam-se tanto a visibilidade das pesquisas das outras áreas do conhecimento científico quanto a interdisciplinaridade comum existente na produção da pesquisa científica.

Daí as perguntas: de que modo as notícias diárias sobre CT na internet são apresentadas ao público nos meios massivos? Tais notícias contribuem para a democratização do conhecimento científico em diversas áreas? Analisam-se 203 notícias publicadas em 2019 nos portais Uol e G1 e utiliza-se um método de observação das mídias, categorizando os dados, analisando: proporcionalidade da divulgação, identificação da metodologia da pesquisa na notícia e aspectos relativos ao fascínio pela Ciência.

Entende-se os dados coletados enquanto um conjunto de fragmentos na tela do *desktop*, do *notebook* e do *smartphone*. Tais telas exibem traços do que são as notícias diárias de CT em determinado momento, apontando para a pesquisa os sintomas sobre a abordagem e o texto jornalístico. Diante da tela tem-se a moldura ao redor dos fragmentos de notícias, ou seja, o contexto sociocultural das expectativas em relação ao papel do jornalismo em colaborar

com a democratização do conhecimento científico. A relação "moldura e tela" mostra um *quadro de sentidos*. Este estudo, então, procura no modo de apresentação das notícias sobre CT um *quadro de sentidos*: identificar a relação entre a *abordagem* e o *texto* nos fragmentos das notícias de CT nas telas com as expectativas ao redor sobre a capacidade do jornalismo em colaborar com o diálogo entre Ciência e sociedade.

O JC mediando conhecimento científico e sociedade

Em décadas anteriores, alguns autores falavam em uma espécie de espalhamento das atividades científicas pela sociedade através dos meios de comunicação de massa e outros veículos (LIEVROUW, 1992); de transferência de ideias dos artigos científicos para os meios de comunicação de contexto popular (MUELLER, 2002); do diálogo do conhecimento científico com o público em geral (SCHARRER et al., 2017). Especialmente sobre o JC no Brasil, Bueno (2009) explicava a necessidade de sensibilização sobre CT nos cursos de graduação em jornalismo. A formação dos futuros profissionais da imprensa especializados em CT tenderia ao crescimento do JC, enquanto mediação entre os temas científicos e a sociedade. Assim, entendia-se o que dizia Fairclough e Wodak (1995) sobre os textos midiáticos serem formas de ação social, capazes de estimular outras ações na sociedade ou a produção de outros textos. O vínculo dos públicos com a comunidade científica também depende do engajamento dos pesquisadores, enquanto incentivadores da CT, estimulando a conversação entre o pesquisador e o cidadão.

Ao longo de sua trajetória, o JC teve como referência os fatos envolvendo, em geral, novas pesquisas, como por exemplo as doenças consideradas sem cura. Quando as notícias eram mais específicas, o JC tentava falar a um público especializado (SILVA, 2002). O segmento se caracterizou ao longo dos tempos principalmente por enxergar o seu público como um leigo na área científica e, assim, buscou tratar principalmente assuntos que instigavam o leitor a pensar naquilo que não fazia parte do cotidiano comum, em tom quase de aventura, como a descoberta de novos planetas ou o destino de diversas sondas da Nasa (SILVA, 2002). Procurando evitar o "cientifiquês" (texto técnico em Ciência), os textos jornalísticos utilizavam figuras de linguagem, sem deixar de atentar para o conhecimento produzido pelas pesquisas.

Neste sentido, destaca-se três aspectos problemáticos no JC. No *texto*

jornalístico para CT, o repórter tende por vezes às abordagens em tom quase de aventura, alimentando o imaginário de fascínio e mistério da Ciência, inclinando o texto ao popularesco na tentativa de simplificar fenômenos científicos complexos. Na *abordagem jornalística* tem-se a aproximação do jornalista com o cientista, relação que exige certo grau de confiança entre ambos, já que os dois precisam confiar naquilo que será dito. E na *angulação jornalística* (visto aqui como a posição editorial do veículo) ocorre o tratamento dado para a pauta de CT (espaço e tempo) no veículo. Ou seja, o papel do JC no processo de democratização do conhecimento científico leva em consideração o processo complexo das práticas de linguagem, da abordagem e da angulação das notícias.

Sobre linguagem, Fahnestock (2005 *apud* DIAS, 2019, p.2), ao analisar artigos da revista *Science*, se preocupou justamente com as transformações da informação científica quando sofria algum tipo de adaptação para atender diferentes audiências. A autora concluiu que a adaptação do texto acadêmico para a revista não-acadêmica não está simplesmente na tradução de jargões técnicos para expressões equivalentes não-técnicas, pois parte da informação seria alterada (DIAS, 2019) – o que denotaria talvez um problema de abordagem (apuração). Fahnestock (2005) concluiu que revistas como a *National Geographic* e *Newsweek* chamam a atenção do público mais amplo através dos recursos textuais e de imagens que causem admiração pela Ciência e mostrem a aplicação dos resultados. Dias (2019) também analisou as notícias da editoria de Ciência do portal G1, em 2016, e confirma: no G1 as notícias foram transformadas no sentido de provocarem fascínio na audiência.

A linguagem e a abordagem alcançam outras possibilidades com a estreita ligação hoje entre JC e JDBD. O JC se transformaria para além das notícias só com texto e imagem. O jornalismo digital permite conteúdos bilíngues, *links* para textos em *pdf*, referência a outros *sites*, uso de animações, infográficos, audiovisuais e outros recursos, possibilitando ampliar a explicação e a compreensão sobre CT. Mas as tecnologias transformaram a cultura da redação jornalística, em especial nas formas de apuração e de edição, como também exigiram dos repórteres práticas de distribuição e circulação das matérias nas mídias digitais. O jornalismo em geral foi afetado pela cultura *touch* ou "cultura dos cliques" (VIEIRA; CHRISTOFOLETTI, 2019) que influencia todos os dias a pauta jornalística, atravessada pelos *trend topics* e pelos assuntos com maiores *shares* e *likes* nas redes sociais.

> Nesse contexto, mídias tradicionais, como o rádio, a TV e veículos impressos, ganharam versões online, e a internet possibilitou ainda o surgimento de milhares de outros meios de comunicação. Além de uma concorrência consideravelmente maior de produtores de conteúdo, jornalísticos ou não, os avanços tecnológicos tornaram mais fáceis o registro, a reprodução e a disseminação de imagens e informações. (VALENTINI, 2019 p. 67)

A lógica de produção das notícias se transformou, diminuindo o tempo de apuração e de edição, e isto influenciou o texto do JC. A pauta sob influência significativa da cultura *touch* se traduziu na hegemonia dos assuntos de maior circulação midiática, do popular midiático, que exerce afetação entre os usuários. Com isso, algumas subcategorias das áreas das Ciências foram privilegiadas em detrimento de outras, o que tornou a CT no Brasil algo indiscernível pela grande imprensa.

O Outro indiscernível ao redor das telas

Falar de jornal diário é se referir ao conceito de cotidiano. Existem vários cotidianos e, em cada um deles, as pessoas estão reproduzindo seu *quotidie* (do latim) na medida das práticas usuais e corriqueiras inerentes a cada ambiente. O cotidiano seria:

> Ambiência para a realização da vida pautada por ordenações temporais e espaciais que orientam os modos diários de viver apresentando padrões de condutas aos indivíduos. Refere-se também a uma categoria da existência, vista como dimensão de realização da vida marcada pela experiência – por onde se conservam, atualizam e circulam valores que fazem sentido às pessoas –, funcionando ainda como operador conceitual para a compreensão das relações sociais. O presente, o corpo, o aqui e o agora dão materialidade à realidade cotidiana (BRETAS e DUARTE, 2016, p.60).

Como repositório do hábito, existe um *logos* em cada cotidiano que exige a realização de atividades na ordem do dia, influenciado por uma estrutura subjetiva que materializa a costumeira relação que temos com o mundo do aqui e do agora. Todavia, quando por exemplo almoça-se no *self service* se esquece que, *instante, existem pessoas com fome em outros cotidianos. Ou seja, vive-se no presente diferentes temporalidades cotidianas no mundo, que por vezes são lembradas pelas notícias do dia.

Existe um *logos* no cotidiano diário do jornalismo que condiciona as práticas, ordena as lógicas de produção e edição de notícias; bem como estrutura e comanda as publicações, formando uma "inteligência" onipresente, traduzida nas ações dos editores e repórteres. Este *logos* também sofre tanto a influência dos interesses dos proprietários do veículo quanto dos públicos. Os recortes narrativos ancorados na realidade dos fatos, apresentados na tela, seriam o resultado dessas interações constituidoras do *logos* do cotidiano da prática do jornal diário.

O *logos* jornalístico poderia ser algo que regula uma espécie de "clube da realidade objetiva do mundo", pois diariamente as telas retratam as realidades do mundo. Mas, à espreita, um Outro estaria pendurado na moldura dessas telas de representação da realidade. Ou seja, o indiscernível espiona as notícias na tela e sabe que a sua ausência nas telas colabora com os desentendimentos que o público tem sobre esse Outro (produzindo, por vezes, uma aversão ao Outro). Nas telas do jornal diário temos uma realidade que não discerne sobre a CT no país. Na periferia dessas telas perdura uma carência de explicações necessárias à crítica, políticas públicas, padrões socioculturais e econômicos das produções das pesquisas e como a CT pode colaborar com a discussão dos problemas públicos do país.

O jornalismo enquanto um "clube da realidade objetiva do mundo" constitui, junto com o mercadológico, um centro de pretensões à totalidade das representações da realidade, ignorando a complexidade da pesquisa científica, as dificuldades de se fazer Ciência nas instituições, a ausência de governança e políticas públicas dos projetos. O predomínio da notícia espetacular e descuidada atua como instrumento narrativo de dominação, deixando à periferia o debate sobre a democratização do conhecimento (científico, cultural, econômico, tecnológico) e ao direito do Outro a um serviço de visibilidade condizente com o problema público em que vive no cotidiano.

Do logos para o *ethos*

O filósofo da alteridade, Emmanuel Lévinas, criticou a determinação conceitual do *logos*, associando linguagem e ética. Na filosofia levinasiana o *ethos* vem antes do *logos* (a conduta do ser, do existir), pois o *ethos* não se caracteriza enquanto a ordem racional sobre as condutas, mas leva em conta primeiro o enredamento de uma intriga não regulada por sínteses (LÉVINAS,

2005). O *ethos* existe antes do *logos* como uma ordem essencial que se movimenta e orienta a subjetividade das pessoas na relação com o mundo.

O *ethos* vindo antes da prática racional sobre o mundo significa um elogio às indeterminações nos modos de fazer, mas que traz primeiro uma *responsabilidade* para com a existência do Outro. A predominância da premissa do *ethos* submete o *logos* cotidiano a um processo de experimentação da corporificação da primazia dos universais na trama existente nas práticas usuais do cotidiano.

Por este percurso filosófico levinassiano, esse Outro seria um indivíduo, um grupo ou uma instituição. O *ethos* atuando no coletivo institucional enreda o profissional no compromisso inevitável com o Outro (o compromisso do jornalista no diálogo com os problemas públicos). No cotidiano do jornalismo, os profissionais e a instituição teriam, em primeiro lugar, o valor indeclinável da responsabilidade para com o discernimento dos padrões socioculturais e econômicos do Outro.

A instituição mídia e os jornalistas não teriam condições de negar e nem de evitar a *responsabilidade* para com o discernimento de um Outro. Um estudo científico, por exemplo, se desenvolve em uma temporalidade diferente da produção de notícia diária sobre CT, com espírito e lógica específica. Mas há esforços no jornalismo por uma aproximação do Outro.

Alguns estudos encaram o jornalismo como capaz de convocar exigências maiores em torno de seu conteúdo, transformando o jornalista em produtor e reprodutor de conhecimentos (GUERREIRO, 2015), tendo o profissional que zelar por sua narrativa na relação com um Outro traumatizado (SILVA, 2017) e tendo o veículo a percepção cuidadosa do Outro narrado nas editorias (FREITAS, 2017). O processo de abordagem do fato expõe a promoção dos vínculos entre repórter, fontes e leitores, como explica Barretos (2017) ao analisar os textos das jornalistas Adriana Carranca, Daniela Arbex, Fabiana Moraes e Eliane Brum. Em relação a esta última, Serelle (2017) identifica uma lista de 10 estudos desde 2010 que trabalham a obra da jornalista.

> Eliane Brum é, possivelmente, a repórter mais autoral a despontar no jornalismo brasileiro nesta década e meia de século 21. Atuou regularmente na reportagem impressa entre 1988 e 2010, mas a crítica acadêmica sobre ela, constituída principalmente de teses, dissertações e artigos, adensou-se apenas nos últimos anos. As análises afluem, invariavelmente, da discussão acerca do gênero literário para o elogio da ética em sua reportagem, apontada como modelo (SERELLE, 2017, p.16).

Há menções honrosas ao enfoque humanista dos textos da Eliane Brum que trazem as pessoas comuns como protagonistas da narrativa, além da denúncia social, da tentativa de dialogar e imergir no universo do Outro. Para Serelle (2017) importa o funcionamento de sua reportagem: "a especificidade de sua orientação jornalística, desde a pauta; o engajamento social; e, como veremos, o fato de Brum refletir sobre a própria reportagem que realiza" (SERELLE, 2017, p.16). A leitura crítica da reportagem de Brum seria rara em nosso jornalismo.

O quadro de sentidos e o jornalismo

Para se entender um quadro de sentidos que compõem as notícias de CT nos portais de internet e a relação com a democratização do conhecimento científico, precisa-se atentar para o que diz França (2002) em relação a três aspectos: o quadro relacional (a relação dos interlocutores: cientistas, jornalistas, gestores das instituições etc); a produção de sentidos (as práticas discursivas do jornalismo); e a situação sociocultural (o contexto de expectativas sociais). Traduzindo para o estudo, o que acontece nas telas seria o resultado da relação entre interlocutores envolvidos em determinada prática discursiva, que apontaria para um contexto. Para França (2012) uma instituição mídia se caracterizaria como um instrumento por meio do qual se pode criar e formatar linguagem, um espaço de troca, convivência e consulta, mas também como um sujeito que produz e configura a circularidade de um discurso próprio.

Para um estudo das notícias, a teoria próxima do conceito de quadro de sentidos seria a noção de *frame* em Erving Goffman[9]. Nos limites deste texto não há a intenção de aprofundar a teoria goffmaniana, mas acioná-la aqui para pensar melhor os dados da pesquisa. Os *frames* seriam uma estrutura cognitiva focada nas experiências sociais que o sujeito aciona, de modo subjetivo, para fornecer significado aos objetos, às pessoas e aos acontecimentos (HANGAI, 2012). Usa-se o conceito de enquadramento para sinalizar o modo como os sujeitos se apropriam de diferentes *frames* (ou quadros) nas relações comunicativas (GOFFMAN, 2012).

O conceito serve para o estudo das interpretações das notícias desde a década de 1980, quando o enquadramento (*framing*) começou a ser utilizado

[9] O conceito foi originalmente proposto pelo biólogo Gregory Bateson na década de 1950, voltado primeiramente para estudos psiquiátricos.

nos estudos de mídia (TUCHMAN, 1978; ENTMAN, 1992; GAMSON, 1995; GITLIN, 2003). Destaca-se o que diz o pesquisador de mídia Robert Entman sobre enquadramento: uma "seleção" de aspectos percebidos no real e uma produção de "saliência" desses aspectos em um contexto comunicacional, de modo que possamos identificar o problema, entender sua causa, fazer uma avaliação e propor um tratamento específico. Apesar de Entman (1992) mostrar um percurso de análise das narrativas jornalísticas, tais formas de enquadramento no jornalismo estão condicionadas por uma angulação jornalística do veículo, alcançando os interesses dos proprietários e dos planejamentos estratégicos dos administradores de uma organização.

Ao tentar identificar o problema, tem-se que reconhecer a posição limitada do observador das notícias do dia na tela do computador. Contudo, o conceito de enquadramento ainda nos estimula à indagação do que acontece fora da tela, na medida em que alguns sinais interessantes brotam desta observação: as notícias refletem uma abordagem (aproximação) do repórter sobre a realidade e a seleção dos temas mostra a inclinação do veículo ou o tratamento dado para esse tipo de assunto. Assim, seguindo esta pista, faz-se uma "seleção" de notícias, analisam-se as que possuem maior relevância ou "saliência" para uma avaliação e uma explicação das possíveis causas do problema, apontando perspectivas de tratamento.

O trabalho de análise das notícias

Existem diferentes concepções teóricas sobre enquadramento midiático (VIMIEIRO; DANTAS, 2009), mas esta pesquisa se afina com uma corrente de pesquisadores no qual se inclui a metodologia formulada por Entman (1992):

> Outra corrente de pesquisadores procura apontar de que maneira é possível analisar o enquadramento de uma cobertura jornalística. Tankard (2001 apud Porto, 2002), por exemplo, sugere 11 pontos focais nos quais é possível analisar os enquadramentos das notícias: manchetes, subtítulos, fotos, legendas, lides, seleção de fontes, seleção de falas, falas, logos, infográficos e parágrafos conclusivos. (RIZZOTO; ANTONELLI; FERRACIOLI, 2017, p.89)

Salienta-se o uso das pistas de Entman (1992) como forma de orientação para uma breve análise, que se concentra apenas na observação de três pontos

focais: as manchetes, os subtítulos e os textos. Há uma inclinação para o estilo de análise denominado *generic news frames* (VREESE; PETER; SEMETKO, 2001), que orienta relacionar as coberturas de temas diversos e em tempos diferentes (o tema da Ciência, em 30 dias do ano de 2019).

O estudo coletou uma amostra das publicações nos portais G1 e Uol, veículos do Grupo Globo e do Grupo Folha, respectivamente. A coleta se deu de 25/07/2019 a 25/08/2019, totalizando 364 notícias, sendo 204 do Uol[10] e 160 do G1[11]. Para fins deste artigo, considerou-se para análise 109 do Uol e 94 do G1, totalizando uma amostra de 203 notícias analisadas, extraídas do universo de 364 notícias coletadas[12].

A partir dos três pontos focais (título, subtítulo e texto) organizou-se as categorias de análise: título/subtítulo, *link*, assunto, área do conhecimento da CT, descrição da metodologia na notícia e abrangência geográfica nacional ou internacional.

A identificação do assunto e da área do conhecimento[13] mostra traços da angulação do veículo sobre CT em cada portal, enquanto que a identificação do título/subtítulo, do assunto e da presença da descrição do método da pesquisa indica aspectos relativos à abordagem do texto jornalístico. Também se separam as notícias por cada portal, mas apenas para identificar as características dos veículos.

Tabela 1: Modelo da estrutura de categorização dos dados.

Nº	Notícia	Link	Sobre o que é?	área do conhecimento CAPES	aprese nta descriç ão de metodo logia?	Abrangência
1	Bélgica bate novo recorde de calor com 40,2 °C em Liège	https://noticias.uol.com.br/ciencia/ultimas-noticias/afp/2019/07/25/belgica-bate-novo-recorde-de-calor-com-402-c-em-liege.htm	Sobre a temperatura elevada na Bélgica	Ciências Exatas e da Terra	Não	Internacional
2	Paris bate recorde de calor com 41 °C	https://noticias.uol.com.br/ciencia/ultimas-noticias/afp/2019/07/25/paris-bate-recorde-de-calor-com-41-c.htm	Sobre a temperatura elevada em Paris	Ciências Exatas e da Terra	Não	Internacional
3	Holanda bate recorde de calor com 41,7°C	https://noticias.uol.com.br/ciencia/ultimas-noticias/afp/2019/07/25/holanda-bate-recorde-de-calor-com-417c.htm	Sobre temperatura elevada na Holanda	Ciências Exatas e da Terra	Não	Internacional

Fonte: autor

[10] Disponível em: https://www.uol.com.br/tilt/ciencia/. Acesso em: 25 de jul. de 2019.
[11] Disponível em: https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/. Acesso em: 25 de jul. de 2019.
[12] Como a pesquisa ainda está em andamento, as amostras não foram descartadas. Apenas realizou-se um recorte para fins de produção de um artigo científico.
[13] As áreas do conhecimento utilizadas como parâmetros seguiram os critérios Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

A Tabela 1 mostra a forma como as informações foram organizadas nas categorias. Após a organização das 203 notícias nesta estrutura, observam-se alguns números sobre como as notícias de CT são construídas nos *sites*.

O primeiro dado destacado seria sobre a área do conhecimento das notícias. As notícias de maior frequência no Uol estão concentradas na área de Ciências Exatas e da Terra (36,7%). Outros dados são importantes: as notícias das áreas das Humanas (4,6%), Linguísticas e Letras (1,8%) e Ciência Sociais (9,2%) somadas atingem 15,6%. Ou seja, a chamada "Ciência Humana e Social Aplicada" alcançou maior destaque do que as Ciências Agrárias (3,7%) e do que as Ciências Biológicas (4,6%).

Durante a análise observou-se a necessidade de uma categoria "Impossível identificação", isto porque cerca de 16,5% das notícias no Uol não se encaixam em nenhuma área do conhecimento. Por exemplo, a notícia sob o título "*O que os criadores dos Simpsons dizem sobre quando a série 'previu o futuro'*" estaria tanto no título quanto no assunto mais inclinada para a editoria de Cultura. E o fato curioso: esta mesma notícia foi postada duas vezes (!) pelo Uol. No G1 apenas 4,3% das notícias não puderam ser classificadas conforme as áreas de conhecimento (quatro em um total de 94). Por exemplo, o título "*Ação da Bayer dispara após notícia de que propôs pagar US$ 8 bilhões em acordos por Roundup*". O título indicaria uma notícia da editoria de Economia, mas o texto da notícia não chega nem a mencionar a empresa, apenas trata das implicações econômicas do fato.

No G1 a maioria das notícias está na área da Saúde (75%) e a área das Ciências Exatas e da Terra aparece na segunda posição (10,9%)[14]. As outras áreas ficaram distribuídas da seguinte forma: Ciências Sociais (2,2%), Ciências Agrárias (3,3%), Ciências Biológicas e Engenharias com 1,1% cada.

Para o G1, a angulação da pauta mais inclinada para Ciências da Saúde mostra o destaque para uma subcategoria da CT. Se no caso do Uol "Ciências Exatas e da Terra" focaliza mais as tecnologias espaciais, no G1 o que importa é um segmento de mercado no setor de saúde. De modos diferentes, as finalidades mercadológicas estão presentes no G1 e no Uol: a dependência dos *sites*

[14] Loose e Lima (2013) explica que o Grupo Globo possui nichos especializados em Ciências da Saúde, como o extinto programa televisivo Bem-Estar (que ficou nove anos no ar e em 2019 se transformou em um quadro específico na programação) e revistas especializadas. A exemplo das revistas Época com a editoria Saúde e Bem-Estar e da revista Galileu, de curiosidades científicas, que também falam sobre saúde.

de notícias com cliques e visualizações, sejam voltados para o fascínio pela CT ou para um segmento de mercado. Para o G1 a notícia de CT como produto à venda está na área da Saúde.

Sobre a "abrangência geográfica da notícia", ou seja, se o fato representado está no âmbito nacional ou internacional, enquanto o G1 apresenta 44,7% das notícias nacionais e 55,3% internacionais, o Uol mostra 8,3% das notícias nacionais e 83,5% são internacionais. Isso denota principalmente a prática comum de replicação de notícias compradas das agências e de outros *sites*, como também a ausência de valorização da ciência brasileira.

Analisando a categoria "metodologia da pesquisa" nas notícias

A resposta ao *como* do lide jornalístico é fundamental para a construção de qualquer notícia. O *como* da notícia descreve *o quê* aconteceu (de que modo ou maneira aconteceu). Em geral, a descrição da notícia sobre CT estaria vinculada fortemente à metodologia da pesquisa, já que perguntas do tipo são comuns: "como foi descoberta a vacina? como foi possível descobrir o planeta X?". Tais perguntas buscam entender como se alcançou os resultados.

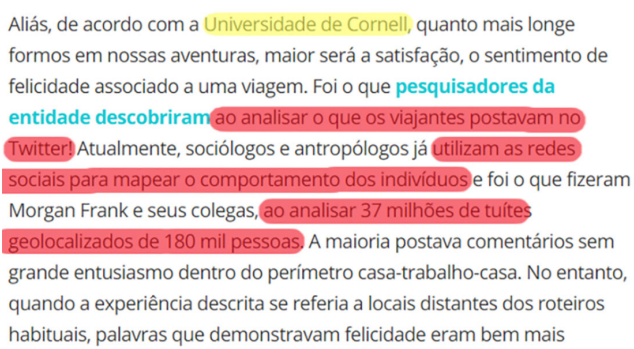
Nos dois portais identifica-se: 1) a substituição da metodologia da pesquisa por relatos de casos pessoais; 2) a ausência de destaque da metodologia, sendo ofuscada pelas manchetes inclinadas ao sensacional ou espetacular; 3) a impossível identificação da metodologia. Este último foi o caso de 19,3% das notícias de Uol e 11,7% em G1, que não retratavam um fato científico. Ao trabalhar notícia da área da Saúde, o G1 no título "*Mais Médicos divulga lista preliminar de brasileiros formados no exterior aprovados para vagas remanescentes*" apenas divulgou um comunicado do Ministério da Saúde.

De fato, quando se cobre qualquer notícia, nem sempre o repórter tem todas as respostas do lide, em especial notícias de Ciência. Às vezes nem mesmo os próprios cientistas conseguem explicar as causas (os *porquês*) de um fenômeno, pois precisam de mais pesquisa sobre o assunto. E o *como* (o método) de um estudo pode estar protegido por uma patente ou não ser possível explicar no momento por outras razões. Mas nem mesmo esse esclarecimento foi identificado nas notícias pesquisadas.

Alguns casos chamam a atenção. Na notícia: "*Por que viajar faz bem para o cérebro*" do G1 se identifica a ausência de uma investigação jornalística capaz

de explicar sobre os *softwares* utilizados na pesquisa e a complexa relação que o método faz entre "Viajar" e "Funcionamento do Cérebro". A narrativa da matéria está próxima do lúdico, como mostra o extrato a seguir.

Imagem 01: "Por que viajar faz bem para o cérebro"



Aliás, de acordo com a Universidade de Cornell, quanto mais longe formos em nossas aventuras, maior será a satisfação, o sentimento de felicidade associado a uma viagem. Foi o que **pesquisadores da entidade descobriram** ao analisar o que os viajantes postavam no Twitter! Atualmente, sociólogos e antropólogos já utilizam as redes sociais para mapear o comportamento dos indivíduos e foi o que fizeram Morgan Frank e seus colegas, ao analisar 37 milhões de tuítes geolocalizados de 180 mil pessoas. A maioria postava comentários sem grande entusiasmo dentro do perímetro casa-trabalho-casa. No entanto, quando a experiência descrita se referia a locais distantes dos roteiros habituais, palavras que demonstravam felicidade eram bem mais

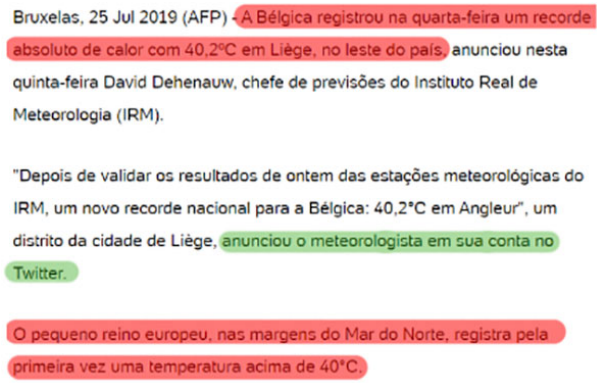
Fonte: Portal G1. 30 de jul. de 2019

Além do "cientifiquês", enquanto desafio para a escrita jornalística que busca popularizar a CT, a ausência de uma descrição da metodologia de uma pesquisa impede a compreensão da mesma para o público geral. O uso de chavões no texto jornalístico parece sinalizar para o desconhecimento de quem apura sobre o fato.

Sem uma descrição da metodologia, a notícia de CT parece perder em credibilidade, já que um dos compromissos do jornalismo estaria em se aproximar da "verdade" dos fatos (e a "verdade" do conhecimento científico se constrói em grande parte a partir da metodologia). O que garante ao jornalismo a veracidade do fato científico seria a comprovação científica, alcançada através de um método. A ausência dela colabora com a imagem da Ciência como produtora de "coisas" de forma mágica, misteriosa.

Na imagem abaixo, a notícia "*Bélgica bate novo recorde de calor com 40,2ºC em Liège*" repete um modelo de tratamento. Trata de um comunicado de um meteorologista sobre o aumento da temperatura em Liège. Tem-se, em pauta, a questão climática, tema importante para o Brasil e o mundo. Contudo, a notícia simplesmente é divulgada sem discussão sobre o aumento da temperatura no planeta.

Imagem 2: "Bélgica bate novo recorde de calor com 40,2 ºC em Liège"



Bruxelas, 25 Jul 2019 (AFP) - A Bélgica registrou na quarta-feira um recorde absoluto de calor com 40,2ºC em Liège, no leste do país, anunciou nesta quinta-feira David Dehenauw, chefe de previsões do Instituto Real de Meteorologia (IRM).

"Depois de validar os resultados de ontem das estações meteorológicas do IRM, um novo recorde nacional para a Bélgica: 40,2°C em Angleur", um distrito da cidade de Liège, anunciou o meteorologista em sua conta no Twitter.

O pequeno reino europeu, nas margens do Mar do Norte, registra pela primeira vez uma temperatura acima de 40°C.

Fonte: Portal UOL, 25 de jul. de 2019

Neste, e em vários outros casos, o que responde ao *como* do lide seria a forma de publicização do fato científico, como mostra o que está destacado em verde. Vale destacar aqui que, para a construção das respostas do lide, existe uma diferença entre o "anúncio de descoberta" e "a descoberta em si", pois a resposta ao *como* irá ser diferente, assim como a abordagem do fato. O fato é o *anúncio da descoberta feito* pelo cientista (o "*como*" seria "pelo *twitter*") ou *a descoberta feita* pelo pesquisador (que ancora o "*como*" no método)?

É comum que muitas notícias façam essa abordagem que lastreia o *como* tanto distante do método da pesquisa quanto de uma discussão mais significativa sobre o fato científico: "por meio de um anúncio oficial", "por sua conta do *twitter*", "a partir de uma revista especializada" etc. Assim *o quê* aconteceu se resume ao comunicado e não à descoberta científica. Há o privilégio do anúncio e da maneira como se anuncia a descoberta em detrimento da descoberta realizada, que exigiria o jornalista mais trabalho de investigação na tentativa de compreender e traduzir ao grande público o método da pesquisa.

Campo aberto às discussões e às novas pesquisas

O descompasso das notícias sobre CT publicadas nas telas dos portais da internet em relação às expectativas sociais por uma democratização do conhecimento científico demonstra a CT no Brasil como o outro indiscernível na grande imprensa. As notícias sobre CT no G1 e Uol estão relacionadas com outro contexto. O G1 busca anular a pauta das notícias de CT na direção do setor de saúde (estratégia antiga do Grupo Globo), onde estão seus

interlocutores (possíveis patrocinadores): médicos, hospitais, empresas. Já a abordagem e o texto, apesar do equilíbrio entre informações nacionais e internacionais, refletem um distanciamento significativo de pautas com os detalhamentos de projetos e de pesquisas sobre Ciências Biológicas e da Saúde, na medida em que a metodologia dos estudos seria substituída por relatos pessoais e não abordada nas notícias.

Isto também ocorre no Uol, mas neste portal o caso parece ser ainda mais grave: a angulação das notícias no setor de tecnologia (espaciais, em sua maioria) e a predominância quase absoluta de informações internacionais lança no espaço as possibilidades do Uol em agendar a CT brasileira em uma discussão necessária com os problemas públicos do país, mostrando as diferentes áreas do conhecimento. O Uol colabora para a estrutura cognitiva do fascínio pela CT. A repetição dessas mesmas seleções e saliências reforçam alguns signos (e escondem outros) na representação da realidade.

A abordagem da CT na pauta influência a substituição da "descoberta científica" pelo "anúncio da descoberta", lastreando o lide menos na novidade trazida por uma pesquisa (que poderia permitir explicações metodológicas) do que no atendimento aos setores de mercado e no anúncio das novidades. Esses e os outros aspectos mostram a ausência de uma agenda na grande imprensa comprometida com a democratização do conhecimento científico de maneira proporcional às áreas da Ciência. Um JC e uma editoria de CT ajudariam no desenvolvimento de uma pauta voltada aos principais projetos, aos congressos, às políticas públicas, às aplicações do estudo na sociedade etc.

Outra questão: o JC continua atrelado a uma classe social de letrados e vinculado aos crescentes avanços tecnológicos. Quando se fala no papel do JC em popularizar a Ciência não se deve esquecer que isso passa por um JC capaz de construir conteúdos que também conversem com os iletrados e pouco alfabetizados, utilizando os diferentes recursos tecnológicos de divulgação disponíveis.

E, por fim, o JC solicita um tratamento investigativo zeloso tanto da linguagem jornalística quanto dos assuntos que se divulgam. As reportagens sobre o assunto nos órgãos de imprensa precisam também alcançar a crítica e a visão sistêmica dos projetos e pesquisas das instituições e universidades.

Antes da pandemia existiam poucos jornalistas de CT. Hoje, com a Covid-19, muitos jornalistas se tornaram jornalistas de ciência (RIGHETTI, 2020,

online). Uma iniciativa atual, a agência Bori[15], busca funcionar enquanto elo entre organizações de produção de pesquisa e os jornalistas interessados em CT. Na prática, a Agência faz aquilo que as assessorias de imprensa já fazem nas organizações, contudo colabora para que a CT seja mais discernível pela grande imprensa. Esses elos com recursos tecnológicos são importantes também na medida em que o conhecimento científico possa ser formatado como notícia sob medida para resolver problemas reais em cada grupo social em seu cotidiano – como, por exemplo, os produtores rurais que necessitam de acesso às informações sobre as melhores recomendações científicas.

Referências

BARRETOS, Dayane do Carmo. **Experimentar encontros e compartilhar sentidos:** a escrita de si e do outro nas narrativas de jornalistas brasileiras. 2017. 167 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2017.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo científico:** revisitando o conceito. Jornalismo científico e desenvolvimento sustentável. São Paulo: All Print, p. 157-78, 2009.

BRETAS, Beatriz; DUARTE, Ricardo. Cotidiano. In: FRANÇA, Vera Veiga; MARTINS, Bruno Guimarães; MENDES, André Melo (Orgs.). **Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (Gris):** trajetória, conceitos e pesquisas em comunicação. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG/PPGCOM, 2014, p.60-64.

DIAS, Ricardo Henrique Almeida. O Fascínio Pelos Mistérios da Ciência: Análise de Textos de Jornalismo Científico em um Portal de Notícias. **Revista Comunicação & Informação da UFG**, Goiânia, v. 22, p.1-17, 2019.

ENTMAN, Robert. Framing U.S. Coverage of International News: contrasts in narratives of the KAL and Iran Air Incidents. **Journal of Communication**, v.41, n.4, p.6-27, 1991.

FAHNESTOCK, Jeanne. Adaptação da ciência: a vida retórica de fatos científicos. In: MASSARANI, Luisa; TURNEY, Jon; MOREIRA, Ildeu de Castro (Orgs.). **Terra incógnita: A interface entre ciência e público**. Rio de Janeiro: Vieira e Lent/ UFRJ, Casa da Ciência, Fiocruz, 2005, p. 77-99.

FAIRCLOUGH, Norman; WODAK, Ruth. Critical discourse analysis. In:

[15] C.f.: www.abori.com.br

DIJK, Teun A. van (ed.), **Discourse as Social Interaction**. London: Sage, p. 258-284, 1997.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. **Paradigmas da comunicação:** conhecer o quê? In: MOTTA, L. G. et al. (orgs). Estratégias e culturas da comunicação. Brasília: Ed. da UnB, 2002. p. 13–29.

_____. O acontecimento e a mídia. **Revista Galáxia da PUC**. São Paulo, n. 24, p. 10-21, dez. 2012.

FREITAS, Camila. Sujeitos desamparados ou à margem: análise da identidade do "outro" na editoria Mundo da Folha de S. Paulo. **Parágrafo**, v. 6, n. 2, p. 51, 2019.

GAMSON, William A. Constructing social protest. **Social Movements and Culture,** v. 4, p. 85-106, 1995.

GITLIN, Todd. **The whole world is watching:** Mass media in the making and unmaking of the new left. University of California Press, 2003.

GOFFMAN, Erving. **Os quadros da experiência social:** uma perspectiva de análise. Petrópolis: Editora Vozes. 2012.

GUERREIRO, Giovanni Pampolha. Jornalismo como forma de conhecimento: um ensaio. **Jornalismo e contemporaneidade:** um olhar crítico. Série: Comunicação na Contemporaneidade. São Paulo: Plêiade, 2015.

HANGAI, Luis Antonio. A Framing Analysis de Goffman e sua aplicação nos estudos em Comunicação. **Revista Ação Midiática:** Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura da UFPR. Curitiba, v. 2, n. 1, ano 2012.

LÉVINAS, E. **Entre nós:** ensaios sobre alteridade. Petrópolis, Brasil: Vozes, 2005.

LIEVROUW, Leah A. Communication, representation, and scientific knowledge: a conceptual framework and case study. **Knowledge and policy**, v. 5, n. 1, p. 6-28, 1992.

LOOSE, Eloisa Beling; DE LIMA, Myrian Regina Del Vecchio. A ciência nos portais de notícias: notas para pensar a popularização científica a partir do jornalismo online. **Revista Animus de Comunicação Midiática da UFSM**, Santa Maria, v. 12, n. 23, p. 1-18, 2013.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Popularização do conhecimento científico. **Revista Datagramazero de Ciência da Informação da UnB**, Brasília, v. 3, n. 2, p.1-11, 2002.

OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo científico**. Editora Contexto, 2006.

RIGHETTI, Sabine. **Desafios da Comunicação das Universidades para a Divulgação Científica**. Conferência de Abertura do I Congresso da Andifes, 17 de junho de 2020. Disponível em https://youtu.be/2uOBpGObjKc. Acesso em 18/06/20.

RIZZOTTO, Carla Candida; ANTONELLI, Diego; FERRACIOLI, Paulo. A política nas páginas dos jornais: uma discussão metodológica sobre o enquadramento noticioso. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 13, n. 24, p.1-12, 2017.

SERELLE, Márcio. O outro é o mesmo nas reportagens de Eliane Brum. In: SERELLE, Márcio; SOARES, Rosana (Orgs.). **Mediações críticas:** representações na cultura midiática. São Paulo: Eca/Usp, p. 14-29, 2017.

SILVA, Telma Domingues da. Jornalismo e a divulgação científica. **Revista Rua da Unicamp**, Campinas, v. 8, n. 1, p. 129-146, 2002.

SILVA, Ana Eliza Ferreira Alvim. **A Ciência em Circulação nas Esferas Públicas:** o jornalismo científico em universidades de Minas Gerais e suas repercussões. Tese (Doutorado Programa de Pós-Graduação em Administração, área de concentração em Organizações, Gestão e Sociedade). Universidade Federal de Lavras, 2019, 378p.

SILVA, Luiz Martins da. O Jornalismo de Trauma e o Trauma do Jornalismo. **Revista Panorama-Revista de Comunicação Social**, v. 7, n. 1, p. 17-20, 2017.

SCHARRER, Lisa et al. When science becomes too easy: Science popularization inclines laypeople to underrate their dependence on experts. **Public Understanding of Science**, v. 26, n. 8, p. 1003-1018, 2017.

VALENTINI, Simone. **Do liberal ao pós-moderno:** o debate sobre as ações afirmativas na produção acadêmica na área da educação (2012-2016). Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2018, 167p.

VIEIRA, Livia de Souza; CHRISTOFOLETTI, Rogério. Impacto no jornalismo online: cultura do clique, métricas e relevância social. **Revista Lumina da UFSC**, Santa Catarina, v. 13, n. 1, p. 132-148, 2019.

VIMIEIRO, Ana Carolina; DANTAS, Marcela. Entre o explícito e o implícito: proposta para a análise de enquadramentos da mídia. **Revista Lumina da UFJF**, Juiz de Fora, v.3, n.2, p.1-16, 2009.

VREESE, Claes H. de; PETER, Jochen; SEMETKO, Holli A. Framing politics at the launch of the Euro: A cross-national comparative study of frames in the news. **Political communication,** v. 18, n. 2, p. 107-122, 2001.

Capítulo 3
Quando Bárbaros Invadiram a Torre de Marfim: o impacto da inclusão social e racial nas universidades

Elaine Pereira Rocha[1]

Chamadas historicamente de "Torres de Marfim", as universidades têm enfrentado grandes mudanças desde o último século, mas em especial nos últimos 50 anos, quando grupos considerados subalternos, provenientes de minorias passaram a ingressar nas universidades, em busca de educação superior. O modelo de universidade no qual nos baseamos hoje tem sua origem na Idade Média da Europa Ocidental, ainda que existissem centros de conhecimento na Grécia, Índia, China e África Subsaariana, organizados de formas diferentes. As primeiras universidades europeias tinham o cristianismo como fundamento e eram espaços exclusivos para religiosos de alto posicionamento na hierarquia católica. Dessa forma, o isolamento dos estudiosos em relação à sociedade era visto como necessário e louvável, uma vez que se entendia que a vida "mundana" era uma distração para aqueles que se dedicam a assuntos mais "elevados".

A tradição de isolamento e o senso de superioridade da universidade se manteve ao longo dos séculos. A própria arquitetura dos edifícios de universidades fundadas no século XIX e início do século XX refletiam tais ideias em sua grandiosidade e, principalmente, por suas torres. Os prédios imponentes também refletiam a clientela a qual serviam, ou seja, jovens do sexo masculino das classes mais altas, cabendo às classes trabalhadoras o aprendizado de ofícios nas mãos dos mestres ou pelo aprendizado empírico do exercício diário de tarefas mecânicas. Nessa linha de raciocínio, a expressão Torre de Marfim,

[1] É Bacharel e Licenciada em História pela Universidade de Taubaté (UNITAU), Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Mestre em História Cultural pela University of Pretoria (África do Sul) e Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo. Professora Associada do Departamento de História e Filosofia da University of the West Indies (UWI), Campus Cave Hill, Barbados e coordenadora da área de História da América Latina da UWI.

refere-se ao mesmo tempo, ao isolamento e à excepcionalidade das universidades.

A postura elitista e de isolamento das universidades tem sido historicamente criticada e desafiada. Assim foi durante o século XIX, quando rapazes provenientes da classe comerciante que aspiravam acesso a uma educação superior passaram a frequentar a universidade, e na segunda metade do mesmo século quando jovens mulheres passaram a pleitear a mesma coisa. O isolamento foi também rompido de dentro para fora, quando, entre meados do século XIX e início do século XX, a busca por soluções para problemas sociais graves, como as epidemias, levou médicos e estudantes de medicina a se aproximarem da população comum – primeiramente para lhes estudar os corpos, e depois para estudar o meio ambiente em que viviam – para entender as causas das doenças e assim produzir formas de combate e prevenção. É sabido, por exemplo, que nos campos de batalha dos oitocentos muito se aprendeu sobre cirurgia e infecção por elementos ambientais, como água suja e insetos. A busca por soluções para epidemias também levou à remodelação das cidades, reunindo, do lado científico médicos e cientistas; e do lado dos ofícios práticos engenheiros e construtores. As ciências, pouco a pouco saíam das Torres de Marfim, mas ainda na intenção de conduzir ou civilizar as massas. Nesse período, a estruturação das ciências humanas obedeceu ao mesmo padrão, com filósofos, sociólogos e historiadores, por exemplo, estudando a sociedade a partir de uma perspectiva superior, atitude que obedecia a norma aceita de que o bom cientista deve ser neutro e evitar envolvimento com o objeto de pesquisa.

Por volta de 1940, o historiador francês Marc Bloch, escrevendo sobre o método da pesquisa histórica (trabalho que continuou escrevendo enquanto lutava contra os invasores nazistas na Resistência Francesa), alertava para o fato de que novos tempos exigem novas histórias e que o bom questionamento abre campos inesperados. Bloch descreveu o ofício do historiador como uma paixão que exige dedicação aos estudos e sérios esforços em analisar profundamente, ousando aproximar-se e olhar atentamente para os problemas. Ao mesmo tempo, ele também enfatizou a importância em saber como se comunicar com intelectuais de alto nível e com os alunos com o mesmo respeito (BLOCH, 2001). Não se sabe ao certo o que levou um renomado historiador da Academia Francesa a se alistar na Resistência Francesa e, ao mesmo tempo, continuar escrevendo notas para um livro sobre o método histórico. No en-

tanto, ainda hoje, para muitos historiadores, o compromisso político com a democracia e o engajamento cívico não são elementos separados do ofício intelectual.

Mas há quem mantenha a visão do estudo da história como parte de uma arte erudita, reservada aos sábios, que se orgulham em guardar distância entre eles e a multidão barulhenta, com os quais interagem apenas para ensinar, aconselhar. Para esses, os alunos são discípulos, que precisam ser orientados e devem mostrar lealdade aos mestres que os guiam. John Tosh alerta contra o que chamou de saber olímpico e sobre a importância da empatia para os historiadores, a fim de compreender as mentalidades que produziram cada acontecimento histórico, para não perder o contato com a memória social popular e com sua realidade ou contexto imediato, reconhecendo o fato de que problemas históricos têm suas origens nas necessidades políticas. (TOSH, 2010). O título deste artigo refere-se aos invasores bárbaros que contribuíram para a queda do Império Romano. Bárbaro é um adjetivo genérico, pelo qual os governantes da Roma Antiga se referiam a todas as nações que não eram romanas e que se inseriram no Império involuntariamente, quando trazidos como escravos, ou quando seus territórios eram conquistados em guerras, ou voluntariamente, em correntes migratórias, em relações de comércio e mesmo cooperação. Na verdade, essa convivência – pacífica ou belicosa – teve mais influência nas mudanças culturais que marcaram o fim do Império do que os ataques militares (WILLIAMS, 1999). Da mesma forma, a chegada inevitável dos que poderiam ser considerados como outros sujeitos às universidades influenciou enormemente as mudanças que essas instituições têm enfrentado ao longo dos anos.

Durante o século XX, a universidade mudou muito no mundo inteiro, quando os filhos de classes médias em ascensão começaram a entrar na universidade. Tempos depois suas filhas fizeram o mesmo. Filhos de elites colonizadas na Ásia, Oriente Médio, África e Américas, desde fins do século anterior já se mudavam para as metrópoles para cursar o ensino superior. Dessa forma, a classe média, as mulheres, os asiáticos, indianos, africanos, muçulmanos, negros caribenhos, latino americanos, e membros de nações indígenas foram os "bárbaros" desse período que invadiram a Torre de Marfim.

Ao ingressar na universidade, tais sujeitos viram-se forçados a se adaptar à disciplina e à hierarquia da universidade, aprendendo novas línguas e novas formas de usar a própria língua, adaptando-se a regras que muitas vezes pare-

ciam inexplicáveis. Em suma, aprendem um novo código de comunicação, fosse na forma erudita da língua oficial, fosse no comportamento físico, modo de pensar e de pensar o mundo. Na tradicional Universidade de Oxford, da Inglaterra, por exemplo:

> É uma tradição simples, mas pode demorar um pouco para se acostumar com ela. Vagando pelas muitas faculdades que compõem a Universidade de Oxford, você provavelmente notará a natureza intocada dos gramados. Eles são sempre exuberantes e impecavelmente verdes, e não ficaram assim por acaso. Ninguém anda na grama. É uma das regras não ditas mais amplamente obedecidas de Oxford. Mesmo que isso signifique tomar um caminho tortuoso para a aula, trate o gramado como se fosse lava quente de um vulcão. Se você realmente quer a emoção de pisar naquele gramado verde e bem regado, você terá que se tornar um professor de Oxford - eles são os únicos que têm o direito de andar por onde quiserem.[2]

No cotidiano acadêmico, até mesmo assistir a palestras exige aprendizado, da mesma forma que escrever ou responder perguntas de avaliações é bem diferente do que muitos alunos costumavam fazer no ensino médio. Soma-se a isso o fato de que o estudante universitário tem em média cinco disciplinas, e provavelmente cinco professores por semestre, o aluno, portanto terá que aprender cinco "línguas" distintas, ou seja, cinco maneiras diferentes de se expressar, que por vezes são contraditórias, sob o risco de fracassarem nos exames finais. É comum que alunos mais experientes aprendam a se expressar de uma maneira para atender às demandas de um professor ou disciplina, e de modo diferente para outro professor. A isso chamam de códigos de sobrevivência na universidade. Conforme Gene Veith explicou: "O mito da torre de marfim que implica que o mundo acadêmico constitui uma cultura protegida, privilegiada e independente contém muita verdade. Sua dinâmica peculiar ajuda a explicar algumas das ideias mais malucas que, no entanto, ganham

[2] DISKIN, Ebin (2018). "5 strange traditions that make Oxford University magical". Tradução da autora. https://matadornetwork.com/read/strange-traditions-oxford-university/ Accesso em 19/11/2019. No original: "It's a simple tradition, but it can take quite a while to get used to it. Wandering through the many colleges that comprise Oxford University, you'll probably notice the pristine nature of the quad lawns. They're always lush and impeccably green, and they didn't get that way by accident. Nobody walks on the grass. It's one of Oxford's most widely obeyed unspoken rules. Even if it means taking a circuitous route to class, treat the lawn like lava. If you really want the thrill of stepping on that green, well-watered lawn, you'll have to become an Oxford professor — they're the only ones given completely free reign."

aceitação cultural."[3]

No centro das disputas sobre essas torres, estão o conflito de classes e a desigualdade que marcaram o processo histórico da humanidade, e que há séculos vêm sendo desafiados em todos os aspectos. A universidade, como instituição superior de ensino, divide-se entre reproduzir o *status quo* das classes sociais e produzir uma nova geração de força de trabalho para atender às demandas das transformações econômicas.

As críticas ao isolamento das universidades aumentaram nas últimas décadas, à medida que a sociedade enfrentava rápidas mudanças políticas e econômicas, com as novas tecnologias e exigências do mercado de trabalho globalizado. As desigualdades econômicas, sociais e políticas se mantiveram no centro do debate. Contextualmente, tais mudanças incluíram os avanços tecnológicos, que por sua vez alteram nossa percepção de tempo, deram origem a novas culturas e novas formas de comunicação, incluindo linguagem, formato e códigos.

No final do século XX, Brenda Barreto discutia as mudanças no ensino universitário: "Trinta anos atrás, as universidades atendiam a um setor relativamente pequeno da população; concentrando-se em estudos de graduação para alunos que entram na universidade aos 18 anos."[4] Já nos anos 1990, estudantes mais velhos passam a integrar o quadro discente das universidades, em busca de uma educação que resulte em melhores oportunidades no mercado de trabalho. A autora continua perguntando se a universidade deve abraçar a tendência profissionalizante e centrar suas atividades na preparação de profissionais para o mercado de trabalho ou se deve continuar se concentrando na formação das lideranças da sociedade, contemplando temas menos mundanos. Seu artigo foi escrito em 1998, quando o mundo começava a discutir o papel das universidades em um contexto de crise econômica mundial, na qual novas tecnologias demandam novos saberes profissionais. Sem uma resposta

[3] VEIGH, Gene. "Can we recapture the ivory tower?". *World Magazine,* 09/10/1999. Publicação digital, disponível em: https://world.wng.org/1999/10/can_we_recapture_the_ivory_tower
Acesso em 12/04/2016. Tradução da autora. No original: "The ivory tower myth that the academic world constitutes a sheltered, privileged, and self-contained culture of its own contains much truth. Its peculiar dynamics help explain some of the wackier ideas that nevertheless gain cultural currency".

[4] BARRET, Brenda. "What is the function of a university? Ivory Tower or Trade Schools for plumbers?" *Quality Assurance in Education*, v.6, n.3, 1998, pp. 145-151. https://doi.org/10.1108/09684889810220447 Acesso em 16/08/2018. Tradução da autora. Versão original: "Thirty years ago universities catered for a relatively small sector of the population; concentrating on undergraduate studies for students entering at the age of 18".

definitiva naquele momento, a autora deixa a questão para ser refletida pelos leitores. Mais de vinte anos depois, e em meio à rápida multiplicação de canais de comunicação digital, ainda estamos buscando respostas.

As exigências do mercado levaram a adaptações no sistema educacional, incluindo currículos e instituições. Surgiram novas universidades e outras formas de ensino pós secundário, criando uma hierarquização entre universidades e institutos de educação terciária, nas quais as entidades mais tradicionais continuam a gerar um respaldo intelectual maior, ou seja, há um reconhecimento de gradação no valor da educação universitária dependendo muito da tradição e do reconhecimento que a sociedade lhes atribui. Neste sentido, as universidades continuam a contribuir para a reprodução do *status quo* das classes sociais, mesmo que se dediquem a produzir uma nova geração de trabalhadores, sob a promessa de atender às demandas de economias e sociedades em constante mudança. Também como parte das mudanças na economia, o formato dessa educação tem variado, incluindo educação à distância, cursos intensivos, cursos tecnológicos de média duração, aulas noturnas, cursos de fim de semana. Tudo para atender às necessidades do estudante potencial.

Volto a enfatizar que tal mudança é contínua e influenciada pela demanda econômica por novos profissionais com novas habilidades e informações, mas é também influenciada pela chegada de alunos vindos das classes trabalhadoras, em alguns casos oriundos de minorias de gênero e minorias étnicas nas universidades. À multiplicidade de disciplinas e cursos voltados para o mercado de trabalho soma-se ao surgimento de novos estudos, como: estudos de gênero, da diáspora africana/asiática/árabe/indiana, estudos ambientais em diversos campos, e disciplinas voltadas para a compreensão de grupos étnicos como: latino-americanos, indígenas, judeus, árabes e, claro, todas as novas ramificações da ciência aplicada, leis e disciplinas de ciência da computação.

Neste ambiente de constante transformação é importante considerar-se o impacto da presença de grupos étnicos não saxônicos, as diversas filiações de gênero, os alunos estrangeiros que ampliam a noção de nacionalidade nas salas de aula. Todos esses elementos estão presentes nas salas de aula que reúnem representantes de uma geração que não mais aceita conformar-se aos padrões e conhecimento impostos pela universidade tradicional. Trata-se de novos sujeitos, exigindo respostas a novos problemas, e impondo novos objetos de pesquisa e/ou novas abordagens para antigos problemas e objetos de pesquisa.

A universidade não se caracteriza mais pela população jovem, entre 18 e 23 anos, saída das escolas de ensino médio, dependente de seus familiares. Entre os novos personagens que estão nas salas de aula temos alunos maduros, profissionais que voltam aos bancos escolares em busca de um saber que lhes proporcione avançar em sua profissão ou preparar-se para novos campos de trabalho. Outros adultos vêm de grupos que, sem o apoio financeiro familiar, tiveram que esperar até que suas condições financeiras possibilitassem o acesso a tal educação. Entre jovens e adultos, há um grande número de alunos trabalhadores, que dividem seu tempo entre educação e trabalho, pressionando por alterações em horários de ensino e de acesso a serviços como bibliotecas e laboratórios, de forma a equilibrar as demandas de trabalho e educação. Dentre os mesmos, muitos têm responsabilidades familiares próprias, o que implica em maior pressão sobre o uso de suas finanças e de seu tempo, e na expectativa de ganhos imediatos provenientes de tal educação.

O impacto dos novos sujeitos nas universidades

Voltando à história antiga, sabe-se que os bárbaros que invadiram o Império Romano não se limitaram às camadas mais baixas da sociedade, muitos deles fazendo parte da classe média, da elite militar e mesmo do governo. Essa ascensão se deu ao longo do tempo e de várias gerações de "intrusos". Da mesma forma, a partir da segunda metade do século XX, temos a ascensão de grupos subalternos a novas funções, graças principalmente à ampliação dos sistemas educacionais e eliminação de barreiras segregacionistas que proibiam ou limitavam o acesso de determinados grupos étnicos e de mulheres à educação. Como consequência, parte desses novos sujeitos, agora educados, tornaram-se professores universitários, escritores e pesquisadores. Consequentemente, essa presença nas universidades passou a questionar os valores tradicionais rígidos, sendo que eles também passaram a propor novos problemas, abordagens e objetos de pesquisa.

Nas últimas décadas, a invenção e popularização dos programas de computação e da internet causaram rupturas em todos os aspectos da cultura. Essencialmente, a própria ideia de novo e velho, agora e antes, antigo e moderno, mudou. A linguagem, por exemplo, mudou de todas as formas possíveis: novas linguagens técnicas são criadas, como os códigos de programação; nas relações cotidianas, temos a adoção de novas palavras ou a alteração de

significados para palavras existentes. Por fim, as novas formas de comunicação, utilizando a internet e as redes sociais modificaram os estilos e habilidades de escrita e de leitura da população em geral. A expectativa é de comunicação instantânea e imediata. Isso, aliada à limitação de certas plataformas obrigam a comunicação a tomar a forma de textos curtos, e a pressa em comunicar-se leva à abreviação das palavras e ao desenvolvimento de novos códigos, à adoção e adaptação de outros idiomas, particularmente o inglês. Por exemplo, ao invés do interlocutor que se divertiu com algum assunto escrever: "Isso é muito engraçado, estou rindo alto", escreve-se "LoL", do inglês "Laughing Out Loud". A adoção de acrônimos derivados da língua inglesa é outro fenômeno dessa nova forma de comunicação. Outras siglas e expressões, são incorporadas ao vocabulário, criando códigos de alcance internacional, e transformando a linguagem com grande velocidade e pouco questionamento.

As novas formas de comunicação também interferem na educação, impondo maiores dificuldades em aprender a escrita formal, e ampliando as barreiras no desenvolvimento do hábito de leitura. Para entender esse problema, os pesquisadores nigerianos Ifeoma Akaike e Ikechukwu Asika analisaram os hábitos de leitura entre 200 estudantes universitários que frequentavam o segundo ano em quatro faculdades distintas de seu país. Eles descobriram que, embora 85% dos alunos entrevistados acreditem que a leitura desempenha um papel importante em seu desempenho acadêmico, apenas 20% declararam gostar de ler, e 68% declararam que ler é uma tarefa tediosa.[5]

É preciso considerar que as causas dos maus hábitos de leitura podem ser atribuídas à educação, à classe e ao meio ambiente. A classe social é um dos fatores mais importantes, já que determina o acesso dos alunos aos livros. Neste contexto, escolas com recursos limitados não oferecem uma boa biblioteca aos seus alunos, e o acesso a computadores e internet para a pesquisa em ambiente digital também são afetados.

Em minha própria experiência, ao questionar alunos que demonstraram dificuldade em acompanhar as leituras que a disciplina exigia, encontrei alguns que declararam ter crescido em lares que não tinham livros além da bíblia, outros disseram que nunca viram um parente próximo lendo um livro por lazer, e que não tinham livros em casa ou mesmo nas bibliotecas das esco-

[5] AKABUIKE. Ifeoma; ASIKA, Ikechukwu. "Reading habits of undergraduates and their academic performances: issues and perspectives". *African Research Review*, v. 6(2), n. 25, 2012. pp.246-57. Disponível em: https://www.ajol.info/index.php/afrrev/article/view/77059 Acesso em 26/08/2020.

las públicas onde estudaram. Como resultado, muitos alunos chegam à universidade sem familiaridade com livros, e alguns declararam sentirem-se intimidados por eles. Lembro-me de um aluno que, anos atrás, me disse que cresceu pensando que ler livros não era um hábito para os homens. Segundo ele, no máximo, os homens deveriam ler o jornal e as mulheres, mais românticas poderiam ler novelas açucaradas como – na opinião dele – *Romeu e Julieta*, de Shakespeare. Considerada uma tarefa tediosa e difícil, os alunos encontram maior dificuldade quando os professores demandam uma leitura minuciosa e compreensiva, que inclui a anotação de ideias principais, associação de dados, questionamento da tese do autor e sintetização de conteúdo. A maioria dos alunos encara o trabalho da leitura como uma tarefa que deve ser feita logo antes de exames, questionários ou algum tipo de avaliação.

Os periódicos dedicados à educação no mundo inteiro frequentemente trazem artigos nos quais discutem a questão do declínio nas habilidades de leitura dos alunos ou mesmo no tempo que os alunos dedicam a essa atividade. Porém, se pensarmos honestamente, veremos que atualmente as pessoas leem e escrevem o tempo todo. As conversas foram substituídas por mensagens de texto. O próprio uso da palavra inglesa "*texting*", transformando o substantivo em verbo, é uma consequência dessa cultura das redes sociais. "*Texting*" significa mais do que "escrevendo", porque indica uma ação específica da rede social, e o texto, neste caso, deve ser escrito de uma forma muito diferente de uma escrita formal. Além disso, o declínio na leitura deve ser analisado levando-se em consideração os diversos grupos. Pode-se mesmo dizer que a leitura aumentou entre os alunos da classe trabalhadora que obtiveram acesso a melhores escolas, bibliotecas, e ao texto digital. Em termos de geração também mudou. Alguns estudos apontam que pessoas de meia-idade na década de 1930 liam menos do que a geração nascida depois de 1945. Isso pode ser compreendido pelo aumento do acesso à educação e aos livros. No entanto, no atual aumento, o acesso a livros e outros materiais de leitura, como revistas e jornais digitais, não significa que as pessoas estejam lendo mais, porque o tempo dedicado à leitura diminuiu.

Sociedade Pós-Literária

A definição de sociedade pós-literária é aquela em que as pessoas têm a habilidade de ler e escrever, mas optam por não o fazer, ou o fazem limitadamente. Nela, outras mídias como vídeos, videogames, desenhos ani-

mados, filmes, áudios e imagens em geral desempenham um papel importante na comunicação da informação. O termo não é novo, Marshall McLuhan o usou pela primeira vez em 1962, ao manifestar a preocupação com a forma como a televisão, o rádio, a música e o cinema influenciavam a nova geração, suprimindo identidades e criando o que chamou de aldeia global, onde as pessoas prestavam menos atenção à sua identidade cultural, adotando elementos culturais estrangeiros. Segundo o autor, aquela geração estava se tornando mais egocêntrica e lendo muito menos (MCLUHAN, 2011). Mal sabia ele que aqueles eram os bons tempos!

Em 2016, o site canadense de notícias *The Star* publicou uma discussão sobre a crise do ensino superior no país, da qual participaram vários professores. George Hilton, professor do *Toronto Community College,* onde lecionou por mais de uma década, escreveu sobre sua experiência com o declínio na leitura entre seus alunos, e o impacto desse declínio no conhecimento de elementos da cultura geral entre estudantes universitários:

> Uma ampla aversão a pegar um livro sem ser compelido a fazê-lo, ao lado de um desinteresse teimoso por qualquer conceito de um conhecimento geral compartilhado, que pode ser atribuída a uma série de fatores. Mas quando um professor tem que fazer uma pausa para explicar uma referência passageira à Segunda Guerra Mundial, por exemplo, já que será inevitável haver pessoas na classe que nunca ouviram falar, apesar de já terem passado quase 20 anos na escola, um mal-estar começa a se estabelecer.[6]

Conforme apontado por McLuhan, o declínio da leitura é também um declínio da importância da leitura e da aquisição de informações. Ansiosa por conquistar telespectadores e audiência, a mídia popular simplificou fatos, eventos e conhecimentos em geral, apostando no sensacionalismo. Perigosamente, a imprensa (incluindo autores de livros) tenta atender às expectativas do público, evitando análises controversas ou profundas. Os veículos de notícias estão sintetizando e limitando os fatos, ao mesmo tempo em que estendem a

[6] The Star. "The Post-Literate Generation". Reportagem publicada em 27/02/2016. Tradução da autora. Disponível em: https://www.thestar.com/opinion/letters_to_the_editors/2016/02/27/the-post-literate-generation.html Acesso em 18/11/2019. Versão em inglês: "A broad disinclination to pick up a book without being compelled to do so, alongside a stubborn disinterest in any concept of a shared general knowledge, might be blamed on any number of factors. But when a teacher has to pause to explain a passing reference to World War II, for example, since there will inevitably be people in the class who've never heard of it, despite their having spent almost 20 years in school already, an uneasiness begins to set in".

análise política, que visa orientar o telespectador ou ouvinte a compreender os acontecimentos de uma forma ou de outra. Opiniões polarizadas são alimentadas por notícias que são escritas para atender aos anseios do leitor, já que os internautas podem optar por receber notícias de veículos que concordem com suas posições políticas.

O resultado é a censura. Essa não é necessariamente originária ou implementada por órgãos oficiais, mas vem do mercado leitor. O que antes era um instrumento de ditaduras e regimes autoritários, agora é exercido pelo grande público, atingindo também os chamados liberais. Por exemplo, há pouco tempo, na internet, feministas que discordam que mulheres transgênicas devam ser aceitas como tal, com base em sua identidade assumida, foram desmoralizadas e fisicamente atacadas.[7] Assim, podemos ver grupos, instituições ou indivíduos que não toleram visões que discordem das suas. As universidades estão sendo pressionadas a agir da mesma maneira, de modo que alunos podem boicotar e mesmo impedir a fala de palestrantes e professores com os quais tenham discordâncias políticas.

Isso deu origem ao que está sendo chamado de "cultura de cancelamento" dentro das universidades. Trata-se de uma atitude não apenas de negação da ideia, mas de negação de uma plataforma para que tal ideia seja discutida, e inclui tentativas de banir dos *campi* universitários oradores que um ou outro grupo considera prejudiciais aos seus interesses e crenças.

> Em julho do ano passado (2017), o biólogo evolucionário Richard Dawkins, cujo livro "*God Delusion*" é uma crítica extensa a todas as religiões, não foi transmitido pela rádio KPFA de Berkeley, na Califórnia porque, de acordo com a estação, seus comentários e escritos sobre O Islã "ofenderam e magoaram" muitas pessoas. Ironicamente, a estação, fundada em 1949 como uma emissora patrocinada por ouvintes, se anuncia em seu site como dedicada à liberdade de expressão.[8]

[7] The Economist. "The new censors: The global gag is tightening". 17/08/2019. Online edition: https://www.economist.com/international/2019/08/17/the-global-gag-on-free-speech-is-tightening Accesso em 21/11/2019.

[8] LLOYD, John. "Commentary: What to do when the liberals are the censors?". *Reuters*. 19/01/2018. Disponível em https://www.reuters.com/article/us-lloyd-speech-commentary/commentary-what-to-do-when-liberals-are-the-censors-idUSKBN1F825Z Acesso em 19/11/2019. Texto original: "In July last year, the evolutionary biologist Richard Dawkins, whose "The God Delusion" is an extended critique of all religions, was "no platformed" from the Berkeley, California radio station KPFA because, according to the station, his comments and writings about Islam had "offended and hurt" many people. Ironically, the station, founded in 1949 as a listener-sponsored broadcaster, advertises itself on its website as dedicated to freedoms of speech."

O problema está aumentando, e a tal ponto, que organizações como o Conselho Nacional de Professores de Inglês (NCTE) e a Organização de Historiadores Americanos (OAH) publicaram declarações com políticas e diretrizes para a liberdade acadêmica, nas quais enfatizam a liberdade de professores e historiadores seguirem seus compromissos de pesquisa, teóricos e pedagógicos, expressando seus pontos de vista através da fala, escrita e por meio de comunicação digital.[9] A OAH também enfatiza que tal liberdade não os protege de críticas contra seus pontos de vista.[10] O caso mais recente é o do professor que foi decapitado na França. Samuel Patty, que ensinava história e geografia para estudantes do ensino médio, foi executado no dia 16 de outubro de 2020 por utilizar caricaturas do Profeta Mohamed em uma aula sobre liberdade de expressão.

Temos então um fenômeno em ascensão na educação universitária: o protesto. Em um século, estudantes mudaram seu comportamento, de passividade total e repetição de conteúdo, para a contestação e mesmo intolerância a conteúdos abordados. Ainda que a atitude contestadora possa indicar novas perspectivas e a leitura crítica dos discursos, o que se nota é uma crescente intolerância por opiniões contrárias, sem a fundamentação crítica, caracterizada pela informação. Em outras palavras, é comum que a intolerância por opiniões divergentes venha de indivíduos que selecionam as fontes para suas informações, orientados por crença religiosa, filiação partidária ou mesmo por algum movimento ocasional ou boatos. O uso de redes sociais como fontes para informação torna essas pessoas extremamente vulneráveis à falsificação ou manipulação de fatos, além de alvo de campanhas políticas extremistas.

Neste cenário, percebe-se ainda um declínio no número de estudantes que escolhem carreiras em disciplinas caracterizadas pela crítica social, como a história, sociologia, economia, ciências políticas, entre outras do campo das ciências sociais e das humanidades. A busca por um caminho diretamente associado à carreira profissional e a dificuldade em desenvolver o hábito de leitura de textos críticos – em geral mais longos, e que exigem associação de informações – afasta potenciais estudantes universitários das disciplinas citadas.

[9] NCTE "Position Statement on Academic Freedom". Publicado em 12/11/2019). https://www2.ncte.org/statement/academic-freedom-copy/ Accesso em 20/11/2019.

[10] OAH Committee on Academic Freedom. "Academic freedom guidelines and best practices". https://www.oah.org/about/governance/policies/academic-freedom-guidelines-and-best-practices/ Accesso em November 23, 2019.

A outra face desse problema é apresentada pelas instituições dedicadas ao ensino superior ao reagir à pressão do mercado para gerar renda para a instituição, ampliando ou pelo menos mantendo o nível de matrícula dos alunos. Para isso, muitas têm implementado adaptações no currículo para atrair estudantes. A *American Historical Association* produziu um relatório sobre o declínio das matrículas de alunos em cursos de História. De acordo com o relatório, que contabiliza instituições dos Estados Unidos da América, o número de estudantes formados em história caiu de 34.642 em 2008 para 24.266 em 2017 (SCHMIDT, 2018). Já a economista australiana Jacqui Dwyer, chefe do Departamento de Informação do Banco da Austrália, alertou para os efeitos negativos no declínio de estudantes que se matricularam em cursos de economia nos últimos 25 anos. O impacto da diminuição de economistas entre os jovens profissionais afeta negativamente áreas relacionadas à política e a sociedade em geral, além de setores diretamente vinculados à economia. Segundo ela, diplomatas, governantes, administradores, executivos, profissionais voltados para a solução de problemas sociais, todos precisam de uma boa leitura da economia, e a ausência de profissionais eficientes nessa área coloca a toda sociedade em desvantagem.[11]

Algumas pesquisas indicam que a recessão econômica de 2008 teve um grande efeito na maneira como as pessoas pensam sobre educação. Em períodos como esse, no qual o mundo se organiza para uma recuperação econômica, a ênfase educacional se volta para áreas que possam oferecer estabilidade financeira através de emprego e melhores salários. O mesmo relatório de Benjamin Schmidt indica que as expectativas da população em relação à educação universitária têm mudado por motivos que vão além da crise econômica mundial de 2008, já que a relativa recuperação testemunhada na década seguinte não resultou na retomada dos setores de ciências sociais e humanidades.

> [...] Os alunos mudaram suas expectativas em relação aos cursos de graduação após as mudanças econômicas de 2008. Os declínios continuaram entre os alunos que entraram na faculdade durante a recuperação econômica, o que mostra que as mudanças não são apenas uma resposta temporária à queda no mercado de emprego; em vez disso, parece ter sido

[11] Dwyer, Jacqui. "Studying Economics: The decline in enrolments and why it matters". Discurso apresentado no Encontro Anual de Educadores em Administração de Negócios da Australásia, em 29/07/2017. Disponível em: https://www.rba.gov.au/speeches/2017/sp-so-2017-07-29.html#fn0 Acesso em 12/10/2020.

> um repensar de longo prazo do que os cursos de graduação podem fazer pelos alunos.[12]

As instituições se adaptam a tal tendência enfatizando cursos profissionalizantes, numa reengenharia educacional que chega a "cortar" as chamadas disciplinas de erudição. Com isso, áreas da educação que demandam profundas leituras e elaboração de textos acadêmicos sofrem um esvaziamento. Uma das disciplinas vítimas desse processo é a história econômica, um campo de estudos muito popular nas décadas de 1950, 1960 e 1970. Paradoxalmente, um dos efeitos da recente recessão é que ela finalmente despertou o interesse pela história econômica. De acordo com Blum e Covin, os principais empregadores do setor econômico-financeiro preferem empregar profissionais que saiam das universidades com uma melhor compreensão do passado econômico, a fim de melhorar sua análise sobre as questões atuais.[13] Eles também apontam para a diminuição de professores para ministrar essa disciplina, efeito previsível de uma área que vem encolhendo há cinco décadas.

Diálogos e Comunicação: a quem estamos ensinando?

Desde o início deste milênio, transformações nas dinâmicas de comunicação, afetadas pelo rápido desenvolvimento da mídia digital, alteraram a cultura e afetam a academia, que luta por manter-se relevante, em meio a sociedades que modificaram seus hábitos de leitura, métodos de pesquisa e expectativas sobre a educação universitária.

É inegável que as mudanças na sociedade, na política, na economia e na tecnologia exijam ajustes no ensino e aprendizagem. Ao escrever este artigo, por exemplo, mais da metade de minhas referências vêm de repositórios digitais. A publicação de periódicos e livros na rede digital tem se mostrado mais eficiente do ponto de vista econômico, além de mais rápida e democrática, pois disponibiliza o material escrito para leitores de todo o mundo. Da mesma

[12] SCHMIDT, Benjamin. "The history BA since the Great Recession. The 2018 AHA Majors Report. Perspectives on History, v.56, n. 9, December 2018, p. 22. Tradução da autora. Texto original: "…students have changed their expectations of college majors in the aftermath of the economic shifts of 2008. The declines have continued among students who entered college well into the economic recovery shows that the shifts are not just a temporary response to a missing job market; instead, it seems to have been a long-term rethinking of what majors can do for students."

[13] BLUM, Matthias; COLVIN, Christopher (eds.) An economist's guide to economic history. London: Palgrave MacMillan, 2018.

forma, os repositórios digitais de fontes primárias simplificaram a pesquisa em história e outras áreas.

Em 2016, o governo dos Estados Unidos da América surpreendeu o mundo acadêmico ao anunciar que a Fundação Obama, que deveria abrigar a Biblioteca do Presidente, com documentos sobre o governo Barack Obama, não seria um prédio físico, mas uma biblioteca online. A digitalização dos registros em papel do governo Obama é, em parte, uma resposta ao desafio de criar uma infraestrutura capaz de armazenar milhões de documentos elaborados originalmente em ambiente digital.

> Além dos registros em papel, as recentes administrações presidenciais criaram terabytes de registros originalmente digitais. A administração Obama sozinha entregou 300 milhões de e-mails e mais de 500 milhões de arquivos digitais para o NARA (National Archives and Records Administration). O NARA também está preservando os *tweets* da administração, postagens do *Snapchat*, documentos do *Salesforce* e muito mais. Embora o NARA tenha dedicado uma série de recursos para gerenciar a complexidade e imensidão da tarefa de arquivamento de arquivos originalmente digitais, não está claro como seria o acesso baseado na web a registros nesta escala.[14]

Para trabalhar com fontes digitalizadas, os pesquisadores precisam desenvolver habilidades que vão além de pesquisar, analisar e escrever. Quem decidir analisar o contexto atual nos Estados Unidos e do mundo a partir de documentos gerados pelo escritório do presidente, por exemplo, deve dominar não só a cultura política, mas também os aspectos técnicos do uso das mídias sociais para interferir no processo eleitoral.

A geração dos *millenials*, nome atribuído aos nascidos a partir de 1985, é geralmente associada a uma intimidade com ambientes digitais e domínio de aplicativos e programas de computador. A realidade, porém, é que a maioria dos alunos universitários e de ensino médio, têm uma relação superficial e

[14] DENBO, Seth. "Online only. What the proposed virtual Obama Presidential Library means for historians". Perspectives on History, v.56, n.3, Março 2018, p. 30. Tradução da autora. "In addition to paper records, recent presidential administrations have created terabytes of born-digital records. The Obama administration alone handed 300 million e-mails and over 500 million digital files to NARA (National Archives and Records Administration). NARA is also preserving the administration's tweets, Snapchat postings, Salesforce documents, and more. While NARA has devoted a number of resources to managing the complexity and immensity of the task of archiving born-digital files, it is unclear what web-based access to records on this scale would look like."

utilitária com a mídia e os equipamentos relacionados ao universo digital. Temos então um grande número de estudantes que, ao se dedicarem ao estudo das novas tecnologias, deixam de lado as chamadas disciplinas práticas e, mergulhados no ambiente digital, dominam outros códigos de comunicação. Neste caso, permanece o problema da sociedade pós-literária, pois parte desse grupo não se interessa em aprender mais sobre tais técnicas, enquanto os que se dedicam a tal campo desprezam as disciplinas clássicas, que visam desenvolver a habilidade crítica através de leitura e escrita.

Dentro da academia, a leitura crítica é a chave em uma era caracterizada pela avalanche de informações. Também é essencial para aumentar e melhorar o vocabulário. Raymond Williams e Michel Foucault enfatizaram a importância da escolha de palavras e conceitos corretos na construção da argumentação acadêmica (WILLIAMS, 1983). Parte do que Foucault chamou de "arqueologia do conhecimento" (FOUCAULT, 1995) é buscar o significado epistemológico das palavras, mas para isso, é necessário um bom vocabulário básico, algo que o intercâmbio de sentido das palavras e a invenção de expressões de forma tão rápida e superficial, através das redes sociais, tem complicado muito. Da mesma forma, capacidade de sintetizar dados e ideias é igualmente importante. Ao adaptar-se às expectativas do estudante, minimizando as exigências acadêmicas na área de comunicação, expressão e compreensão de material textual, a universidade está tirando do aluno o acesso a uma formação essencial para o sucesso profissional. Por outro lado, a geração acostumada a lutar por seus direitos, não cogita submeter-se à disciplina exigida para atingir tal conhecimento.

Bárbaros na Torre de Marfim

A diversidade de experiências dos estudantes universitários tem influenciado continuamente as mudanças na academia e também na história. Novas perspectivas, novos problemas, novos objetos e temas enriqueceram a história e contribuíram para demolir os muros que cercavam o campus disciplinar, obrigando a colaboração com outras disciplinas. Desde o século XIX, quando mulheres começaram a exigir acesso a disciplinas como química, física e cálculo, exigindo depois acesso a empregos e o direito de voto, até as lutas de colônias pela independência, a pressão dos novos sujeitos dentro das universidades têm resultado em transformações sociais e políticas. Em Moçambique, por

exemplo, até o fim do regime colonial, em 1975, jovens eram submetidos a exames que incluíam avaliação de suas habilidades em usar talheres, modos de andar e falar (o português), para conseguirem acesso ao ensino médio e, posteriormente universitário, sem falar nas barreiras de segregação racial e de gênero que continuam sendo derrubadas em lutas cotidianas em diversas partes do mundo. Cada barreira derrubada implica em alterações de currículo e de relacionamento entre professores e alunos.

Em 2015, um debate acalorado eclodiu na Universidade de São Paulo, quando estudantes negros vindos de um programa de cotas desafiaram o ensino de economia. Esse seria apenas mais um episódio no debate sobre cotas e ações afirmativas que tem tomado a sociedade brasileira nos últimos quinze anos, se o papel da instituição e o conteúdo de um curso não fossem questionados por alunos sob a alegação de que a exclusão racial deve ser considerada nos estudos de economia. No debate, outros alunos reclamavam que as demandas políticas dos negros não deveriam alterar o andamento do curso, enquanto os que protestavam indicavam que o assunto era suficientemente importante para ser inserido na aula de economia e alterar a didática tradicional ao propor para um debate geral. Após o debate, que foi gravado em vídeo e publicado nas redes sociais, houve outro debate dividindo a comunidade acadêmica e a sociedade em geral, quando alguns interpretaram a discussão como perturbação da palestra, e, portanto, em prejuízo da grade curricular, outros viram como um sinal positivo de democratização do ensino superior, enquanto outros reclamaram da anarquia e transtorno causado pelos alunos provenientes das cotas e que, na visão deles, não deveriam estar ali.[15]

A presença de indivíduos pertencentes à classe trabalhadora, a minorias de gênero e étnicas nas salas de aula da universidade têm alterado as dinâmicas do ensino das disciplinas tradicionais e contribuído com novas perspectivas, problemas, metodologias e fontes. Estudos mostram que nas últimas décadas houve um aumento no número de alunos negros e indígenas matriculados nos bacharelados em história, ciências políticas, sociologia, antropologia, pedagogia e afins. Adicionalmente, desde a década de 1990 houve um cresci-

[15] BRAGA, H. Vídeo registra bate-boca sobre cotas e racismo na sala de aulas da USP. 12 de Junho, 2016. Website *Pragmatismo Polític*o web: http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/03/video-registra-bate-boca-sobre-cotas-e-racismo-em-sala-de-aula-na-usp.html Accesso em 12/11/2018. Ver também o vídeo: "Intolerância do Movimento Negro na USP". Publicado em 18/03/2015. https://www.youtube.com/watch?v=P0qAvA8tDOc. Acesso em 12/11/2018.

mento da presença de professores provenientes desses mesmos grupos nas universidades públicas e privadas, o que equivale a novas pesquisas acadêmicas.

No entanto, persiste a distância entre o discurso acadêmico e o discurso das ruas. A questão principal agora é o modo como as instituições de ensino estão lidando com o problema da sociedade pós-literária. Embora a maioria das pessoas concorde que há um declínio no interesse pela leitura de livros e textos acadêmicos e literários entre os *millenials*, é preciso reconhecer que o hábito de ler também diminuiu entre os adultos de meia-idade, e que as demandas acadêmicas, além de ensino e publicação, são parte dos obstáculos à leitura entre os professores. Além disso, os adultos mais velhos estão igualmente rodeados por redes sociais e a essa enxurrada de informações implica na opção por leituras mais rápidas.

A contradição está nas demandas da academia, pois enquanto revistas digitais ou outros meios de comunicação de interesse geral limitam seus artigos a menos de 2 mil palavras, as revistas acadêmicas das áreas citadas neste artigo exigem não menos que 7 mil palavras para um texto de pesquisa. O conteúdo de tais artigos também exige uma ampla resenha da produção científica relacionada ao tema e a discussão de conceitos e métodos. São exigências que têm como objetivo ressaltar a excelência do trabalho acadêmico, mas que estão em conflito com a decadência nos hábitos de leitura. Portanto, se a sociedade está lendo cada vez menos, ou, pelo menos, preferindo a informação rápida e direta, e a produção acadêmica tem o objetivo de ser perene, importa perguntar para quem estamos escrevendo.

Nas salas de aula, os professores precisam equilibrar sua proposta didática, adaptando o ensino ao uso de novas tecnologias, de forma a cativar o público jovem, alterando o texto escrito, com o uso de imagens fotográficas, ilustrações e filmes. A aula narrativa é substituída pelo formato de seminários, para facilitar a participação do aluno e a discussão dos temas propostos. Naquele sentido, professores se esforçam em "falar a língua dos alunos". Por outro lado, há a luta dos alunos para acompanhar as aulas com leituras e produzir trabalhos escritos. Uma disputa entre professores e estudantes que têm resultado na redução do tamanho das leituras obrigatórias, nos trabalhos com respostas curtas e mesmo na simplificação dos problemas propostos.

Nesse campo de batalha entre rigor acadêmico e atendimento às expectativas e limitações dos alunos, questiona-se sobre a função da universidade

no contexto atual. Mais do que isso, é preciso encarar o dilema entre incorporar as demandas dos novos sujeitos que ganham acesso à educação universitária, a obrigação moral de facilitar o acesso desses estudantes aos conteúdos propostos dentro de uma educação de qualidade e o equilíbrio nessa relação entre professores, alunos e instituição.

Em outras palavras, especula-se sobre a possibilidade de se encontrar equilíbrio e equidade entre códigos de linguagem nesse ambiente polifônico e poliglota. Adicionalmente, questiono se universidade deverá reter os padrões acadêmicos de erudição, criando assim torres dedicadas ao ensino e pesquisa, na qual apenas uma minoria que atinge um grau de excelência no domínio da leitura e escrita tem lugar garantido, enquanto o restante, a sociedade pós-literária, continuará a executar trabalhos "mundanos" nos campos que cercam as Torres de Marfim.

Referências

BLOCH, Marc. **Apologia da história**. O ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MCLUHAN, Marshall. **The Gutenberg Galaxy**. The making of a typographic man. Toronto: University of Toronto Press, 2011

SCHMIDT, Benjamin. "The history BA since the Great Recession. The 2018 AHA Majors Report". **Perspectives on History**, v.56, n. 9, December 2018, p. 19.

TOSH, John. **The pursuit of history**. New York: Pearson/Longman, 2010.

WILLIAMS, Derek. **Romans and Barbarians**. Four views from the Empire's edge. New York: St. Martin Press/MacMillan, 1999.

WILLIAMS, Raymond. **Keywords. A vocabulary of culture and society**. New York: Oxford University Press, 1983.

Capítulo 4
Transculturação e a Imigração do(s) Outro(s) na Identidade - uma perspectiva de Transgermania

Markus Auditor[1]

Introdução

Nosso cotidiano é caracterizado por permanentes dinâmicas de transformações econômicas e sociais, causadas por múltiplas formas de migração, entrelaçamentos econômico-políticos transnacionais e mídias digitais, pois estamos vivenciando transformações mundiais de formas de viver junto com valores e normas de diferentes origens socioculturais e históricas, em uma relação de tensão, extensa e ambivalente. Isto conduz a conexões, misturas e variedades culturais no indivíduo, assim como nas instituições e sociedades.

Esses vínculos e filiações pessoais conduz a uma crescente diversidade de formas culturais de viver e desfoca cada vez mais os limites de percepção entre o próprio e o outro, pois o outro é direta e indiretamente parte da nossa identidade, quando estamos nos distanciando dele e integramos pensamentos e modos de agir do outro em nossa própria forma de viver. Mas, especialmente as pessoas marginalizadas são confrontadas com os limites político-econômicos e filiação social na procura de sua identidade cultural e desenvolvimento pessoal nesse mundo transcultural. O ensaio discute o que estas transformações socioculturais significam para os conceitos de cultura e nação a nível regional, nacional e global no exemplo da formação cultural e da experiência migratória na Alemanha.

[1] Markus Auditor, estudou na graduação pedagogia, ciência da cultura e sociologia em Lüneburg, Hannover, Hagen e Crato. Doutorado em pedagogia na Universidade de Hannover. Linhas de pesquisa: Global Citizenship Education, pedagogia transcultural, Educação para desenvolvimento sustenável, cooperações internacionais em educação. Coordenador de projetos e atividades de docente em diversas universidades na Alemanha, no Brasil e em Portugal. Atualmente é coordenador de projetos na Rede ENLIGHT, no Departamento de Relações Internacionais da Universidade de Göttingen (www.enlight-eu.org). Website pessoal: www.global-citizenship.blog/int

Transgermania

Pessoas de outros países e regiões do mundo emigram para Alemanha já desde séculos: romanos fundando p.e. as cidades Tréveris, Coblença, Colônia, Bonn e Xanten, e celtas já antes de Cristo; hunos nos séculos 3 e 4 depois de Cristo, seguidos pelos vândalos, borgonhês, godos e suábios nos séculos 4 até 6, e hungáros nos séculos 8 até 10. No século dezessete huguenottes se assentaram na Alemanha fugindo da França por causa de perseguição religiosa e poloneses vinham para a industrialização da Alemanha. Depois da segunda guerra mundial chegaram então os refugiados, e mais tarde ainda imigrantes das minorias alemãs em Polônia, Romania, Russia e Casaquistão. Depois, nos anos sessenta e setenta do século dezenove, porque faltava mão de obra, sobretudo na indústria pesada, o governo e as empresas chamaram trabalhadores da Itália, Espanha, Portugal, Grécia, Ex-Iugoslávia e Turquia para a Alemanha ocidental; como de Cuba, Algeria, Moçambique e Angola para a Alemanha oriental

Na mesma época, pessoas do Chile e Colômbia, da Nigeria e Ghana, Eritrea e Afeganistão como também de Vietnã e Sri Lanka fugiram de seus países e encontraram seu novo foco de vida na Alemanha. Além dessas migrações, franceses do Oeste, dinamarqueses do Norte, sorábios do Leste, e roma, sinti, assim como judeus já habitavam em todas as partes do país. Sempre viveram na Alemanha. E do mesmo jeito, pessoas sempre emigraram – como o grande poeta Heine, asilado na França, transmigraram e re-imigraram por causa de perseguição, pobreza ou simplesmente para trabalhar.

Poderíamos juntar muito mais exemplos de todas as formas de migração entrando, passando e saindo na e da Alemanha: é normalidade na história do país. Dessa forma, todas essas pessoas enriqueceram a comunidade alemã com suas ideias, engajamento, criatividade, valores e filosofias de vida. Nossa biografia e nosso cotidiano são por consequência misturas transéticos e transculturais a nível individual e coletivo. Até 1871, o começo da Alemanha como nação não teve alemães, mas teutos, saxões, bávaros, prussianos etc.; causa também para as diversas expressões bastante diferente para alemães em línguas estrangeiras: p.e. duits (hol.), tysk (sue), tedesci (ital.), allemand (fr.), german (ingl.). De mais a mais, mesmo Armínio (Hermann der Cherusker), de origem aristocrática alemã, com cidadania romana, já fui uma pessoa de dupla nacionalidade com uma biografia cultural híbrida e qualquer alemão

pode demandar sua origem de migrante - inclusive de emigração para o Brasil ou os Estados Unidos. Pois isso é apenas uma questão de quantas gerações de antecedentes.

Além dessas (trans)migrações históricas e atuais na Alemanha e no mundo todo, são os entrelaçamentos econômico-políticos transnacionais e as mídias digitais que causam permanentes dinâmicas de transformações econômicas e sociais, tanto local, quanto regional, nacional e global. Dessa forma, diferentes influências culturais caracterizam o nosso quotidiano: consumimos produtos, assistimos a filmes e escutamos músicas, conectamo-nos no ambiente virtual e estudamos e trabalhamos junto com pessoas de todo o mundo e com diversos fundos culturais. Isso conduz a conexões, misturas e variedades culturais no indivíduo, assim como nas instituições e sociedades.

Formas culturais de viver são, neste contexto, influenciadas pelo meio social no local e pelas mídias e mercados de massa no global, quando estamos nos comunicando no ônibus em direção ao trabalho ou por Facebook ou WhatsApp, quando falamos sobre os nossos fins de semana com amigos ou familiares em Londres, Lisboa, Teerã ou Istambul. Estamos vivendo simultaneamente em vários lugares reais e virtuais e nos sentimos pertencente a grupos de pessoas de vários e diferentes orientações sociais e culturais (Glick Schiller/Basch/Blanc-Szanton, 2015, p. 139, WELSCH, 2010, p. 42 e SEN, 2007, p. 38). Quer dizer, nós estamos vivenciando transformações mundiais de formas de viver junto com valores e normas de diferentes origens socioculturais e históricas, numa relação de tensão, extensa e ambivalente, entre conservação e mudança (SCHÖFTHALER, 1983, p. 345). Como consequência, tanto da história quanto dos processos da globalização podemos chamar a Alemanha moderna e pós-moderna de Transgermania por causa de sua formação transcultural (KERMANI, 2009, p. 115).

A nação e o indivíduo transcultural na vida moderna e pós-moderna

Podemos constatar que a formação transcultural não é caráter exclusivo da Alemanha. Já o cubano Fernando Ortiz (2002, p. 254) denominou processos de transformações socioculturais com o termo "transculturação", que ele entende como "highly varied phenomena [...] as the result of the extremely complex transmutations of culture", que começaram já na pré-história cubana e continuaram nos diversos processos de imigração na época colonial (Ortiz,

1995, p. 98). Transculturação descreve então

> […] the different phases of the process of transition from one culture to another because this dos not consist merely in acquiring another culture, which is what the English word acculturation really implies, but the process also necessarily involves the loss or uprooting of a previous culture, which could be defined as a deculturation. In addition it caries the idea of the consequent creation of new cultural phenomena, which could be called neoculturation (ORTIZ, 1995, p. 103).

Por isso, transculturação pode contribuir para melhor entender os fenômenos sociais, econômicos, políticos e culturais não apenas em Cuba mais na América em geral (ORTIZ, 1995, p. 98 e 103). Matthias Hildebrandt (2005, p. 347) afirma esta posição porque "transculturación" descreve ainda hoje processos interdependentes de transformações socioeconômicas e socioculturais na hispanidade. Por exemplo, Enrico Mario Santí (2002: 93) sublinha com referência a Ortiz que transculturação é "un proyecto utópica tal vez, pero de todos modos liberador, o al menos liberacionista [...] como alegoría del mestizaje cultural". Neste sentido, o conceito de "transculturação" se entende como uma crítica latina americana ao conceito unidirecional de "acculturation" (SANTÍ, 2002, p. 81). Estes processos transformativos se realizam em três fases (RAMA, 1982, p. 38): 1. "parcial desculturación", 2. "incorporaciones de procedentes de la cultura externa" e 3. "un esfuerzo de recomposición manejando los elementos supervivientes de la cultura originaria y los que vienen de fuera". Por isso "*cosmovisión"* desempenha, sobretudo, um papel central além das áreas da língua e da estrutura literária (RAMA, 1982, p. 48).

Voltando para a Alemanha, podemos acompanhar um discurso científico sobre transculturação nas ciências sociais e na pedagogia no contexto da temática "migração e integração" desde o início dos anos noventa do século passado. Wolfgang Welsch introduz esse conceito pressupondo uma pluralização das formas de vida nas sociedades pós-modernas, que são caracterizadas por extremas diferenciações verticais e horizontais (WELSCH, 1997, p. 68). Segundo Welsch, transculturação surge de transformações micro e macro estruturais, causando "interconexões culturais, hibridização, anulação da diferença próprio vs. o outro e o desacoplamento da identidade cultural da identidade nacional" (WELSCH, 2005, p. 323). O resultado desses processos é que não há mais estritas culturas nacionais e regionais, porque perdeu-se a "nitidez da

separação entre cultura própria e cultura estranha" (WELSCH, 2005, p. 325). Além disso, as formas culturais de vida são influenciadas ao mesmo tempo, cada vez mais simultaneamente, tanto pelos "milieus" quanto "por momentos transculturais surgidos da homogeneização medial" (WELSCH, 1994, p. 158). Por isso tornamo-nos todos "mestiços culturais" (WELSCH, 2005, p. 326), fato do qual surge a necessidade de "buscar a identidade de cidadão com a identidade cultural do indivíduo" (WELSCH, 2005, p. 328).

Referindo se a Wittgenstein, ele defende um conceito de cultura no sentido de "práticas experientes" (WELSCH, 1994, p. 159) e "compartilhar práticas de vida" (WELSCH, 1997, p. 77). Em contraposição aos conceitos de intercultura e multicultura, transcultura não substitui o regionalismo cultural por universalismo, mas acentua a necessidade de uma diversidade cultural que se baseia num conceito de cultura aberto e inclusivo (WELSCH 1997: 75 e 2005: 319. f.). Um conceito transcultural não pretende focalizar o entendimento do estranho de modo hermenêutico mas a interação em redes culturais que se concentra em interesses comuns e afinidades e libera potenciais de variedades culturais para conquistar o aperto da monocultura (WELSCH, 2005, p. 336). Como transculturação "faz jus a aspectos globais como locais, universalistas como particulares identidades transculturais tanto são cosmopolitas quanto têm filiação local" (WELSCH, 1997, p. 80). Daí surgem as possibilidades de autonomia e soberania a fim de capacitar-se para conexão e transição cultural (WELSCH, 2005, p. 332). Esta dinâmica interdependente conduz ao sincronismo da uniformização a nível global e uma "nova diversidade de formações transculturais" (WELSCH, 2005, p. 336). Neste contexto, a uniformização não causa somente perdas culturais, mas cria "uma maior agilidade de comunicação entre pessoas de diferentes origens", sinal para uma futura sociedade que é mundial por dentro de si mesmo (WELSCH, 2005, p. 336).

A imigração do(s) outro(s) na identidade

Os vínculos e filiações pessoais surgidos de transculturação conduzem a uma crescente diversidade de formas culturais de viver e desfocam cada vez mais os limites de percepção entre o próprio e o outro, pois o outro é tanto diretamente parte da nossa identidade, quando estamos nos distanciando dele, quanto indiretamente e quase não percebido quando integramos pensamen-

tos e modos de agir do outro à nossa própria forma de viver. Isso começa com a música, a comida, a roupa e termina com os costumes espirituais e religiosos ou a escolha de parceiros.

Nesse contexto, é importante recordar que a identidade do indivíduo não é nem nativa nem determinada por uma assim chamada cultura de origem, mas é uma permanente formação em interação e comunicação. Conforme Mead (2000, p. 270), nesses processos o indivíduo não é apenas objeto ao outro, mas também a si mesmo. Por isso ele também só pode chegar a estar consciente da sua identidade virando objeto de si mesmo por meio da incorporação das atitudes dos outros. A identidade organiza, nesses processos, uma estrutura de personalidade, se constituindo por um "I" e um "ME". Enquanto o "I" é a soma das minhas reações às ações dos outros o "ME" é a soma das reações dos outros às minhas ações, como eu as percebi.

Então a formação da identidade decorre em dois níveis: o nível do sujeito agindo e o nível do sujeito refletindo. Nesse processo o indivíduo enfrenta e confronta não apenas atitudes de um outro indivíduo, um após o outro, mas de grupos sociais organizados como um "outro generalizado" (MEAD, 2000, p. 200). A incorporação das reflexões do ME das ações dos outros e do "outro generalizado" na ação do I oferece então uma nova área de reflexão para o ME do(s) outro(s). Deste modo um processo análogo se inicia para outra direção, nos quais os I e ME atribuem reciprocamente suas expectativas e normas para papeis sociais que finalmente definem as regras de interação. Por isso identidade nunca é uma característica estática e determinada por uma cultura só de um indivíduo isolado, mas um processo social dinâmico e circular de múltiplas interações dos diversos I e ME (MEAD, 2000, p. 197).

A orientação no comportamento do(s) outro(s) e nas regras de interação combinados com eles, assim como a incorporação de atitudes do(s) outro(s) através da reflexão do comportamento dele(s) encaminha então a imigração do "outro" na nossa autoimagem. Desta forma, uma parte da nossa autoimagem sempre é um pedaço da nossa imagem do(s) outro(s) e da imagem que outro(s) tem de nós. O cruzamento destes processos leva à conclusão de que não existe autoimagem sem imagem do outro, e que por isso a minha identidade se forma sempre no "Tu" do outro e vice-versa (BUBER, 2002, p. 32). Neste sentido de Buber, o alheio é inicialmente o outro, pois cada outro é alheio no nosso interior. Por isso o outro alheio é sempre uma parte de nós e nós sempre uma parte do alheio, sejamos conscientes ou não disso.

Estas correlações do "próprio" e do "outro" não causam problemas para a formação da identidade e a participação social enquanto as regras de interação com suas expectativas e normas combinadas para os papeis sociais são aceitas pelas pessoas envolvidas e baseiam-se num entendimento comum dos símbolos de comunicação. Mas, ao mesmo tempo, a ordem social surgida desses processos pode causar que "a receptividade para o mundo como caráter biológico da espécie humana se transforma em retraimento relativo" (BERGER e LUCKMANN, 2001, p. 55). Quanto mais os atores e espaços sociais são variados e híbridos, tanto mais os pressupostos e condições para o sucesso das interações mudam. Junto com isso, a familiaridade dos espaços sociais e a segurança de agir diminuem, quando se enfrenta sócios e grupos com diferentes expectativas e normas de papel social. Além disso, as condições gerais como o poder e hierarquias em grupos e em (sub)sistemas da sociedade, como também o sistema de símbolos, linguagens e gestos mudam. Isso traz consigo a construção de divisas (culturais) como ponto inicial de exclusão e discriminação de pessoas que não se comportam conforme a nossa perspectiva de viver.

Por consequência é necessário não só (re)conhecer essas novas condições de interação, mas refleti-las em diálogo com o(s) outro(s) e si mesmo, num caminho de um "outro estranho" para um "outro próprio", para poder agir com sucesso neste meio social e cultural heterogêneo. Deste modo, podemos desconstruir nossas divisas culturais e ampliar nossas estratégias de interação. Os processos de aprender em diálogo exigem humildade de todos envolvidos como pressuposto para aceitar-se e valorizar-se reciprocamente a favor de todos poderem participar com os mesmos direitos (FREIRE, 1998, p. 72 e MATOBA, 2000, p. 223). Este caminho para um diálogo transcultural conduz, por isso, do dualismo de um raciocínio exclusivo de "ou ... ou" da diferença do(s) estranho(s) para o pluralismo de um raciocínio inclusivo de "quanto … tanto" da alteridade do(s) outro(s) (BÜHLER, 1996, p. 30).

Conflitos e potenciais surgindo da transculturação

Como analisado acima, processos de transculturação não decorrem sem conflitos, porque eles se baseiam em histórias pessoais e causam ambiguidades, como também contradições e "dilemas ou enigmas [...] que implicam em transformar o ocidente em uma interrogação" (IANNI, 1996, p. 146). O "estrangeiro" está sempre presente, implícito ou explícito, no horizonte de cada povo,

tribo, nação ou nacionalidade (IANNI, 1996, p. 143). De mais a mais, dinâmicas interdependentes entre as construções sociais de diferenças e diversidade (cultural) de um lado, e a imposição de poder, desigualdades e exclusão do outro, surgem destas transculturações (IANNI, 1996, p. 152).

Nestes processos de inquietação, otimismo e utopias simultâneos (IANNI, 1996, p. 157) "o âmbito da sociedade global, as sociedades tribais, regionais e nacionais, compreendendo suas culturas, línguas e dialetos, religiões e seitas, tradições e utopias, não se dissolvem, mas recriam-se" (IANNI, 2001, p. 78). Isso significa que transculturação pode ser o resultado cheio de tensões tanto de hegemonia e dominação quanto de interdependência e adaptação (IANNI, 1996, p. 153): por um lado, especialmente pessoas marginalizadas são confrontadas com os limites político-econômicos e filiação social na procura de sua identidade cultural e desenvolvimento pessoal. Por outro lado, sempre se cria qualquer "novo", original e interdependente (Ianni, 1996, p. 152) de "uma história assinalada por descobrimentos, sempre acompanhados por traduções e transfigurações" (IANNI, 1996, p. 162).

Por isso exige-se "desenvolver e aprofundar a pesquisa e a reflexão, caminhando na direção do transculturalismo" com uma descrição histórica da globalização não apenas da perspectiva do "norte" (IANNI, 1996, p. 142). Neste caminho transculturação "pode ser uma ocasião em que os desafios que se abrem com a globalização do mundo permitem rebuscar o passado, no empenho de conhecer melhor o presente e imaginar o futuro" (IANNI, 1996, p. 147). Uma das consequências disso é, na vista dele, constatar que transculturação são processos de encontros de diferentes formas de civilização ocidentais e não ocidentais já desde o século dezesseis (IANNI, 2001, p. 80). Estes processos são um "experimento cultural, ou mais propriamente civilizatório [...], compreendendo todas as esferas da vida social e do imaginário, envolvendo as formas de vida e trabalho, as línguas e as religiões, as ciências e as artes, a filosofia e os estilos de pensamento" (IANNI, 1996, p. 143). Este fato exige finalmente um novo entendimento da ciência que ultrapassa a separação estrita da ciência, da filosofia e da arte (IANNI, 1996, p. 147). Então, segundo Luiz Groppo, (2005, p. 64) transculturação pode possibilitar "que nos lugares onde se mesclaram as culturas não-ocidentais e ocidentais surjam significativas utopias e ideais progressistas que criem soluções e alternativas, que criem melhores respostas diante dos desafios desta nova era de modernização social, que é a globalização".

Leitkultur, Heimat e cidadania transcultural

As ambivalências em cima mencionadas exigem primeiro despedir-se de conceitos antigos de sólidas culturas nacionais e regionais como a "Leitkultur" (cultura que guia) na Alemanha. Este conceito se orienta em Johann Gottfried Herder, para quem culturas são como bolas empurrando-se e se baseia na crença subjetiva de semelhanças e afinidades coletivas para criar uma comunidade de uma origem étnica a nível nacional (WEBER, 1980, p. 237). Mas já Jürgen Habermas (1993, p. 191) criticou que a ideia de uma nação de cultura nacional não é mais do que uma herança do romantismo burguês "de uma unidade imaginária de bens culturais comuns como língua, tradições e origens" que não corresponde com a realidade da heterogeneidade de muitos pequenos reinos, principados, ducados, condados e barões, entre outros, com diferentes dialetos e legislações, no território da Alemanha.

Em geral o conceito de cultura nacional firma uma compreensão de cultura bastante estática, acentuando diferenças culturais de uma forma bastante exclusiva, pois supõe-se sempre que "uma" cultura só é típica para toda uma nação e que seus valores e normas dominam exclusivamente a vida quotidiana. Então todos imigrantes têm que adaptá-los para poder integrar-se plenamente na sociedade e participar sem restrições nos seus direitos. Esta ligação rigorosa da participação plena nos direitos políticos, econômicos e sociais a uma única compreensão de cultura esforça uma lógica dualista e assimiladora de ou manter sua identidade aceitando ficar "estrangeiro" e semicidadão ou desligar-se bastante de suas raízes para poder ser pleno cidadão. Por causa desta problemática de exclusão podemos falar de "Leidkultur" (cultura de sofrimentos) (KERMANI, 2009 e MECHERIL/SEUWKA, 2006).

Um conceito alternativo nos discursos atuais na Alemanha e "Heimat", que é diferente de "pátria", porque não se baseia exclusivamente no nacional. Apesar disso, o conceito Heimat ainda é bastante ambivalente: de um lado Heimat pode ser lá na sua região, no seu local, onde você está vivendo e se sente bem "em casa", no meio da sua rede social no sentido de Heimat "dentro de você ou em lugar nenhum" (HESSE, 2012). Por outro lado, pode ligar Heimat também às origens culturais coletivas e até nacionais. Desta forma cultural Heimat continua dominar por meio da pressão de aculturação, especialmente no contexto de tensões entre dominação, soberania e independência que o indivíduo enfrenta nas transformações socioeconômicas e

socioculturais da globalização (MECHERIL/SEUWKA, 2006, p.11 e GLICK SCHILLER/BASCH/BLANC-SZANTON, 2015, p. 139).

Pelo contrário, um conceito inclusivo de coletividade não supõe uma identidade cultural homogênea e sólida, mas o reconhecimento da pluralidade de identidades patchwork, garantindo tanto a sua livre escolha quanto direitos políticos, econômicos e sociais tal como a participação plena e o pertencer em todos os sistemas da sociedade como p.e. trabalho, moradia, saúde e educação (BAUMAN, 2017, WELSCH, 2010, KERMANI, 2009 e APPIAH, 2007). Pois isso possibilita ao indivíduo definir sua identidade como sujeito "I" e se sentir pertencer a culturas diferentes sem sofrer as restrições dos "outros" na participação social e no acesso a direitos de cidadão transcultural. Neste sentido, Heimat pode então existir também no plural, podemos ter mais de uma Heimat e achar novos Heimaten (STEINMEIER, 2017) ou para falar com João Guimarães Rosa (1988): Heimat é a e está na terceira margem da identidade.

Cidadania transcultural como base para Global Citizenship

A problemática dos conceitos "Leitkultur" e "Heimat" mostram que estes não oferecem uma resposta adequada para enfrentar nossos desafios causados por transformações socioculturais e político-econômicas da pós-modernidade (global). Pois para poder lidar com os potenciais e conflitos surgidos da transculturação no local até no global, de modo construtivo necessita desacoplar identidades (culturais) a nível individual e coletivo do reconhecimento dos direitos e deveres políticos, econômicos e sociais de cidadania transcultural, muito mais do que a promoção de uma identidade cosmopolita (burguesa) (AUDITOR, 2013, p. 15). Pois este desacoplamento liga a permissão de múltiplas filiações (culturais) à garantia de dignidade e direitos humanos de vasta abrangência.

Aquele que tem seu lar em um mundo que lhe garante suas básicas condições socioeconômicas de vida não precisa então do substituto de um coletivismo em forma de uma pseudoidentidade étnico-cultural para compensar a falta de seguro e satisfação de vida. E é essa pseudoidentidade que produz medo do estrangeiro e xenofobia que são a fonte do sofrimento de exclusão étnico-cultural dos outros (BAUMANN, 2017, p. 14). Em consequência, Global Citizenship "based on human rights [...] empathy, solidarity and respect

for differences and diversity" (UNESCO, 2015, p. 29) também só fica possível em base de uma compreensão de cultura inclusiva que incorpora gente com várias e diferentes formas culturais de vida no senso de unidade em diversidade. Isso exige reconhecer a existência da variedade de formas culturais de vida a nível local, regional, nacional e global. Neste sentido, Global Citizenship é muito mais do que substituir o mito de culturas nacionais pelo mito de uma Leitkultur global ou vincular regionalismo cultural com uma (supra) identidade cosmopolita.

O reconhecimento da variedade de formas culturais não se deve confundir com o reconhecimento de cada forma cultural de vida. Trata-se muito mais de levar em consideração que necessita complementar reciprocamente um pluralismo social e cultural com princípios ético-políticos comuns, no nosso mundo perturbador, por estar cheio de complexidade, desorientação e perda de Heimat. A autonomia e a soberania do indivíduo, para poder num lado achar Heimat(en) doando identidade e no outro lado ficar compatível aos desafios globais com seus sentidos de estranho, será possível apenas desta forma (v. SEN, 2007, p. 20). Neste contexto, Heimat se entende como espaço de filiações privadas na base de práticas comuns de vida e pode ser países, regiões e cidades como também associações, peer groups ou redes transmigrantes. Princípios ético-políticos comuns criam, neste contexto, o âmbito para a sociedade (global) a favor do reconhecimento reciproco destas Heimat(en) como uma forma de comunidade republicana.

A compatibilidade global é indispensável porque podemos enfrentar os desafios no contexto da Agenda 2030 das Nações Unidas para desenvolvimento sustentável só através da consciência de ser uma parte da comunidade global. Pois todos os membros das Nações Unidas se comprometeram a contribuir para os objetivos desta Agenda 2030, como proteção do clima, garantia de alimentação, trabalho digno e acesso igual à educação, independente do sexo, da idade e da origem étnica.

Por isso, Global Citizenship, garantindo direitos sociais, econômicos e políticos de cidadania transcultural é de caráter inclusivo para poder ultrapassar limites espaciais, bem no sentido da necessidade de compatibilidade global para realizar a Agenda 2030 com sucesso: tais direitos de cidadania transcultural na obrigação de todos conectam as pessoas entre si a nível local e simultaneamente com pessoas de outros espaços. Deste modo, estes direitos viram direitos e deveres de cidadãos mundiais (UNESCO, 2015, p. 16). Levar em consi-

deração a problemática do crescimento de exclusão e marginalização de grandes partes da população, acima discutida, estes direitos e deveres de cidadãos mundiais não representam um favor de solidariedade, mas uma condição elementar para a elaboração de modelos de sociedades sustentáveis. Porque os desafios da Agenda 2030 são tal radicais que a sobrevivência de cada um não depende só de outra pessoa, por causa de sermos uma criatura social, mas da sobrevivência da espécie humana através de uma (r)evolução cultural (TROLL, 2014, p. 6 e 21, SCHNEIDEWIND, 2013 e WELZER, 2011, p. 37). Isso significa que o indivíduo tem que agir dentro dos limites de valores e normas coletivas da sociedade global, que orienta as necessidades das transformações sócioecologicas para esta sobrevivência. Isto inclui, de forma explícita, uma crítica radical às sociedades pós-modernas (ocidentais) com suas tendências de extremo individualismo e absoluta responsabilidade individual e conduz a questionar a relação entre liberdade individual de cada um e as condições e possibilidades de desenvolvimento de todos.

A distribuição mesmo de bens existenciais cada vez mais desigual instiga a pensar e refletir muito mais críticidade (com si mesmo) sobre a questão se o liberalismo do esclarecimento (ocidental) desamarrou-se de tamanho tal extenso que ele conduz à extinção da humanidade. Por isso direitos sociais, econômicos e políticos de cidadania transcultural surgindo da Agenda 2030, são de obrigatoriedade coletiva de "sharing values and responsibilities" (UNESCO, 2015, p. 29). Neste sentido, o conceito de Global Citizenship tem que se orientar em uma "ética de abraços" (FORNET-BETANCOURT, 2007, p. 136, BALIBAR, 2018 e MECHERIL, 2017).

Devemos levar em consideração, evidentemente, que tais princípios éticos-políticos para Global Citizenship comovem também sempre na tensão entre coesão e exclusão. Para diminuir o perigo de exclusão os direitos de cidadania transcultural não podem pressupor valores e normas (ocidentais) para toda a humanidade. Não se trata então de uma definição (institucional) de uma ética universal numa forma centralista. Ao contrário, a garantia de direitos de cidadania transcultural deve basear-se na elaboração descentralizada de valores e normas comuns que se orientam nas condições de vida da gente envolvida e se ancoram, deste modo, nos seus Heimaten. Isso exige possibilidades e ocasiões concretas para a participação ativa e passiva em tais processos dialógicos a diferentes níveis sociais e espaciais. Apesar de ser bastante radicais, esta abertura e igualdade não implicam inevitavelmente uma

arbitrariedade que se opõe a universalidade de diretos de cidadania transcultural. Só tem que gerar valores e normas que servem para superar de forma pacífica os desafios da sociedade (global), que a comunidade mundial formulou em conjunto na sua Agenda 2030. Nossos valores e normas práticas de hoje podem contribuir para este processo de negociação aberta apenas sem ter direito à continuidade.

Coerentemente a garantia de direitos de cidadania transcultural como base de Global Citizenship tem tanto uma dimensão social quanto individual. Porque a negociação dialógica de princípios ético-políticos pressupõe reconhecer que seus próprios valores e normas junto com a base ético-cultural da sociedade onde vive são provisórios, negociáveis e variáveis. Deste modo, abrimo-nos para incorporar os valores e normas do(s) outro(s) e reconhecemos e aceitamos enfim a imigração do(s) outro(s) na nossa identidade. Este caminho parece utópico diante de tantos conflitos étnico-culturais e sociais de nossos dias. Vale mais a pena lutarmos juntos para esta utopia de Global Citizenship e cidadania transcultural, condição para a utopia de uma globalização humana (SANTOS, 2005, p. 160 e GROPPO, 2005, p. 64). Esta dialética alimenta o sentido e a motivação para Global Citizenship. Pois enquanto, a garantia de direitos de cidadania transcultural parece utópica. Precisamos solidarizar esta utopia contra a desolidarização nas nossas sociedades pós-*não*-modernas.

Referências

ALLOLIO-NÄCKE, LARS/Kalscheuer, BRITTA/Manzeschke, ARNE (Hrsg.). **Differenzen anders denken**. Bausteine zu einer Kulturtheorie der Transdifferenz. Frankfurt a. M. u.a, 2005.

APPIAH, Kwame Anthony. **Der Kosmopolit.** Philosophie des Weltbürgertums. Bonn, 2007.

AUDITOR, Markus. Die Utopie des Dialogs - (Entwicklungs-)pädagogische Denkanstöße aus Brasilien. Zeitschrift fur internationale Bildungsforschung und Entwicklungspädagogik 1/13, 2014, pp. 11-17.

BALIBAR, Etienne. Für ein Recht der Gastfreundschaft. In: ZEIT Nr. 37/2018, https://www.zeit.de/2018/37/menschenrechte-fluechtlinge-gastfreundschaft-migration-hilfe, citado 15.5.20.

BAUMAN, Zygmunt. **Die Angst vor den anderen.** Ein Essay über Migration und Panikmache. Bonn, 2017.

BERGER, Peter L./Luckmann, Thomas. **Die gesellschaftliche Konstruktion der Wirklichkeit**. Eine Theorie der Wissenssoziologie. Frankfurt a. M. Originalausgabe 1966.

BUBER, Martin. **Das dialogische Prinzip.** Gütersloh. Erstausgabe, 2002.

BÜHLER, Hans. **Perspektivenwechsel?** - unterwegs zu, globalem Lernen". Frankfurt a. M, 1996.

CASPARY, Sigrun/Matoba, KAZUMA (Hrsg.). **Transkultureller Dialog**. Marburg, 2000.

DAROWSKA, Lycyna u.a. **Hochschule als transkultureller Raum**? Kultur, Bildung und Differenz in der Universität. Bielefeld, 2010.

FORNET-BETANCOURT, Raúl (Hrsg.). **Interkulturalität in der Auseinandersetzung**. Denktraditionen im Dialog, 27. Frankfurt a. M, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pädagogik der Unterdrückten.** Reinbek. Originalausgabe, 1998.

GLICK, Schiller, NINA/Basch, LINDE/Blanc-Szanton, CRISTINA.T**ransnationalismus**: Ein neuer analytischer Rahmen zum Verständnis von Migration. Em Langenohl/Pooel//Weinberg, 2015, pp. 139-153.

GROPPO, Luis Antonio. Transculturação e novas utopias. Lua Nova 64/2005, www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S0102-64452005000100006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt, citado 15.5.20.

GUIMARÃES ROSA, João. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro, 1988.

HABERMAS, Jürgen. **Anerkennungskämpfe im demokratischen Rechtsstaat**. Em Taylor, 1993, pp. 147-196.

HESSE, Hermann. **Die Heimkehr**, Berlin, 2012.

IANNI, Octavio. **A sociedade global**. 9. Edição. Rio de Janeiro, 2001.

IANNI, Octavio. Globalização e Transculturação. **Revista de ciências humanas**. Vol. 14, Nr. 20, 1996, pp. 139-170.

KERMANI, Navid. **Wer ist wir?** Deutschland und seine Muslime. Bundeszentrale für politische Bildung, Bonn, 2009.

LANGENOHL, Andreas/Pooele, RALPH/Weinberg, MANFRED (Hg.): **Transkulturalität**. Klassische Texte. Bielefeld.

LUGER, Kurt/Renger RUDI (Hrsg.). **Dialog der Kulturen**. Die multikulturelle Gesellschaft und die Medien. Wien, 1994.

MATOBA, Kazuma. **Dialogkompetenz in der transkulturellen Kommunikation**. Em Caspary/Matoba, 2000, pp. 55-69.

MEAD, George H. Geist. **Identität und Gesellschaft**. Aus der Sicht des Sozialbehaviorismus. Frankfurt a. M, 2000.

MECHERIL, Paul. Warum Migration provoziert, 2017. www.rosalux.de/publikation/id/14837/warum-migration-provoziert, citado 14.9.18.

MECHERIL, Paul/Seuwka, Louis Henri. **Transkulturalität als Bildungsziel**? Skeptische Bemerkungen. Zeitschrift für internationale Bildungsforschung und Entwicklungspädagogik 4/06, 2006, pp. 8-13.

ORTIZ, Fernando. **Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar**. Advertencia de sus contrastes agrarios, económicos, históricos y sociales, su etnografía y su transculturación. Edición de Enrico Mario Santí, 1a ed. Madrid, 2002.

ORTIZ, Fernando. **Cuban Counterpoint**. Tobacco and Sugar, Durham and London, 1995.

RAMA, Ángel. **Transculturación narrativa en América Latina**, México u.a., 1982.

SANTÍ, Enrico Mario. **Contrapuento y transculturación**. Em Ortiz , 2002, pp. 25-104.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**, 12. Edição, Rio de Janeiro, 2006.

SCHNEIDER, Irmela/Thomsen, CHRISTIAN W. (Hrsg.). **Hybridkultur.** Medien, Netze, Künste. Köln, 1997.

SCHNEIDEWIND, Uwe. **Wandel verstehen**: auf dem Weg zu einer "Transformative Literacy". Em Welzer/Wiegandt, 2013, pp. 115-140.

SCHÖFTHALER, Traugott. Kultur in der Zwickmühle. Zur Aktualität des Streits zwischen kulturrelativistischer und universalistischer Sozialwissenschaft. Das Argument 25. Jg. 139, 1983, pp. 333-347.

SEN, Amartya. **Die Identitätsfalle**. Warum es keinen Krieg der Kulturen gibt. Bonn, 2007.

STEINMEIER, Frank-Walter. **Rede beim Festakt zum Tag der Deutschen Einheit**, 2017. www.bundespraesident.de, citado 4.10.17.

TAYLOR, Charles. **Multikulturalismus und die Politik der Anerkennung.** Frankfurt a. M, 1993.

TROLL, Tobias. **Another World is happening Towards a Great Transition through a Global Citizens Movement**, 2014. London, http://globalwh.at/wp-content/uploads/2014/09/Troll-T-2014-DISSERTATION-FINAL.pdf, citado15.5.20.

UNESCO. Global Citizenship Education. Topics and learning objectives. Paris, 2015.

WEBER, Max. **Wirtschaft und Gesellschaft**. Grundriss der verstehenden Soziologie. Tübingen, 1980.

WELSCH, Wolfgang. **Was ist eigentlich Transkulturalität**? Em Darowska u.a., 2010, pp. 39-66.

WELSCH, Wolfgang. **Auf dem Weg zu transkulturellen Gesellschaften**. Em Allolio-Näcke/Kalscheuer/Manzeschke, 2005, pp. 314-341.

WELSCH, Wolfgang. **Transkulturalität**. Zur veränderten Verfassung heutiger Kulturen. Em Schneider/Thomsen, 1997, pp. 67-90.

WELSCH, Wolfgang. **Transkulturalität.** Lebensformen nach der Auflösung der Kulturen. Em Luger/Renger, 1994, pp. 147-169.

WELZER, Harald/Wiegandt, Klaus (Hg.). **Wege aus der Wachstumsgesellschaft**, Frankfurt a. M, 2013.

Capítulo 5
"O que se Passa Aqui?": o enquadramento de notícias acerca da participação brasileira na 74ª Assembleia Geral das Nações Unidas

Naine Terena de Jesus[1]

Introdução

A questão indígena no Brasil tomou as manchetes dos noticiários no ano de 2019 devido à morte de indígenas, queimadas na região amazônica e a agricultura indígena, sendo inclusive, assunto abordado no discurso realizado pelo presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, durante a Assembleia Geral da ONU.

A diversidade de informações veiculadas pela imprensa suscitou o interesse em problematizar as narrativas e recortes de dados por sites de notícias à temática. É necessário considerar que o conteúdo deste artigo faz parte de um estudo mais amplo, que verifica a presença indígena na mídia, a partir da construção das diferentes narrativas que dizem respeito principalmente aos embates sócio-políticos que envolvem os povos originários no século XXI.

Para realizar a problematização, tenho aferido a produção de matérias jornalísticas a partir do buscador google e compartilhamentos realizados em redes sociais. Especificamente para este artigo, faço o recorte de materiais coletados, utilizando como marco temporal a data de 24 de setembro de 2019, dia em que o presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, realizou o discurso[2] de abertura dos Debates Gerais da 74ª Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU), que aconteceu em Nova York. Como palavras chaves, foram

[1] Doutora em Educação, mestre em artes, graduada em Comunicação Social, docente da União de Faculdades Católicas de Mato Grosso.

[2] Disponível no link https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/09/24/veja-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-na-abertura-da-assembleia-geral-da-onu.ghtml), acessado em dezembro de 2019 e que será o enfoque deste artigo.

utilizadas as combinações "discurso Bolsonaro ONU índios" e "discurso Bolsonaro ONU agronegócio". Verifiquei as dez primeiras páginas de resultados para ambas as pesquisas e separei palavras chaves que aparecem com frequência, selecionando posteriormente as matérias e veículos apresentados neste artigo.

As matérias verificadas a princípio, abordaram alguns aspectos que influenciam em algumas alterações e inserções na política indigenista e ambiental do Brasil. Dessa forma, os sites enquadraram o discurso ora como ofensivo e mentiroso, ora como verdadeiro e visionário. O Cacique Raoni Metuktire como manobra de governos estrangeiros, a leitura de uma carta assinada pelo Grupo de Agricultores Indígenas do Brasil, a presença da indígena Ysani Kalapalo e o agronegócio versus meio ambiente, motivaram a produção de matérias por veículos distintos dentro e fora do Brasil e foram tomados como tema na maioria das matérias encontradas na internet

Segundo Motta (2005), as matérias jornalísticas localizam-se em contextos pragmáticos e políticos e produzem efeitos consciente ou inconscientemente desejados. O autor propõe que o narrador (jornalista) configure um discurso na sua forma narrativa, investe na organização e solicita uma interpretação dos sujeitos que acessam este conteúdo. Já Garmin (2016) abarca o conceito de enquadramento da notícia ou framing, em que "as próprias técnicas de construção da notícia – título, lead, pirâmide invertida – constituem dispositivos de enquadramento destinados a recortar a 'notícia'." (2016:25). Desse modo, a averiguação comparativa dos materiais coletados nos traz a problematização acerca dos recortes escolhidos e as possíveis interpretações que os mesmos podem causar, consciente ou inconscientemente, nos leitores.

Garmin (2016) destaca os títulos e leads como elementos fortes na construção textual. O título por ser o primeiro conjunto textual lido e o lead por toda a construção jornalística gira em torno dele. Também enfatiza metodologias de observação, ressaltando que não existe um "cânone" para a leitura de *framings*. Ressalto que a utilização dos dois autores se converge no intuito de analisar as narrativas e por este motivo seus estudos se cruzarão no decorrer do texto. Desta forma, seguimos a ideia de tabular as notícias encontradas, separando pelos títulos e palavras-chaves encontradas no conteúdo das reportagens já apresentadas acima, e também componentes da tabela 1 na página a seguir.

O primeiro bloco de sites apresentados traz as reportagens recortadas a partir das palavras chaves "discurso Bolsonaro ONU índios". Desse primeiro

bloco, observa-se uma movimentação de matérias que demonstram insatisfação com o discurso e o que consideram ataques do presidente da República aos indígenas, meio ambiente, Amazônia e desenvolvimento, entre outras. A matéria[3], do site o Estadão, enfatiza a questão indígena como destaque do discurso, realçando palavras como 'indigenismo ultrapassado', 'carta de repúdio' e 'ambientalismo radical', ditas pelo presidente em discurso.

Tabela 1: Blocos de matérias apresentadas nas primeiras páginas da busca realizada pelo Google

TÍTULO	Veículo/Endereço da matéria	Data publicação
Nos EUA, indígenas reagem ao discurso de Bolsonaro na ONU: 'dia de terror'	https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/09/24/nos-eua-indigenas-reagem-ao-discurso-de-bolsonaro-na-assembleia-geral-da-onu.ghtml	24/09/2019 16h05
Amazônia, soberania e indígenas: ambientalistas comentam discurso de Bolsonaro na ONU	https://oglobo.globo.com/sociedade/amazonia-soberania-indigenas-ambientalistas-comentam-discurso-de-bolsonaro-na-onu-23971999	25/09/2019 10h30
Em discurso na ONU, Bolsonaro escancara programa de ultradireita e anti-indígena	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/24/politica/1569323723_562966.html	24/09/2019- 19h02
'Um dia de terror': A reação de povos indígenas ao discurso de Bolsonaro na ONU	https://www.huffpostbrasil.com/entry/cacique-onu-bolsonaro_br_5d8a7b60e4b01c02ca601675	24/09/2019 18h22
Repúdio contra o discurso anti-indígena de Jair Bolsonaro na Assembleia Geral da ONU	http://apib.info/2019/09/26/repudio-contra-o-discurso-anti-indigena-de-jair-bolsonaro-na-assembleia-geral-da-onu/	26/09/2019
Para setores do agronegócio, discurso de Bolsonaro 'esclareceu equívocos sobre a Amazônia' e não deve prejudicar exportações	https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2019/09/24/para-setores-do-agronegocio-discurso-de-bolsonaro-esclareceu-equivocos-sobre-a-amazonia-e-nao-deve-prejudicar-exportacoes.ghtml	24/09/2019 18h25
Presidente de entidade do agronegócio defende discurso de Bolsonaro na ONU	https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/09/presidente-de-entidade-do-agronegocio-defende-discurso-de-bolsonaro-na-onu.shtml	24/09/2019. 19h27
Confira tudo que Bolsonaro falou na ONU sobre o agronegócio	https://www.canalrural.com.br/noticias/confira-tudo-que-bolsonaro-falou-na-onu-sobre-o-agronegocio/	24/09/2019 12h07
Confederação da Agricultura elogia discurso de Bolsonaro	https://valor.globo.com/brasil/noticia/2019/09/24/confederacao-da-agricultura-elogia-discurso-de-bolsonaro-da-onu.ghtml	24/09/2019 20h22
Discurso do presidente na ONU não trará consequências ao agro	https://especiais.estadao.com.br/canal-agro/agrocenarios/discurso-do-presidente-na-onu-nao-trara-consequencias-ao-agro/	26/09/2019

Fonte: Produzida pela autora

[3] Disponível no link https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,questao-indigena-domina-discurso-de-bolsonaro-na-onu-liderancas-criticam,70003023618

Para a construção da matéria, o Estadão apostou na coleta de entrevistas de lideranças indígenas para contrapor o posicionamento do presidente com relação à causa indígena, em especial à representatividade do Cacique Raoni.

O argumento mais relevante dos defensores do Cacique como uma liderança reconhecida é a indicação ao Prêmio Nobel da Paz (sendo o prêmio escrito em negrito na matéria). A matéria também frisa a representatividade de Ysani Kalapalo, membro da comitiva presidencial, citando uma fala do presidente, onde ele afirma que "acabou o monopólio do senhor Raoni, ao argumentar que Ysani teria representatividade dos povos indígenas por ter sido endossada em carta do Grupo de agricultores indígenas do Brasil, assinada por 52 etnias", escreve o jornalista na matéria.

O site *Página 22*[4] utiliza-se de depoimentos de membros da sociedade civil para avaliar o discurso proferido por Bolsonaro. A matéria, cujo título é "Sociedade Civil reage ao discurso de Bolsonaro na Assembleia Geral da Onu" traz apenas as falas dos entrevistados e duas notas de organizações da sociedade civil brasileira. As oito falas destacadas na matéria são ligadas a organizações ambientais, de pesquisa e direitos humanos. Todas elas demonstram insatisfação com o teor do discurso e o impacto negativo para o país, utilizando-se dos argumentos que há alguns meses vem sendo empregados para responsabilizar o governo pelas tragédias ambientais e indígenas ocorridas nos últimos meses no país.

> É extremamente preocupante quando se negligencia o que está acontecendo na Amazônia, negando veementemente a existência das queimadas e do desmatamento. Este posicionamento é uma carta branca para o progresso da devastação(...) O governo brasileiro poderia ter utilizado esta oportunidade para demonstrar ao mundo um plano proativo de desenvolvimento sustentável que combata as ilegalidades cometidas contra os biomas brasileiros(...) Ao negar a ciência e ignorar os indicadores de fracasso de sua gestão ambiental, o presidente do Brasil fortaleceu o argumento de retaliação econômica e comercial como única salvaguarda contra o desmatamento(...) O povo brasileiro não faz apologia à violência e não prega o ódio a minorias, mas sim preza pelo respeito à constituição e preza pela preservação da Amazônia(...) O discurso do presidente sobre o meio ambiente foi uma fraude(...) Sociedade Civil reage ao discurso de Bolsonaro na Assembleia Geral da ONU, site Página 22, publicado em 24 de setembro de 2019.

[4] Disponível no link http://pagina22.com.br/2019/09/24/sociedade-civil-reage-ao-discurso-de-bolsonaro-na-assembleia-geral-da-onu/

A matéria da Revista Fórum tem o nome "Em discurso na ONU, Bolsonaro volta a culpar ONGs por explorar indígenas como "peça de manobra"[5] e destaca frases feitas, mencionadas durante a participação brasileira no evento: "homens das cavernas" e "índio não quer ser pobre em cima de terra rica" são conjuntos textuais que revelam um pouco do teor do conteúdo da matéria e, também, da utilização constante de metáforas, chavões e frases feitas por parte das narrativas construídas em torno da questão indígena e ambiental no Brasil, além de destacar a falta de habilidade oratória do presidente brasileiro.

> Com diversos erros de português e aparentando nervosismo, Jair Bolsonaro discursou na abertura da 74ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) em Nova York nesta terça-feira (24) e voltou a repetir que indígenas no Brasil são usados como peça de manobra por ONGs de Direitos Humanos para avançar seus interesses na Amazônia.[6]

Metáforas, chavões, frases feitas são dispositivos comuns no jornalismo, ajudando a compreender e descrever o mundo e construindo pontes de familiaridade com os leitores. Mas o seu emprego não é inocente, escreve Gradim (2016).

Nesse contexto, verifica-se que os sites de notícias averiguados apostam em construções textuais baseadas na familiaridade de suas audiências com o tema. A ofensa realizada ao cacique Raoni, a especulação sobre a queda de investimentos e exportação do Brasil e a falta de compostura do presidente do Brasil (tema que sempre tem sido ressaltado com relação à ética e articulação do presidente junto à imprensa) são alguns dos recursos utilizados para chamar a atenção da audiência. Por outro lado, amenizar o tom do discurso, foi o enquadramento dado por outro bloco de notícias, reconhecidas a partir do buscador Google.

Este bloco aponta a estratégia de abordagem ao discurso, dando destaque às qualidades do país e a ênfase dada ao agronegócio como gerador de alimentos, emprego e renda. Ao trocar a palavra 'índios' por 'agronegócio' nas buscas do Google, o buscador apresenta sites ligados ao agronegócio e, tam-

[5] Disponível no link https://revistaforum.com.br/brasil/em-discurso-na-onu-bolsonaro-volta-a-culpar-ongs-por-explorar-indigenas-como-peca-de-manobra/

[6] Disponível no link https://revistaforum.com.br/brasil/em-discurso-na-onu-bolsonaro-volta-a-culpar-ongs-por-explorar-indigenas-como-peca-de-manobra/

bém, os mesmos sites apresentados na busca realizada anteriormente. Nesta etapa foquei na leitura dos sites que exaltavam o agronegócio e amenizavam o discurso e as críticas impostas a ele em outros noticiários. Gradim explica que esta não é uma ação meramente de "linguagem", mas também um elemento que estrutura o pensamento e a ação. Escreve a autora:

> Outro aspecto curioso no modo de funcionamento da metáfora é que esta é um dispositivo que simultaneamente revela e oculta, pois, ao focar os aspetos da realidade que refere, oculta outros que se tornam menos proeminentes.

Ao abordar a questão das metáforas a autora se ancora em Lakoff (1980) para explicar que novas metáforas têm o poder de criar uma nova realidade, com a aquisição de novas metáforas e esquecimento/substituição das antigas (2016:41). Trazendo para o contexto das publicações analisadas, vemos que as palavras chaves utilizadas para designar um indígena alinhado a uma nova política indigenista foram empregadas no discurso presidencial e vem sendo disseminadas há algum tempo pela mídia.

"Indígena do Século XXI" é um dos termos que vem sendo propagado, fazendo alusão a uma nova realidade, em contraposição à um imaginário de que os povos indígenas são ultrapassados, ou coisa do passado. A partir das matérias, vê-se a forte utilização da quantidade de etnias que assinam a carta apresentada pelo presidente da República (52 num universo de 305 povos existentes no Brasil hoje), como um marco de fragmentação do movimento indígena, que até então era a maior referência dos anseios unificados dos povos indígenas brasileiros. O surgimento de um outro movimento anuncia também a construção de outros imaginários acerca de demandas e reivindicações dos indígenas, agora de forma individual e coletiva.

O site Metrópole, em sua reportagem, não aborda o discurso, mas sim a presença e manifestação de Ysani Kalapalo, indígena que compôs a comitiva presidencial[7] . A reportagem se dedica a apresentar o pensamento da jovem acerca das questões que envolvem os povos no Brasil e apresenta algumas questões muito presentes nos atravessamentos acerca do ser indígena. "Ongs, estupros, infanticídio, machismo, desenvolver" são palavras trazidas no corpo da matéria, e que tem sido usadas quando se trata do "avanço" da cultura indíge-

[7] Disponível no link https://www.metropoles.com/brasil/india-que-foi-com-bolsonaro-a-onu-sobre-ongs-bando-de-filho-da-puta

na. Os temas infanticídio, Ongs e machismo são carregados de discussões, e fazem parte de um conjunto de imagens acerca dos povos indígenas, que causam repugnância na audiência e refletem o atraso dessas sociedades. Além delas, a matéria destaca o xingamento pronunciado pela entrevistada logo no título da publicação: "Índia que foi com Bolsonaro à ONU sobre ONGs: "Bando de filho da puta" (Site metrópolis, publicado em 25 de setembro de 2019).

O site Canal Rural, destinado a divulgar ações do chamado agronegócio no Brasil destacou os principais pontos que envolvem o agronegócio e o meio ambiente, informação importante para o público alvo do site[8] O site da revista Exame[9] na matéria Bolsonaro faz discurso combativo na ONU e cita "falácias" sobre Amazônia, se utiliza de diversos trechos do discurso numa estrutura onde apresenta o discurso sem muitos detalhes sobre a questão indígena e ambiental.

A Agência Brasil traz como título da matéria "Em discurso na ONU, Bolsonaro destaca riqueza da Amazônia"[10] , e embora a matéria não omita os temas polêmicos abordados por outros veículos analisados, inicia a matéria num tom mais ameno, destacando "o compromisso do país com a preservação do meio ambiente e com o desenvolvimento sustentável da região".

> O Brasil é um dos países mais ricos em biodiversidade e riquezas minerais, nossa Amazônia é maior que toda Europa Ocidental e permanece praticamente intocada, prova de que somos um dos países que mais protege o meio ambiente", disse ele aos chefes de Estado.

A folha de São Paulo, em reportagem publicada no dia 24 de setembro[11], frisa que o líder da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil gostou da fala do presidente". Nos primeiros parágrafos enfatiza a fala de João Martins, presidente da CNA, emitida a partir de uma nota sobre o fato do Presidente

[8] Disponível no link https://www.canalrural.com.br/noticias/confira-tudo-que-bolsonaro-falou-na-onu-sobre-o-agronegocio/

[9] Disponível no link https://exame.abril.com.br/brasil/bolsonaro-faz-discurso-combativo-na-onu-e-cita-falacias-sobre-amazonia/

[10] Disponível no link http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2019-09/em-discurso-na-onu-bolsonaro-destaca-riqueza-da-amazonia

[11] Disponível no link https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/09/presidente-de-entidade-do-agronegocio-defende-discurso-de-bolsonaro-na-onu.shtml

da República ter "ressaltado o importante papel do Brasil na produção de alimentos e na preservação do meio ambiente". O site G1[12] também destaca a opinião dos setores do agronegócio, frisando logo no título da matéria que houve no discurso o esclarecimento de equívocos sobre a Amazônia. A matéria publicada no dia 24 de outubro de 2019 traz falas de deputados ligados ao agronegócio, mas também pondera o texto, a partir de representantes da agricultura familiar.

A matéria se utiliza da nota da CNA para construir a narrativa desta publicação. O mote apresentado pelo setor ruralista diz respeito à desconstrução da destruição ambiental e a ênfase na produção de alimentos por parte dos ruralistas. Na mesma matéria é apresentada a posição da Confederação dos Trabalhadores na Agricultura (Contag), que se opõe à nota da CNA, considerando como cita a matéria lamentável o discurso do presidente.

> Apesar de afirmar que o seu 'governo tem compromisso solene com o meio ambiente', em nenhum momento falou da responsabilidade de pecuaristas, madeireiros, grileiros e garimpeiros nas queimadas", disse em nota a Contag.

Outra instituição que aparece no texto é a Aprosoja, que segundo a matéria acredita que o discurso do presidente contempla os desejos dos produtores de soja no Brasil. Por fim, a matéria destaca as queimadas, que foram alvo de críticas internacionais, fazendo uma breve retrospectiva acerca dos possíveis embargos sofridos pelo Brasil.

O site Metrópolis, já citado acima, também apresenta uma matéria, agora com a narrativa dos produtores rurais. Para a abertura da matéria, foi utilizada a consideração realizada por João Martins, da Confederação Nacional da Agricultura. Esta matéria, diferente das outras que enfocam a linha de apoio ao discurso do presidente, traz a fala de Kátia Abreu, ex-ministra e produtora rural. Ao contrário dos representantes de entidades do agronegócio identificadas nas matérias apresentadas nos parágrafos anteriores, a senadora e também o ex-presidente da CNA discordam da narrativa de que a fala do presidente teria sido positiva para o setor e para o país.

[12] Disponível no link https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2019/09/24/para-setores-do-agronegocio-discurso-de-bolsonaro-esclareceu-equivocos-sobre-a-amazonia-e-nao-deve-prejudicar-exportacoes.ghtml

> Bolsonaro poderia ter aproveitado melhor o seu tempo na ONU com relação ao meio ambiente. Tinha totais condições de fazê-lo. Somos exemplo em sustentabilidade. Falar mal de outros países não traz crescimento para o Brasil. Somos maiores que tudo isto", disse a senadora, por meio das redes sociais.

O site Money Times, apresenta uma matéria cujo título é "Bolsonaro segue protocolo, faz discurso seguro e não ilude mercado na ONU", publicado em 24 de setembro de 2019. O lead desta matéria foge ao contexto do agronegócio e das causas ambientais e indígenas. Frisa três pontos positivos do discurso, nos quais são tratados no texto como "vitórias". A matéria não conta com falas de personagens, nem analistas políticos ou economistas. Faz uma comparação ao discurso da ex-presidente Dilma Rousseff, quando se trata da economia do país. Nesse bloco de matérias apresentadas neste artigo, verifica-se que se constrói a narrativa do desenvolvimento, sustentabilidade, produção de alimento e geração de renda, por parte do agronegócio.

Para se problematizar os recortes ou framings realizados pelos sites até aqui apresentados, tenho utilizado o questionamento realizado por Gradim - "o que se passa aqui?" (2016:36). A autora cita Goffman para explicar como um evento pode ser descrito num enquadramento que é largo ou estreito, próximo ou distante, e que "interesses diferentes gerarão relevâncias motivacionais diferentes" (2016, p. 36).

> Este processo, no entanto, não é "perfeito" nem se encontra acabado. Há um grau de subjetividade e variabilidade grande nas molduras que podem ser empregues por diferentes sujeitos numa mesma situação. Frames não são estáticas, são suscetíveis de evolução e de alterações, através de um processo que Goffman metaforicamente apelida de keying, centrais na transformação de frames, quer em domínios específicos (status de um indivíduo ou grupo), quer em termos de interpretações globais de largo alcance, como uma alteração de mundividência. (GARMIN, 2016, p. 39)

Para a autora, não existe a garantia que os recortes realizados pelos noticiários atingirão a audiência da forma como se deseja, porém, ressalta que os "pacotes interpretativos" que constituem a frame contém uma narrativa que tem por tarefa dar sentido aos acontecimentos ao longo do tempo. Isso acontece ao acrescentar ao evento, mais narrativas e o desenho de um cenário maior para a situação. Nessa primeira investida de interpretação, o que se observa

nos blocos de notícias analisadas é a tentativa de conquista da opinião pública para posterior enquadramento das realidades. Nas considerações, explicarei mais sobre essa suposição.

Todo mundo é muita gente: o ensino da história indígena e o pecado das narrativas

Na busca de construir um cenário completo para a narrativa que envolve o meio ambiente, agronegócio e povos indígenas e suas representações, alguns veículos recortaram a necessidade de abordar a carta de apoio dos agricultores indígenas, personagens considerados novos na trama que desenha as reivindicações originárias no Brasil. A reportagem produzida pelo site El país[13] traz como título de matéria publicada no dia 05 de outubro de 2019 "Quem lidera o Grupo de Agricultores Indígenas citado no discurso de Bolsonaro na ONU" e ressalta a figura de Arnaldo Zunizakae, uma das principais lideranças do Grupo de Agricultores Indígenas para esclarecer diversos atravessamentos ocorridos a partir da leitura da carta do grupo de agricultores. A linha adotada pelo veículo de comunicação é de esclarecimento do impasse que pairava sobre a carta lida pelo presidente, que convergia em apoio à presença da indígena Ysani Kalapalo, a partir da figura de Arnaldo. Em seu discurso, Bolsonaro salienta que:

> Ysani Kalapalo goza da confiança e do prestígio das lideranças indígenas interessadas em desenvolvimento, empoderamento e protagonismo, estando apta para representar as etnias relacionadas (discurso Bolsonaro)

A matéria do El País, aborda a explicação de Arnaldo Zunizakae acerca da lista apresentada pelo presidente brasileiro como um apoio à presença da indígena no evento. A reportagem traz a afirmação de Arnaldo de que a carta não se refere ao apoio citado pelo Presidente à indígena Ysani Kalapalo.

> Ele afirma desconhecer como as duas coisas se atrelaram – Não sei como relacionaram essa lista à carta" – e nega que essa seja a relação de integrantes do grupo: Nossa lista é maior do que essa.

Na mesma reportagem, explica-se a origem do grupo de agricultores in-

[13] Disponível no link https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/05/politica/1570298654_875528.html

dígenas, seu interesse na agricultura mecanizada e um pouco do embate de interesses que esse tema tem realizado junto ao movimento indígena organizado no país.

Na reportagem da revista Globo Rural, publicada em 24 de setembro de 2019 (https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Sustentabilidade/noticia/2019/09/raoni-merece-nosso-respeito-diz-lider-dos-agricultores-indigenas.html), Arnaldo Zunizakae também é personagem citado por este veículo. Sobre a carta, Arnaldo, que afirma que:

> A carta que foi citada hoje na ONU pelo presidente Bolsonaro deu respaldo à Ysani Kalapalo, que foi convidada para fazer parte da comitiva do governo. Nós, os índios, entendemos que ela precisava de um aval nosso. Nós então fizemos uma carta de apoio, dando-lhe aval para nos representar na ONU, assim como o Raoni também tem o aval da população indígena. Foi a primeira vez que um indígena é convidado para acompanhar o presidente numa reunião importante como essa.

A reportagem, embora busque trazer a relação da carta, representatividade e anseios indígenas, destaca no primeiro parágrafo a produção agrícola do povo Paresi, que "colheu soja em 10 mil hectares em uma das aldeias da Chapada dos Parecis", na safra passada. No parágrafo seguinte, a matéria destaca que

> Os Paresi estão em pé de guerra com o Ministério Público Federal e o governo há vários anos. Eles iniciaram o plantio mecanizado na aldeia 15 anos atrás em parceria com fazendeiros da região. Por conta disso, enfrentam ações do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais (Ibama) e a oposição de algumas entidades indigenistas.O órgão já aplicou 44 multas, que totalizam R$ 129,2 milhões, e embargou 16.200 hectares sob a acusação de os índios terem arrendado ilegalmente essas terras na safra 2017. O Ibama constatou ainda o plantio de milho transgênico na reserva, proibido por lei. Foram autuados 16 arrendatários, duas fazendas e cinco associações indígenas. Arnaldo, conhecido como Branco, admite o plantio de milho transgênico, mas nega que os Paresi tenham arrendado as terras. Com a ajuda da Fundação Nacional do Índio (Funai), a tribo tenta anular as multas[14].

Por fim, a entrevista salienta o respeito à figura do Cacique Raoni, das conquistas que ele obteve para os povos indígenas e a diversidade indígena no

[14] Informações recentes apontam que os Paresi conseguiram uma TAC junto ao Ministério Público para o plantio, assim como retirar as multas aplicadas em anos anteriores.

país. A matéria também destaca o termo "carta de repúdio" em azul, ligando-o à outra matéria intitulada: "Representantes de 16 povos do Xingu repudiam indígena pró-bolsonaro: desrespeito à autonomia". Ainda na matéria, utiliza-se de um trecho de uma conversa de grupo de whatsapp, onde o indígena Rony Paresi se manifesta dizendo que não endossava a presença da indígena. "Ele defende a agricultura indígena mas disse que não concorda muito com a forma como Ysani se expõe", cita o texto.

Dessa forma, localizado como protagonista do grupo que assina a carta, Arnaldo é colocado no centro das atenções para esclarecimentos acerca das afirmações constantes no discurso presidencial. Para sanar a curiosidade sobre quem seria o Grupo de agricultores indígenas, o site Estado de Minas lança a matéria "Quem é o Grupo de Agricultores Indígenas do Brasil, citado por Bolsonaro na ONU"[15], recapitula o nascimento deste grupo.

Chamo este item de "Todo mundo é muita gente" porque as narrativas de forma geral salientam as cartas de repúdio, apoio, matérias avessas ou de apoio e colocam os grupos indígenas no centro de apoios ou rejeições aos projetos de políticas de ocupação e empreendimentos em terras indígenas. Isso porque existem alguns esclarecimentos que deveriam seguir as publicações.

No Brasil hoje existem mais de trezentas etnias e essas etnias se encontram divididas em diferentes áreas denominadas aldeias ou reservas, cujo organização interna (política e social), geralmente é realizada por caciques e conselhos tribais, além de, em alguns casos, terem a influência de suas lideranças espirituais. Esse cenário pode esclarecer (ou dificultar o entendimento) que a representatividade de instituições indígenas e lideranças às vezes tem uma abrangência local. Não significa que uma instituição ou liderança de uma determinada aldeia represente a voz de aldeias e indivíduos pertencentes ao mesmo povo, mas situados em outras localidades. Seguindo esta linha de raciocínio, fica a problematização acerca das narrativas jornalísticas em deixar passar uma informação de cunho mais antropológico e educativo, por desconhecimento ou propositalmente, já que o recorte pode incitar no leitor, a experiência de construir conclusões acerca do tema abordado.

[15] Disponível no link em.com.br/app/noticia/politica/2019/09/24/interna_politica,1087663/quem-e-grupo-de-agricultores-indigenas-do-brasil-citado-por-bolsonaro.shtml

Considerações finais

Retomando o questionamento "o que se passa aqui?", ainda em Gradim, vemos clarear o enquadramento das notícias averiguadas e os possíveis caminhos para se começar a elucidar o questionamento que venho realizando, enquanto coleto as notícias da mídia. Isso significa dizer que esta temática não está esgotada no âmbito do estudo e muito menos que não caiba revisão das considerações realizadas por ora.

O que se observa a partir das notícias apresentadas neste artigo é a intensa construção do cenário de narrativas veiculadas, destacando os respectivos leads, personagens - em alguns aspectos apresentadas como vítimas e em outros como chaves para a construção de fatos e apelo para a audiência. O universo noticioso que compõem o ciberespaço possibilita ao leitor acessar diferentes fontes de informação, inclusive conduzidos pelos algoritmos, assunto que não foi abordado neste texto, mas manteve-se nas linhas de raciocínio e pesquisa. As matérias destacadas trazem uma boa amostragem da 'janela', conforme propõe Garmin (2016) ao dizer que a mudança de olhar para as notícias se dá diante da posição do observador ao acontecimento.

Dessa forma, é importante lembrar que nem tudo que é oferecido à audiência é absorvido e participa da constituição de metáforas e entendimentos sobre fatores socioeconômicos. Observa-se que muitas das narrativas seguem no sentido de se pensar o desenvolvimento do país, colocando povos indígenas e meio ambiente no centro das atenções, seja como empecilho, seja como indivíduos que buscam autonomia de pensamento e financeira.

Nesse sentido, a construção cultural acerca dos indígenas no imaginário da sociedade brasileira é bastante estereotipada. Vê-se a implementação de novas palavras-chaves e ressignificações de um imaginário já construído, ao mesmo tempo que se observa o reforço de ícones e símbolos referentes a eles. Assim também se observa quando se trata do agronegócio. O jogo de informações constantes nas narrativas são valiosas para se analisar um cenário, que a princípio parece querer modelar a audiência e, posteriormente, repensar estratégias para lidar com a questão ambiental e indígena no Brasil. Cabe aos pesquisadores e comunicadores observar, acompanhar, tabular tais inserções a fim de não perder de vista estratégias e práticas que poderão ser alicerces para explicar no futuro, os desdobramentos originados neste atual momento político brasileiro e quais enquadramentos serão absorvidos ou aceitos pela opinião pública.

Referências

GRADIM, Anabela. **Framing, o enquadramento das notícias**, COLEÇÃO Media e Jornalismo, Livros Horizontes, Lisboa, 2016.

MOTTA, Luiz G. Análise Pragmática da Narrativa Jornalística, **Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, 2005, disponível em http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/ 1 0 5 7 6 8 0 5 2 8 4 2 7 38740828590501726523142462.pdf, acessado em 28 de dezembro de 2019.

Capítulo 6
A Sensibilidade Artística e o Outro: Estética da Impureza nas culturas contemporâneas

Rita de Cássia Domingues dos Santos[1]

Introdução

Atualmente vivemos a diversidade de vozes nas produções artísticas. Este capítulo visa demonstrar como saímos gradualmente de um paradigma modernista no qual a busca da pureza artística gerava a exclusão do Outro.

Questiona-se a inserção da sensibilidade artística no campo moderno, e a conexão do ocaso das vanguardas com o campo pós-moderno, trazendo à discussão autores como Vattimo (2002) e Jameson (1997), dentre outros. Após a exposição destes teóricos, apresentamos o conceito de Estética de Impureza, de Scarpetta (1985), relacionando-o com a Paralogia, de Lyotard (2009), e com o livro de Beatrice Ramaut-Chevassus (1998), que analisa as teorias do filósofo Lyotard calcadas em psicanálise. Esta musicóloga afirma que a incredulidade está no cerne da pluralidade de referências, remetendo à noção de "impureza", assim denominada por ela, baseando-se em Scarpetta, relacionando o pós-modernismo com o caráter inclusivo da Estética da Impureza.

A pluralidade de referências e inclusão da voz do Outro encontra uma de suas expressões mais significativas, na pós-modernidade, no uso de intertextualidade nas produções artísticas (GLOAG, 2012). Neste processo, relevante é a presença da paródia na sensibilidade artística contemporânea

[1] Pesquisadora dedicada a Poéticas Contemporâneas e à Educação Musical, a paulistana Rita de Cássia Domingues dos Santos é professora do ECCO e do departamento de Artes da UFMT. Mestre em Musicologia pela ECA-USP, graduada em Composição e Regência pela UNESP, é membro da *Society for Minimalist Music*, do grupo de pesquisa MULTIMUNDOS e da ABRALIC. Doutora em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO/UFMT), realizou em 2017 doutorado sanduíche na *Bangor University* (Wales - UK). Coordenadora do grupo de pesquisa *ContemporArte*, atualmente realiza pesquisas na área Interartes; sobre (pós) minimalismo na música; e sobre possíveis conexões da Postopera com a América Latina. E-mail: rita.domingues@gmail.com

(HUTCHEON, 1985). Ao final conclui-se que as culturas contemporâneas são efetivamente permeadas pela Estética da Impureza.

O desenvolvimento deste capítulo se divide em três partes. A primeira discute o conceito de Estética da Impureza, relacionando-o com definições de modernismo e vanguarda; a segunda parte apresenta reflexões sobre o pós-modernismo; e a terceira parte apresenta questões da música de concerto contemporânea, trazendo ao final exemplos de paródia para a compreensão da Estética da Impureza neste âmbito.

Estética da Impureza e o modernismo

Butler atribui o surgimento do modernismo e os fenômenos da perda da fé na religião, bem como o aumento da nossa dependência da ciência e da tecnologia, à mercantilização e expansão dos mercados trazida pelo capitalismo, ao crescimento da cultura de massa e sua influência, como também à invasão da burocracia na vida privada. Segundo ele, todos estes elementos tiveram significativos efeitos nas artes (BUTLER, 2010). Temos com Lyotard a seguinte definição de ciência moderna:

> Quando este metadiscurso recorre explicitamente a algum grande relato, como a dialética do espírito, a hermenêutica do sentido, a emancipação do sujeito racional ou trabalhador, o desenvolvimento da riqueza, decide-se chamar "moderna" a ciência que a isto se refere para se legitimar. (LYOTARD, 2009, p. xv)

Como pano de fundo para a modernidade, segundo Lyotard (2009), existia uma atmosfera de pessimismo que nutriu toda uma geração de filósofos, intelectuais e artistas em Viena no início do século: Robert Musil (1880-1942), Karl Kraus (1874-1936), Hugo von Hofmannsthal (1874-1929), Adolf Loos (1870-1933), Arnold Schoenberg[2] (1874-1951), Hermann Broch (1886-1951), Ernst Mach (1838-1916) e Ludwig Wittgenstein (1889-1951).

Neste contexto, segundo a análise apresentada por Scarpetta[3] a própria

[2] Foi um compositor austríaco de música erudita e criador do dodecafonismo, um dos mais revolucionários e influentes estilos de composição do século XX. Schoenberg foi também pintor e importante teórico musical.

[3] Ensaísta e professor na Universidade de Grenoble, Guy Scarpetta nasceu em 1946 e ensinou literatura e cinema na Universidade de Reims. Foi colaborador da revista de arte moderna Art Press e escreveu ensaios como *Brecht ou Le Soldat Mort* (1979) e *Eloge Du Cosmopolitisme* (1981).

arte, assim como a ciência, transformou-se num substitutivo para a religião (SCARPETTA, 1985, p.15). Não se está a sugerir, nem parece ser a opinião de Scarpetta, que este fenômeno assim tenha sido prévia e deliberadamente pensado, arquitetado ou construído, mas sim que tenha ocorrido pelo preenchimento natural do vácuo deixado por outras crenças já não mais satisfatórias. Daí, pela relação "religiosa" que se podia estabelecer como comparativo emerge "a pureza" como um requisito desejável tanto nas artes como nas ciências. Na ciência, a pureza e o rigor de procedimentos a desdobrar-se em protocolos específicos a cada tipo de experimento compõem uma nova liturgia. Paradoxalmente, se por um lado nenhuma premissa deve ser considerada inabalável e os dogmas estão ausentes, por outro lado, na modernidade o tempo urge e a sociedade clama pela mais nova descoberta. Isto revela uma natureza cumulativa e progressista, o que origina marcadores que informam até onde se chegou, rótulos que definem este contexto e um campo de cultura que se espalha para outros setores.

Aquele mesmo paradoxo encontra nas artes sua representação na vanguarda, onde o experimentalismo parece estabelecer uma hierarquia do processo sobre o resultado, caso haja algum, já que muitas vezes o próprio resultado é desnecessário, e o rigor na manutenção deste mesmo processo é que passa a caracterizar o valor da obra de arte. Chega-se à conclusão de que os procedimentos da vanguarda não tinham o objetivo de agradar e comunicar, mas pelo contrário, de contestar e criticar, de causar um choque e provocar reflexões. Insiste-se aqui em falar de vanguarda quando o assunto é o moderno porque se mostram de tal forma fundidos que parecem indissociáveis. E como a arte é um aspecto da cultura não há mesmo como falar de moderno, modernismo, modernidade sem falar dos seus modos de expressão no fazer da arte.

Como determinar, além da singularidade de movimentos unidos sob o termo Vanguarda (singularidade que exigiria análises diferenciadas, detalhadas), os eixos principais dessa ideologia vanguardista dentro da qual a arte moderna tentou se pensar? Scarpetta pondera de forma esquemática, postulando quatro eixos: o da estratégia coletiva, o da "tábula rasa", o do progresso da Arte e o do radicalismo.

Explica que há aquele da evolução, o grande mito do Progresso na Arte, de acordo com o qual cada nova obra, cada movimento novo, deve "superar" os que os precederam; também há aquele do radicalismo formal – a história da

cultura moderna vista como uma série de rupturas, cada vez mais radicais, avançando cada vez mais longe. Têm-se um outro, consequente dos anteriores, de efetuar a 'tábula rasa' em relação às tradições (verdadeiro amor pela amnésia, pelo recomeçar do zero, como fosse indispensável recusar a memória); e finalmente aquele que coloca a experiência artística obrigatoriamente subordinada à ordem de uma estratégia coletiva (a época dos 'ismos', dos reagrupamentos comunitários, dos manifestos, dos slogans) e implica, em vários casos, um entrelaçamento entre as revoluções artísticas e a revolução política ou ideológica (SCARPETTA, 1985, pp.13-14).

Eis o momento em que emerge a questão das culturas contemporâneas no campo moderno, usando ainda o reflexo da vanguarda como medida comparativa, mas já abarcando aspectos sociais, históricos e culturais.

Prosseguindo um pouco mais além com Scarpetta (1985, pp. 14-15), seu arrazoado é de que esta época, das vanguardas, parece então terminada. Ramaut- Chevassus também concorda com o fim das vanguardas, ocasionado pela perseguição do ineditismo e do novo, levando a uma contradição vã e a um gesto composicional vazio de sentido. (RAMAUT- CHEVASSUS, 1998).

Bauman[4] esclarece a origem militar do termo vanguarda ao dizer que do francês *avant-garde* temos vanguarda, posto avançado, ponta-de-lança, a primeira linha de uma tropa em deslocamento: um movimento que se coloca à frente do corpo mais importante das armadas, adiante somente com o intuito de preparar o terreno para o restante do exército que segue após (BAUMAN, 1998, p.121).

O termo vanguarda foi adotado por outros campos no decorrer do século XIX, derivando principalmente para a política e a arte, com significado metafórico. De acordo com Vattimo, as vanguardas agiam através da supressão dos limites do estético, rumo a uma abrangência metafísica ou histórico-política da obra (VATTIMO, 2002, p.43).

Para Scarpetta (1985) o desabamento das grandes utopias radicais ou revolucionárias inevitavelmente arrastaram suas respectivas vanguardas artísticas na queda, já que essencialmente compartilhavam da sua lógica e valores.

[4] Bauman não usa o termo pós- modernidade para nossa época e sim modernidade liquida, em contraposição ao que ele denomina modernidade sólida. De acordo com ele, não há pós-modernidade no sentido de ruptura, mas sim uma continuação da modernidade, pois a rigidez da modernidade anterior é substituída pela volatilidade, sob o domínio do imediato, do individualismo e do consumo. Mais informações no livro dele intitulado *Modernidade Líquida* (2001)

Segundo a visão *scarpettiana* as razões internas não podem ser subestimadas: por exemplo, ao mesmo tempo em que a estética da radicalização resultou em um triunfo, na pintura, dos monocromáticos brancos (*minimal art*); a promoção, na música, de um som (ruído) mais puro e simples, ou nas "peças de silêncio"[5]; a fetichização, na poesia, de duas ou três palavras espalhadas numa folha, a considerar que a mensagem essencial estaria supostamente presente nos "brancos"; a redução da arte cinematográfica a um plano fixo de algumas horas num edifício nova-iorquino, citando Warhol, ou um simples movimento rotativo infinito de uma câmera como em *La Region centrale*[6] de Michael Snow, tudo isso torna evidente, para o crítico e ensaísta francês, que não se pode continuar "indo mais longe" à força da radicalização, ao impasse, à extinção. Termina ele a análise dizendo que em função de sua própria lógica mantida até o fim, as vanguardas acabaram por se precipitar num tipo de autodestruição (SCARPETTA, 1985, p.15)

Do nosso ponto de vista, tal análise apresenta grande lucidez e poder de distinção, todavia quando se aborda a questão do ponto de vista cultural num sentido amplo, não somente citando a derrocada das grandes utopias mas pondo em destaque o porquê desta derrocada, à força da economia e do mercado, há a tendência de não se depositar muitas expectativas nesta versão da vanguarda autodestruidora. Não que não seja um aspecto a considerar, mas até que ponto a vanguarda, neste contexto, já não havia perdido sua força como alavanca da crítica e do protesto, mantendo-se alienada dos processos pelos quais o mundo passava, mergulhada em seus próprios processos criativos?

Voltando à questão do modernismo, o século XX não pode deixar de ser mencionado. Pode ser chamado de "o século do conflito", pois nele houve duas guerras em menos de trinta anos de intervalo, para tocar apenas naquelas de proporções mundiais. Não se pode esquecer que, após a última grande hostilidade, finda em 1945, emergiu a chamada "Guerra Fria", centrada na disputa pelo domínio global entre as superpotências da época, Estados Unidos e União Soviética. Anthony Giddens (1938) se estende um pouco sobre este tema dizendo que não apenas o risco do confronto nuclear, mas também

[5] A grande referência aqui é a obra *4'33"*, de 1952, do compositor John Cage.

[6] *La Région centrale* é um filme canadense experimental de 1971 dirigido por Michael Snow. O filme tem 180 minutos de duração e é filmado ao longo de um período de 24 horas, usando um braço robótico e consiste inteiramente em movimentos pré-programados.

a efetividade da confrontação militar faz parte elementar do "lado sombrio" da modernidade no século XX, que foi o século da guerra, com inúmeros conflitos militares sérios acarretando perdas significativas de vidas num nível mais elevado do que qualquer dos séculos precedentes (GIDDENS, 1991).

É nesta conjuntura que a modernidade se assenta no palco mundial, sob o amparo do avanço na tecnologia, da produtividade industrial, das inovações em todos os âmbitos, a ciência como alicerce, com a força do átomo e o terror da fissura do seu núcleo para fins belicosos, além da convivência, não tão pacífica, entre variadas culturas, cada uma delas em seu próprio momento histórico. Sobre a modernidade/modernismo deste período, nas palavras de Jameson, o modernismo precisa ser concebido como correlacionado de forma singular a um instante desigual do desenvolvimento das sociedades, havendo a coexistência de realidades radicalmente diferentes da história num mesmo instante, tomando como exemplos o artesanato, ladeado com grandes cartéis e as plantações campesinas com fábricas da Krupp ou Ford à distância (JAMESON, 1997).

Este panorama de coexistência propiciou imensa circulação de ideias e mercadorias, originando também grande mobilidade social, o que fomentou condições para o reconhecimento da inovação como máximo valor do modernismo. Diz-se da dessacralização da era moderna com a fé inarredável na história e no progresso. Ante tal visão, insta identificar o pós-moderno não apenas como o novo em relação ao moderno, mas principalmente, como dissolução da própria categorização do novo, singularizada por alguns como uma abordagem de 'fim da história', mais que um mero surgimento de etapa diversa, mais evoluída ou mais retrógrada, da própria história.

Pós-modernismo: inclusão e multiplicidade de ideias

O pós-modernismo se destaca como um fenômeno relativo a transformações ocorridas na segunda metade do século passado, tanto no campo socioeconômico, como nos planos cultural e artístico. Rótulos como "sociedade pós-industrial", "sociedade da informação", "capitalismo tardio" ou "capitalismo transnacional" referem-se a alguns dos modelos que foram usados para explicar essas mudanças no domínio econômico e social após o colapso dos modelos pertencentes ao "velho" paradigma da sociedade industrial como o

modelo de produção e distribuição fordista, o keynesianismo[7] e seu modelo de economia baseada na ação do governo incentivando a demanda (KAIERO CLAVER, 2008).

Gloag (2012) compara o posicionamento de três teóricos sobre o surgimento do pós-modernismo: Bertens, Jameson e Harvey. Ele pontua que apesar de existirem sutis variações na cronologia e que refletem tanto a fluidez de um terreno movediço relativo ao período em geral como as diferenças inerentes aos debates e discussões em torno do pós-modernismo[8], é possível delinear estas cronologias de alguma maneira coerente.

Segundo Bertens (1995), teria surgido um movimento precursor em 1950 que ele denominou de anti-modernismo, representando uma rejeição ao modernismo. Oriundo desse movimento, Gloag pontua que, conforme Jameson (1991), no final da década de 1950 e começo da próxima teria acontecido uma ruptura radical entre modernismo e pós-modernismo, após o que, de acordo com Harvey (1989), pode-se observar no período de 1968 a 1972, o pós-modernismo emergir com força, embora continuasse um movimento incoerente.

A situação proposta do pós-modernismo em termos históricos pode ser reforçada pela constatação de que desde o final de 1970 e começo de 1980 o mundo tem experimentado algumas profundas mudanças – a queda do Socialismo, a Internet, os ataques de 11 de setembro de 2001, entre outros – tudo isso teria implicações adicionais para definir a condição de conhecimento, cultura e experiência após o modernismo (GLOAG, 2012).

Dada a relação que se pode estabelecer entre modernismo e vanguarda, o prenúncio do surgimento de uma nova etapa na cena mundial pode significar, embora não necessariamente, o fim de sua predecessora.

Desenham-se aqui as bases para o campo pós-moderno e parece-nos apropriado estabelecer uma reflexão quanto aos termos para designar pós-modernidade e pós-modernismo antes de seguirmos adiante. A resistência a

[7] Keynesianismo, que foi a base para o famoso plano *New Deal*, que visava tirar os EUA da "Grande Depressão", é uma teoria econômica que se opõe ao Liberalismo, pois defende a intervenção do Estado no controle da economia nacional, com o intuito de fazer o país atingir o pleno emprego. Esta doutrina político-econômica foi criada pelo economista inglês John Maynard Keynes (1883 - 1946) como uma alternativa ao modelo liberalista, que atingiu o seu ápice no final da segunda década do século XX.

[8] Gloag alerta que alguns teóricos já assumem o fim do pós-modernismo, como Nicolas Bourriaud, que cunhou um novo termo, *alter-modern*, para delimitar o vácuo que, segundo ele, Bourriaud (2009), se instalou após o pós-moderno. (GLOAG, 2012, p.160)

uma definição fácil faz parte do que o pós-modernismo significa e representa, abraçando a contradição em seu âmago. Para Victor Burgin (1986) o pós-moderno pode somente ser compreendido como um complexo de questões heterogêneas, mas inter-relacionadas as quais não podem ser silenciadas por nenhuma hipotética (espúria) resposta unitária. Segundo Hutcheon:

> Poucas palavras são mais usadas e abusadas nas discussões da cultura contemporânea que a palavra 'pós-modernismo'. Como resultado, toda tentativa de definir a palavra irá necessariamente ter ambas dimensões positiva e negativa. (HUTCHEON, 1989, p.1, tradução nossa)

De acordo com Scarpetta (1985), a fluidez dos conceitos relacionados aos termos pós-moderno, pós-modernidade, pós-modernismo não deixa margem a dúvidas quanto à dificuldade de "fixá-los" de alguma maneira num determinado padrão com que eles se façam reconhecíveis. Senão, vejamos: eles não definem uma escola, prenunciam e anunciam o fim dos manifestos, não se restringem histórica ou geograficamente ou ainda melhor, não são restritivos de maneira alguma.

Devido a esta flexibilidade ocorrem alguns paradoxos como Scarpetta (1985) pontua, tais como a palavra pós-moderno englobar questões oriundas de posicionamentos modernistas – discursos de regresso e de pura recusa, podendo aglomerar atitudes pouco conciliáveis. Ao expor sobre esta confusão de posicionamentos o autor cita o texto de Lyotard, onde há referência a Marcel Duchamp. Scarpetta considera isto um equívoco, pois Duchamp foi modelo de vanguarda.

A Estética da Impureza, que Scarpetta apresenta em seu livro *L'Impureté* (1985), sugere a possibilidade de se aceitar o novo, a novidade, como expressão artística e não pela ruptura, pela superação, como atitude de vanguarda. Esta estética contradiz a dissertação massiva e homogênea, exalta o teor dionisíaco sem progressividade linear e lógica (em oposição à tese), existindo como um discurso disperso, estilhaçado, lacunar, remissivo a um tipo de montagem, mantendo, no entanto, a heterogeneidade e o choque dos seus níveis. (SCARPETTA, 1985).

Esta posição estética de Scarpetta se coaduna com a conexão que Ramaut-Chevassus (1998) faz da visão de Lyotard sobre o pós-modernismo com a psicanálise. Esta compositora e teórica traz o argumento do filósofo de que o "pós", de "pós-moderno", não significa um movimento de repetição ou retor-

no, mas sim um processo de análise e de anamnese, que estabelece ligações mais fluidas, em nível profundo, pelos dispositivos psíquicos primários que residem na base da formação subjetiva. Ramaut-Chevassus faz assim referência às teorias de Lyotard calcadas em noções de psicanálise, tais quais as observadas em obras como *Discours, Figura*, em *L'économie Libidinale* e em *Des Dispositifs Pulsionnels*. Essas conexões psíquicas não seriam de caráter lógico, e sim de caráter pré-linguístico, permitindo averiguar relações não aparentes entre elementos, como encadeamentos narrativos de fatos aparentemente desconexos (*apud* Nascimento, 2011). Nota-se aqui a possível influência das novas descobertas da psicanálise na formulação estética de Scarpetta.[9]

No entanto, é de nosso entendimento que o pós-moderno não possa mesmo, impunemente, aceitar padrões modernos de superação e rupturas. É a nosso ver irreconciliável, pois a ruptura, a única, que perfaz e que delineia o pós-moderno é justamente a sua ruptura com o moderno, com seu espírito e se ele passa a aceitar uma multidão de superações, não é mais pós... é moderno. Porém não deixa de ser moderna esta tentativa de "pureza" argumentativa que tudo reduz a códigos binários.

Ainda que pareça estar-se demorando acerca do termo, dada a disparidade de significados talvez não seja demasiado lançar mais algumas notas sobre ele. Scarpetta (1985) propõe que a palavra pós-moderno deveria ser tratada de forma diferente: não como uma sigla de movimento, não como uma designação de um estado de espírito, pois afinal para ele este conceito é sintoma de uma crise de fim de época.

Por fim, a demonstrar a dificuldade ao redor da discussão sobre o campo pós-moderno, tanto à sua própria existência quanto aos seus atributos, João Adolfo Hansen valida nossa opinião ao dizer que o objeto inserido "nos debates do 'pós-moderno' é, portanto, o 'moderno', dito como partida de várias posições, e sobre o qual não há consenso algum." (HANSEN, 1994, p.38).

Este mesmo anseio do consenso universal, o discurso das argumentações, a "busca" de uma metanarrativa teleológica dentre os vários discursos coexistentes são elementos característicos relacionados à modernidade. O desapontamento com as grandes narrativas, com os metarrelatos de condição

[9] Nota-se também a influência do Surrealismo, movimento artístico e literário nascido em Paris na década de 1920, nestas proposições. Inserido no contexto das vanguardas que viriam a definir o modernismo no período entre as duas Grandes Guerras Mundiais, o Surrealismo se baseava na liberação do inconsciente.

totalizante, que inicia o delinear na face das sociedades dos traços da pós-modernidade. Jean Baudrillard, em seu livro central sobre pós-modernismo *Fatal Strategies*, originariamente publicado em 1983, afirma que "nós não estamos mais na idade de colapsos e ressurreições grandiosos..., mas de pequenos eventos fractais" (BAUDRILLARD, 1999, p.24, tradução nossa)

O novo passou a ser, na era moderna, o valor primordial, ao qual os demais valores permaneceram referenciados. A premência da enumeração e categorização foi priorizada neste período, a tudo submetendo uma correspondência em termos de juízo, estabelecendo juízos de valor fundados na extrema volição de progresso e no desejo ímpar de ruptura, esteios dos tempos modernos.

Por outro lado, Jameson ressalva sobre o perigo de encarar o pós-modernismo como um prenúncio de decadência ou de uma nova utopia:

> Em vez de cair na tentação de denunciar a complacência do Pós-Modernismo como uma espécie de sintoma final da decadência, ou de saudar as novas formas como precursoras de uma nova utopia tecnológica ou tecnocrática, parece mais apropriado avaliar a nova produção cultural a partir da hipótese de uma modificação geral da própria cultura, no bojo de uma reestruturação do capitalismo tardio como sistema. (JAMESON, 1997, pp-86-87)

Quanto às modificações da cultura e da sociedade, Vattimo aponta sobre como o niilismo prenunciado por Nietzsche, e o ultrapassamento da metafísica pretendido por Martin Heidegger (1889- 1976) estão se materializando na sociedade contemporânea, pois o niilismo dirige-se para a mobilidade do simbólico e para o modo como vivemos, individual e coletivamente, na sociedade pós-moderna. Nesta, a intenção da história não tem a imperatividade metafísica e teológica que possuía na moderna, o que corrobora Heidegger, no seu discurso sobre a imprescindibilidade de "abandonar o ser como fundamento", para "saltar" em seu "abismo" (VATTIMO, 2002). Já Trivinho traz uma reflexão interessante ao se perguntar o que é viver nos dias de hoje, tendo em vista reciclagens ininterruptas e processos constantemente acelerados, trazendo consigo a sensação de se viver centenas de anos em um apenas, de três a quatro gerações numa só década. Continua refletindo que é necessário ver a vida hoje não mais como extensão de duração, mas sim como espirais de imersão nos instantes, numa absorção em sequências comprimidas em momentos sem fim

como o magma fundido e indivisível de várias eras (TRIVINHO, 1992).

Considerada como a era da aclamação dos meios de comunicação em massa e das "redes", sendo a Internet apenas um exemplo, a pós-modernidade faz emergir o ceticismo ante uma verdade que se diga "única" (metarrelato) e abre portas para a nova visão que esquadrinha uma possível harmonização no imo da multiplicidade incontornável, fazendo sobressair qualidades pós-modernas como o inclusivismo, ecletismo, a citação ao passado, dentre outras que verificamos nas artes e na cultura pós-modernas.

Ainda sobre os meios de comunicação em massa e a maneira como as informações são disponibilizadas nas atuais sociedades, Iazzetta pontua:

> A cultura pós-moderna tem a peculiaridade de mover-se livremente entre contextos diferentes, não apenas no eixo diacrônico, fazendo referências constantes a tradições de épocas diferentes, mas também ao eixo sincrônico, com a aproximação de diversas culturas não ocidentais e a eliminação de fronteiras entre os domínios popular e erudito da cultura. (....) O efeito *zapping* da diversidade midiática a que estamos expostos desterritorializa as diferenças e dilui os limites entre contextos culturais distintos. (IAZZETTA, 2005, p.244)

Quanto ao Brasil, a questão da modernidade tanto quanto da pós-modernidade precisa ser bem situada, uma vez que possuímos características bem peculiares, não sendo tema pacificado a ocorrência da pós-modernidade aqui. Algumas palavras de Teixeira Coelho podem aclarar o caminho, pois segundo ele o projeto da modernidade lançou-se pelo século XVIII e foi firmado ao longo do XIX tendo sofrido, neste último, processos tais como a Revolução Industrial, como a formação de uma nova visão sobre o social, podendo neste contexto ser citado Karl Marx, além de passar pelos passos iniciais da psicanálise, para ficar naqueles processos mais evidentes. A modernidade no Brasil, segundo este autor, parece ter se cristalizado e ganhado delineamento mais bem trabalhado nos primórdios do século XX (COELHO, 1995).

Scarpetta reprocha a fábula moderna da particularidade, singularidade, ou ainda a pureza, a limpidez das artes, e versa sobre a possibilidade de reassegurar as demandas da invenção sem negar o passado e tampouco a cultura de massa. A ambivalência que Scarpetta ressalta é que a invenção pode derivar do pretérito: "o arcaísmo também pode, sob certas condições, produ-

zir outra escolha do que a regressão" (SCARPETTA, 1985, p.50). Neste sentido, um dos recursos mais usados na arte contemporânea é a paródia. Analisada a teoria de Hutcheon fica claro a proposição da ampliação do conceito de paródia para atender às demandas da arte neste novo século. Isso se refere aos diferentes tipos e conceituação de apropriação que temos hoje, e que seria, por seu turno, relacionado à presença opressiva dos meios de comunicação de massa e aos modos de reprodução mecânica.

Os critérios literários de Hutcheon para paródia podem fornecer um ponto de partida para a adaptação ao discurso musical e para estabelecer construções específicas de sátira e ironia em obras musicais da contemporaneidade[10]. Hutcheon introduz o seu conceito de *ethos* – "uma reação intencional inferida motivada pelo texto" – para estabelecer uma estrutura para distinguir as funções de sátira, paródia e ironia. A Sátira é sempre acompanhada por um *ethos* zombador ou desdenhoso (e, portanto, bem marcado) enquanto a paródia é acompanhada por um espírito ético, bem-humorado ou contestador (e, portanto, não marcado).

Esta autora, em seu livro A *Theory of Parody* define a paródia como imitação com diferença crítica. Hutcheon (1985) distancia a paródia da perspectiva normalmente atribuída a este tipo de intertextualidade como ridicularização ou ataque.

Para Jameson (1997), o desaparecimento do sujeito individual, e sua imediata consequência que é a indisponibilidade de um estilo pessoal, engendra sua bem próxima prática universal qual seja o que se chama pastiche. Ele distingue o terreno fértil do modernismo, em seus inimitáveis expoentes, para o uso da paródia e cita os exemplos de William Faulkner (1897- 1962), Heidegger e Mahler (1860- 1911). Prossegue dizendo que se as ideias da classe dominante foram a face hegemônica da ideologia de uma sociedade burguesa, os mais avançados países capitalistas hoje são o campo de uma heterogeneidade estilística e discursiva sem norma. Mestres sem face, infligem ainda sua *agenda* que limitam nossas existências, mas não precisam mais impor seu discurso. Nesta situação, em que não há mais uma norma a qual resistir, a paródia de uma forma dominante não é mais possível, de onde surge inevitavelmente o pastiche, ou uma mera imitação. À paródia faltaria a vocação e o pastiche então lentamente assume seu lugar, pois ele é semelhante à

[10] Para mais informações e exemplos de análise de obras musicais usando os critérios de Hutcheon, ver SANTOS *Repensando a terceira fase composicional de Gilberto Mendes*... (2019, editora CRV).

paródia, a imitação de uma máscara e de um discurso, mas amputado dos motivos da paródia. Uma paródia branca. No próximo subtópico discorremos mais especificamente sobre a música contemporânea, finalizando com um exemplo de paródia neste âmbito.

Estética da Impureza e a música contemporânea

Sobre a modernidade no âmbito musical, em relação ao conceito de vanguarda, percebe-se que os "ismos" modernistas do século passado adotaram esta postura combativa e inovadora. Segundo Ramaut-Chevassus (1998), esta situação gerou movimentos como o futurismo, que com agressividade havia lançado no início do século XX a postura composicional baseada no individualismo e no historicismo. Ainda sobre estes movimentos ela menciona o expressionismo, relacionando-o com a Segunda Escola de Viena[11], pontuando a importância de Darmstadt[12] e posteriormente da figura de Boulez (1925-2016) como o emblema da vanguarda, lembrando a sua famosa frase que se transformou na profissão de fé modernista: "todo compositor é inútil fora das pesquisas seriais" (RAMAUT-CHEVASSUS, 1998, p.20).

Dell'Antonio (2004) evoca uma desestabilização que é pareada com a capacidade explanatória à qual Lyotard deu o nome de paralogia, ou seja, o surgimento e a valorização dos paradoxos, dos indizíveis, do dissenso. Segundo Nascimento (2011, p.118), essa valorização pode estar presente na própria configuração epistemológica da musicologia pós-moderna – mas ela pode se refletir, também, no domínio das obras, na valorização de incoerências formais (inovação), de indícios de manifestação cultural (lógicas locais, narrativas locais), das relações entre o corpo e a música como o intermediário neces-

[11] Primeira Escola de Viena refere-se aos compositores do Classicismo (segunda metade do século XVIII) que se concentravam na Áustria: Haydn, Mozart e Beethoven. Segunda Escola de Viena (primeira metade do século XX) se refere aos compositores Arnold Schoenberg e seus alunos Alban Berg e Anton Webern.

[12] Darmstadt é uma cidade alemã localizada no estado alemão de Hessen, onde é realizado, desde 1946 um dos mais significativos festivais de música de vanguarda, junto com um curso de verão (Curso Internacional de Verão da Música Nova). Este festival começou por iniciativa da OMGUS (Office of Military Government United States), que criou este instituto internacional de música para ser a principal vitrine da vanguarda e permitir que "jovens compositores pudessem familiarizar-se com a música que os nazistas haviam banido" (ROSS, p.370). Foi palco de grandes estreias e polêmicas vanguardistas como a palestra de zen de Cage em 1959 Lecture on Nothing , palestra com muitas pausas "I am here..... and there is nothing to say...." Este ano a 49ª edição do Festival foi de 14 a 18 de julho de 2018 (*49th International Summer Course for New Music Darmstadt*).

sário à busca do extramusical. Estas perspectivas são bem próximas da Estética da Impureza de Scarpetta (1985).

Em relação ao modernismo e seu fruto em música, o serialismo, Gloag, estabelece uma relação com o conceito de metanarrativa[13]:

> Em termos de música, modernismo é visto como para definir, por exemplo, a música de Schoenberg e Stravinsky, e os compositores subsequentes que continuam o legado modernista. (...) 'emancipação da dissonância' de Schoenberg, que distanciou a música das convenções e tradições da tonalidade, seguida pelo desenvolvimento do serialismo, cuja busca de racionalizar o conteúdo musical definido como altura, poderia ser reivindicado como representativo de uma versão musical que tentou a construção de metanarrativas modernas nas quais estão intencionalmente as grandes ideias sobre a natureza da música com implicação estilísticas, formais e históricas em larga escala (GLOAG, 2012, p. 4, tradução nossa)

Voltando ao projeto modernista, Iazzetta salienta que, desde os primórdios do século XX, ocorreram movimentos de vanguarda musical no período pós-guerra, sucedendo-se entre si e mantendo forte ligação com este projeto (IAZZETTA, 2005). Já quanto ao procedimento das vanguardas, Scarpetta nos esclarece que até uma época recente elas funcionavam segundo uma série de oposições simples, a novidade em oposição ao pretérito, a invenção antagonizando o academicismo, a ruptura contra a continuidade, a revolução oposta à reação. (SCARPETTA, 1985)

Ramaut-Chevassus (1998), ao expor sobre o fim da modernidade, atrela este ao "fim das vanguardas", ao "fim da história' e ao "fim dos sistemas totalizantes", esclarecendo como o pós-modernismo musical se relaciona com a incredulidade nas metanarrativas pregada por Lyotard. A autora afirma que esta incredulidade está no cerne da pluralidade de referências, que remete a uma noção de "impureza", assim denominada por Ramaut-Chevassus, baseando-se em Guy Scarpetta. Segundo a compositora e teórica, este ecletismo permeado de impureza encontra base na ausência de fundação, contrariando a vanguarda que tem como uma das exigências primeiras esta fundação, e o modernismo, que almeja a coerência musical.

[13] Ramaut-Chevassus define como "metanarrativa todas as visões globalizantes que legitimam um saber", sendo que "As visões globalizantes se tornam as linguagens e gramáticas comuns, os estilos, as formas e funções ou todo outro sistema, como o sistema serial ou pós-serial, que visa uma coerência totalitária." (RAMAUT-CHEVASSUS,1998, p.10)

Segundo Scarpetta (1985), após um lapso temporal alinhavado aos tabus da pureza e do ascetismo, forçados pela Vanguarda, haveria de ser naturalmente percebida ao final, uma desoneração, um alívio, com a redescoberta do significado do jogo e da diversão, originados do impulso errante que principiou a alastrar-se nas poéticas. Verifica-se que a percepção de arte não é mais orientada pelos conceitos inerentes às vanguardas, como, "pureza", "progresso", "avanço", "novo". Ao enfrentar esta questão da orientação conceitual da arte, Rogério Costa expõe que o que parece ocorrer hoje é que existe uma incredulidade nos pressupostos modernistas de avanço histórico da linguagem e, consequentemente, da contingência de uma produção "correta" ou "incorreta" a partir desta perspectiva. A empáfia das *vanguardas* já não encontra ambiência. Não existem parâmetros válidos e universais para se aferir e aquilatar (COSTA, 2007).

Sobre o ecletismo e a comunicabilidade, Dhomont (1990) aponta que são essas as necessidades enfatizadas pela produção musical pós-moderna. No entanto, a ambiguidade dos critérios que as rege (disputa pelo sucesso mercadológico ou respeito pelas diferenças) pode representar um impasse para o compositor contemporâneo. Para Dhomont, é a noção de impureza, emprestada de Scarpetta, que possibilita uma saída plausível, permitindo a compositores como György Ligeti (1923-2006) e Morton Feldman (1926-1987) usarem, nas suas obras tardias, referências às outras culturas musicais ou recorrências tonais.

Para Scarpetta, a vanguarda primou pela pureza de seus procedimentos, em oposição ao momento seguinte, no qual prevaleceu o manejo da transversalidade das referências, conectado também à comunicação de massa. Importante salientar que a Estética da Impureza reafirma a exigência da invenção, sem negar o passado e nem o *kitsch*[14]. Trata o passado e o *kitsch* através do desvio, sem inocência, com corrupção e desnaturalização. (SCARPETTA, 1985).

A pluralidade de vozes no Ocidente, nesta época, tornou-se presente nos compositores chamados pós-modernos. Nas composições de Sofia Gubaidulina (1931-), desde a década de sessenta, convivem diversas tradições, sendo ela uma prenunciadora do pós-modernismo. Alguns deles empre-

[14] Kitsch, segundo Abraham Moles, corresponde a um estilo marcado pela ausência de estilo, a uma função de conforto acrescentada às funções tradicionais, sendo uma secreção artística derivada da venda dos produtos de uma sociedade em grandes lojas. Mais informações no livro *O Kitsch* (2001).

enderam o regresso ao tonalismo como, por exemplo, Alfred Schnittke (1934-1998). Às vezes, as composições dele ganham ares neoclássicos; em outras, ele emprega largamente a poliestilística (BUCKINX, 1998).

Assim na década de 1970, iniciou em música o uso do termo pós-modernismo, englobando vários procedimentos composicionais, por um lado como continuação, por outro como reação e contestação ao internacionalismo representado pelo modernismo. Nesta nova etapa não existe preocupação com o que é novo, a comunicabilidade é almejada e principalmente existe um amálgama composicional, tornando possível práticas de várias tendências em uma mesma obra e mesmo de discursos contrastantes. Surgem várias tendências composicionais, como o apelo as emoções, a chamada "Nova Simplicidade", na música de Wolfgang Rihm (1952-), o uso do pastiche na obra de George Rochberg (1918 -2005), a música momentânea, estilo videoclipe, de John Zorn (1953-); o pós-minimalismo de Adams (1947-) e Nyman (1944), dentre inúmeras outras vertentes. (PASLER, 2001).

Pela via da pós-modernidade todas as tendências composicionais são possíveis (práticas que remontam a qualquer época), incluindo as mais diversificadas e insólitas formas de mixagem entre eles. Retrata o continuísmo da tradição, por outro lado também é poliestilística, priva respeitosamente com as contraditas, admitindo-se ser local ou cosmopolita. No geral, esta nova tendência, chamada pós-moderna (pomo), é identificável pela pluralidade, inclusivismo e tolerância, e o fazer-se disponível ao público. Como afirma Iazzetta, "O que ocorre a partir dos anos 1970 é a realização de uma música híbrida, deslocada dos modelos estanques dos mercados produzidos pela cultura de massas." (IAZZETTA, 2005, p.242)

Assim, uma das modificações mais notórias da contemporaneidade seria o favorecimento, de acordo com Canclini, de culturas híbridas, que são feitas de multiplicidade e, ainda mais, de multitemporalidade, o que implica os gêneros impuros e o "descolecionamento". Este termo criado por Canclini refere-se à coleção de bens culturais no pós-modernismo, devido a dificuldades em definir as antigas classificações que distinguiam entre o culto e o popular, e ambos do massivo. Conforme o autor:

> Agora essas coleções renovam suas composições e suas hierarquias com as modas, entrecruzam-se o tempo todo e ainda por cima, cada usuário pode fazer sua própria coleção. As tecnologias de reprodução permitem a cada um montar em sua casa um repertório de discos e fitas que combinam o

> culto com o popular, incluindo aqueles que fazem isso na estrutura das obras: Piazzolla, que mistura o tango com o *jazz* e a música clássica; Caetano Veloso e Chico Buarque, que se apropriam ao mesmo tempo da experimentação dos poetas concretos das tradições afro-brasileiras e da experimentação musical pós-weberniana (CANCLINI, 2008, p. 304).

Gloag em seu livro *Postmodernism in Music* (2012) discute sobre a intertextualidade, comentando que a presença de traços perceptíveis de outras músicas pode ser uma estratégia intencional na contemporaneidade, promovendo a inclusão do Outro, diluindo as fronteiras entre música popular e música de concerto. Este autor relembra algumas das características da música e do pensamento pós-moderno segundo Jonathan Kramer (2002), como a ironia e o uso de citações ou referências de outras músicas de diferentes tradições e culturas.

Para exemplificar este procedimento ele apresenta a obra de Michael Daugherty (1954) intitulada *Dead Elvis* (1993). Esta obra foi encomendada pela Boston Musica Viva e por Chuck Ullery, fagotista principal da Orquestra de Câmara de Saint Paul. A instrumentação consiste de percussão, trompete, trombone, clarinete, violino, contrabaixo e fagote (solista). Se considerarmos a vida de Elvis, é mais do que uma coincidência que esta obra seja marcada pela mesma instrumentação que a da obra *Histoire du Soldat* (1918) de Stravinsky, na qual um soldado vende seu violino e sua alma ao diabo para ter um livro mágico.

Em *Dead Elvis*, Elvis Presley é representado pelo fagote e, inclusive, o fagotista deve se apresentar vestido como Elvis (GLOAG, 2012, p. 28). Segundo Daugherty:

> Para mim, as duas imagens contrastantes de Elvis (o quadril, o belo, o magro, o gênio, o Elvis do rock-and-roll; o vulgar, o gordo, o Elvis de Las Vegas), servem como um inquieto algoritmo de composição. Além disso, meu uso do *Dies Irae* (um canto latino medieval para o Dia do Juízo) como o principal tema musical de "Dead Elvis" significa ainda outro aspecto do mito de Elvis: algumas pessoas acreditam que Elvis está morto, enquanto outros acreditam que ele está vivo e bem em Kalamazoo. Talvez a questão não seja se Elvis está vivo ou morto, mas porque o fenômeno de Elvis dura além do túmulo de Graceland. Elvis, para melhor ou pior, faz parte da cultura, história e mitologia americanas. Se você quer entender a América e todos os seus enigmas, mais cedo ou mais tarde você terá que lidar com (Dead) Elvis. (DAUGERTHY, 1993)

Na música, há outros extratos como referências musicais, pois ouvimos o ritmo compulsivo do *rock and roll* dos anos 50, no contrabaixo, violino e bongôs, enquanto o fagotista executa variações do *Dies Irae*. Daugherty (1998) diz que o padrão repetido rítmico é como um gesto para o conteúdo histórico da música popular dos anos 50. (*apud* GLOAG, 2012, p .28)

Ao fazer sua análise, Gloag argumenta que, apesar de ser nítida a intenção de Daugherty em realizar intertextualidade com o uso do *Dies Irae* e da canção *It's Now or Never*, de Elvis Presley, poderíamos fazer outras conexões, como relacionar esta composição com a *Sinfonia Fantástica* (1830) de Hector Berlioz (1803 – 1869), já que nela o compositor francês usa o mesmo *Dies Irae* , ou com o filme *Sleeping with Enemy* (Joseph Ruben, 1991), onde também é usado este tema. Em sua análise sugere ainda intertextualidade com trabalhos de Andy Warhol (1928-1987) como *Red Elvis* (1962) e *Double Elvis* (1963), concluindo que esta proliferação de interpretação e significado pode ser uma maneira interessante de interpretar esta obra, colocando *Dead Elvis* no contexto do pensamento pós-moderno. (GLOAG, 2012, pp. 27-38). Apesar deste autor não usar a terminologia paródia, de acordo com a definição de Hutcheon (1985), pode-se considerar a obra *Dead Elvis* como um exemplo disso.

Há mais aspectos de paródia em relação a esta canção. A melodia de *It's now or Never* é, na verdade, oriunda de uma canção napolitana *O Sole Mio* com letra composta em 1901 por Giovanni Capurro e a melodia por Eduardo di Capua. Teve bastante exposição nos Estados Unidos com Mario Lanza, nos anos 40. Segundo Collins (2005), esta canção já havia sido parodiada por Tony Martin na versão intitulada *There's no Tomorrow* alcançando um relativo sucesso. Com a nova versão de Elvis, com letra dos *songwriters* Wally Gold e Aaron Schroeder, a canção se projetou para o mundo, inclusive aumentando muito a popularidade do já consagrado artista. (COLLINS, 2005, pp. 156 - 161).

Aqui no Brasil, de acordo com Santos Junior (2016), a melodia de *O Sole Mio* foi usada como *jingle* no final da década de 70 na propaganda da Gellato:

Com a utilização de versos num idioma italiano-abrasileirado a letra dizia:

Dame um Cornetto.
Molto crocante
E piu cremoso.

É da Gelatto.
Cornetto é da própria Itália.
Ti voglio tanto.
Corneeeeeto mio.

> Criado em 1978 e veiculado em 1979 (...) O comercial mostrava um personagem, interpretado pelo ator Rubens Britto furtando um *Cornetto* de uma moça que passeava em uma gôndola. O sucesso foi tão grande que, em pleno verão de 1980. a propaganda teve que ser retirada do ar por falta do produto nos pontos de venda. (...) e *O Sole Mio* que era uma paródia acabou se transformando no jingle do produto. (SANTOS JUNIOR, 2016, pp.168-169)

O uso da paródia e principalmente da música em *marketing* é um estudo à parte, como este realizado por Santos Junior. Os *jingles* precisam trazer a marca para o cotidiano das pessoas, e para isso partem de um universo cultural compartilhado pela massa, inclusive com o intuito de persuadir a compra dos produtos que anunciam.

Considerações finais

Subsídios para a compreensão das poéticas contemporâneas podem ser obtidos em Teorias culturais como a de Scarpetta, no enfoque das Artes, conservando abertas as possibilidades para a intuição de processos outros, num tipo de atualização de pressupostos. As sobreposições subjacentes precisam ser vistas em termos que chamem não à deposição dos complexos teórico-históricos pretéritos, mas que conduzam nossa atenção à coexistência de variadas possibilidades teóricas. No entanto, o que resultará do que se vê nos tempos atuais somente será apreciado obedecendo à necessidade de um recuo histórico para a compreensão destes mesmos tempos, pois a história da Arte só funciona a *posteriori*, ou seja, em retrospectiva: *l'aprè-coup*.

Pelo exposto, podemos inferir que pela Estética da Impureza tudo o que foi construído no moderno é bem-vindo e plenamente aceitável como linhas que atravessam a contemporaneidade. Por outro lado, para o campo pós-moderno, não é aceitável a manutenção da postura, do espírito moderno com a sede da superação e a ânsia da ruptura, próprios do modernismo. Neste sentido a arte pode ser como uma ponte imponderável entre forças antagônicas e

venturosamente alguns artistas conseguem unir numa só amálgama a sede do novo, própria, inerente ao processo criativo, ao passado, à evocação de outros tempos e de outras possibilidades, promovendo a inclusão do Outro na sensibilidade artística contemporânea.

Referências

BAUDRILLARD, Jean. **Fatal Strategies** London: Pluto, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BERTENS, Hans. **The Idea of the Postmodern**. New York: Routledge, 1995.

BUCKINX, Boudewijn. **O Pequeno Pomo:** uma história da música do pós-modernismo. Tradução de Alvaro Guimarães. São Paulo: Editorial Editora Giordano e Ateliê, 1998.

BUTLER, Christopher. **Modernism**... New York: Oxford University Press, 2010

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas:** Estratégias para entrar e Sair da Modernidade. São Paulo: EDUSP, 2003.

COELHO, Teixeira. **Moderno Pós Moderno:** Modos e Versões. 3ª ed. São Paulo: Iluminuras, 1995.

COLLINS, Ace. **Untold Gold:** .... Chicago: Chicago Review Press, 2005.

COSTA, Rogério. Reflexões sobre a situação da música brasileira no início do século XXI: quando a ideologia é um obstáculo para a criação. *In*: **Debates**, n.9, pp.73-85, 2007.

DAUGHERTY, M. Dead Elvis. michaeldaugherty.net. Disponível em: <http://www.michaeldaugherty.net/ i n d e x . c f m ? i d = 6 1 & i = 1 9 & p agename=works>. Acesso em: 17 ago. 2020.

DELL'ANTONIO. Andrew. **Beyond Structural Listening?**... Berkley: University of California Press, 2004.

DHOMONT, Francis. Le Postmodernisme em Musique:... In: NATTIEZ, Jean-Jacques (Ed.) **Circuit Revue Nord-Americaine de Musique**

du XXe Siécle. Postmodernisme. nº1. Montreal: Presses de l'Université de Montreal, 1990.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

GLOAG, Kenneth. **Postmodernism in music.** Cambridge Introductions to Music. Cambridge: University Press, 2012. 204 p.

HANSEN, João Adolfo. Pós-moderno e Cultura. In: CHALHUB, Samira (Org.). **Pós-moderno e:** semiótica, cultura, psicanálise, literatura, artes plásticas. Rio de Janeiro: IMAGO, 1994

HARVEY, David. **Condição pós-moderna.** São Paulo: Loyola, 1989.

HUTCHEON, LINDA. **A Poética do pós-modernismo.** Rio de Janeiro: Imago, 1989.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da paródia:** ensinamentos das formas de arte do século XX. Trad. Teresa Louro Pérez. Rio de Janeiro: edições 70, 1985.

IAZZETTA, Fernando. Além da vanguarda musical. In: GUINSBURG, J. e BARBOSA, Ana Mae (org.). **O Pós-modernismo.** São Paulo: Perspectiva, 2005.

JAMESON, Fredric. **Pós-Modernismo: A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio**. 2ª. ed. São Paulo: Ática, 1997

KAIERO CLAVER, Ainhoa. **Creacion musical e ideologias:**... Barcelona: Servei de Publicacions de la Universitat Autònoma de Barcelona, 2008. Em formato digital: https://www.tdx.cat/handle/10803/5197;jsessionid=CF2940581CCA9E9859F23CD800E59C0F

KRAMER, Jonathan. The Nature and Origins of Musical Postmodern. In: e AUNER, J. H. e LOCHHEAD, J.I. (org.). **Posmodern Music/ Posmodern Thought.** New York: Routledge, 2002.

LYOTARD, J. F. **A condição pós-moderna.** Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

NASCIMENTO, João Paulo Costa. **Abordagens do pós-moderno em música:** ... São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011

PASLER, Jann. Posmodernism. *In*: **The new Grove dictionary of music and musicians** London: Macmillan, 2001;

RAMAUT- CHEVASSUS, B. **Musique et postmodernite**. Paris: PUF, 1998.

SANTOS JUNIOR, Alaor. **Do fado de padaria ao rap do carro zero: ...** Tese de doutorado. PUC, São Paulo, 2016

SCARPETTA, Guy. **L'Impureté.** Paris: Editions Grasset & Fasquelle, 1985.

TRIVINHO, E. Rondini. **Estética da Cultura, Comunicação e Pós-Modernidade.** Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

VATTIMO, Gianni. **O fim da modernidade.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Capítulo 7
Difusão Científica através da Revista de Educação Pública em Diálogo com Fleck

Téo de Miranda[1]

Introdução

Este ensaio busca problematizar o alcance de periódicos científicos, em especial a Revista de Educação Pública, editada pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso. Para se pensar na visibilidade que os periódicos alcançam, temos como foco neste texto, conceitos como difusão, divulgação, comunicação científica e a participação das tecnologias digitais na comunicação cientifica brasileira. A Universidade Federal de Mato Grosso, mantém um Portal de Periódicos a partir de uma plataforma digital de código aberto, na qual está alocado o Portal de Revistas Científicas da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), que atualmente hospeda 21 periódicos de diversas áreas. Em sua apresentação, constata-se que:

> O Portal de Revistas Científicas da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) é um projeto do Curso de Biblioteconomia, a Editora UFMT e a Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa, que visa o desenvolvimento, a democratização do acesso ao conhecimento produzido pelas pesquisas científicas e a qualificação dos periódicos da UFMT[2].

Observa-se a partir da citação acima o interesse da Universidade na divulgação científica e na ampliação da circulação do conhecimento gerado pelas pesquisas realizadas dentro e fora da instituição. Dentre as 21 revistas, escolhemos a Revista de Educação Pública (REP) para desenvolver nossa pesqui-

[1] Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea/ECCO/UFMT.
[2] Fonte: http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/

sa acerca da popularização da produção científica. A escolha da citada revista se pauta principalmente pelo fato de que este periódico existe há 27 anos e é um dos mais antigos da UFMT.

Nessa perspectiva, nosso ponto de partida é investigar na pesquisa de doutorado, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Estudos de Culturas Contemporâneas da UFMT, até que ponto a difusão desse conhecimento tem sido realizada para públicos não acadêmicos? Como o conteúdo desse periódico pode ser melhor percebido por públicos não acadêmicos? Neste artigo, porém, iremos trabalhar com alguns conceitos chave para nos ajudar a elucidar as questões propostas na pesquisa de doutorado, tais como: difusão de conhecimento científico, comunicação científica, divulgação científica, popularização da ciência, "Gênese e desenvolvimento de um fato científico", coletivo de pensamento, estilo de pensamento, que se tornam essenciais para a análise da Revista de Educação e o cenário em que está inserida a popularização das pesquisas acadêmicas.

Dentre os principais autores estão o bacteriologista Ludwik Fleck, Manuel Castells, Wilson da Costa Bueno, o físico e educador Piotr Trzesniak, as pesquisadoras Dely Bezerra de Miranda e Maria de Nazaré Freitas Pereira, dentre outros.

Como principal referencial teórico sobre a revista recorremos a um artigo do próprio periódico (v. 22, n. 50), intitulado *Revista de Educação Pública: vinte anos de socializacção e intercambio do conhecimento científico*[3], o qual nos municiou com informações sobre a trajetória da revista desde sua criação, em 1992 até 2012. Os autores adotam "como procedimento metodológico a pesquisa documental, revisitando e mapeando as Cartas dos Editores[4] constantes das edições de número zero ao nuìmero 44", destacando sua história, autores e temáticas abordadas, além do "levantamento estatístico dos artigos avaliados e aceitos para publicação (...) compreendendo o período entre 2003 a 2012". Metodologia esta que segundo os autores permitiu "acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social". (SÁ; TRINDADE; SAUL, 2013, p. 623).

Também merece destaque a referência à obra "Ludwik Fleck: vida, obra e estilos de pensamento na ciência", organizada pelo professor Mauro Lúcio Leitão Condé (UFMG). Os artigos descrevem em detalhes vida e obra do

[3] SÁ, N. P.; TRINDADE, Dioneìia da Silva; SAUL, Leìa Lima. *Revista de Educação Pública: vinte anos de socialização e intercambio do conhecimento científico*. Revista de Educação Pública, Cuiabá, v. 22, n. 50, p. 621-642, set./dez. 2013.

[4] Escrita pelo editor, esta seção tem a função de apresentar cada edição.

pensador polonês. Para dialogar com a presente pesquisa nos atemos a três artigos que compõe a obra. São eles: capítulo I – *Fleck no seu tempo: Gênese e desenvolvimento de um pensamento*[5], de Ilana Lowy; capítulo II – *Fleck, sua vida, sua obra*[6], de Johannes Fehr; e o Capítulo VI – *Os circuitos de Fleck e a questão da popularização da ciência*[7], de Bernardo Jefferson de Oliveira.

Cabe ressaltar que a pesquisa está em seu primeiro ano, dessa forma os dados empíricos aparecerão no decorrer dos próximos anos. Neste artigo abordamos apenas algumas informações iniciais e percursos teóricos, também considerando a experiência do pesquisador que atua no processo de produção editorial de periódicos há mais de 10 anos, desenvolvendo atividades de editoração eletrônica da revista em questão.

A Revista de Educação Pública

De acordo com Sá *et al*. (2013) o ponto de partida que suscitou na criação da REP se deu em 1989, quando "por iniciativa do colegiado do PPGE/UFMT, é lançada, em caráter experimental, a edição número zero da revista, que então recebe a denominação Cadernos de Educação Pública" (SÁ; TRINDADE; SAUL, 2013, p.622). O nome "Educação Pública" advém da área de concentração do Programa na época de sua criação. Segundo Sá *et al.* (2013) a Revista de Educação Pública (REP) surge com a função principal de

> [...] disseminar o conhecimento científico produzido na área da Educação, compreendendo as diferentes perspectivas teórico-metodológicas de análise em tempos e espaços diversos. Buscamos, com isso, fomentar e facilitar o intercâmbio entre os pesquisadores da área em níveis regional, nacional e internacional, contribuindo então, para o enfrentamento e o

[5] No capítulo I, Fleck no seu tempo: Gênese e desenvolvimento de um pensamento, a autora Ilana Lowy apresenta a obra de Fleck e indica as linhas gerais de seu pensamento, que enfatiza a ciência moderna como uma atividade coletiva na qual "a produção e validação do conhecimento científico não podem ser realizadas afastadas da sociedade ou da cultura" (Condé, 2012 p.12). São apresentados alguns conceitos chave como "estilo de pensamento" e "coletivo de pensamento".

[6] O autor Johannes Fehr, no capítulo II, relata a trajetória do médico e microbiologista polonês e sua visão sobre o caráter político e social do conhecimento. Fehr discorre sobre contexto vivenciado por Fleck e sua perspectiva de dentro, de alguém que pratica ciência.

[7] No capítulo VI, de Bernardo Jefferson de Oliveira, analisa as contribuições de Fleck sobre as relações entre ciência e público e o tráfego dinâmico entre o saber científico e o saber popular. Fleck, pioneiramente apontava para falta de análises epistemológicas da ciência popular, que, segundo o autor, "abastece a maior parte das áreas do saber de cada pessoa, e dado que também o profissional mais meticuloso lhe deve muitos conceitos, muitas comparações e seus pontos de vista gerais" (FLECK, 2010, p.165).

> debate acerca dos problemas da educação brasileira em suas diferentes esferas. (SÁ; TRINDADE; SAUL, 2013, p.622)
> [...] para os especialistas da área da Educação divulgarem seus estudos e descobertas, possibilitando-lhes o intercâmbio de informações concernentes a resultados de pesquisa. (SÁ; TRINDADE; SAUL, 2013, p.623)

Sobre os periódicos de maneira geral, Miranda e Pereira (1996, p.376) escrevem que:

> [...] o periódico cumpre funções de registro oficial público da informação mediante a reconstituição de um sistema de editor-avaliador e de um arquivo público - fonte para o saber científico. Segundo Merton, o registro do conhecimento cumpre ainda importante função de estabelecimento de prioridade da descoberta científica - fator importante na motivação do cientista (MIRANDA e PEREIRA, 1996, p.376).

Como veículo de comunicação entre os pares, Ziman afirma que o periódico científico cumpre funções que permitem ascensão do cientista para efeito de promoção, reconhecimento e conquista de poder em seu meio. Por essas razões e por outras que passaram a fazer parte da sociologia da ciência, o ato de publicar artigos é exigido pelos pares como prova definitiva de efetiva atividade em pesquisa científica. (MIRANDA e PEREIRA, 1996, p.376)

Em sua página na web o periódico é apresentado da seguinte maneira A Revista de Educação Pública (*Qualis* A2) é um periódico do campo da Educação. Com editoração da EdUFMT, a Revista foi fundada em 1992, mediante desdobramentos de ações do Programa de Pós Graduação em Educação da UFMT. Sua periodicidade é quadrimestral, sendo publicada em versão online e impressa e estruturada em seções. Entre seus três números anuais, um caracteriza-se como temático e os demais pela demanda de textos, em fluxo contínuo, integrados às respectivas seções. Todos os manuscritos são avaliados por pares e *ad hoc*, submetendo-se aos mesmos procedimentos e rigor de avaliação. A Revista objetiva publicar textos originais e inéditos, contribuindo para a difusão da ciência, considerando as diferentes perspectivas teórico-metodológicas, em tempos e espaços diversos, no sentido de fomentar o intercâmbio de pesquisas de abrangência regional, nacional e internacional.

Impressa durante muito tempo, com tiragens de 1.000, 500 ou 300 exemplares, atualmente sua distribuição se mostra potencializada na web[8], através

[8] Fonte: http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica

do portal de periódicos da UFMT. Tendo sua plataforma inaugurada em 1999, hoje conta com mais de 11.000 acessos mensais, de todas as partes do mundo, número que reflete seu êxito na promoção da comunicação científica.

Observa-se que desde sua criação até a consolidação, que o periódico vem fomentando discussões frente aos problemas de seu tempo e gradualmente se posicionando no contexto nacional e internacional, proporcionando um ambiente de intercâmbio de conhecimento, assim promovendo a ampliação de debates caros ao campo da Educação. Hoje como meio de difusão com reconhecimento internacional, promove tanto a visibilidade de pesquisadores e suas pesquisas realizadas regionalmente, quanto a busca por interações num contexto global.

Ao realizar a leitura acerca da Revista de Educação e periódicos de forma geral, encontra-se constantemente a menção de que as mesmas têm a função de disseminar o conhecimento produzido nas Universidades brasileiras. Dessa forma, faz-se necessário conceituar os termos "comunicação científica" e "divulgação científica", que são recorrentes na pesquisa, e, apesar de ambas exercerem a difusão do conhecimento científico, em sua *práxis*, se distinguem em vários aspectos. De acordo com Bueno (2010), o termo divulgação científica descreve a "utilização de recursos, técnicas, processos e produtos (veículos ou canais) para a veiculação de informações científicas, tecnológicas ou associadas a inovações ao público leigo" (BUENO, 2009, p.162). Já a "comunicação científica, por sua vez, diz respeito à transfêrencia de informações científicas, tecnológicas ou associadas a inovações e que se destinam aos especialistas em determinadas áreas do conhecimento" (BUENO, 2010, p.2).

Com relação ao público-alvo Bueno afirma que a comunicação científica

> [...] está identificado com os especialistas, ou seja, pessoas que, por sua formação específica, estão familiarizadas com os temas, os conceitos e o próprio processo de produção em ciência e tecnologia (C&T). (BUENO, 2010, p. 2)

O público de interesse da comunicação científica mantém percepção nítida das especificidades do método científico e não ignora o fato de que a produção da ciência está respaldada num processo cumulativo, que se refina ao longo do tempo, pela ação daqueles que a protagonizam (pesquisadores / cientistas). Ao mesmo tempo, reconhecem que ela precisa ser validada pela demonstração rigorosa e / ou pela comprovação empírica. (BUENO, 2010, p. 2)

No caso da divulgação científica, ao se referir sobre o público-alvo descreve

> [...] ele é, prioritariamente, um não iniciado, quer dizer, não tem, obrigatoriamente, formação técnico-científica que lhe permita, sem maior esforço, decodificar um jargão técnico ou compreender conceitos que respaldam o processo singular de circulação de informações especializadas. (BUENO, 2010, p. 2)

A percepção do público leigo é difusa e encerra uma série de equívocos, como o de imaginar que C&T não se viabilizam num continuum, mas que progridem aos saltos a partir de insights de mentes privilegiadas. (BUENO, 2010, p. 2

Fleck, também se interessava pelo "trânsito do conhecimento entre diferentes instâncias" (Oliveira, *in:* Condeì, 2012, p.121), destacando o tráfego exotérico e seu papel na construção do conhecimento científico. Oliveira descreve que há na "obra Fleck diversas passagens que mostram o papel da difusão na legitimação e da educação na estabilização de normas e expectativas científicas" (Oliveira, *in:* Condeì, 2012, p.121). Na diferenciação dos coletivos de pensamento, numa estrutura geral, Fleck categoriza quatro tipos de ciência: a dos livros didáticos, a dos manuais, a dos periódicos e a ciência popular, cada uma com suas particularidades. Nos atemos aos dois últimos:

A ciência popular abastece a maior parte das áreas do saber de cada pessoa, e dado que também o profissional mais meticuloso lhe deve muitos conceitos, muitas comparações e seus pontos de vista gerais, ela representa um fator genérico de qualquer conhecimento e deve ser considerada como um problema epistemológico. (FLECK, 2010, p. 165, *apud* Oliveira, Condeì, 2012, p. 124-125)

Segundo Oliveira, "na obra de Fleck a ciência popular é a ciência para não especialistas, ou seja, 'para círculos amplos de leigos adultos com formação geral". Por sua vez "a ciência relatada dos periódicos trata muitas vezes de investigações de hipóteses ainda não conclusivas, com verificações iniciais ou ainda sem a devida conexão com a problemática da área do conhecimento em que se insere" (OLIVEIRA, CONDEì, 2012, p.124-125).

Fleck caracteriza a ciência dos periódicos como sendo pessoal, fragmentária, inovadora e provisória. Nos dias atuais, em que os periódicos científicos foram enormemente padronizados, a caracterização desse gênero como pessoal, provisória e fragmentada pode soar estranha (OLIVEIRA, CONDEì, 2012,

p.126)

Cabe destacar que a REP teve periodicidades diferentes desde sua criação até os dias atuais. Pode-se observar que houve a periodicidade anual entre 1992 e 1993, passou a ser semestral de 1994 a 2005 e quadrimestral desde 2006 até os dias atuais. Essas alterações se deram devido ao aumento da demanda e as exigências de agências avaliadoras, como a CAPES.

Tendo adotado outras estruturas no decorrer de sua história, atualmente o primeiro e o último número do ano são divididos em seções temáticas, enquanto que o número intermediário segue o tema do Seminário de Educação[9] do ano anterior. Cabe ressaltar que a produção da revista desde sua criação possui relação direta com o Seminário de Educação e com os grupos de pesquisa do PPGE/UFMT.

As seções temáticas atualmente se dividem entre Cultura Escolar e Formação de Professores; Educação e Psicologia, Educação, Poder e Cidadania; Educação Ambiental; História da Educação; Educação em Ciências e Matemática; Notas de leituras, resumos e resenhas; e Informes da pós-graduação e da pesquisa. Esse significativo aumento da produção da revista, também representa o aumento da demanda de pesquisadores interessados em submeter artigos para publicação, conforme o quadro abaixo.

Dados estatísticos de artigos submetidos, aceitos e publicados no período de 2003 a 2012

ANO	Número estimado de artigos submetidos por ano	Número de artigos aceitos para publicação	Tempo entre a submissão e a publicação (em meses)	PERIODICIDADE
003	30	18	06 a 12	Semestral
004	45	21	06 a 12	"
005	47	24	06 a 12	"
006	35	28	06 a 12	Quadrimestral
007	42	29	06 a 12	"
008	67	32	06 a 12	"
009	74	28	06 a 12	"
010	131	29	06 a 12	"
011	140	38	06 a 12	"
012	168	32	06 a 12	"
Total	779	279	---	"

Fonte: Secretaria Executiva da Revista de Educação Pública (08 nov. 2012)

[9] Evento anual promovido pelo Instituto de Educação da UFMT.

A aprovação dos originais se dá de acordo com critérios estabelecidos pela organização da revista, cujo principais diretrizes são a Originalidade (grau de ineditismo ou de contribuição teórico-metodológica para a seção a que se destina o manuscrito); Metodologia (critérios de escolha e procedimentos de coleta e análise de dados); Resultados (apresentar descrição clara dos dados e sua interpretação à luz dos conceitos e categorias); A correção formal do texto (a concisão e a objetividade da redação; o mérito intrínseco dos argumentos; a coerência lógica do texto em sua totalidade); O potencial do trabalho deve efetivamente expandir o conhecimento existente; A pertinência, diversidade e atualidade das referências bibliográficas e cumprimento das normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT; Conjunto de ideias abordadas, relativamente à extensão do texto e exaustividade da bibliografia pertinente é fundamental ao desenvolvimento do tema; Como instrumento de intercâmbio a Revista prioriza mais de 70% de seu espaço para a divulgação de resultados de pesquisa externos à UFMT. São aceitos também artigos em idiomas de origem dos colaboradores.

Os critérios apresentados acima, representam as diretrizes estabelecidas dentro do que entendemos por "estilo de pensamento", que por sua vez é praticado pelo "coletivo de pensamento" que conduz a Revista. Ambos os termos foram desenvolvidos por Ludwick Fleck, conceitos-chave, que nos ajudam a sistematizar os dados e compreender a estrutura da REP e como se dá a construção do conhecimento através dela. Ao descrever as idéias de Fleck, Ilana Lowy, diz que "o 'estilo de pensamento' permite aos pesquisadores encontrarem ordem no caos inicial das observações (...) e inserirem tais observações no *corpus* de conhecimento de sua disciplina científica" (Fleck, 2008:65, *apud* LOWY, *in:* Condé, p.21). Por sua vez, "um coletivo de pensamento" existiraì em qualquer situação em que duas ou mais pessoas estiverem realmente trocando ideias" (Fleck, 1979: 44, *Apud* Fehr, *in:* Condeì, p.41).

Em seu livro[10], Fleck enfatiza que a "Cognição é a atividade humana que mais depende das condições sociais, e o conhecimento é o produto social por excelência" (Fleck, 1979: 42. *Apud* Fehr, *in:* Condé, 2012 p.39). Essa perspectiva foi desenvolvida por Fleck em sua "teoria do estilo de pensamento" e "coletivo de pensamento", na qual considera que os conhecimentos "circulam no interior da comunidade, são forjados, transformados, reforçados ou enfra-

[10] Gênese e desenvolvimento de um fato científico (1935).

quecidos, influenciam outros conhecimentos, elaboram conceitos, concepções e hábitos de pensamento. (Fleck, 2018: 79, *Apud* Lowy, *in:* Condé, 2012 p.24)

Fleck também enfatiza o conceito de fato cientifico como sempre produzido por um único 'coletivo de pensamento', e se cristaliza por tentativa e erro, duìvidas, questionamentos, debates e polemicas" (LOWY, *in:* CONDÉ, 2012 p.24). Através da investigação coletiva ocorre a "transformac'aÞo de estilo de pensamento – isto é, a transformação da disposição para uma percepção dirigida – dá novas oportunidades de descobertas e criação de novos fatos".((Fleck, 2008: 190, *Apud* Lowy, *in:* Condé, 2012 p. 24)

Com base nas referências apresentadas acima, pode-se dizer que ao priorizar 70% do espaço para divulgação de pesquisas externas, a revista propõe trazer para dentro da UFMT e ao conhecimento dos seus leitores fatos científicos advindos de outros contextos, possibilitando novas interpretações, e dessa forma instigando a produção de novos fatos científicos.

Divulgação da ciência

Após a contextualização sobre a REP e conceitos, chegamos a última parte do artigo, na qual buscamos apontar caminhos para a difusão dos conhecimentos produzidos pelo periódico. Os principais meios de comunicação científica no país, tem sido as revistas cujo público acaba sendo a comunidade acadêmica, que também é produtora de conteúdos para as mesmas. Sinônimo de inovação, os periódicos científicos eletrônicos nas últimas décadas têm utilizado novas formas de difusão por meio de plataformas digitais dotadas de recursos tecnológicos que vem facilitando os processos de comunicação científica. Outros mecanismos de difusão, como redes sociais e o audiovisual ao se utilizar de linguagens menos acadêmicas possibilitam a divulgação para outros públicos, como estudantes do ensino médio e fundamental dentro outros.

Segundo Weiss (2019) "particularmente após as guerras mundiais, vimos uma profusão de inovações. Particularmente assistimos ao advento dos microprocessadores, da fibra ótica e, principalmente, da internet" (2019, p. 203). Atualmente vivemos uma era de "profundas transformações sociais e tecnológicas, ambas significativamente estimuladas principalmente pela incessante e crescente geração de inovações em Tecnologias da Informação e

Comunicação (TIC) (WEISS, 2019 p. 203). De acordo com o autor, "a sociedade passa a experimentar um novo desafio: acrescentar inteligência e novas dinâmicas de uso da informação, de forma que amadureça e volte como conhecimento capaz de gerar mais e mais valor para essa mesma sociedade" (WEISS, 2019 p. 204).

Neste sentido, observa-se que os periódicos têm migrado para ambientes virtuais, utilizando-se de Sistemas Eletrônicos de Editoração de Revistas (SEER), ao exemplo do OJS (Open Journal Systems[11]). No site do IBICT[12] a definição do SEER consta na seguinte forma:

O Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER) é um software desenvolvido para a construção e gestão de uma publicação periódica eletrônica. Esta ferramenta contempla ações essenciais à automação das atividades de editoração de periódicos científicos. Recomendado pela CAPES, o processo editorial no SEER permite uma melhoria na avaliação da qualidade dos periódicos e uma maior rapidez no fluxo das informações. A aceitação do SEER pela comunidade brasileira de editores científicos vem do desempenho do sistema e de sua fácil adaptação aos processos de editoração em uso. Também o SEER permite que a disseminação, divulgação e preservação dos conteúdos das revistas brasileiras apresentem uma melhoria na adoção dos padrões editoriais internacionais para periódicos on-line 100% eletrônicos.

Dessa forma, os meios digitais vêm facilitando o dia a dia de editores e das secretarias das revistas, tornando as atividades descentralizadas. O SEER tem revolucionado a forma de se fazer comunicação científica. Para Bueno

> [...] no caso da divulgação científica, a existência de diferenças importantes quando se manifesta com ou sem a presença direta dos MCM[13] e que estas diferenças não se situam apenas no tamanho da audiência.

A divulgação da C&T[14] pela imprensa (que ocorre prioritariamente graças ao jornalismo científico) incorpora novos elementos ao processo de circulação de informações científicas e tecnolóìgicas porque estabelece instâncias adicionais de mediação. Neste caso, a fonte de informações (cientista, pesqui-

[11] O Open Journal Systems é um software de código aberto para o gerenciamento de periódicos acadêmicos revisados por pares, desenvolvido pelo Public Knowledge Project. Site: https://pkp.sfu.ca/ojs/

[12] Fonte: http://www.ibict.br/tecnologias-para-informacao/seer

[13] Meios de Comunicação de Massa, como televisão aberta e rádio.

[14] Ciência e Tecnologia.

sador ou, de maneira geral, um centro de produção de C&T – universidades, empresas e institutos de pesquisa) sofre a interfêrencia de um agente (o jornalista ou o divulgador) e de uma estrutura de produção (que apresenta especificidades dependendo do tipo de mídia e da sua proposta de divulgação). Habitualmente, tal mediação costuma aumentar o nível de ruídos na interação com o público, comprometendo, inclusive, a qualidade da informação, porque, pelo menos no caso brasileiro, alguns fatores intervêm nesse processo.

O jornalista ou o divulgador, com raras exceções, não está capacitado para o processo de decodificação ou recodificação do discurso especializado e o processo de produção jornalística pode (o que acontece de maneira recorrente) privilegiar a espetacularização da notícia, buscando mais a ampliação da audiência do que a precisão ou a completude da informação.

Dessa forma percebemos que no processo de difusão por meio jornalístico, o conteúdo sempre estará sujeito a distorções, o que resultar na falta de credibilidade quanto a legitimação por parte da comunidade acadêmica, assim como a transmissão de dados equivocados para o público leigo. No sentido de promover a democratização do conhecimento científico pesquisadores, através de projetos de extensão ou até mesmo por meio de suas próprias redes sociais vem desenvolvendo iniciativas que visam, de forma responsável, transmitir conteúdos científicos através de meios e linguagens mais acessíveis para o público não especializado.

Considerações finais

No contexto atual, no qual a REP deixa de ser distribuída em formato impresso, a potência do meio digital vem se mostrando cada vez mais eficaz no processo de difusão dos conteúdos produzidos. Da mesma forma que a comunicação científica ganha força com as tecnologias digitais, o processo de divulgação também se mostra potencializado. Em nossa visão, a promoção dessa divulgação no contexto contemporâneo pode se fazer mais eficaz na utilização das redes digitais, associada à utilização de linguagens mais acessíveis, na forma textual, de imagens estáticas, animações e vídeos.

Sobre as redes digitais, Castell (2006) diz que: as redes de tecnologias digitais permitem a existência de redes que ultrapassem os seus limites históricos. E podem, ao mesmo tempo, ser flexíveis e adaptáveis graças à sua capaci-

dade de descentralizar a sua performance ao longo de uma rede de componentes autónomos, enquanto se mantêm capazes de coordenar toda esta actividade descentralizada com a possibilidade de partilhar a tomada de decisões. (CASTELLS, 2006, p. 18). E observa que

> [...] sociedades específicas em contextos específicos, podem atingir os seus objectivos e realizar os seus valores, fazendo uso das novas oportunidades geradas pela mais extraordinária revolução tecnológica da humanidade, que é capaz de transformar as nossas capacidades de comunicação, que permite a alteração dos nossos códigos de vida, que nos fornece as ferramentas para realmente controlarmos as nossas próprias condições, com todo o seu potencial destrutivo e todas as implicações da sua capacidade criativa (CASTELLS, 2006, p. 19).

Dessa forma compreendemos a necessidade da promoção de iniciativas inclusivas por meio de redes digitais, que possibilitem a difusão do conhecimento científico, ampliando assim o acesso à produção cientifica e dessa forma beneficiando tanto a comunidade acadêmica, que com o reconhecimento do trabalho desenvolvido, quanto a sociedade envolvente, que poderá perceber melhor a importância das pesquisas e os benefícios que podem gerar.

Referências

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede: do conhecimento à política. In: CASTELLS, Manuel. CARDOSO, Gustavo (Orgs). **A Sociedade em Rede: Do Conhecimento à Acção Política**. Imprensa Nacional - Casa da Moeda: Belém, 2006, p. 17-30.

BERTOLIN, J. C. G. Uma proposta de indicadores de desempenho para a educação superior brasileira. **Est. Aval. Educ**., São Paulo, v. 22, n. 50, p. 471-490, set./dez. 2011.

BUENO, Wilson da Costa. **A Divulgação da Produção Científica no Brasil**: A Visibilidade da Pesquisa nos Portais das Universidades Brasileiras. Disponível em https://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/viewFile/36340/22901. Acesso em 31/05/19.

GARVEY, W.D. **Communication: the essence of science**. Oxford: Pergamon, 1979.

FACHIN, Gleisy Regina B.; HILLESHEIM, Araci I. de Andrade. **Periódico científico:** padronização e organização. Florianópolis: Ed. UFSC, 2006.

LEITE, Fernando César Lima; MÁRDERO ARELLANO, Miguel Angel; MORENO, Fernanda Passini. Acesso livre a publicações e repositórios digitais em Ciência da Informação no Brasil. **Perspectivas em Ciência da Informaçã**o, v. 11, n. 1, jan./abr. 2006.

MIRANDA , Dely Bezerra de.; PEREIRA Maria de Nazaré Freitas, **Ci. Inf.**, Brasília, v. 25, n. 3, p. 375-382, set./dez. 1996.

SAì, N. P.; TRINDADE, Dioneìia da Silva; SAUL, Leìa Lima. Revista de Educac'aÞo Puìblica: vinte anos de socializac'aÞo e intercambio do conhecimento cientiìfico. **Revista de Educac'aÞo Puìblica**, Cuiabaì, v. 22, n. 50, p. 621-642 , set./dez. 2013. Disponível em: http:// w w w . p e r i o d i c o s c i entificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/1235

TRZESNIAK, Piotr. As dimensões da qualidade dos periódicos científicos e sua presença em um instrumento da área da educação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 32, maio/ago. 2006. Disponível em: http:// www.redalyc.org/html/275/27503213/ Acesso em 1/10/18

WEISS, Marcos Cesar. Sociedade sensoriada: a sociedade da transformac'aÞo digital. **Estudos Avançados**, 33 (95), 2019.

Capítulo 8
Alteridade, Fotografia e Arquitetura: reflexões sobre o espaço urbano na modernidade

Paula Roberta Ramos Libos[1]
Vinicius André da Silva Appolari[2]
Benedito Diélcio Moreira[3]

Introdução

Consideramos aqui o espaço urbano como um conjunto que integra e sobrepõe diferentes atividades e também articula práticas econômicas, sociais e culturais: pensamos o espaço de forma que possibilite o convívio, manutenção, segurança, organização, estética e a percepção do outro. Discute-se neste texto a percepção do outro como parte do espaço construído. Desse modo, o olhar sensível e mais a estética aplicada na concepção espacial do arquiteto e do fotógrafo criam uma sensação de minucioso equilíbrio do espaço. Contudo, a vida vai se apropriando de espaços de maneira rizomática, mesmo que os espaços tenham sido projetados com outra finalidade. Portanto, a análise do espaço urbano, sua estética e poética, pode auxiliar na reflexão sobre questões

[1] Mestre em Física Ambiental PGFA-UFMT e Doutoranda em Estudos de Cultura Contemporânea da Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso, na Linha de Pesquisa de Comunicações e Mediações Culturais. Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Cuiabá (2001), especialista em Sistema Viário Urbano e Mobilidade Urbana pela Faculdade Faipe (2017). Diretora da Faculdade de Tecnologia e Urbanismo da UNIC-Universidade de Cuiabá, coordenadora dos cursos de Arquitetura e Urbanismo, CST em Design de Interiores, Engenharia Civil, Engenharia Elétrica e Engenharia Mecânica. E-mail: paulalibos@gmail.com.

[2] Doutorando em Estudos de Cultura Contemporânea da Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso, na Linha de Pesquisa de Poéticas Contemporâneas. Coordenador de Pós-graduação UNIC - Campus Pantanal e Barão. Coordenador Geral de Polo EAD - UNIC, Campus-Pantanal. Professor Universitário nos cursos de Fotografia, Administração FGV, Direito e Gastronomia na Universidade de Cuiabá - UNIC. Mestre em Artes Visuais pela Unicamp de Campinas-SP (2016). Pós-graduando em Negócios Internacionais na UNIC. Graduado em Artes Visuais pela FAAL de Limeira-SP (2010). E-mail: viniciusappolari@gmail.com.

[3] Doutor em Educação pelo U.G.S. - Universitat Gesamthochschule Siege, Alemanha. Professor e pesquisador do PPGECCO-UFMT. E-mail: dielcio.moreira@gmail.com.

disciplinares da modernidade. Aquilo que se vê na fotografia e na obra arquitetônica pode ser entendido como uma forma de conquistar visibilidade no contexto do espaço urbano impessoal. A partir dos fenômenos que ocorrem em espaços urbanos, capturados pela fotografia, analisamos as ocupações dos espaços na modernidade e como esses fenômenos afetam o sensível e a relação com o outro.

O conceito de lugar pode ser abordado e aplicado por diversas vertentes, seu significado, interpretações, relações podem ser estabelecidas por concepções contemporâneas do Urbanismo, Geografia, Antropologia, entre outras ciências que buscam um contorno específico no processo que se concretiza. Abordamos o urbanismo, seus significados e dinâmicas buscando identificar, por meio da análise fotográfica, os usuários e como eles se apropriam do espaço.

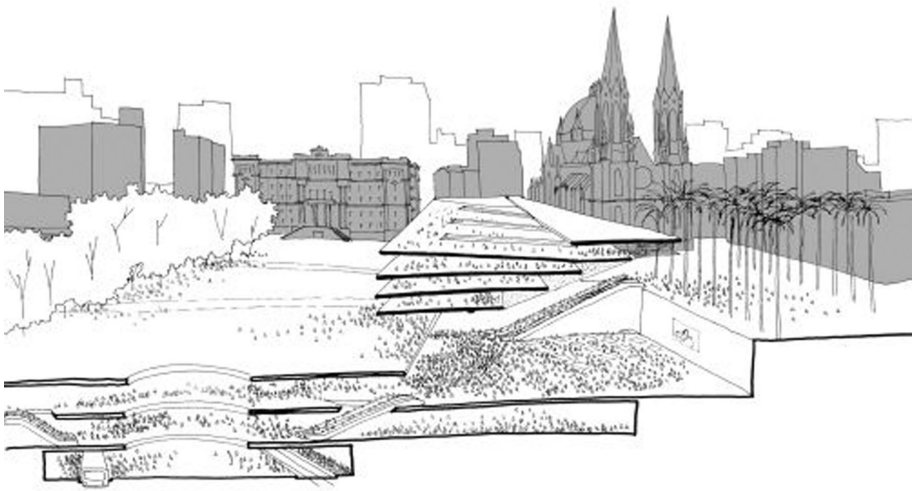
Andreas Gursky (1955) é um fotógrafo contemporâneo alemão com reconhecimento internacional no circuito de arte contemporânea. A obra de Gursky detêm características particulares que a destaca das fotografias urbanas tradicionais. Suas fotos emanam visualmente uma sensação de organização espacial quase que irreal. Através do domínio da perspectiva e acuidade técnica, as paisagens urbanas de Gursky possuem existência própria, praticamente desvinculada dos acontecimentos reais e vivos que ocorrem nos locais. A contemplação da obra de Gursky promove até mesmo estranhamento em quem olha a foto e a paisagem física, pois a precisão compositiva faz aparentar que o local foi estruturado e organizado para a foto.

A modernidade é um tema amplamente debatido no campo acadêmico, mas não cessa de propiciar novas possibilidades de análises e questionamentos. A modernidade, ao mesmo tempo em que é disciplinadora fornece espaços rizomáticos. Os espaços públicos na cidade são projetados para que haja interação entre as pessoas, mas somente até certo ponto. Em alguns momentos é desejado um espaço que gere privacidade e individualidade, porém o anseio moderno pela máxima disciplinarização dos espaços é barrado pela necessidade humana de interação. Quando isso ocorre na modernidade é tentado disciplinar também esses espaços de interação, criando filas, senhas, horários etc. Contudo, a vida segue avançando sobre barreiras dessas disciplinas. As pessoas por necessidade ou vontade não seguem o roteiro estabelecido e ocupam os espaços à sua maneira. Um exemplo disso é a Estação da Sé, em São Paulo.

Localizada no centro de São Paulo, a Praça da Sé desde a fundação da cidade é um ponto fundamental de referência, centro geográfico da cidade, marco zero, foi dali que o desenho urbano da cidade foi traçado. Junto à praça está localizado a Catedral Metropolitana de São Paulo, construída em estilo gótico e bizantino. Seus 92 metros de altura configuram a imponência e grandiosidade do lugar. Originalmente conhecida como "Largo da Sé", recebe na década de 1970 a intervenção paisagística realizada pelo arquiteto José Eduardo de Assis Lefèvre e, no mesmo período, a criação da estação da Sé do Metrô, objeto do nosso estudo, oficialmente inaugurada em 1978.

São Paulo, considerada a metrópole do Brasil, foi pioneira na implantação de intervenção urbana. O Edifício Mendes Caldeira, localizado outrora na Praça da Sé, com 30 andares, foi um dos edifícios demolidos em 1975 para a implantação da estação do Metrô. Com o objetivo de expansão da malha metroviária e mobilidade, a Estação da Sé é a artéria da cidade, sendo o principal elo de ligação do sistema metroviário. Conforme figura 1, podemos observar a paisagem urbana, a integração da Praça, Metrô e Catedral, o que revela um passo fundamental e histórico para a contemporaneidade da cidade. Segundo OVANDO JUNIOR (2014) a implosão do Edifício Mendes Caldeira simboliza o pensamento da esquerda e de uma época áurea da cidade representando a força do autoritarismo.

Figura 1 - secção esquemática da relação entre a estação de metrô, a praça e a nova estrutura



Fonte: https://www.fau.usp.br/disciplinas/tfg/tfg_online/tr/132/a072.html, acesso em 26/10/2020

Essas definições de espaços, importante pela apropriação humana cotidiana, definem a forma como o sujeito estabelece sua permanência e interpretação do local. Esse esforço em compreender o cenário e a utilização proporciona a própria construção da paisagem urbana. Conforme a figura 2, nesse buraco aberto é possível identificar o impacto causado pela obra no espaço urbano, a intervenção advém da necessidade de ampliação das linhas de metrô, ligando zonas importantes da cidade, convergindo ao marco zero da cidade.

Como toda intervenção urbana dessa envergadura, podemos perceber na figura 3, datada de 1950, imponentes edifícios que deram lugar a cratera da figura 2, edifícios estes que até os dias atuais são recordados. Observemos que o espaço de terra da obra é ímpar na paisagem paulistana. A modernidade não permitiria que esse estado desnudo da terra ficasse evidente. A terra e a poeira são permitidas somente nesse momento de transição para algo ainda mais disciplinado, que nesse caso é a malha metroviária.

Figura 2 - Cratera do metrô

Fonte: OVANDO JUNIOR, 2014

Figura 3 - Praça, 1950

Fonte: OVANDO JUNIOR, 2014

Hoje o espaço é dotado de canteiros, esculturas que visualmente saltam aos olhos conforme percebemos na figura 4, porém, "não cumpre mais aquele papel de unidade central da cidade que antes era visto no lugar" (OVANDO JUNIOR, 2014, p. 80). Os canteiros urbanos nas grandes cidades brasileiras são representações da sensação de controle que o homem tem sobre a natureza. A modernidade sugere que tudo esteja delimitado em seus respectivos espaços, essa regra vale para qualquer tipo de vida.

Figura 4 - Praça, 2012

Fonte: OVANDO JUNIOR, 2014

Percebemos o impacto na paisagem urbana e os novos significados que essas intervenções estabelecem com a memória cultural e histórica do lugar. O Metrô, com sua articulação sistêmica construído no subterrâneo, possui uma grande abóbada central em estrutura metálica e cobertura translúcida que permite a entrada de luz, estabelecendo uma poética entre as trevas e a luz, suas plataformas de acesso ao sistema metroviário distribuídos em andares e com estrutura em concreto aparente, símbolo da modernidade na época, estabelece um papel fundamental e essas articulações permanentes incorporam no cotidiano uma rede de integração e deslocamento. Segundo Castells:

> [...] Pessoas deslocar-se-ão entre todos esses lugares como mobilidade crescente, exatamente devido à flexibilidade recém-conquistada pelos sistemas de trabalho e integração social em redes: como o tempo fica mais flexível, os lugares tornam-se mais singulares à medida que as pessoas circulam entre eles em um padrão cada vez mais móvel. (CASTELLS, 1999, p. 487).

Portanto percebemos que o mundo da vida vai se apropriando desses espaços reafirmando um diagrama funcional de circulação da cidade, tornando-se inevitável a apropriação dos espaços.

A estética no espaço

A estética tem se dedicado ao estudo do fenômeno artístico, porém essa disciplina nasceu no século 18 associada ao surgimento da "concepção de indivíduo moderno". Nesse sentido, a estética nos permite entender a posição do sujeito em relação ao mundo, conduzindo a percepção individual e singular sobre o mundo sensível. O espaço estabelece relações mais aprofundadas com o sujeito, isso mostra uma necessidade de aproximação entre esses corpos.

Andreas Gursky tem um domínio técnico extremamente apurado da fotografia digital e analógica de grande formato[4]. Andreas não realiza a fotografia final na primeira visita à locação, mas faz fotos teste para melhor planejar a composição e iluminação. Após realizar as imagens, o artista faz o tratamento da imagem digitalmente.

[4] Grande Formato é um termo usado para designar filmes e sensores que têm tamanhos avantajados em relação ao formato tradicional de 35mm.

A estética, que por muito tempo foi considerada a filosofia da arte possibilita o notar e ser notado, entretanto é importante perceber o papel ativo do indivíduo no uso do espaço e como ele "modifica" o espaço com sua ocupação e uso. Percebemos a manifestação presente no espaço habitado, essa percepção do espaço sob a ótica do fotógrafo e do arquiteto produzem mudanças verificadas em suas paisagens, no espaço, na arquitetura e na imagem que, assim como a sociedade, estão em contínua construção e transformação. A forma de perceber a estética do lugar da vida contemporânea também articula afetações e novas formas começam a ser impressas na paisagem da cidade e no relacionar-se com o outro.

O lugar estabelece memórias, identidade, afetividade e experiência subjetiva. Percebe-se bem presente no cenário da comunicação em massa os espaços, os ambientes, os edifícios, os retratos e paisagem interagindo no cotidiano social "falando" com o receptor e de alguma forma comunicando algo e despertando afetações. A partir de sua ornamentação, construída a princípio por nós mesmos e posteriormente incorporada por aspectos urbanos, é que prédios, praças, monumentos interagem com a sociedade.

Fenomenologia: o espaço e a fotografia

A partir dos fenômenos que ocorrem em espaços urbanos, capturados pela fotografia, analisamos a ocupação da estação da Sé em São Paulo enquanto espaço da modernidade e como esse fenômeno da ocupação espacial afetam o sensível e a relação com o outro. Uma abordagem do conceito de lugar, enquanto espaço vivido, um espaço singular e carregado de significados e uso. A observação de uma fotografia e a vivência do espaço físico são experiências diferentes, e que se distanciam ainda mais quando comparamos a fotografia de Gursky com a Estação da Sé. A imagem da Estação é catalisada pela poética e criatividade do artista. Não é a mesma imagem, a fotografia é uma nova apresentação, aquilo que pode ser vista na Estação da Sé não cerceia as possibilidades criativas. A visão do fotógrafo é particular. O fotógrafo é por definição uma pessoa treinada para compor imagens fotográficas, contudo as pessoas que passam diariamente pela Estação da Sé têm a sua própria maneira de enxergar e sentir aquele espaço. Esse emaranhado de percepções diferentes não é notado, pois estamos ocupados percebendo os corpos físicos que nos cercam.

Figura 5 – Andreas Gursky

Fonte: https://032c.com. Acesso em: 29 de outubro de 2020.

A compreensão que há uma infinita gama de maneiras de enxergar o mundo é uma catapulta para o entendimento da alteridade. "A fenomenologia foi concebida como um "retorno às coisas" em oposição a abstrações e construções mentais" (NORGERG-SCHULZ, 2006). O autor "identifica o potencial fenomenológico na arquitetura como a capacidade de dar significado ao ambiente mediante a criação de lugares específicos". Essa experiência permite um profundo envolvimento com o local a ponto de se adquirir pertencimento em diferentes escalas.

Espaço moderno e Alteridade

O espaço urbano das metrópoles é um espaço higienizado. As áreas de terra e natureza são cuidadosamente delimitadas dentro de seu perímetro. Sendo permitidas livremente (porém, indesejadas) apenas na periferia. Este tipo de higienização é esperado em todos os espaços públicos, almeja-se uma distância segura a ponto de não encostar no outro. No entanto, o horário de pico da Estação da Sé pelo enorme fluxo de pessoas acaba desarranjando as filas e espaços demarcados e gera um turbilhão de gente. Em alguns minutos esse movimento intenso diminui a ponto incentivar as pessoas novamente a manterem-se nos espaços demarcados, de preferência sem muita proximidade com o outro.

Figura 6 - Horário de Pico na Estação da Sé

Fonte: https://www.metroworldnews.com.br/. Acesso em: 29 de outubro de 2020.

A vida vai se apropriando de espaços de maneira rizomática, mesmo que os espaços tenham sido projetados para a manutenção da individualidade. O contato com o outro é inevitável quando ocorre a extrapolação dos mecanismos de controle disciplinar. O pulsar da vida incentiva a aproximação com o outro. A alteridade é desencorajada pela disciplina que tenta, a todo custo, categorizar e organizar. Aquilo que se vê na fotografia e na obra arquitetônica pode ser entendido como uma forma de conquistar visibilidade no contexto do espaço urbano impessoal, desenvolver as referências de vários lugares nos permite adquirir experiência, assumindo um caráter subjetivo. Segundo diário oficial (2018), ano que o metrô completava 40 anos, diariamente 600 mil passageiros circulavam pelo local. Desde a implantação, o impacto que essa construção trouxe para o local precede antes mesmo de sua inauguração oficial, com a implosão de 3 (três) edifícios, o de maior impacto e relevância já comentados anteriormente. O cotidiano reflete a nossa relação com o espaço, com o tempo e com os outros. A forma com que realizamos a leitura do espaço e estabelecemos o senso de pertencimento é fundamental para identificar se o outro entende esse espaço como um "lugar" ou "não lugar". Abordar a alteridade por meio do estudo do espaço parece-nos, então, ser um caminho

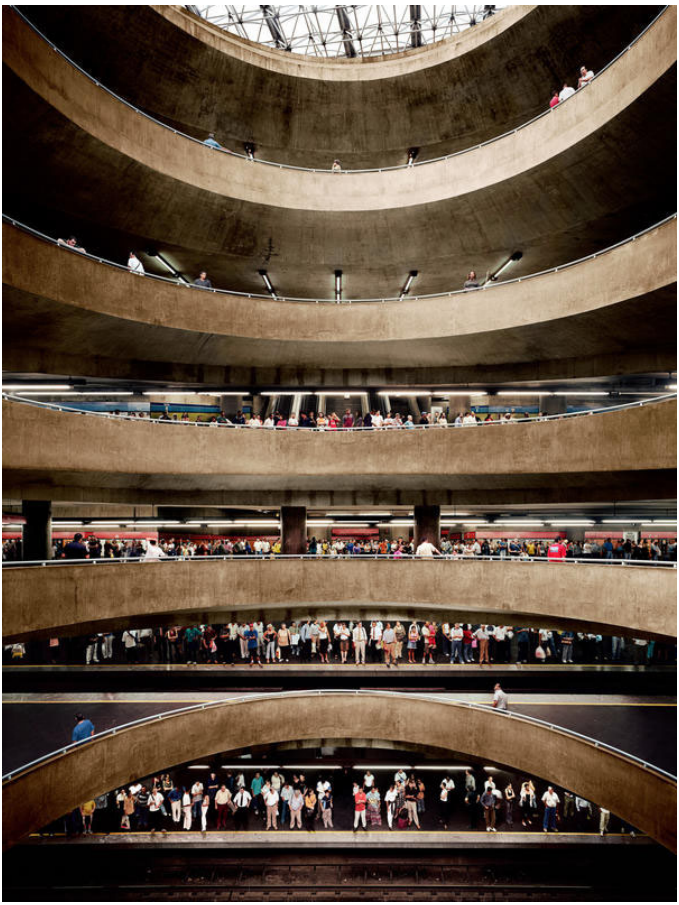
para situarmos a transversalidade de sua importância nas relações, entender como o outro explora esse espaço no cotidiano, suas emoções individuais e coletivas. A elaboração da composição de Gursky, conforme figura 5, apresenta cinco faixas de concreto iluminadas pela claraboia, figura 7. A minuciosa simetria dessas faixas produz uma estranha sensação de satisfação. Nesta imagem a organização da visão do fotógrafo praticamente antagoniza a visão de um transeunte, ainda mais no horário de pico. A arquitetura modernista da construção, com seus 90m² de concreto aparente, ficam em destaque nesta composição.

Figura 7 - Horário de Pico na Estação da Sé

Fonte: https://www.picuki.com. Acesso em: 29 de outubro de 2020.

Percebemos que esse espaço é praticado, revela os sentidos e, inclusive, afeta as nossas relações, a forma de recepção sobre o que nos cerca. A pessoas presentes nessa foto (Figura 8) do Gursky mudam o espaço e também o transforma por meio da efervescência, da apropriação que o indivíduo faz do espaço para torná-lo seu.

Figura 8 - Estação da sé



Fonte: https://www.andreasgursky.com acesso em: 26 de outubro de 2020.

Mesmo na grandiosidade da obra arquitetônica, o enquadramento nos mostra que a atribuição de sentido dentro do espaço é fluida e o ator na sua vida cotidiana se percebe nesse espaço, experienciado dentro do contexto de cada um. A arquitetura comunica, faz parte da nossa vida, do nosso cotidiano de nossas relações com o trabalho, com as amizades, família: é uma forma de afetação, de domínio, de personificação do poder. Assim como a como a tipologia do edifício permite uma afetação se tornando uma referência cultural, dentro do contexto contemporâneo, com a massificação das imagens, que estimulam os afetos e emoções, a fotografia vem revelando a vida, a arte e o espaço urbano destacando a paisagem e os diferentes momentos.

Considerações finais

É notória, no universo do espaço e do lugar, a existência do outro com sua identidade própria e a cultura que os diferem e estão carregados de possibilidades, afetando a forma de percepção do outro como parte do espaço construído. Essa análise do espaço por meio da fotografia do Gursky permite o olhar diferente a uma realidade de afetação que passa pela estética, simetria entre outros aspectos presentes no "olhar" do fotógrafo, estimulando de forma subjetiva cada afetação que a imagem proporciona. É possível estabelecer emoções e experiências pessoais baseado no uso cotidiano desse espaço público?

Entendemos que as palavras nos permitem comunicar, mas os espaços, arquitetura e fotografia nos possibilitam sentir, afetar-se e construir memória afetiva. Certeau nos apresenta que as "artes do fazer" são os lugares da liberdade e da criatividade, dois elementos fundamentais para a sociedade contemporânea que nos leva a ver e ouvir o outro, indo ao encontro de práticas cotidianas que nos levam a potencializar a importância do indivíduo no encontro de sua própria identidade.

A análise do espaço urbano, sua estética e poética podem auxiliar na reflexão sobre questões disciplinares da modernidade, a partir dos fenômenos que ocorrem em espaços urbanos, capturados pela fotografia, analisando as ocupações dos espaços na modernidade e como esses fenômenos afetam o sensível e a relação com o outro. A percepção do outro pelo transeunte do espaço urbano abrange a visualização de inúmeros rostos, sentir o cheiro de diversos perfumes e compartilhar um pouco das expressões de positividade e negatividade que um dia de trabalho provoca. As imagens mostram como é possível extravasar a lógica disciplinar da modernidade. Cabe compreender as melhores formas de proporcionar esse contato com a diversidade.

O contraste notado entre a fotografia de Gursky e a percepção de um passageiro reforça a possibilidade da multiplicidade de olhares para o mesmo local. Poderíamos até mesmo buscar um outro fotógrafo para registrar a estação, e a visão de Gursky ainda assim permaneceria apenas dele. A percepção dos fenômenos que ocorrem na Sé pelo transeunte também é particular, contudo é afetada por cada pessoa em trânsito.

Referências

Arq. Futuro Brasil. '**São Paulo e o Centro' | Passeio pelo Centro Antigo.** Youtube, 29 mar. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=X4ikSTet9Us. Acesso em 28/10/2020.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano:** 1. Artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

Brasil. Diário Oficial. **Poder Executivo** - Seção II. IV. São Paulo: 28 fev. 2018. disponível em: http://www.aeamesp.org.br/boletim/wp-content/uploads/sites/4/2018/02/180228-MATERIA-ESTA%C3%87%C3%83O-SE-METRO-DIARIO-OFICIAL-ESTADO.pdf. Acesso em 26/10/2020

História do Cinema Brasileiro. **Praça da Sé (1976) - Filme Completo.** Youtube, 23 set. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=UNpUt_jnLcY. Acesso em 28/10/2020.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **O fenômeno do lugar**. Cosac Naify, São Paulo, 2006.

OVANDO JÚNIOR, Altivo. Praça da Sé: reformada ou deformada pelas obras do Metrô?!. 2014. Dissertação (Mestrado em Mudança Social e Participação Política) - **Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo**, São Paulo, 2014. doi:10.11606/D.100.2014.tde-29052014-180806. Acesso em: 28/10/2020.

RANCIÈRE; JACQUES. **A partilha do sensível: Estética e Política**. São Paulo: Editora 34, 2009.

Capítulo 9
Junho de 2013 e as "Franjas da Reverberação" de um Acontecimento

Juliana Santana dos Santos[1]

Introdução

No ano de 2013, especificamente no mês de junho, o Brasil viveu um acontecimento que faz parte da nossa história recente. Há muito tempo o país não via manifestações de grande porte como as que aconteceram em 2013. A população encontrava-se insatisfeita com os escândalos de corrupção da política nacional, e com as decisões impopulares do governo como, por exemplo, os gastos de milhões de reais para sediar a Copa do Mundo de 2014, colocando em contraponto insatisfações sociais que ia desde muitos hospitais pelo país sucateados, saúde pública em carência cotidiana, profissionais da educação com salários atrasados e o aumento da passagem do transporte público em São Paulo, foram o "estopim" para que a população tomasse as ruas e ecoasse sua voz contra tudo, em especial contra a política e os governos, estaduais e federais. Este acontecimento tomou as ruas e as redes, cuja organização tomou força principalmente pelo Facebook.

Junho de 2013 além de afetar tantos brasileiros também foi objeto de muitos estudos e pesquisas científicas. Para efeito de apresentação de um resumo do estado da arte, no Catálogo de teses e dissertações da Capes, encontramos vários trabalhos sobre o acontecimento com diferentes enfoques (a cobertura das mídias tradicionais sobre as manifestações, sobre o midiativismo e as mídias alternativas, o uso das redes sociais para mobilização, a poesia na tomada das ruas em 2013, como é tratado a memória das manifestações na contemporaneidade), no entanto não encontramos nenhuma pesquisa que

[1] Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea (UFMT) e graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, campus Araguaia, UFMT.

tenha proposto analisar os valores postos em ação durante as manifestações e suas consequências futuras valores para anos seguintes.

Considerando que uma teoria da valoração é sempre uma crítica aos valores compartilhados em uma sociedade que afetam diretamente a vida de todos, seja nos modos de comportamentos, nas ideologias, nas práticas sociais e culturais e relação das instituições com os diferentes públicos. E que no contexto cultural e político atual no Brasil, o conflito entre os grupos sociais vem assumindo uma escala cada vez mais forte seja nos enfrentamentos pelas redes sociais ou nas ruas, inclusive com o uso de violência. Uma polarização política com diferentes estratégias comunicativas e de valores em embate. Grupos que brigam entre si e não acreditam mais nas instituições, mas sim em "salvadores da pátria", algum indivíduo que será capaz de tirar o país da crise e fazer diferente de todos os outros. Torna-se imprescindível um estudo que aponte os valores que levam a sociedade a se organizar e a se constituir pelo conflito.

Para isso, destacamos três grupos ativistas que tiveram grande participação nas manifestações de 2013 são eles: *Mídia Ninja* (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação), MBL (Movimento Brasil Livre) e *Black Bloc* (Bloco Negro) a fim de apreender as franjas da reverberação[2] desse acontecimento no contexto sociocultural de 2018. Identificar e refletir se os valores postos em ação por estes grupos de ativismo a partir de "Junho de 2013" tiveram ou não continuidade em 2018 e de que forma isso ocorreu.

Adotamos alguns pensadores fundamentais para dialogar com o tema: Vera França que contribui para o nosso trabalho com suas discussões sobre a ideia relacional da comunicação nosso eixo teórico; Louis Quéré com suas noções sobre acontecimento; o filósofo pragmatista clássico John Dewey para a discussão a respeito de valores e Erving Goffman para aplicação dos conceitos operacionais de enquadramento e performance.

O processo comunicativo em desenvolvimento

Nesta seção, trabalhamos com a apresentação do eixo teórico da ideia relacional da comunicação, que nos permite um olhar para a globalidade e a

[2] O termo "***franjas da reverberação"*** foi criado pelo Professor Dr. Pedro Pinto de Oliveira, e trata-se de uma metáfora para nos referirmos aos pontos de um acontecimento que ainda são sentidos numa outra temporalidade, podemos ter vários elementos, estéticos, de valores, de consequências práticas.

complexidade do processo comunicativo no contexto cultural que buscamos analisar. Na ideia relacional a comunicação é apreendida como um processo de troca, de ação partilhada e não apenas uma transmissão de mensagens; existe também uma atenção à presença de interlocutores que intervém na ação desempenhando papéis, envolvidos em processos de produção e interpretação de sentidos – mais do que simples emissores e receptores. O discurso é visto como formas simbólicas que trazem as marcas de sua produção, dos sujeitos envolvidos, de seu contexto. E por falar em contexto, na ideia relacional da comunicação os processos são apreendidos situacionalmente, ou seja, o panorama sociocultural de uma sociedade é considerado como um elemento importante do processo comunicativo.

Nesse sentido, "a comunicação compreende um processo de produção e compartilhamento de sentidos entre sujeitos interlocutores, realizado através de uma materialidade simbólica (da produção de discursos) e inserido em determinado contexto sobre o qual atua e do qual recebe os reflexos". (FRANÇA, 2001, online).

Ainda de acordo com França (2001), embora esta concepção utilize os mesmos elementos dos paradigmas apresentados anteriormente, na ideia relacional eles são vistos e dispostos de forma diferente.

> A novidade e riqueza é que esta outra descrição do processo comunicativo – esta concepção, este esquema teórico de apreensão – busca resgatar a circularidade e globalidade do processo, a interrelação entre os elementos que, por sua vez, se constituem, ganham uma nova existência no quadro relacional estabelecido. A especificidade do olhar da comunicação é alcançar a interseção de três dinâmicas básicas: o quadro relacional (relação dos interlocutores); a produção de sentidos (as práticas discursivas); a situação sociocultural (o contexto) (FRANÇA, 2001, online).

Portanto, ao utilizarmos à ideia relacional da comunicação como eixo teórico de nossa pesquisa, nos atentamos não apenas aos discursos proferidos pelos grupos em análise, mas também para a performance destes grupos, como interagem e intervém nas ações desempenhando papéis, e com atenção também para o contexto sociocultural em que estão inseridos. Afinal, o processo comunicativo trata-se "de algo vivo, dinâmico, instituidor – instituidor de sentidos e de relações; lugar não apenas onde os sujeitos dizem, mas também assumem papéis e se constroem socialmente; espaço de realização e renovação

da cultura" (FRANÇA, 2001, online).

Considerando que o contexto onde surgiram os grupos aqui estudados trata-se de um acontecimento, passamos então às discussões do sociólogo francês Louis Quéré.

Acontecimento

Em suas discussões a respeito do conceito de acontecimento, Louis Quéré diz que a partir do viés pragmatista os acontecimentos são coisas concretas, coisas reais, antes de serem colocadas no discurso. "São coisas que ocorrem, que se passam. Tal abordagem é mais sensível, a essa dimensão que chamo real ou existencial, como coisas que existem" (QUÉRÉ, 2011).

Dito de outro modo, a partir do viés pragmatista o acontecimento é visto num primeiro momento como algo concreto, a exemplo, tremores de terra, uma catástrofe nuclear, esses acontecimentos são antes sentidos, experienciados não são acontecimentos do domínio do discurso.

Quéré nos apresenta o acontecimento em diferentes formas, são elas: o acontecimento existencial e o acontecimento-objeto. Podemos entender por acontecimento existencial "os acontecimentos como mudanças contingentes que se produzem concretamente em nosso entorno" (QUÉRÉ, 2012, p.24).

De acordo com Peirce, apud Quéré (2012, p.28), na experiência imediata dos acontecimentos, existe uma mistura de três dimensões: primeiridade, secundidade e terceiridade. A primeiridade corresponde ao momento em que o acontecimento ocorre, ao imediato, perceptível sem a possibilidade de reflexão.

Já a secundidade, está relacionada ao impacto do acontecimento que pode nos afetar de forma positiva ou negativa a "dureza" e à insistência do fato ao caráter percuciente "do que se impõe em sua inteireza" em uma situação que não está sob controle, à colisão com ele, portanto, "o choque externo", à pressão oriunda do exterior" (QUÉRÉ, 2012, p. 29).

Enquanto na terceiridade há um grau de racionalidade e simbolização do acontecimento em nível diferente do acontecimento-objeto que veremos adiante, mas há uma "identificabilidade mínima possível (e possivelmente errônea) do que é e do que acontece – o que se apresenta aparece-nos, de certa maneira, sob um aspecto (à percepção é aspectual) –, com um mínimo de forma, sem que essa forma seja dada por um conceito ou por uma proposição"

(QUÉRÉ, 2012, p.29). Esta categoria corresponde à generalidade, da mediação por signos e símbolos.

Ao contrário da terceiridade, onde há um raciocínio mínimo a respeito do ocorrido, na segunda vida do acontecimento trata-se do momento em que o transformamos em objeto de pensamento e de julgamento. Na segunda vida do acontecimento, ele deixa de ser simplesmente existencial e passa a ser objeto do consciente. De acordo com o autor:

> Ele se torna não só um objeto e uma fonte de inferências e de raciocínios, mas também um meio de ação controlada. Com efeito, servimo-nos deste tipo de objeto cognitivo-discursivo para intervir no curso dos acontecimentos, a fim de canalizá-lo ou atenuar sua brutalidade. Os acontecimentos-objetos tornam-se assim, agentes da história que se faz (QUÉRÉ, 2012, p. 31).

Essa intervenção no curso dos acontecimentos serve tanto para nível da experiência individual como coletiva. Outra forma de intervenção no impacto dos acontecimentos e de percepção é a comunicação que transforma as qualidades imediatas do fato em objeto de julgamento.

> Quando Dewey diz julgamento, ele pensa em julgamento de valor e julgamento de prática, respaldados em um conhecimento produzido pela investigação. Em particular, podemos apreender às condições e consequências desses julgamentos – ao mesmo tempo, o que os havia condicionado ou provocado e, sobretudo, suas consequências possíveis ou prováveis no âmbito de interações diversas e variadas (QUÉRÉ, 2012, p. 31).

De acordo com o autor, quando um acontecimento possui uma significação, suas consequências e seus potenciais se tornam sua característica integral e consolidada. "Quando as consequências potenciais são importantes e repetidas, elas formam a verdadeira natureza ou essência de uma coisa, à forma que define, a identifica e a distingue. Reconhecer a coisa é apreender sua definição" (QUÉRÉ, 2012, p.31-32). Desta forma, passamos a perceber as coisas, em vez de apenas senti-las. "Perceber é reconhecer possibilidades não atingidas; é relacionar o presente às consequências, a aparição ao desfecho, e, por conseguinte, conduzir-se tomando como regra as conexões dos acontecimentos" (DEWEY apud QUÉRÉ, 2012, p. 32). Ainda de acordo com Quéré,

a investigação é uma forma de transformação de um acontecimento existencial em "uma coisa de significados".

Sendo assim, nossa pesquisa transforma o que foi em dado momento um acontecimento existencial, as manifestações de junho de 2013, em acontecimento-objeto quando passamos a investigar a relação do presente (contexto sociocultural de 2018) com as consequências e potencialidades do acontecimento. Além de estabelecer conexões com outros acontecimentos como: protestos contra a Copa do Mundo (2014), manifestações pró-impeachment de Dilma (2015) e eleição do Presidente Jair Bolsonaro (2018).

Após apresentar o conceito de acontecimento discutido por Louis Quéré, na sequência discutimos sobre valores a partir da concepção de John Dewey, o qual defende que os valores se aplicam a todo campo da experiência real e possível, própria a algum interesse humano.

Teoria da valoração de John Dewey

Para Dewey os valores são históricos e sociais. Sua teoria é, portanto, uma crítica dos valores em dado contexto, de como os homens atribuem e cultivam os valores compartilhados. Os valores se aplicam a todo campo da experiência real e possível na vida associada. Tratamos de fenômenos sociais nos quais a ideia de "social" significa que há uma forma de comportamento cuja natureza é uma interação ou transação entre duas ou mais pessoas.

Para o filósofo do pragmatismo a atividade interpessoal é mais evidente quando ocorre com a finalidade de evocar um determinado tipo de resposta em outras pessoas, ou seja, o gesto de interpelar.

Tomados como indícios (e, posteriormente, quando usados como indícios), gestos, posturas e palavras são símbolos linguísticos, conforme essa visada. Esse conjunto conforma os conteúdos dos valores dos seus interlocutores no processo da comunicação. É por meio de observações do comportamento que a existência e a descrição crítica de valorações devem ser determinadas. "Sempre que uma pessoa tem interesse por alguma coisa, ela toma posição perante o curso dos acontecimentos e seus resultados finais – uma posição que move a empreender uma ação que leve a um resultado particular, e não outro" (DEWEY, 2009, p. 68).

Dewey afirma que é importante destacar o papel das condições e instituições culturais na formação de desejos e fins e, portanto, das valorações. Ou

seja, não se pode avaliar o comportamento humano, em especial relacionado a desejos e propósitos, separando os indivíduos do arranjo cultural em que vivem, atuam e fazem a sua existência.

Convocamos ainda, nesta apreensão da ideia de valor enquanto conceito operador, a leitura referente à teoria do valor de Dewey feita por Jane Erny de Castro Graciano (2012). De acordo com ela, a distinção metaética fundamental na filosofia de John Dewey é aquela entre valorizar e avaliar. Para Dewey, valorizar se refere a atitudes afetivo-motoras. Graciano cita um exemplo dado por Dewey, no qual, uma criança encontra uma pedra brilhante.

> O senso de toque e de visão da criança é gratificante. Mas não há valorização, porque não há desejo e nenhum fim em vista, até que surja a questão sobre o que deverá ser feito com a pedra, ou seja, até que à criança preze o que ela acidentalmente encontrou. No momento em que a criança começa a valorizar e se importar com a pedra, ela lhe atribui algum uso e, deste modo, a pedra é empregada como um meio para algum fim e, dependendo da maturidade da criança, ela estima ou valoriza a pedra dentro daquela relação ou como um meio para um fim (DEWEY, 2012, p. 85).

No entanto, à valorização primitiva se distingue do desejo e da fruição. Conforme essa visada *deweyana*, o desejo possui um conteúdo proposicional, pois inclui um fim-em-vista. O desejo surge como resultado da reflexão sobre os nossos atos, revelando-se mais sofisticados que as valorizações primitivas. Já a fruição não deve ser entendida como experiência passiva de prazer, sem ligação com a conduta, pois participamos ativamente dos processos envolvidos, a exemplo, quando apreciamos uma bebida colocamos o copo com a bebida contra a luz para ver sua cor, sentimos o seu odor, apreciamos o seu gosto em nossa boca, porém, esse tipo de valorização ainda não expressa um juízo de valor.

Graciano (2012) destaca esse aspecto do juízo de valor aparece quando submetemos a valorização à avaliação.

> Os juízos de valor possuem conteúdo prático e servem para guiar nossas futuras valorizações. Essas surgem quando as nossas ações com base em valorizações ou não são possíveis ou produzem consequências indesejáveis. Nessa perspectiva, as próprias consequências das nossas ações são objetos de valorizações que determinam a formação de novos fins e de novas valorizações. Assim, nossos juízos de valor podem produzir novas valorizações. Tal fato tem duas consequências, uma ligada à natureza da

> valorização, outra à avaliação dos juízos de valor. No primeiro caso, quando os nossos valores mudam em resposta a nossos juízos de valor, esses valores se transformam em desejos, interesses ou gostos. No segundo caso, os juízos de valor podem ser avaliados instrumentalmente, porque a sua função é constituir novas valorizações capazes de resolver os nossos problemas (GRACIANO, 2012, p. 86).

O juízo de valor tem como função guiar a conduta no sentido de fornecer a melhor solução ao problema com um fim-em-vista. Graciano (2012, p. 88) entende que "os juízos de valor são ferramentas para descobrir como viver uma vida melhor, da mesma forma que as hipóteses científicas são ferramentas para descobrir novas informações sobre o mundo".

Dando sequência, Dewey irá nos dizer que o juízo de valor de um fim está diretamente ligado com os julgamentos dos meios para alcançá-lo. "Cada elemento que deve servir de meio é um objeto de desejo e um fim em vista. E o fim efetivamente atingido é um meio não só para futuros fins, mas também para o teste de valorações feitas previamente" (GRACIANO, 2012, p. 89).

A abordagem de Dewey sobre valores nos leva a entender que os juízos de valor são provisórios e são modificados dependendo do momento histórico e contexto em que se encontram os indivíduos envolvidos. Sua teoria do valor é explicada a partir da noção da experiência, "entendida como o conjunto de interações dos seres humanos com outros seres humanos e com o ambiente, gerando situações problemáticas e motivando o aparecimento de soluções testáveis experimentalmente". (GRACIANO, 2012, p. 93).

Na noção de acontecimento vemos os movimentos, os gestos, as ações organizadas pela e na interação comunicativa. A relação entre meios e fins da experiência dos grupos ativistas, que estudamos a partir dos seus vídeos, aponta para os valores postos na interação. Acreditamos que a noção de valor contribui, portanto, para a análise da globalidade do processo comunicativo, ver como os grupos interpelam entre seus componentes e com o Outro; como acionam seus valores e as relações de formas e conteúdos das respectivas atuações e dos atores sociais em seus papéis de ativistas.

Enquadramento e performance

De acordo com Hangai (2012) em sua leitura sobre o *frame*, os quadros de Goffman são "uma limitada estrutura cognitiva empregada subjetivamente

pelo indivíduo a fim de que este possa atribuir significados aos objetos e aos acontecimentos físicos e abstratos que o cercam". Em outras palavras, os quadros são nossa capacidade de perceber o que se passa em determinada situação, nossos pontos de vista, que ordenam as peças e os sujeitos envolvidos a fim de dar sentido e significado para ação.

Goffman denomina o ato de dar significado a algo que antes não possuía significação de esquema primário. No cotidiano, os esquemas primários são frequentes, eles tornam-se visíveis a cada vez que a consciência ativa significados para objetos e os enquadra em uma faixa de atividade sem que com isso seja preciso resgatar uma faixa de atividade antecedente (HANGAI, 2012).

De acordo com Goffman (2012), o esquema primário pode ser transformado de acordo com duas lógicas: a tonalização e a maquinação. A tonalização trata-se da adição de um novo significado ao esquema primário, a exemplo, duas pessoas brigando na rua este é o esquema primário, no entanto se este conflito for, na verdade, uma brincadeira, então se adiciona ao esquema primário uma nova rede significante que permite o reconhecimento da briga como não verdadeira. Já na maquinação, o objetivo é induzir uma falsa convicção do que está realmente acontecendo, ou seja, manipular o enquadramento para que o sujeito não identifique a realidade.

Portanto, o sentido de uma ação é apreendido a partir do enquadramento, no entanto esse processo é subjetivo, ou seja, as coisas são reais de acordo com uma perspectiva adotada. Este quadro de percepção subjetiva está localizado em um universo de acontecimentos laterais e simultâneos que se constituem como pistas paralelas à atividade enquadrada.

Diante de diferentes quadros desempenhamos diferentes papéis, ou seja, diferentes performances. Deste modo os quadros definem qual performance deve ser adotada pelo indivíduo.

> Goffman recorre a um conceito-chave do interacionismo simbólico para elucidar esta fórmula pessoa-papel anteriormente mencionada. O autor, assim como George H. Mead, afirma que cada indivíduo é dotado de um eu (self), uma essência de personalidade que antecede a todos os papéis que ele venha a desempenhar. Este "eu" resulta da história biográfica do indivíduo e é sempre levado adiante, mesmo quando ele se deixa absorver por um papel social. A sua biologia e o seu estilo de agir e pensar são indissociáveis de seu ser, mesmo quando está desempenhando um papel. Com isso, Goffman se aproxima de uma sociologia cujo foco reside no indivíduo capaz de exercer múltiplos papéis, refutando, em contrapartida,

> a corrente intelectual que prioriza estruturas sociais e sua determinação na personalidade humana (HANGAI, 2012, p.4).

De acordo com Schechner (2006), toda e qualquer das atividades da vida humana podem ser estudadas enquanto performance, pois, cada ação, desde a mais secundária até a mais complicada, é feita de comportamentos duas vezes vivenciados. As performances são constituídas por comportamentos restaurados[3], no entanto, nenhuma performance é igual à outra, pois, os comportamentos restaurados podem ser recombinados em um número sem fim de variações e também porque o contexto faz com que cada performance seja única.

> Uma performance acontece enquanto ação, interação, e relação. Deste modo, uma pintura ou um romance podem ser performativos ou serem analisados "enquanto" performances. A performance não está "em" nada, mas "entre". Tratar qualquer objeto, trabalho, ou produto "enquanto" performance – uma pintura, um livro, um sapato, ou qualquer coisa que seja – quer dizer investigar o que faz o objeto, como interage com outros objetos e seres, e como se relaciona com outros objetos e seres. Performances existem apenas enquanto ações, interações e relações (SCHECHNER, 2006).

Deste modo, nos propomos a analisar a performance midiática dos grupos Mídia Ninja, MBL e Black Blocs, a fim de identificar como interagem, como nos interpelam, como se comportam, quais são suas ações, figurinos e discursos. Também analisaremos quais são os enquadramentos onde ocorrem suas performances, a fim de identificar os valores postos em ação e sua reverberação, afinal segundo França (2012, p.13) "a leitura de um quadro nos permite apreender os valores sobre os quais ele se apoia e as forças que ele articula".

Procedimentos metodológicos

Realizamos um levantamento nas plataformas e redes sociais dos grupos MBL, *Mídia Ninja* e *Black Bloc* de vídeos que se refere às manifestações de junho de 2013 ou que consideramos um desdobramento deste acontecimen-

[3]Quando falamos em comportamentos restaurados estamos nos referindo a todo comportamento que consiste de porções recombinadas de comportamentos previamente vivenciados.

to como: os protestos contra copa do mundo, manifestações pedindo impeachment de Dilma e eleições presidenciais de 2014 e 2018. Nosso objetivo foi de analisar a performance dos grupos e os valores postos em ação, observando se houve ou não reverberação e, também importante, como os valores reverberaram em diferentes momentos.

Definimos que o recorte seria de três vídeos por grupo, nove vídeos ao total de diferentes momentos para que pudéssemos analisar a reverberação dos valores postos em ação em 2013.

Do grupo Mídia Ninja foram selecionados os seguintes vídeos: "Ninja Ruas" publicado em 17 de julho de 2013 na plataforma *Youtube*, este vídeo foi selecionado, pois, exibe os ninjas em ação durante as manifestações de junho de 2013, transmitindo os protestos e embate com a polícia e com outros personagens do acontecimento. Também foi selecionado o vídeo "2013 e 2016 – Um pequeno comparativo" publicado em 08 de dezembro de 2016, onde o Mídia Ninja compara as manifestações de junho de 2013 e o tratamento da Presidenta Dilma com os manifestantes com os protestos de 2016 e a forma como o governo Temer lidou com os ativistas, entendemos este momento como um desdobramento do acontecimento "junho de 2013" e o selecionamos pelo fato do grupo resgatar a memória das manifestações. O terceiro vídeo selecionado do grupo foi o "Henrique Vieira – Porque não votar em Bolsonaro" publicado em 31 de julho de 2018, no qual um pastor argumenta razões a partir dos ensinamentos do cristianismo para não votar em Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2018. Este vídeo foi escolhido, pois ele trata diretamente de valores e por mais que não seja um ninja em ação, é um vídeo produzido e publicado pelo Mídia Ninja que compartilha dos valores expostos na narrativa do pastor.

Do grupo MBL foram selecionados os seguintes vídeos: "15 DE MARÇO - A Maior Manifestação da História do Brasil" publicado em 18 de março de 2015, o vídeo trata da manifestação organizada pelo MBL pró-impeachment de Dilma, selecionamos este vídeo, pois, exibe a performance do grupo e trata-se de um desdobramento do acontecimento "junho de 2013" onde a gestão de Dilma ficou fragilizada com a forte pressão popular. O segundo vídeo "A tortura em um protesto do Passe Livre" publicado em 12 de janeiro de 2016 mostra um homem acusado de ser P2 (policial infiltrado) sendo agredido por manifestantes, em seguida Kim Kataguiri líder do MBL, relaciona os agressores ao Movimento Passe Livre e a Esquerda numa tentativa de deslegitimar as

manifestações dos grupos de Esquerda, este vídeo foi selecionado, pois acreditamos tratar da reverberação de um dos valores postos em ação pelo MBL o sentimento "anti-esquerda". O terceiro vídeo "O treino acabou, a guerra começa agora! Retrospectiva 2018" publicado em 29 de novembro de 2018, narra toda trajetória do MBL, desde as lutas pelo impeachment de Dilma até as eleições de 2018 quando o PT é derrotado nas eleições presidenciais e o Movimento Brasil Livre consegue eleger alguns de seus líderes a cargos políticos, selecionamos este vídeo, pois além de ser um desdobramento dos protestos que se iniciaram em 2013, ele exibe a performance do grupo e seus valores.

Por fim apresentamos os vídeos que foram selecionados do grupo Black Bloc RJ: "Vídeo explicativo!" publicado em 04 de agosto de 2013, selecionamos este vídeo porque ele explica o que é o Black Bloc, seu objetivo, suas ações e sua performance nos protestos do Brasil numa tentativa de se defender dos ataques da mídia apresentando seus valores. O segundo vídeo "Nem Dilma, nem Aécio! Abaixo a farsa eleitoral!" publicado em 24 de outubro de 2014 foi selecionado, pois apresenta os valores do Black Bloc que deseja uma reforma política e não a escolha de mais um representante independente de ser de esquerda ou direita. O terceiro vídeo "Papo Reto!!!", publicado em 19 de outubro de 2018 foi selecionado porque apresenta uma mudança de valor do grupo Black Bloc que diante do contexto sociocultural de 2018 apoia a ideia de que é preciso se posicionar e não votar nulo.

Principais achados – valores postos em ação Grupo Mídia Ninja

No ano de 2013 o grupo Mídia Ninja se posiciona de forma crítica as atuações do governo de Dilma como os investimentos para sediar a Copa do Mundo, a violência policial durante os protestos de junho de 2013, e o descaso com a população que clamava por melhorias nos serviços públicos, chegando até nomear tal descaso como "Vandalismo do Estado".

O grupo também defende a liberdade de expressão, o direito de cada indivíduo se manifestar e ocupar os espaços públicos, a liberdade dos colegas de profissão de registrarem e transmitirem os acontecimentos sem censura do Estado e o respeito à integridade humana denunciando constantemente as atitudes arbitrárias e violentas da polícia.

Já no ano de 2016 pós-impeachment de Dilma, esses valores reverberam, no entanto, há uma mudança no tratamento da memória da gestão de

Dilma. A violência do Estado durante os protestos de 2013 é apagada e o que é resgatado de 2013 é a tentativa de diálogo da Presidenta com alguns grupos ativistas. Enquanto o governo de Michel Temer é desvalorizado pelo grupo, devido às repressões policiais e nenhum esforço por parte do Presidente de realizar o diálogo com os manifestantes.

No contexto sociocultural de 2018, ano de eleições presidenciais com o surgimento de um novo candidato, Jair Bolsonaro, se destacando nas pesquisas de intenções de votos com seus discursos conservadores. O grupo Mídia Ninja muda sua linguagem para tentar atingir o público eleitoral de Bolsonaro através da figura de um pastor. São postos em ação valores como: democracia, liberdade de expressão, respeito à diversidade e a integridade humana, tais valores estão presentes na narrativa do grupo desde o ano de 2013, no entanto, em 2018 a diferença é que o grupo tenta associar tais valores aos ensinamentos do Evangelho, numa tentativa de atrair os cristãos para as ideias que são interpretadas como possíveis de serem compartilhadas com o grupo.

Grupo movimento Brasil livre *(MBL)*

O MBL desde o início em 2015 tem como um dos principais objetivos a deslegitimação da esquerda no Brasil, em especial ao Partido dos Trabalhadores que estava no poder na época. Para isso, eles apresentam como valor a honestidade, o combate à corrupção quando repudia o PT acusando-o de roubos, fraudes e negligências. Percebemos que este é um valor e um objetivo que reverbera em todos os vídeos do grupo de 2015 até 2018.

O grupo também se apropria de pautas dos direitos civis e sociais como respeito a diversidades, combate ao racismo, mas trata este assunto de modo diferente. O grupo não expõe as desigualdades e o que precisa ser melhorado para que exista igualdade, eles simplesmente culpabilizam a esquerda de criar divisões entre negros e brancos, ricos e pobres negligenciando todo o processo histórico do país que fez com que ocorressem desigualdades entre raças e classes econômicas. Durante o vídeo do ano de 2015, esta fala sobre racismo é feita por Fernando Holiday, um dos líderes do MBL que é um dos poucos negros do grupo, numa tentativa de dar legitimidade à fala.

Outro valor defendido pelo grupo é a liberdade de mercado, o grupo defende menor intervenção do Estado e maior participação do mercado nos serviços. O MBL tem como valor também a pacificidade exalta sempre suas

manifestações e atos pacíficos sem uso de violência e faz questão de associar as violências ocorridas durante os protestos a grupos e movimentos da esquerda numa tentativa de deslegitimar reforçando o sentimento "anti-esquerda".

Além dos grupos da esquerda o MBL apresenta alguns inimigos durante sua narrativa, entre eles a imprensa como a rede Globo e o El País, a empresa Facebook chegando acusá-los de censura e o cantor Caetano Veloso que processou o grupo por receber acusações de pedofilia.

Grupo Black Bloc

No ano de 2013 o grupo *Black Bloc* apresentou como valores à livre manifestação, defesa à vida e integridade humana, fez inúmeras críticas a repressão do Estado e à violência policial e se defendeu das acusações da mídia alegando não se tratar de um grupo violento, mas sim de um grupo que defende os manifestantes dos abusos policiais. O grupo também apontou os problemas de desigualdade social no país, exaltando a classe trabalhadora, dizendo que seu foco nunca foi atacar pequenas empresas, pois estas pertencem ao mesmo grupo que os manifestantes que precisam trabalhar para manter o pão de cada dia.

Em 2014 o grupo valoriza a ideia de uma reforma política com o boicote às eleições, pedindo ao público união para o voto nulo. Reverbera a valorização da classe trabalhadora com críticas aos lucros dos bancários, latifundiários e grandes empresários. O grupo também valoriza os novos meios de comunicação como as redes sociais e continua crítico à mídia tradicional.

Já em 2018 há uma mudança de valor a respeito do voto nulo, se antes o grupo lutava por uma reforma política através do boicote às eleições, diante do contexto sociocultural de 2018, o grupo enxerga o voto nulo como um risco à democracia. Afinal votos em branco poderia levar à eleição do candidato Jair Bolsonaro que defende maior repressão policial, faz críticas a grupos do movimento negro, feminista e LGBTs ferindo valores defendidos pelo *Black Bloc* como a diversidade, o respeito à integridade humana e à liberdade de expressão.

Distinções e aproximações entre os grupos analisados

Ainda que não seja o objetivo do trabalho, incorporamos um segmento

de análise das performances em comparação. Acreditamos que esse gesto de comparar contribui para vermos mais e melhor as franjas da reverberação dos acontecimentos movidas pelos grupos que selecionamos. O olhar, aqui, portanto, é a comparação entre eles. A visada comparativa a partir dos seus respectivos vídeos que sustentam a comunicação com seus públicos. Alguns dos pontos observados aqui na comparação podem ter aparecido antes na análise individual. A diferença é que agora são abordados em distinções e aproximações entre eles.

Comparando os vídeos do ano de 2013 do *Mídia Ninja* e *Black Bloc* e o vídeo referente ao ano de 2015 do MBL, ou seja, os primeiros vídeos de cada grupo, observamos que os três – *Mídia Ninja*, MBL e *Black Bloc* – fazem críticas a governantes em seus vídeos. O Mídia Ninja critica o governador de São Paulo Geraldo Alckmin (PSDB), o *Black Bloc RJ* também critica o governador do Rio de Janeiro Sérgio Cabral (PMDB) e o MBL critica a Presidenta Dilma (PT).

O *Mídia Ninja* e o *Black Bloc RJ* fazem críticas negativas à mídia tradicional, acusando os grandes veículos pelo que denunciam como coberturas tendenciosas dos protestos e sobre os ativistas em ação. Ambos também denunciam a violência policial como forma de repressão dos manifestantes. Já o MBL e o *Black Bloc* apresentam uma postura em comum de crítica à corrupção do Estado.

Os três grupos se promovem em suas performances. O MBL se apresenta como "à oposição de verdade". O *Black Bloc RJ* se descreve como "promotor de resistência" e o Mídia Ninja se intitula como o "jornalismo independente". O MBL e o *Black Bloc RJ* possuem a honestidade (combate a corrupção) como um valor em comum. Já o *Mídia Ninja* e o *Black Bloc* defendem como valores democráticos e humanistas: o direito à manifestação e o respeito à integridade humana.

Entre as diferenças identificamos que o MBL ao contrário dos demais não faz menções às atitudes da Polícia Militar, e o *Black Bloc RJ* não possui lideranças/representantes como os demais, característica própria da tática Black Bloc.

Passando para os vídeos dos anos seguintes, do *Mídia Ninja* e MBL referentes ao ano de 2016 (após impeachment de Dilma) e do *Black Bloc* referente ao ano de 2014, identificamos que o grupo Mídia Ninja e o MBL em suas performances ambos fazem críticas à violência, no entanto de modos diferen-

tes. Enquanto o Mídia Ninja desaprova a violência do Estado com uso de repressão policial. O MBL critica a violência praticada pelos grupos de esquerda durante seus atos. Em contraste a estes grupos temos o *Black Bloc RJ* que defende o uso da violência como performance, de acordo com o agrupamento é o único meio de despertar a atenção do Estado para as reivindicações.

Observamos também que em 2016 o MBL assim como os demais grupos faz críticas à Grande Mídia, mas seus argumentos são diferentes. A crítica do grupo se refere à omissão dos jornalistas em relação à violência praticada pelos grupos de esquerda durante seus protestos. Na performance midiática do MBL também notamos que o sentimento que antes era "anti-PT", em 2016 (após o impeachment de Dilma) se transforma em um sentimento "anti-esquerda". Em sua performance também surgem novos valores como: a exaltação de manifestações pacíficas, com uso de diálogo em detrimento do uso da violência, citando o próprio MBL como exemplo.

O *Black Bloc RJ* em sua narrativa referente ao ano de 2014, reverbera alguns valores de "coletividade/união" enquanto meios para que seja alcançado um fim, que, no caso, seria a reforma política através do boicote às eleições presidenciais, e reverbera também a valorização da classe trabalhadora em detrimento da elite.

Na performance midiática do *Mídia Ninja* referente ao ano de 2016, também observamos que reverberaram valores como: liberdade de expressão; direito à manifestação e o respeito à integridade humana. No entanto, o que muda é o modo como o grupo articula a memória da gestão de Dilma (PT) durante as manifestações de 2013. O grupo exalta as tentativas de diálogo da gestão com os manifestantes, omitindo a repressão que ocorreu durante os protestos e compara com a gestão de Temer em 2016 que não se esforça em dialogar com a população e faz uso da violência policial para coibir as manifestações.

Passando para as performances midiáticas dos três grupos no ano de 2018, percebemos que os grupos *Mídia Ninja* e *Black Bloc RJ* apresentam um tom de preocupação em suas narrativas, isto porque os valores que os grupos compartilham encontram-se em risco diante da possível vitória do candidato Jair Bolsonaro nas eleições presidenciais. Já o MBL ao contrário dos demais, apresenta em sua performance midiática um tom otimista em relação às mudanças já conquistadas e as que estão para acontecer no país. O grupo também declara seu apoio ao candidato Bolsonaro em oposição ao candidato Haddad do PT.

Neste embate de valores os grupos *Mídia Ninja* e *Black Bloc RJ* tentam deslegitimar o candidato Jair Bolsonaro com diferentes estratégias comunicativas. Enquanto o *Mídia Ninja* se propõe a dialogar com o outro (religioso/conservador) utilizando-se do campo imagético do outro, aproximando seus valores dos valores do Evangelho. O *Black Bloc RJ* busca conversar com os jovens, com os grupos minoritários e a periferia através do Rap. Ambos apresentam o candidato como intolerante, agressivo, preconceituoso, apoiador do uso da violência e da tortura e que suas atitudes não condizem com valores propagados pelo cristianismo, indo também contra os valores propagados pelos grupos durante suas performances como: democracia, liberdade de expressão, direito à manifestação, e respeito à integridade humana.

Em contraponto, o MBL se propõe a deslegitimar a oposição a esquerda, apresentando o ataque sofrido por Jair Bolsonaro – a facada recebida durante uma passeata, associando tal fato aos grupos de esquerda. O grupo também relembra insultos racistas proferidos por Ciro Gomes (PDT) contra membros do MBL[4].

O MBL fala com seus próprios seguidores e apoiadores, ou seja, a classe média, os mais conservadores, defensores da moral e do bom costume. O diálogo é para dentro (nós) e não para o outro. O oposto do *Mídia Ninja* e do *Black Bloc RJ* que a partir do ano de 2018 partem para uma estratégia comunicativa onde tentam conquistar o outro para compartilharem de seus valores, numa tentativa de impedir que o candidato Jair Bolsonaro vença as eleições. Isso porque os grupos de direita encontravam-se em ascensão no país. O *Mídia Ninja* então se apropria da figura de um pastor e de valores do evangelho para tentar atingir os religiosos e conservadores. Já o *Black Bloc* tenta estabelecer dialogo através do rap com os diferentes grupos minoritários da sociedade, negros, LGBT's, mulheres e moradores da periferia.

O acontecimento de Junho de 2013 apresenta uma competição de narrativas para explicar sua origem e impacto nas relações de poder e no cotidiano das pessoas. Nosso trabalho não pretendeu dar uma resposta geral, única,

[4] "Imagina, esse Fernando Holiday aqui. O capitãozinho do mato, porque é a pior coisa que tem é um negro que é usado pelo preconceito para estigmatizar, que era o capitão do mato do passado', declarou o ex-governador do Ceará em entrevista à Rádio Jovem Pan em junho de 2018. A fala foi feita após ele ser questionado sobre uma aliança com o DEM em torno da sua então candidatura ao Planalto." Disponível em:https://www.gazetadopovo.com.br/politica/republica/ciro-e-condenado-a-indenizar-vereador-que-chamou-de-capitaozinho-do-mato-9ds48hphl8hx0f0z0vt7wtckp/ Acesso em: 09 mar. 2020,

por certo impossível, sobre as causas e consequências desse acontecimento. Buscamos refletir o singular, e o singular em comparação: como alguns grupos de ativismo construíram suas performances, quais estratégias comunicativas acionaram e, em especial, quais valores foram postos em ação. As franjas da reverberação certamente não tiveram a mesma dimensão para cada um dos grupos e estas variantes puderam ser apreendidas a partir das suas escrituras audiovisuais.

Referências

DEWEY, John. A valoração nas ciências humanas. In: CUNHA, Marcus Vinicius da; CIANFLONE, Ana Raquel Lucato e ANDRADE, Erika Natacha Fernandes de (trad. e orgs). Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Paradigmas da comunicação: conhecer o quê?. C-legenda **Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual** da Universidade Federal Fluminense (ONLINE), Rio de Janeiro - RJ, 2001. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/issue/view/1927/showToc> Acesso em: 29 de abr. de 2020.

_____. O acontecimento e a mídia. **Galáxia** (São Paulo, Online), n. 24, p. 10-21, dez. 2012a.

_____. O acontecimento para além do acontecimento: uma ferramenta heurística. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga; OLIVEIRA, Luciana de. **Acontecimento:** Reverberações. Autêntica Editora: Belo Horizonte – MG, p. 39-54, 2012b.

_____. A TV e a dança dos valores: roteiro analítico para tratar da relação entre televisão e sociedade. In: FRANÇA, Vera; CORRÊA, Laura (Orgs.). **Mídia, instituições e valores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012c, p. 37-43.

GOFFMAN, Erving. **Quadros da experiência social**: Uma perspectiva de análise. Petrópolis, Editora Vozes, 2012.

GRACIANO, Jane Erny de Castro. O conceito de valor na ética de John Dewey. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - **Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia**, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <https://docplayer.com.br/

179809-Faculdade-jesuita-defilosofia-e-teologia-o-conceito-de-valor-na-etica-de-john-dewey-jane-erny-de-castrograciano.html>. Acesso em: 10 mar. 2020.

HANGAI, Luis Antonio. A framing analysis de Goffman e sua aplicação nos estudos em comunicação. In: **Ação Midiática** – Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura., [S.l.], out. 2012. ISSN 2238-0701. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/view/28658>. Acesso em: 04 nov. 2019.

QUERÉ, Louis. A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmatista. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga; OLIVEIRA, Luciana de. **Acontecimento**: Reverberações. Autêntica Editora: Belo Horizonte – MG, p. 21-38, 2012.

Vídeos

15 de março - A maior manifestação da história do Brasil. MBL, 18 de março de 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qem_0OGZEjk>. Acesso em: 04 de nov. 2019.

2013 e 2016 - Um pequeno comparativo. Mídia Ninja, 08 de dezembro de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=drPeQp1Nr6I>. Acesso em: 04 de nov. 2019.

A tortura em um protesto do Passe Livre. MBL, 12 de janeiro de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3vXqDGN3_pA>. Acesso em: 04 de nov. 2019.

NEM Dilma, nem Aécio! Abaixo a farsa eleitoral!. Black Bloc RJ, 24 de outubro de 2014. Disponível em: <https://www.facebook.com/BlackBlocRJ/videos/755001617881337/?v=755001617881337>. Acesso em 04 nov. 2019.

NINJA RUAS. Mídia Ninja, 17 de julho de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pMu8vF5X4sI>. Acesso em 04 nov. 2019.

O treino acabou, a guerra começa agora! Retrospectiva 2018. MBL, 29 de novembro de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=46kLDlius5M>. Acesso em 04 de novembro de 2019.

VIEIRA, Henrique. Porque não votar em Bolsonaro. Mídia Ninja, 31 de julho de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3jIZVadlMYk>. Acesso em 04 de novembro de 2019.

PAPO reto. Black Bloc RJ, 19 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/BlackBlocRJ/videos/566028390487278/?v=566028390487278>. Acesso em 04 nov. 2019.

VÍDEO explicativo!. Black Bloc RJ, 04 de agosto de 2013. Disponível em: <https://www.facebook.com/BlackBlocRJ/videos/554494614598706/?v=554494614598706>. Acesso em 04 de novembro de 2019

Capítulo 10
A Trajetória de uma Figura Pública Poconeana: no garimpo digital da fama e poder

Alessandra Pereira da Paz[1]
Pedro Pinto de Oliveira[2]

Introdução

As figuras públicas são o centro das atenções hoje nas redes sociais. As pessoas buscam informações e orientações de celebridades da música, do cinema e da própria internet, tipos criados no próprio espaço digital. Esses indivíduos construídos na e pela interação, a partir da fama que acumulam, são, portanto, radar e farol para compreendermos mais e melhor a cultura do contemporâneo. Radar para identificar comportamentos e valores postos em ação. Farol para apontar tendências e consequências da relação entre elas e seus públicos. No presente artigo traçamos uma visada analítica de uma celebridade desde sua origem, no nascimento da "estrela" e os primeiros brilhos da fama alcançada no universo digital.

No nosso estudo de caso, vemos a transição de um garimpeiro da região do Pantanal de Mato Grosso, que passou à condição de mini celebridade no Instagram e visa usar essa capital de fama para entrar na carreira política. Diante da interação do personagem no meio digital, identificamos e refletimos os sentidos produzidos, as identificações ou desejos do público, além da influência direta e indireta do personagem diante da possível candidatura nas eleições de 2020. A possibilidade de ver um acontecimento em processo e não de olharmos algo já concretizado tanto é atraente para o pesquisador quanto obriga a termos uma agilidade para as eventuais mudanças de rumo do personagem.

[1] Graduada em Processamento de Dados pelo Centro Universitário (UNIVAG), mestranda em Estudos de Cultura Contemporânea pela UFMT e coordenadora do curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas (UNIVAG).
[2] Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea na UFMT.

A figura pública escolhida atua no ambiente midiático com mais de 70.000 seguidores, mantendo uma rotina de postagens de imagens e vídeos com algumas características predominantes: bom humor e muita ostentação da sua nova riqueza material. Sua popularidade chama atenção dos moradores do município de Poconé, das autoridades locais, da imprensa e daqueles que o seguem, refletindo em fama exposta do Portal do Pantanal para o mundo.

No percurso do artigo, apresentamos a figura, seu lugar a partir da visada ambiental e cultural; os fundamentos que sustentam a nossa visada na interseção da comunicação, cultura e política sustentado pelo eixo teórico da ideia relacional de Comunicação de Vera França e dos conceitos operadores de Acontecimento, com Louis Quéré, e Performance, com Erving Goffman. Os procedimentos metodológicos incluem a observação de fenômenos em três momentos biográficos: a) de um homem comum para uma mini celebridade; b) papel social da figura pública de perfil popular para o papel de candidato em campanha no pleito eleitoral e c) um momento intermediário, o silêncio midiático sobre a pandemia do coronavírus. Em desdobramento, apresentamos a análise dos primeiros achados da pesquisa em desenvolvimento: das métricas da plataforma, passando pela performance em imagens e textos dos *posts* até e os valores colocados em ação.

Do garimpo de ouro ao garimpo da fama

A cidade de Poconé, localizada a 100 quilômetros da capital, foi fundada em 1777. Desde os anos 1980, o município é fonte de atração de exploradores de ouro. Atualmente, é considerado município da Região Metropolitana do Vale do Rio Cuiabá, completando 239 anos em 2020. Sua economia deriva da agricultura, pecuária, turismo e mineração, segundo a Confederação Nacional dos Municípios e IBGE (2020). O município recebe diversos turistas o ano todo, atraídos pelas belezas naturais que podem ser apreciadas ao longo da rodovia Transpantaneira que corta um trecho de 130 quilômetros do Pantanal. A região é considerada um berço para estudiosos do meio ambiente e biologia, entre outros campos de estudo. Neste cenário natural e da exploração mineral, em meio aos diversos garimpos dentro e fora do perímetro urbano, cercado de barragens e resíduos, likes e comentários, uma nova celebridade digital nasceu para as redes digitais. Nosso objeto de estudo é um garimpei-

ro que ganhou fama e reconhecimento na internet, com mais de 73 mil seguidores, um homem de extração popular, muito bom humor e ostentação dos seus ganhos com a exploração mineral.

A dualidade das características do personagem reflete a mesma dualidade das características de Poconé: porta de entrada para o Pantanal, com uma grande diversidade da fauna e flora, recebe estudiosos e admiradores do mundo todo, que passam pela área urbana do município para acessar a rodovia Transpantaneira, ao mesmo tempo, é a porta de entrada de exploradores de ouro, que atraídos pela riqueza, cavam enormes crateras e deixam montanhas de resíduos, marcados por aproximadamente décadas de exploração.

A exploração de ouro em Poconé foi, e ainda é, temática de estudo por diversas áreas do conhecimento. Nesse contexto, a bióloga e educadora ambiental Michele Sato (informação verbal)[3] coordenadora do Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte – GPEA/UFMT, ressalta que "onde tem um desastre ambiental, tem desastre social", a pesquisadora aponta para problemas que vão além da esfera ambiental, pois com os garimpos instalados "em um pedacinho pequeno chamado Poconé, aumenta o número de trabalhadores, de prostituição, de tráfico de drogas, tráfico de mulheres e de crianças e casos de pedofilia. O problema que uma mineradora gera não é meramente ambiental: é socioambiental".

Em meio às crateras formadas no município e rachaduras nas casas, Poconé luta para manter as suas tradições culturais, com tantos exploradores e turistas. Hoje há também rachaduras culturais que afetam a identidade do pantaneiro. Para manter as tradições culturais é necessário criar uma identificação e para criar essa identificação é necessário entender o que nos rodeia. Isso permite que o sujeito crie narrativas dele mesmo e de como ele se relaciona com a sociedade ao seu redor. Essa é uma abordagem do estado da cultura pantaneira em Poconé, conforme as palavras do pesquisador da Cultura, professor Mário Cezar Leite (informação verbal)[4], criador e coordenador do Gru-

[3] Trecho da entrevista realizada via Google Meet com a Pesquisadora Michele Sato, coordenadora do Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA/UFMT), para dissertação de mestrado em Estudos da Cultura Contemporânea (ECCO) da UFMT em 20 de junho de 2020.

[4] Trecho da entrevista realizada via Whatsapp com o Pesquisador Mário Cesar Leite, criador e coordenador do Grupo de Pesquisa RG Dicke de Estudos em Cultura e Literatura de Mato Grosso (CNPq/UFMT) em 26 de junho de 2020.

po RG Dicke de Estudos em Cultura e Literatura de Mato Grosso (CNPq/UFMT). Ele destaca algumas marcas da cultura pantaneira "que recebeu várias misturas, vários tipos de encontros com outras culturas, inclusive na questão do turismo ao longo dos anos, mas ela é uma cultura de substrato indígena e negro", lembrando que na região do Pantanal habitavam vários grupos indígenas e também da libertação dos escravos negros que ficaram sem moradia e trabalho. O pesquisador ainda ressalta que "o município sofreu uma grande mudança com a extração do ouro, e é muito difícil falar dos garimpeiros enquanto grupo cultural, pois cada um provavelmente vem de algum lugar do país". As trocas de experiências individuais e enquanto grupo de garimpeiros com a região propiciou conexões culturais que marcam a cultura pantaneira em suas manifestações culturais e populares.

Assim, portanto, para compreender além do contexto sociocultural no qual a figura pública atua, na construção do nosso objeto de conhecimento fizemos a apreensão da ideia relacional da comunicação e das noções de enquadramento e performance desse ator social no processo midiatizado. Com as perguntas condutoras que orientam nosso estudo: como ele se apresenta e interpela seus públicos? Como a produção de sentidos se articula na sua performance? Quais valores são postos em ação?

A ideia relacional da comunicação e performance

Na velocidade em que os meios de comunicação ocuparam e ocupam o cotidiano das pessoas, as mídias alteraram a sociedade e a maneira de se comunicar ao longo dos anos, utilizando rádio, jornal, cinema, fotografia e tantos outros meios para retratar os aspectos da vida social. Nesse contexto, França (2001, p.5) aponta para os estudos da comunicação e ressalta a importância da especificidade ou a falta dela, apresenta a necessidade de recorte quando o tema é comunicação, afirmando que não importa o quão abundantes, espalhadas e permeadas em outras atividades sejam determinadas práticas que chamamos "comunicativas". "A especificidade vem do olhar, ou do viés, que permite vê-las e analisá-las enquanto comunicação, isto é, na sua natureza comunicativa".

A especificidade retratada por França (2001, p.15), permeia pela interdisciplinaridade e transdisciplinaridade devido a amplitude da área de

comunicação e sua intersecção para outras áreas, necessitando assim, de um recorte do objeto para melhor abordagem. Nessa perspectiva a autora defende que os estudos sobre comunicação "devem alcançar a intersecção de três dimensões básicas: o quadro relacional (relação dos interlocutores); a produção de sentidos (as práticas discursivas); a situação sociocultural (o contexto)".

A ideia relacional dos estudos de comunicação permite que "o processo comunicativo, de algo vivo, dinâmico, instituidor – instituidor de sentidos e de relações; lugar não apenas onde os sujeitos dizem, mas também assumem papéis e se constroem socialmente; espaço de realização e renovação da cultura", afirma França (2001, p.15). Assim, o aspecto relacional da comunicação inclui a ação conjunta dos interlocutores na produção de sentido.

Atualmente a sociedade tem utilizado tecnologias da informação e comunicação para se midiatizar, ampliando suas conexões com pessoas e sua visibilidade. Tornar-se celebridade converteu-se em valor e o desejo, até mesmo de crianças, que almejam ganhar fama pela rede mundial de computadores, sendo reconhecidas atualmente como celebridades da internet. Segundo França (2018, p.4) "celebridades seriam pessoas que buscam (e alcançam) uma forma passageira, geralmente de forma oportunista e por razões pouco consistentes (sem muito fundamento)", a autora ainda afirma " celebridades são pessoas que – por razões diferenciadas se tornam amplamente conhecidas e, para além disso, admiradas (ou odiadas), provocam sentimentos de adesão e/ou repulsa, são tomadas como modelos (ou contra-modelos)".

A utilização de redes sociais como a do Instagram para visibilidade, possibilita às celebridades a acessarem seu público e assim obter fama. Nesse ambiente a figura pública compartilha momentos do seu cotidiano, utilizando de enquadramentos para produção de sentidos e provocar a participação direta ou indireta do seu público em seu ambiente social virtual. Observamos uma figura pública em sua trajetória através dos enquadramentos e publicações nas redes sociais, analisando os sentidos produzidos dessas publicações e das posições assumidas pelo sujeito na relação com seu público.

Nesse sentido, a figura pública é observada por meio dos acontecimentos, abrindo perspectivas para novos olhares diante dos sentidos produzidos a partir da experiência com esse acontecimento. Para França (2018, p.9) "acontecimentos são ocorrências que quebram a normalidade da vida social; são emergências que rompem com a continuidade da experiência e afetam a vida

dos sujeitos". Essa relação entre a figura pública e seu público reflete o vínculo que os fãs atribuem às celebridades, além de apreciar o personagem, estabelece uma relação de amor e ódio pelos seus ídolos, nesse sentido, os fãs criam um vínculo, uma identificação. É possível então compreender que acontecimentos ocasionam mudanças e causa desorganização, e é através dessa experiência que possibilita a análise e compreensão já que o acontecimento suscita sentidos, provoca falas, abre perspectivas inesperadas. França (2018, p.9).

A performance está diretamente relacionada com o desempenho obtido e comparado a um padrão preestabelecido, em tempos modernos e com a exigência de excelência nas diversas áreas, o estudo da performance tornou-se essencial. Nesse contexto, Carlson (2010, p.24) existe um consenso difundido entre os teóricos de performance de que toda performance é baseada em modelo, roteiro ou padrão de ação preexistente.

Para Erving Goffman, a performance serve para influenciar de qualquer maneira o público, estabelecendo um padrão que pode ser caracterizado como rotina e executado em diferentes ocasiões, criando uma relação social. Trazendo o conceito de performance ao recorte aqui estabelecido, na apresentação da figura pública em seus momentos, exposto para seu público nas redes sociais, se tornam cada vez mais objetivo e realista, ou seja, na sociedade midiatizada, as influências das figuras públicas no meio digital costumam ser pragmáticas.

Analisar como a figura pública interpela seu público nos faz compreender, também, como o Outro reconhece essa figura pública. Todo indivíduo adota um papel para se apresentar para o outro, nesse sentido, o enquadramento é uma ferramenta muito útil quando se trata de figuras públicas que se apresentam por meio digital, pois conseguem selecionar os aspectos que lhes interessam apresentar como realidade.

Consequentemente, quando um indivíduo projeta uma definição da situação e com isso pretende, implícita ou explicitamente, ser uma pessoa de determinado tipo, automaticamente exerce uma exigência moral sobre os outros, obrigando-os a valorizá-los e a trata-los de acordo com o que as pessoas de seu tipo têm o direito de esperar. (GOFFMAN, 1985, p. 21).

A maneira que a figura pública se apresenta pode ser interpretada de modos diferentes para cada participante do seu público, pois para cada enquadramento apresentado em suas redes sociais representa um elemento básico de significação e comunicação, delimitando um conjunto de mensa-

gens ou ações significativas na apresentação dele. Discutir o papel das figuras públicas em uma sociedade midiatizada, proporciona uma reflexão quanto a visibilidade ampliada em decorrência da utilização das mídias, principalmente no espaço da internet. "A partir das identificações e reconhecimentos que suscitam, assim como dos valores que encarnam, as celebridades podem ser vistas como alguns desses estilhaços simbólicos capazes de sensibilizar os sujeitos contemporâneos no jogo que configura a experiência na era da midiatização". França (2015, p.1077).

Entre valores e sentidos que emergem de uma relação entre a figura pública e seu público, compreendido na ideia relacional da comunicação, nas redes sociais o enquadramento e a performance apresentam grande influência na construção desses sentidos. Para entendermos melhor, apresentamos a seguir, os procedimentos e o recorte estabelecido para esse estudo.

Procedimentos Metodológicos

Nossa estratégia metodológica buscou analisar, inicialmente, dois momentos para melhor entendimento dos acontecimentos e os sentidos produzidos da interação entre a figura pública com seu público. O *corpus* da pesquisa compreenderia dois momentos: no primeiro momento o recorte se dá ao nascimento da figura pública, ou seja, de um homem comum para uma mini celebridade, que chamamos de momento A. No segundo momento o recorte estabelecido foi o papel social da figura pública de perfil popular para o papel de candidato em campanha no pleito eleitoral, que chamamos de momento B. O objeto empírico desse estudo se constitui como figura pública de extração popular que atua no ambiente midiático, se tornando celebridade de Poconé, município de grande exploração de ouro, com garimpos dentro e fora do perímetro urbano, e também local em que o personagem trabalhou, para celebridade digital, sem barreiras geográficas, que ganhou fãs por todo Brasil.

Mas tivemos que incluir um momento intermediário entre A e B, gesto da pesquisa tomado a partir de um acontecimento: a pandemia do coronavírus no contexto de Mato Grosso, tornada uma *experiência pública* desde o mês de março de 2020. Tal acontecimento, em seu potencial de afetação, provocou mudanças na relação entre a celebridade em foco e o seu público. Achamos ser importante incluir na pesquisa esse momento intermediário. A performance

do sujeito foi marcantemente alterada pelo acontecimento, mais pelo seu silêncio, também eloquente, do que pelas mensagens, poucas, compartilhadas neste período.

Feita esta observação, passamos a caracterizar os momentos A e B selecionados como parte dos procedimentos metodológicos:

Momento A, de um homem comum para uma mini celebridade: pesquisamos em todas as redes sociais a atuação da figura pública, quantidade de seguidores, a periodicidade de publicações, a alternância entre publicações estáticas (imagens/fotos) e vídeos, a interação do seu público, quantificando os comentários por publicação e qualificando por interação, a predominância da utilização dos bordões e a adesão e replicação pelo público e por fim, publicações de reconhecimento enquanto celebridade. E como parte do corpus desse momento, elegemos cinco publicações que demonstram a figura pública, o modo que interpela e acessa seu público, a produção de valores e sentidos emergidos dessa interação.

Momento B, papel social da figura pública de perfil popular para o papel de candidato em campanha no pleito eleitoral: pesquisamos em diversos registros em mídias jornalísticas, entrevista e vídeos de apoio popular a declaração oficial e não oficial do personagem deixa claro o interesse em atuar também na política, como candidato nas eleições 2020. A continuidade da pesquisa, na passagem do momento intermediário para o momento B, encontra-se à espera do acontecimento controlado pela Justiça Eleitoral, que poderá ser adiado de outubro para novembro por conta da pandemia.

Apresentamos a seguir a descrição das métricas, características, exposição, interação e até mesmo o silêncio na pandemia com as respectivas sínteses desses achados preliminares.

Achados preliminares

Como primeira etapa da nossa análise, apresentamos uma descrição dos tópicos dos achados:

Quadro 1: Métricas

	QUADRO DOS ACHADOS	
Achados Preliminares	**Métrica das Redes**	A avaliação do grau de fama do indivíduo identificado pelas métricas do próprio sistema das plataformas Instagram e Facebook.
	Performance - Formas de Interpelação	A construção do personagem; os bordões e o tom de humor que utiliza para acessar seu público. A exposição do corpo, a ostentação, os valores postos em ação na interação com o seu público.
	Público em Resposta	A interação do seu público em forma de comentários em suas postagens, demonstrando o fascínio que o personagem provoca, o grau de empatia que ele recebe e críticas à sua performance.
	Figura Pública e a mídia especializada	A figura pública enquadrada pela mídia especializada, os sites de Jornalismo. As notícias publicadas pela imprensa de um caso rumoroso envolvendo seu nome.
	O silêncio do falante – Momento Pandemia	O seu silêncio midiático em meio à pandemia do personagem que atua com uma performance falante e de constante investigação do processo de interação com o seu público. A mudança na postura no momento pandemia.

Fonte: elaboração dos autores

O sujeito e as métricas

Nosso personagem se apresentou em uma rede social pela primeira vez em 26 de agosto de 2018, na publicação, uma foto sem legenda, apenas a exposição do corpo em cima da moto e na frente do seu veículo, ambos de cor branca. Essa publicação recebeu 253 curtidas e 12 comentários, que evidenciavam os bordões que utiliza, demonstrando o reconhecimento do seu público e aderência aos bordões. No espaço de 190 publicações depois, inicia nossa pesquisa, em julho de 2019. Nesse período sua rede já contava com um pouco mais de 30.000 seguidores, equivalente a população de Poconé que no último censo segundo IBGE (2010) contava com 31.779 habitantes.

Atualmente, sua rede social conta com mais de 73 mil seguidores, aproximadamente 670 publicações, interação com likes e comentários em todas as publicações, com ênfase em vídeos, que geralmente recebem mais de 10 mil likes e muitos comentários. A publicação que recebeu a maior quantidade de

likes foi publicada em 09 de junho de 2019, com mais de 45 mil curtidas e 334 comentários. No vídeo a figura pública faz menção ao jogador de futebol Neymar, referindo ao episódio que se envolveu com Najila Trindade noticiado em todas mídias oficiais (imprensa). Em quase dois anos de utilização da rede social Instagram, a qual é predominante, recebe em média 3.000 seguidores todo mês organicamente (termo utilizado para determinar novos seguidores sem impulsionar com recursos financeiros), com uma frequência de interação via *storie* e publicações no *feed* (termo que define página do usuário).

O garimpeiro explora seu carisma

Entre as publicações postadas, a preferida do seu público, vistas pela quantidade de likes e comentários são as que apresentam o tom de humor, da postura dele de saber rir de si e ostentação da riqueza conquistada, como é apresentada, pelo trabalho de garimpeiro. Nesse aspecto, encontramos postagens em que dança ao som de um clássico "Lambadão" (estilo musical e cultural do Vale do Rio Cuiabá), sem camisa, com calção desalinhado, mostrando a parte de cima do seu corpo, e legenda que contém seus bordões e erros gramaticais. A postagem indica que ele escreve como fala. O uso repetido, de modo espontâneo e natural, de bordões, caracteriza uma estratégia comunicativa de um tipo de humor, mas também da própria política, de se colocar como um sujeito comum, igual aos seus potenciais eleitores. Dentre os bordões utilizados repetidamente em suas publicações estão: "meu biririco" e "passar bens". Expressões cunhadas por ele para falar das suas posses.

A performance é potencializada pelo seu carisma, sua força popular. Ele quase sempre aparece acompanhado e rodeado de muitas pessoas, fazendo churrasco de picanha, carne nobre, e som alto, uma espécie de grito estridente de alegria. Esse contraste entre simplicidade e ostentação não incomoda seu público, ao contrário. Quando nosso personagem deixa de postar vídeos com essas características, as demais publicações recebem questionamentos sobre a ausência da ostentação. Uma imagem recorrente é a exposição desavergonhada do corpo, exibindo o torso nu para mostrar seu sinal de riqueza, símbolo do universo garimpeiro: o cordão de ouro pendurado no pescoço, com um pingente em forma de W, inicial do seu nome. Deixa evidente a origem como garimpeiro e a marca do sucesso.

E diante de diversas publicações, bordões, humor e ostentação, a figura pública diariamente recebe cada vez mais seguidores. E esses seguidores reverberam a sua adoração pela celebridade. Produzem versões como figurinhas dele para compartilhamento em WhatsApp, que são multiplicadas e distribuídas rapidamente entre os grupos; promovem festas e carreatas com seu nome, param ruas e fazem *buzinaços* em semáforos por onde passa na capital Cuiabá. O público celebra a popularidade e carisma do seu famoso escolhido.

A figura pública vira manchete policial

Motivo de muitos comentários e curiosidade dos moradores de Poconé e nas redes sociais, a celebridade também foi notícia pela mídia especializada (imprensa), ao ser detido por porte de arma e exibi-la em sua rede social em uma publicação. Na ocasião, além de exibir a arma, enxugava o suor do rosto com notas de dinheiro, o que causou estranheza para as autoridades locais. Foi expedido um mandado de prisão para investigar tanto a origem do dinheiro quanto o porte de arma. Logo após a prisão preventiva, outra polêmica agitou as redes sociais e a imprensa, com um vídeo publicado na plataforma do YouTube em que o delegado responsável pela prisão da figura pública comemorou com fogos de artifício e a seguinte declaração: "Essa cidade agora tem Lei. Ou é Polícia ou cidadão de bem. Vagabundo não anda com isso (se referindo a uma arma). Está dado o recado".

Após esse episódio, o delegado passou a ser investigado e o interesse popular pelo caso direcionou os holofotes para a figura pública. O garimpeiro famoso fez uma publicação sobre a revista realizada pelos policiais e ainda comentou "eu não sou bandido, eu sou felicidade", em seguida pediu desculpas a todos os fãs e amigos. A publicação obteve 40 mil visualizações e 290 comentários, em sua grande maioria de apoio como por exemplo: "Preto e dinheiro são palavras rivais" e "Se não fosse a reportagem, não teria encontrado o Rei do Pacote!". Em seguida, concedeu diversas entrevistas para veículos jornalísticos sobre o episódio. Esta exposição extra, para além das suas redes sociais, aumentou ainda mais a sua popularidade e fama, mas também uma mudança nas publicações posteriores ao episódio, mantendo o tom de ostentação para churrasco de picanha, mas sem aparecer novamente enxugando o suor com dinheiro.

Do cotidiano falante ao silêncio sobre a pandemia

Em março do ano vigente, 2020, marcado pelo início da pandemia, a figura pública continua suas publicações, mas em meio aos comentários aparecem registros das primeiras críticas em relação à conduta da figura pública. Em abril ele inicia um período de silêncio midiático, caracterizando uma dificuldade de se adequar à *situação problemática* do momento - termo do filósofo John Dewey para descrever o momento da ação diante de um problema por meio do pensamento reflexivo. Ele volta então à sua rotina de publicações em maio, expondo reuniões e confraternizações, promovendo aglomerações, sem a utilização de máscara de proteção, mantendo o silêncio sobre a pandemia, ignorando a crise.

Fama, política e pandemia

Quase dois anos da primeira publicação do nosso personagem no ambiente digital e um crescente número de seguidores, podemos categorizá-lo como celebridade. Sua frequência de publicações e interação com seu público, seu carisma e sua performance em tom de humor e ostentação, acompanhado de bordões e exposição do corpo, a fama atribuída a essa figura pública estão evidenciadas com clareza.

No percurso desse estudo, conseguimos compreender a fama e o reconhecimento do seu público enquanto celebridade, demonstrado também em replicações de bordões e compartilhamentos de figuras no WhatsApp, memes e outras ilustrações de o celebram. A escolha do papel representado por ele, no que se refere à ostentação, não incomoda o público, mas reflete em valores da interação na condição do homem simples que, por sua origem humilde, ganha o direito de ostentar uma riqueza conquistada pelo trabalho no garimpo. Dito de outro modo, essa exposição parece não ofender os seguidores, porque conhecem a sua trajetória humilde e porque o tom acaba sendo de humor, rindo das situações que se apresentam e/ou rindo da condição de um pobre-rico.

Ainda no percurso, entre a análise do momento A para o momento B, percebemos o envolvimento da figura pública com a política, em postagens de apoio a um determinado candidato local, e no ano seguinte com anúncio oficial como possível candidato nas eleições 2020. Sua performance com o

fim em vista de uma candidatura ao pleito municipal de segue contramão de alguns políticos de perfil tradicional eleitos no panorama eleitoral nacional, que na grande maioria são candidatos com posses e riquezas que apresentam em sua performance o status de homens simples, quase sempre na tentativa de extrair sentidos, identificação e valores, com um fim em vista. Diante disso, é possível analisar uma postura diferente a esses candidatos: o homem simples que ostenta a riqueza, com os mesmos objetivos para seu fim em vista, mas trazendo um tom de humor e simplicidade.

Candidato a candidato declarado publicamente, ele se apresenta ao público com essa pretensão de conseguir um mandato político na eleição municipal de 2020. Pretensão registrada na mídia especializada, o personagem em questão se coloca para viver o segundo momento com seu *fim em vista*: o uso da fama para entrar na política. Assim, observar a figura pública em trajetória em movimento e construção, e não em retrospecto do já acontecido, potencializa a análise, sejam pelos enquadramentos e publicações nas redes sociais; os sentidos produzidos na e pela interação, seja como famoso em pré-campanha até a condição de famoso-candidato em campanha eleitoral oficial.

Por outro lado, temos também dificuldades por ser uma trajetória acompanhada assim, acontecendo. Traz a probabilidade de mudanças de rumos e obriga aos ajustes necessários da pesquisa, mas, de toda sorte, pensamos que oferece mais possibilidades de novos achados.

A trajetória das figuras públicas é hoje uma questão central na sociedade midiatizada. Acreditamos que estamos construindo um conhecimento relevante para ver as condições de força e fraqueza dessa interação; do jogo de poder e fama; das influências e tensões exercidas pelas relações celebridade & público e/ou celebridade x público. Relações que constroem um relevante quadro de sentidos. Tais quadros constituem uma base de conhecimento para apreendermos o contexto da cultura política contemporânea com uso das redes sociais: as novas formas de comunicar e a fama, valor tradicional e cada vez mais ambicionado no mundo da vida.

Referências

CARLSON, Marvin. **Performance: uma introdução crítica.** Tradução de Thaís Flores Nogueira Diniz e Maria Antonieta Pereira. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS MUNICÍPIOS. **Dados Gerais**: Poconé – MT. Disponível em: https://www.cnm.org.br/municipios/registros/100151/100151086. Acesso em 17 de junho 2020.

FRANÇA, Vera Veiga. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê?. **C-Legenda** - Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual, [S.l.], n. 05, jan. 2001. Disponível em: <http://www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/article/view/314>. Acesso em: 21 maio 2019.

França, Vera & Simões, Paula. Celebridades como ponto de ancoragem na sociedade midiatizada. **Revista FAMECOS**. 21, 2015.

FRANÇA, V. SIMÕES, P. Celebridades, acontecimentos e valores na sociedade contemporânea. **XXVII COMPÓS.** 2018. Disponível em: < http://www.compos.org.br/data/arquivos_2018/trabalhos_arquivo_KPRLUZV0UNJ31YUXTEAV_27_6684_25_02_2018_15_43_10.pdf>. Acesso em 13 novembro 2019.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Trad. Maria Cecília Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985.

IBGE. **Panorama**: Poconé – MT. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/pocone/panorama Acesso em: 19 de junho de 2020.

LEITE. Mário Cesar. **Cultura Pantaneira**. Entrevista concedida a Alessandra Pereira da Paz. Cuiabá, 2020. Arquivo MP3 (20 min).

POGREBINSCHI, Thamy. **Pragmatismo – Teoria Social e Política**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.

SATO. Michele. **Impactos Ambientais da Extração de Ouro**. Entrevista concedida a Alessandra Pereira da Paz. Cuiabá, 2020. Arquivo MP4 (30 min).

SCHECHNER, R. **Performance Studies:** an introduction. New York, USA: Routledge, 2006.

SIMÕES, Paula Guimarães. Celebridades na sociedade midiatizada: Em busca de uma abordagem relacional. **Revista ECO-POS**, v. 16, n. 1, p. 104-119, 2013.

Capítulo 11
Patrimônio Histórico e a Dança dos Mascarados: como a história e a cultura da baixada cuiabana se perdem no culto ao progresso

Ivoneides Maria Batista do Amaral[1]
Danielle Ferraz Garcia[2]

Introdução

As cidades, orientadas pelas ideias de progresso e modernidade, passaram por diversas transformações ao longo dos anos e são um reflexo físico e cultural das variadas formas de interação do homem com o meio, muitas vezes não projetadas de maneira a promover a integração de usos e atividades, sendo ainda fruto de uma urbanização traduzida em espaços que não respeitam suas histórias e culturas. Mas as cidades não são apenas isso, também são organizações sociais e comunicação. Estudar a relação das cidades, do meio, do homem e da cultura é compreender o passado e prospectar o futuro.

O campo cultural traz importantes contribuições a serem exploradas, uma vez que as cidades são o palco onde as relações culturais se desenrolam e servem, portanto, como base para que os fenômenos da cultura aconteçam. Pensar a cidade e a cultura auxilia no entendimento do descaso com Patrimônios históricos, manifestações culturais, meio ambiente e tantos outros fenô-

[1] Graduada em Ciências Sociais e Pedagogia, especialista em Educação Inclusiva, Gestão Cultural, Docência em Língua Brasileira de Sinais, Intérprete de Libras. Mestre em Cultura Contemporânea-PPG ECCO da Universidade Federal de Mato. Integrante do grupo de pesquisa- Multimundos Brasil e professora da Faculdade Católica de Mato Grosso.

[2] Arquiteta e Urbanista, formada pela Universidade Federal de Mato Grosso. Possui MBA em Gerenciamento de Projetos pela Universidade Cândido Mendes. Atuou em diversos escritórios de arquitetura na cidade de Cuiabá e possui escritório de arquitetura com foco em projetos residenciais, comerciais, corporativos e institucionais. É docente do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Cuiabá – UNIC. Atualmente é mestranda do Programa de Pós Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea – PPG ECCO da Universidade Federal de Mato Grosso e pesquisadora do grupo de estudos Multimundos.

menos urbanos modernos.

Neste contexto, trazemos como reflexão como tais processos se deram tanto no Centro Histórico de Cuiabá, região tombada como Patrimônio Histórico, e ainda como contribuíram para a desvalorização de manifestações culturais importantes na baixada cuiabana, em especial a Dança dos Mascarados, espetáculo em que apenas homens dançam nos papéis de dama e galã, criando um efeito de interação, entretenimento e representação da cultura popular. Entre prédios tombados como Patrimônio Histórico, depredados, descaracterizados e abandonados pelo poder público e manifestações culturais que se perdem por falta de cuidados e apoio, a "Baixada Cuiabana" vai perdendo sua história.

A cultura popular, dentre os seus significados, podemos refletir como sendo a produção de bens materiais e simbólicos que surgem da interação entre as pessoas, uma ação singular de importante contexto, construída coletivamente. São experimentos significativos que vem do povo, vivenciados e passados por gerações: quase sempre envolvidos com juízos de valor, idealizações, homogeneizações e disputas teóricas e políticas (ABREU, 2003). Criadas por moradores das comunidades para propiciar encontros e trocas de experiências, representando uma determinada realidade, e com o intuito de partilhar afetos, alegrias, emoções e conhecimentos, as manifestações artísticas representam histórias ou fatos, contados por meio de danças, teatros, músicas, folclores, gastronomias e narrativas, entre outras possibilidades.

Segundo Barbero (2009) tais práticas, rituais ou simbólicas visam propagar certos valores e normas de comportamento por meio da repetição, o que implica automaticamente em uma continuidade em relação ao passado histórico. Atualmente, observa-se uma diminuição desses momentos festivos populares, há em curso uma série de mudanças no convívio coletivo, dentre elas as conquistas tecnológicas que interferem nos territórios, aprofundam diferenças, aumentam a visibilidade de alguns grupos e o desaparecimento de outros. Manter o olhar atento a respeito do impacto das novas formas de produção é um dos desafios contemporâneos. A generosidade, o afeto e a interação da comunidade, tornam-se meros expectadores das dinâmicas conceituais contemporâneas vivenciadas com a modernidade.

Na trajetória da cultura brasileira, vale destacar que o fortalecimento histórico do povo brasileiro ocorreu devido a diversidade de contexto territorial e de percurso, vivenciado por encontros e partilhas entre as comunidades.

Como consequência, suas configurações políticas e sociais ampliaram-se por meio dos movimentos que tem como foco a valorização da cultura popular. Segundo relatos históricos, a cultura popular possuí uma imagem poética, que reinventa continuamente ações coletivas em um recorte peculiar, necessário aos estudos sobre o folclore, festas populares e rituais.

Cavalcante (2012, p. 82) ressalta a necessidade de "[...] apressarmo-nos em reconhecer que festas, folguedos, danças, religiosidade, arte, saberes e fazeres populares são partes integrantes da vida social". No Brasil, a cultura popular compõe a identidade do país. Dentre as diferentes motivações que levam a fomentação e difusão da arte, entrelaçam o desejo de conhecimento pelas formas artísticas e expressivas. Riquíssima em sua diversidade, cada região é composta por diferentes ações que representam variações folclóricas, com características próprias, promovendo a socialização de seus membros.

Para Cavalcante (2004) a cultura popular atua na busca de processos criativos populares para utilização expressiva na composição de sua própria arte; e, finalmente, a utilização ideológica da ideia de folclore na busca do nacionalismo cultural. Considerando que há uma diversidade de experiências coletivas, algumas manifestações têm maior abrangência, como a festa do boi-bumbá em Parintins, a Cavalhada de Pirenópolis em Goiás, a Festa Junina em Campina Grande, Carnaval no Rio de Janeiro, Círio de Nazaré em Belém do Pará, Lavagem do Bonfim em Salvador na Bahia. Essas festas não acontecem de maneira isolada, constituem-se uma rede, envolvem pessoas que se encontram, vindas de diferentes regiões para vivenciar essas festividades.

Não menos importante, porém, compartilhadas por um número menor de pessoas devido o precário processo de divulgação e falta de investimentos na cultura local, é importante chamar a atenção para as manifestações folclóricas que acontecem na região de Mato Grosso, onde temos um cenário com diversas festas de santo, grupos teatrais, gastronomias e as danças, como dos Mascarados, Siriri, Cururu, Congo, Chorado e o Rasqueado, as mais tradicionais do estado. Cada uma dessas manifestações tem sua representatividade voltada para o contexto da comunidade, mostrando um pouco da diversidade da arte popular.

Com o modernismo, ocorre a reorganização das cidades, e os grupos artísticos das regiões enfrentam o desafio de manter-se enquanto tradição, pois as ações populares não possuem valor mercadológico, ou seja, observa-se que novas formas e ações são incorporadas e recriadas como mercadoria, a

ponto de não ter mais importância a originalidade, mas sim o valor enquanto exploração comercial. Trata-se de um movimento voltado para questões culturais distantes das raízes de origem.

Atrelada à tecnologia, amplia-se a capacidade de articulação entre diferentes culturas e perde-se a identidade cultural local. O desafio é compreender os impactos potenciais do moderno no imaginário do povo. Geralmente os grupos culturais com mais visibilidade tem mais influência e apoio do poder público. O moderno é tido como o caminho para o progresso, muitas vezes legitimando ações que nem sempre correspondem à realidade da população, há uma convergência de valores e interesses de grupos que discutem as questões públicas com interesses privados, consequentemente, ao longo do tempo, o reconhecimento e o valor das tradições são tratados como decadentes, mesmo com sua complexidade e diversidade.

Os Mascarados de Poconé

A Dança dos mascarados é uma manifestação folclórica que tem sua origem na cidade de Poconé, localizada a 100 quilômetros da capital de Mato Grosso, Cuiabá. Ocupada no século XIX, para a extração de ouro, a cidade atualmente é conhecida como o Portal do Pantanal Mato-grossense. A cidade é um local de festividades, reconhecida por pertencer ao circuito de festas e folguedos populares. Vale destacar a realização das festas de Santos, cavalhada e a festa das luzes do Divido, dentre outras atrações.

A Dança dos Mascarados acontece na região há mais de cem anos. Há duas versões sobre o surgimento dessa dança. Segundo estudos de Lott (1987), Brandão (1978), Abreu (2006) e Siqueira (2002), a dança tem seus passos baseados na contradança europeia; a forma como os pares se disponibilizam para realizar a dança, o ritmo da música e os movimentos remetem às danças de salão realizadas pela corte, instalada na região durante a colonização para a exploração das minas de ouro.

Como forma de representação e fortalecimento da cultura erudita, eram ofertados espetáculos teatrais, danças e outras manifestações como entretenimento para população, que sofria com a exploração da mão de obra e vivia em condições precárias. Vale ressaltar que, de acordo com Lott (1987), Mato Grosso foi uma das regiões que mais recebeu espetáculos vindos da Europa.

Uma segunda versão sobre a Dança dos Mascarados está contextualizada

na história contada pelos moradores da região. Para eles, essa dança foi realizada pelos primeiros habitantes da região, sendo parte da história dos índios Beripoconés, que habitaram a região por muitas décadas. De acordo com o relato dos moradores, no contexto das trocas culturais os indígenas fizeram amizade com os negros que permaneceram na região após a exploração do ouro e os ensinaram os passos da dança que era realizada nas festividades dos Beripoconés.

Na aldeia, durante a festividade, apenas os homens dançavam, pois não era permitida a participação de mulheres, que apenas assistiam a dança. Essa mesma ação é reproduzida pelos Mascarados de Poconé até os dias de hoje. O grupo, como já dito, é formado apenas por integrantes homens, que se vestem de damas e galãs. Na representação dos papeis, as damas ao se movimentarem durante a dança tem uma desenvoltura mais alongada dos passos e se mexem com muita expressividade corporal. Já os galãs realizam os passos mais marcados, mostram-se mais contidos. Nota-se uma conexão forte entre os dançantes, a dança flui nos movimentos dos corpos, ao ritmo da música, no percurso da Dança.

Como os papeis não são fixos, os integrantes do grupo dos Mascarados podem escolher se querem interpretar o papel de dama ou galã, portanto todos estão preparados para desempenharem os dois papeis, o que torna o grupo mais dinâmico, com seus pares perfeitamente sintonizados. Para a realização dos encontros e ensaios, por muitos anos foi cedido o quintal de uma casa para que o grupo tivesse momentos de vivências e pudesse aperfeiçoar os passos e entrosamento durante a dança. Mesmo nos ensaios, as pessoas da comunidade estavam presentes, participando como plateia, por achar interessante e envolvente essa experiência artística e cultural.

A dança foi organizada e aperfeiçoada, mantendo a comunidade unida e fortalecida por sua representatividade. Com realização dos ensaios necessários para manutenção do grupo, os dançantes desenvolvem uma rotina de encontros e trocas de experiências, fortalecendo as relações de amizade para desempenharem com vivacidade e domínio os passos da Dança. Os passos são compostos pela junção de diferentes movimentos. Em cada peça que compõe a Dança, os passos são modificados conforme o ritmo da música.

Nas primeiras apresentações do grupo, para compor o figurino, os homens vestiam-se com as roupas de suas esposas ou filhas para representarem o papel de dama, e as máscaras eram feitas de papelão e pintadas com tinta,

todas feitas pelos próprios dançantes, que buscavam meios de não serem reconhecidos pelos amigos e familiares. Essa ação faz parte do jogo da dança, o de ocultar-se para que apenas a dama e o galã fiquem em destaque.

Com o passar dos anos, até a década de 1990, principalmente, o grupo foi crescendo em número de integrantes e aumentando as apresentações. As roupas de dama e galã passaram a ser confeccionadas pela comunidade, as máscaras feitas de arame, durável e confortável para o uso. O grupo tornou-se conhecido pelas diversas comunidades da cidade de Poconé e em todo o estado de Mato Grosso. O grupo sempre foi convidado a participar dos eventos culturais em cidade do interior e na capital, Cuiabá. Para atender a demanda de eventos e fortalecer o grupo, novos integrantes foram incorporados, formando três grupos, sendo os mascarados adultos, jovens e crianças.

O senhor João Benedito, à época responsável pelo grupo, seguindo a atuação do seu pai que por muitos anos esteve à frente do grupo dos mascarados, afirma que essa divisão por faixa etária foi importante para tornar mais expansiva a Dança e atender as comunidades, pois, segundo ele, já houve dias que o grupo participou de três eventos diferentes, e caso não tivesse um número expressivo de integrantes isso não seria possível.

Segundo Loureiro (2006) "essa dança mexe com o imaginário do povo, é uma dança que mescla a contradança europeia, dança indígena e ritmo negro, somente homens podem dançar". Na festa do Divino, realizada na cidade de Poconé, comemorada de maneira solene pelos moradores, logo após a celebração da missa os fogos são disparados e aquele brilho e som anunciam a entrada do grupo dos Mascarados.

No dia da festa do Divino Espirito Santo, festividade tradicional da cidade, o grupo se reúne logo cedo e devidamente vestidos como dançantes mascarados seguem dançando pelas ruas da cidade, acompanhados por moradores; é um convite para logo mais à noite, no encontro festivo na praça da cidade. A caminhada dançante é sempre divertida, no ritmo de instrumentos musicais rústicos, confeccionados manualmente pelos moradores. A passagem do grupo é um convite para a comunidade participar da festa que acontece sempre no mês de junho. Após a celebração religiosa no pátio da igreja matriz começa a dança dos Mascarados.

Ao presenciar a apresentação da Dança, percebe-se que o grupo tem entrosamento, vivacidade e entusiasmo, o que envolve a todos. Para dar início a dança, em fila entram os dançantes com suas roupas brilhantes, máscaras

expressivas e chapéus decorados. Sob olhares atentos, os dançantes seguem o estandarte de São Benedito, carregado por uma criança integrante do grupo: dançando no ritmo da música, parece ter menos de 7 anos de idade. Balançando-se com desenvoltura, apresenta o estandarte para a plateia que acompanha o evento.

Doze casais de dançantes mascarados se dispõem em duas filas, damas de um lado, galãs de outro. No centro, um integrante mascarado segura um pedaço grande de madeira colorida, com fitas de cetim, e os outros integrantes começam a dançar com as fitas se entrelaçando. Aos poucos as fitas são entrelaçadas de maneira ordenada, ao ritmo da música, é um espetáculo bonito e envolvente. Em seguida, outras peças da dança são apresentadas, atraindo a plateia com o movimento e passos da dança.

A Dança é composta por 12 peças, com passos e ritmos diferentes. A apresentação, como combinado, se realiza conforme a disposição do grupo e o tempo estimado para que a Dança aconteça. Não há uma sequência rígida para a realização das peças, portanto todos devem conhecer e saber realizar cada passo da Dança com harmonia. Os movimentos são ritmados e descontraídos.

Nos últimos anos, os vestidos utilizados pelas damas são compostos por brilho e cetim e estão disponíveis em diferentes modelos e estampas, com cortes ajustados para atender aos diferentes corpos, diferentes tamanhos, para que qualquer integrante possa desempenhar o papel de dama na Dança. As roupas dos galãs são figurinos exclusivos, não se utiliza mais a roupa do cotidiano, do homem trabalhador. Com o passar do tempo, observa-se que as vestimentas foram sendo reinventadas para que se possa ver nas roupas parte da arte que o grupo representa. Os chapéus também participam da composição do figurino, utilizado por todos os dançantes, são decorados com plumas, fitas, cores e espelhos. Os espelhos são usados para que os dançantes se vejam durante a dança. Cada chapéu é feito artesanalmente, rico em detalhes. São alongados, destacando-se nos movimentos da dança.

As máscaras, que a princípio eram feitas de papelão, tinham pouca resistência ao calor, logo se desmanchavam. Nos dias atuais, são confeccionadas de tela de arame, resistentes e duráveis. O modelo é confortável, para ser utilizado por horas durante a apresentação da Dança. Moldadas, representado a face do homem ou da mulher, a pintura das máscaras é feita de forma decorativa, com olhos, nariz e boca.

A banda, que por muito tempo foi composta por moradores, nem sempre músicos, tinham os instrumentos confeccionados de maneira artesanal. Hoje a banda é composta por um grupo de músicos profissionais. Juntos eles dedicam seu tempo para acompanhar o grupo dos mascarados, se empenham para tocar ritmicamente as músicas de cada peça da Dança. Os instrumentos são todos de qualidade, próprios para a realização da música, tornando a dança ainda mais envolvente.

A casa da cultura da cidade de Poconé é um ponto turístico, sua estrutura traz lembranças dos antigos casarões, composto por vários quartos e uma varanda extensa onde as famílias se reúnem para o café e as refeições. Essa casa está decorada com partes das histórias vivenciadas pelos dançantes mascarados, com fotos, objetos e memórias. Ainda hoje essa casa acolhe o grupo para a realização dos ensaios e reuniões. Os quartos são os espaços onde são guardadas as roupas, máscaras, como também outros objetos utilizados pelos dançantes. Apesar dos esforços e da comunidade e da cidade de Poconé, a alegria, brilho e movimentos refinados dos Mascarados estão a cada dia mais distantes.

Modernidade e o Centro Histórico

A modernidade no urbanismo se traduz em uma cidade planejada e executada de maneira racional, com viés progressista, que busca dentre outras coisas as ideias higienistas aplicadas ao planejamento urbano. A cidade moderna passa a ser um mero local de deslocamentos, com uma alma submersa na visão progressista. O conceito de genius loci - termo em latim que pode ser traduzido como "espírito de um determinado lugar" (NESBITT, 2006) - cai em desuso no modernismo, pois os locais urbanos passam a ser pensados sob a ótica funcionalista. No contexto urbano, o emprego de técnicas ditas modernas na elaboração das cidades culminou em diversas perdas históricas, onde vários patrimônios culturais deram lugar a novas construções, sempre em nome do progresso.

Por força deste pensamento, formaram-se cidades que são dependentes do transporte individual, pois historicamente o transporte coletivo ainda possui muitos problemas, dentre eles um de ordem cultural, sendo visto como símbolo de pobreza. A organização arquitetônica das cidades também contribui para o excedente viário, prédios e edifícios cada vez mais isolados em seus

lotes que dificilmente conversam com seu entorno e com a cidade. Sob a desculpa da violência, a sociedade se isola, cada um em sua fortaleza particular, e a cidade só é utilizada quando é necessário acessar um de seus serviços. Desse modo, a cidade passa a ser uma reunião de "não lugares", onde o sentido de identidade com os locais se perde, a vida já não habita e o meio urbano se torna frio e impessoal.

Patrimônio Histórico

A capital do estado de Mato Grosso, Cuiabá, assim como diversas cidades brasileiras, é fruto de uma ocupação espacial não planejada, ocupada inicialmente por conta do ouro descoberto em suas terras. Fundada no ano de 1719, completou 300 anos em 2019. O crescimento espraiado da cidade trouxe uma situação de ocupação complexa para a região central: seu funcionamento e vivacidade são dependentes do horário comercial, o centro histórico enfrenta diversos cenários críticos, passando pelo abandono das edificações tombadas, vandalismo, depredação e depreciação.

O centro da cidade não é amigável ao pedestre, é árido, monótono e pouco expressivo. Em uma região que facilmente atinge 40° em seu período de seca, Cuiabá carece de cuidados no quesito de conforto térmico e ambiência urbana. O descaso do poder público com o centro histórico é notável, os investimentos na região são esparsos e quase sempre emergenciais, como quando há um desabamento de um dos bens tombados.

Ocupada inicialmente por conta do ouro descoberto em suas terras, Cuiabá é um exemplo de cidade que cresceu sem um planejamento que abarcasse todos os seus desafios enquanto espaço urbano. O marco do surgimento da cidade, o Córrego da Prainha, hoje região central da cidade, como já dito, encontra-se em estado de abandono. Cuiabá carece de cuidados no quesito de conforto térmico e ambiência urbana.

Parte da região central de Cuiabá é tombada como Patrimônio Histórico e Cultural, tombamento este feito no ano de 1988, que visava a preservação de 13,1 hectares e abarcava cerca de 400 edificações. (INSTITUTO DE PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO URBANO, 2010). Em diversos momentos de sua história, Cuiabá presenciou o desapreço pelo patrimônio existente, como por exemplo na demolição da Igreja Matriz da cidade, que ocorreu no ano de 1968 e foi fruto dos ideais modernistas do Bispo Dom

Orlando Chaves, que queria uma catedral mais condizente com o processo de modernização que estava ocorrendo em todo o centro da capital. Assim sendo, a nova construção da igreja matriz ficou pronta no ano de 1973 e foi batizada de Catedral Metropolitana Basílica do Senhor Bom Jesus. Para dar lugar a esta nova construção, a antiga matriz foi demolida, fato que deixou parte da população consternada e até hoje gera diversos debates quanto à real necessidade desta demolição (COSTA, 2019).

Outro importante patrimônio cuiabano que viu sua história desabar foi o casarão conhecido como gráfica Pepe, que desabou no início do ano 2019 após uma forte chuva. Assim como ele, existem várias outras edificações em estado de abandono e em ruínas, muitas protagonizam diversos impasses entre proprietários, IPHAN e Prefeitura Municipal. Os proprietários alegam que as diversas normativas e exigências do IPHAN impossibilitam a manutenção destes espaços e de que os investimentos e incentivos públicos são escassos.

O desaparecimento dos bens culturais

O desaparecimento dos bens culturais, patrimônios materiais e imateriais, está diretamente ligado a falta de valor dado pela população. Ou seja, com o passar do tempo perdeu-se a ligação ou elo com aquele bem, tornando-o apenas algo estranho da qual a população em geral não se sente ligada de alguma forma. Esta falta de ligação contribui para o esquecimento e posterior desvalorização, uma vez que a preservação está intimamente ligada a memória atribuída ao bem. Deste modo, a identificação com tais patrimônios fica fragilizada e a efemeridade da vida moderna não permite a retomada dos sentidos e sentimentos ligados ao passado. O novo é buscado incessantemente como forma de legitimar a era em que vivemos.

Há uma explosão de interesses relacionados às práticas culturais: o indivíduo torna-se um cidadão do mundo, o apagamento das fronteiras acelera o ciclo da exclusão, pois novas ações institucionalmente relacionadas são incorporadas como mercadoria, o que leva ao abandono, no caso do patrimônio histórico, ou isolamento, no caso da Dança dos Mascarados: são espaços e manifestações pouco vendáveis, sem lucro. Tais abandonos podem ocorrer em diversas esferas, como no caso dos patrimônios históricos e nas manifestações culturais como as danças, costumes e representações de um povo. As discussões sobre como barrar ou minimizar esses efeitos devem ser levadas em todos

os âmbitos, não ficando restritas apenas aos estreitos círculos políticos e de especialistas estudiosos da área. O envolvimento da população em geral é vital para gerar o debate e o entrelaçamento com estes bens, difundindo sua importância e história como formas de nos religar a eles.

A Dança dos Mascarados e um Centro Histórico, que o próprio Estado não tem interesse em apoiar e preservar, não possuem conexão com a ideia de modernidade que implica na padronização de conceitos, que atribui pouco ou nenhum valor à história. Nessa linha de compreensão, todos os grupos e espaços enraizado nos ritos e mitos construídos ao longo dos 300 anos da capital Cuiabá, seja na forma dos casarões, na música, obras de arte, danças e outras representações artísticas estão sendo deixadas de lado, considerados sem importância. Assim como a Dança dos Mascarados, outras manifestações matogrossense que compõe o contexto histórico da sociedade cuiabana, como Siriri, Cururu, Dança do Congado e o Rasqueado tem sofrido com o distanciamento dos palcos e da população. Assim como o Centro Histórico, outros espaços da história de Cuiabá e de Mato Grosso aguardam atenção.

Referências

ABREU, Martha e SOIHET, Rachel, **Cultura Popular, um conceito e várias histórias:** Ensino de História, Conceitos, Temáticas e Metodologias. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003.

ARAÚJO, Bráulio Santos Rabelo. O conceito de aura, de Walter Benjamin, e a indústria cultural. *Pós.* **Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Arquitetura E Urbanismo Da FAUUSP**, (28), 120-143. Pós v.17 n.28 São Paulo, dezembro 2010.

BENEDICT Ruth. **Padrões de Cultura**. Coleção Antropologia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica.** Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CATENACCI, Vivian. **Cultura popular:** entre a tradição e a transformação. Perspec. [online] vol.15 no.2 pp.28-35, ISSN 1806-9452. São Paulo, abril/junho. 2001. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/spp/v15n2/8574.pdf. Acesso em: 15/07/2020.

CHARTIER Roger. Cultura popular: revisitando um conceito. **Revista de Estudos históricos**. voI. 8, p. 179-192, Rio de Janeiro,1995.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. 3 ed. São Paulo: Estação Liberdade: Editora Unesp, 2006.

COSTA, Hudson. **De pau a pique a concreto, Catedral do Senhor de Bom Jesus é símbolo de transformação.** 2019.

Disponível em: http://www.seplan.mt.gov.br/-/11573228-de-pau-a-pique-a-concreto-catedral-do-senhor-de-bom-jesus-e-simbolo- d e t r a n s f o r m a c a o # : ~ : t e x t = A % 2 0 d e m o l i % C 3 % A 7 % C 3 % A 3 o & t e x t = U t i l i z a n d o % 2 0 c o m o % 2 0 j u s t i f i c a t i v a % 2 0 a % 20poss%C3%ADvel,serem%20as%20partes%20mais%20fortes. Acesso em: 08 jun. 2020.

DAMATTA, Roberto. **Treze pontos riscados em torno da cultura popular.**

Anuário Antropológico. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

DUBAR, Claude. **A socialização**: a contribuição das identidades sociais e profissionais. Portugal: Porto Editora, 1997.

GEHL, Jan. **Cidade para Pessoas.** São Paulo: Perspectiva, 2013.

HOLL, Steven. **Questões de Percepção: Fenomenologia da Arquitetura.** 2012. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-18907/questoes-de-percepcao-fenomenologia-da-arquitetura-steven-holl>. Acesso em: 20 jul. 2019.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

JACQUES, Paola Berenstein. **Breve histórico da Internacional Situacionista** – IS. Vitruvius, [s. l.], 3 abr. 2003. Disponível em: https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.035/696. Acesso em: 1 out. 2019.

LE CORBUSIER. **Planejamento Urbano.** São Paulo: Perspectiva, 2008. 200 p. (Coleção Debates: Urbanismo).

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade.** São Paulo: Centauro, 2001.

144 p.

LEFEBVRE, Henri**. A produção do espaço.** Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000).

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples.** Cotidiano e história na modernidade anômala. 3. ed. São Paulo: Contexto 2012.

NESBITT, Kate. **Uma Nova Agenda para Arquitetura.** São Paulo: Cosac Naify, 2008.

Disponível em: https://www.academia.edu/36164658/_10_Kate_Nesbitt_-_Uma_nova_agenda_para_arquitetura_leitura_online.

Acesso em: 6 abr. 2019

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Existence, Space & Architecture.** New York: Praeger, 1974.

SILVA, Giovanna G.; ALMEIDA, Renata H. **O papel da Arquitetura e do urbanismo na Rearticulação de laços memoriais e sociais em contextos pós-guerra.** Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2017.

Capítulo 12
Cultura, Religião e o Capitalismo em Marx

Acimar da Costa Magalhães[1]

Introdução

O filósofo alemão do século XIX, Karl Marx, o fundador e principal teórico do marxismo, tinha uma atitude antitética e complexa em relação à religião, encarando-a principalmente como "a alma das condições sem alma", o " ópio do povo " que havia sido útil para as classes dominantes, uma vez que dava às classes trabalhadoras falsas esperanças por milênios (ARAÚJO, 2016).

Ao mesmo tempo, Marx via a religião como uma forma de protesto das classes trabalhadoras contra suas pobres condições econômicas e sua alienação. Na interpretação marxista-leninista da teoria marxista, desenvolvida principalmente pelos revolucionários e soviéticos da Geórgia. Líder Joseph Stalin, a religião é vista como dificultando o desenvolvimento humano. Devido a isso, vários governos marxistas-leninistas no século 20, como a União Soviética depois de Vladimir Lenin e da República Popular da China sob Mao Zedong, implementaram regras introduzindo o ateísmo do Estado (ARAÚJO, 2016).

Nesse panorama, é preciso recorrer aos teóricos políticos e revolucionários especialmente os de matrizes marxistas que tratam sobre religião. Karl Marx, por exemplo, via o sofrimento religioso e dizia que é, ao mesmo tempo, a expressão do sofrimento real e um protesto contra o sofrimento real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração e a alma de condições sem alma. É o ópio do povo (RODRIGUES et. Al, 2018).

A abolição da religião como a felicidade ilusória do povo é a demanda por sua verdadeira felicidade. Chamá-los de desistir de suas ilusões sobre sua condição é pedir que abandonem uma condição que requer ilusões. A crítica da religião é, portanto, em embrião, a crítica daquele vale de lágrimas cuja

[1] Mestrando do PPGECCO/UFMT, graduado em filosofia, teologia e letras.

religião é o halo (RODRIGUES *et all*, 2018).

A crítica arrancou as flores imaginárias na corrente não para que o homem continue a carregar essa corrente sem fantasia ou consolação, mas para que ele solte a corrente e arranque a flor viva. A crítica da religião desilude o homem, para que ele pense, aja e modele sua realidade como um homem que descartou suas ilusões e recuperou seus sentidos, de modo que ele se movesse em torno de si mesmo como seu verdadeiro Sol. A religião é apenas o sol ilusório que gira em torno do homem desde que ele não gire em torno de si mesmo (BATISTA, 2017).

De acordo com Howard Zinn, Marx "viu a religião, não apenas negativamente como 'o ópio do povo', mas positivamente como o 'suspiro' da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração, a alma de condições desalmadas. Isso nos ajuda a entender o apelo de massa dos charlatões religiosos da tela da televisão, bem como o trabalho da Teologia da Libertação em unir a alma da religião à energia dos movimentos revolucionários em países miseravelmente pobres. Alguns estudos recentes sugerem que o "ópio do povo" é em si mesmo uma metáfora dialética, um "protesto" e uma "expressão" do sofrimento.

Certamente, Marx não se opôs a uma vida espiritual. Em vez disso, ele achava que era necessário. Em "Salários do Trabalho" (1844), Marx escreveu: "Para se desenvolver em maior liberdade espiritual, um povo deve quebrar sua escravidão às suas necessidades corporais - eles devem deixar de ser os escravos do corpo. Eles devem, acima de tudo, ter tempo à sua disposição para a atividade criativa espiritual e o desfrute espiritual ".

Por sua vez, Vladimir Lenin foi altamente crítico da religião, dizendo em seu livro Religião: "O ateísmo é uma parte natural e inseparável do marxismo, da teoria e prática do socialismo científico" (BENJAMIN, 2015).

Em *The Attitude of Workers 'Party to Religion*, ele escreveu (CHAGAS, 2017):

> [...] a religião é o ópio do povo: este dito de Marx é a pedra angular de toda a ideologia do marxismo sobre religião. Todas as religiões e igrejas modernas, todo e qualquer tipo de organização religiosa são sempre consideradas pelo marxismo como os órgãos da reação burguesa, usados para a proteção da exploração e a estupefação da classe trabalhadora.

Contudo, embora Lênin criticasse a religião, ele também fez questão

específica de não incluí-la no Nosso Programa ou em seus objetivos ideológicos dizendo:

Mas sob nenhuma circunstância deve-se cair no erro de colocar a questão religiosa de uma maneira abstrata e idealista, como uma questão "intelectual" sem conexão com a luta de classes, como não é raramente feito pelos radicais-democratas do meio da burguesia. Seria estúpido pensar que, numa sociedade baseada na interminável opressão e aglomeração das massas trabalhadoras, os preconceitos religiosos poderiam ser dissipados por métodos puramente de propaganda (MARX, 2015).

Seria uma estreiteza burguesa esquecer que o jugo da religião que pesa sobre a humanidade é apenas um produto e reflexo do jugo econômico dentro da sociedade. Nenhum número de panfletos e nenhuma quantidade de pregação pode iluminar o proletariado, se não for iluminado por sua própria luta contra as forças obscuras do capitalismo.

Outros pensadores, Nikolai Bukharin e Evgenii Preobrazhensky manifestaram-se fortemente contra a religião. "O comunismo é incompatível com a fé religiosa", escreveram eles (MARX, 2015).

No entanto, foi dada importância ao secularismo e à não-violência em relação aos religiosos: Mas a campanha contra o atraso das massas nessa questão de religião deve ser conduzida com paciência e consideração, bem como com energia e perseverança. A multidão crédula é extremamente sensível a qualquer coisa que fira seus sentimentos. Investir no ateísmo sobre as massas, e em conjunto com elas interferir com as práticas religiosas e zombar dos objetos de reverência popular, não ajudaria, mas impediria a campanha contra a religião. Se a igreja fosse perseguida, ganharia simpatia entre as massas, pois a perseguição os lembraria dos dias quase esquecidos em que havia uma associação entre a religião e a defesa da liberdade nacional; fortaleceria o movimento antissemita.

Religião na União Soviética

A União Soviética era um estado ateu em que a religião era em grande parte desencorajada e às vezes fortemente perseguida. De acordo com várias fontes soviéticas e ocidentais, mais de um terço do povo do país ainda professava crenças religiosas (o cristianismo e o islamismo eram os que mais acreditavam) (BATISTA, 2017).

Os cristãos pertenciam a várias igrejas: ortodoxas, que possuíam o maior número de seguidores; católico; e batista e outras denominações protestantes. A maioria dos fiéis islâmicos foram sunita (com uma notável Shiaminoria, principalmente no Azerbaijão), enquanto o judaísmo também teve muitos seguidores. Outras religiões, que eram praticadas por um número relativamente pequeno de crentes, incluíam o budismo e o xamanismo.

No entanto, após 1941, na era de Stalin, a perseguição religiosa foi bastante reduzida. Para obter apoio das massas durante a Segunda Guerra Mundial, o governo de Stalin reabriu milhares de templos e extinguiu a liga de ateus militantes. A propaganda ateísta retornou em menor grau durante o governo Khruschev e continuou de maneira menos rigorosa durante os anos de Breszhnev (BATISTA, 2017).

O papel da religião na vida cotidiana dos cidadãos soviéticos variava muito, mas dois terços da população soviética eram irreligiosos. Cerca de metade das pessoas, incluindo membros do Partido Comunista e altos funcionários do governo, professavam o ateísmo. Para a maioria dos cidadãos soviéticos, a religião parecia irrelevante. Antes de seu colapso no final de 1991, os dados oficiais sobre religião na União Soviética não estavam disponíveis. O ateísmo estatal na União Soviética era conhecido como *gosateizm.*

Por sua vez, na Albânia foi declarada estado ateu por Enver Hoxha. A religião na Albânia foi subordinada ao interesse do nacionalismo durante períodos de renascimento nacional, quando foi identificada como predação estrangeira à cultura albanesa. Durante o final do século XIX e também quando a Albânia se tornou um estado, as religiões foram suprimidas para unificar melhor os albaneses (CHAGAS, 2017).

Esse nacionalismo também foi usado para justificar a posição comunista do ateísmo do Estado entre 1967 e 1991. Essa política foi aplicada principalmente e se sentiu dentro das fronteiras do atual estado albanês, produzindo assim uma maioria não - religiosa na população.

É importante incluir no rol de informações a República Popular da China, fundada em 1949 e, durante grande parte de sua história inicial, manteve uma atitude hostil em relação à religião, que era vista como emblemática do feudalismo e do colonialismo estrangeiro. Casas de culto, incluindo templos, mesquitas e igrejas, foram convertidas em edifícios não religiosos para uso secular. No entanto, essa atitude relaxou consideravelmente no final dos anos 1970, com o fim da Revolução Cultural (CHAGAS, 2017).

A Constituição de 1978 da República Popular da China garantiu a "liberdade de religião" com uma série de restrições. Desde meados da década de 1990, tem havido um enorme programa para reconstruir os templos budistas e taoístas que foram destruídos na Revolução Cultural. No entanto, o Partido Comunista da China continua a ser explicitamente ateu e a religião é fortemente regulamentada, com aparatos específicos operados pelo Estado igrejas, mesquitas e templos de serem autorizados para o culto.

Nesse entendimento, é importante dialogar com Karl Marx e Friedrich Engels (2015, p. 16) sobre o conceito de comunismo.

> [...] Nada é mais fácil do que dar ao ascetismo cristão um tom socialista. O cristianismo não foi declamado contra a propriedade privada, contra o casamento, contra o Estado? Não pregou no lugar destes, caridade e pobreza, celibato e mortificação da carne, vida monástica e Igreja Mãe? O socialismo cristão é apenas a água sagrada com a qual o sacerdote consagra os ardentes corações do aristocrata.

O comunismo cristão pode ser visto como uma forma radical do socialismo cristão. É uma teoria teológica e política baseada na visão de que os ensinamentos de Jesus Cristo obrigam os cristãos a apoiarem o comunismo como o sistema social ideal. Embora não haja acordo universal sobre a data exata em que o comunismo cristão foi fundado, muitos comunistas cristãos afirmam que as evidências da Bíblia sugerem que os primeiros cristãos, incluindo os apóstolos, criaram sua própria pequena sociedade comunista nos anos seguintes à morte e ressurreição de Jesus. Como tal, muitos defensores do comunismo cristão argumentam que foi ensinado por Jesus e praticado pelos próprios apóstolos.

Em Socialismo: utópico e científico, Friedrich Engels faz uma certa analogia entre o tipo de comunismo utópico de algumas das comunidades cristãs primitivas e o movimento comunista moderno, o movimento comunista científico que representa o proletariado nesta era e sua transformação histórica mundial de sociedade. Engels notou ambas as semelhanças e certos contrastes.

Considerações Finais

Karl Marx foi um filósofo alemão que tentou examinar a religião a partir

de uma perspectiva objetiva e científica. A análise de Marx e a crítica da religião "A religião é o ópio das Massas" ("A religião é o Opium des Volkesis") é talvez uma das mais famosas e mais citadas pelos teístas e ateus. Infelizmente, a maioria das pessoas que faz a citação não entende exatamente o que Marx quis dizer, provavelmente devido a uma compreensão incompleta das teorias gerais de Marx sobre economia e sociedade.

Muitas pessoas em uma ampla variedade de campos estão preocupadas com a forma de explicar a religião - sua origem, seu desenvolvimento e até mesmo sua persistência na sociedade moderna. Antes do século XVIII, a maioria das respostas foram formuladas em termos puramente teológicos e religiosos, assumindo a verdade das revelações cristãs e procedendo de lá. Mas ao longo dos séculos XVIII e XIX, desenvolveu-se uma abordagem mais "naturalista".

Marx realmente falou muito pouco sobre religião diretamente; Em todos os seus escritos, ele dificilmente aborda a religião de maneira sistemática, embora ele a toque com frequência em livros, discursos e panfletos. A razão é que sua crítica à religião constitui simplesmente uma parte de sua teoria geral da sociedade - assim, compreender sua crítica à religião requer alguma compreensão de sua crítica da sociedade em geral.

Segundo Marx, a religião é uma expressão de realidades materiais e injustiça econômica. Assim, os problemas da religião são, em última instância, problemas na sociedade. A religião não é a doença, mas apenas um sintoma. É usado por opressores para fazer as pessoas se sentirem melhor sobre o sofrimento que sofrem devido a serem pobres e exploradas. Esta é a origem de seu comentário de que a religião é o "ópio das massas" - mas, como se verá, seus pensamentos são muito mais complexos do que o comumente retratado.

Para Marx, a economia é o que constitui a base de toda a vida e história humanas, uma fonte que gera divisão de trabalho, luta de classes e todas as instituições sociais que supostamente mantêm o status quo. Essas instituições sociais são uma superestrutura construída sobre a base da economia, totalmente dependente de realidades materiais e econômicas, mas nada mais. Todas as instituições que são proeminentes em vidas diárias - casamento, igreja, governo, artes, dentre outros, só podem ser verdadeiramente entendidas quando examinadas em relação às forças econômicas.

Referências

ARAÚJO, Maria Catarina Ananias de. **A educação como instrumento de dominação das massas**: uma análise a partir do pensamento de Karl Marx. 2016.

BATISTA, Carla Sabrina de Lima. Alienação e emancipação na teoria de Karl Marx. 2017. BRANCO, Rodrigo Castelo. Maldições, Fetiches e Comunismo na Crítica da Economia Política: a teoria da alienação de Karl Marx. **Cadernos UniFOA**, v. 3, n. 6, p. 28-39, 2017.

BENJAMIN, Walter. **O capitalismo como religião**. Boitempo Editorial, 2015.

CHAGAS, Eduardo Ferreira. A crítica da religião como crítica da realidade social no pensamento de Karl Marx. **TRANS/FORM/AÇÃO:** REVISTA DE FILOSOFIA, v. 40, n. 4, 2017.

COELHO, Allan Silva; RODRIGUES, Arlindo Manuel Esteves; WANDERLEY, Luis Eduardo Waldemarin. Utopia como potencial crítico da Modernidade Capitalista. **EDUCAÇÃO E FILOSOFIA**, v. 32, n. 65, 2018.

CARVALHO, André Cutrim; CARVALHO, David Ferreira; CASTRO, Auristela Correa. O MÉTODO DE ANÁLISE DA ECONOMIA POLÍTICA DE KARL MARX. **Revista EM FOCO-Fundação Esperança/IESPES**, v. 2, n. 24, p. 142-153, 2016.

FERREIRA CHAGAS, Eduardo. A CRÍTICA DA RELIGIÃO COMO CRÍTICA DA REALIDADE SOCIAL NO PENSAMENTO DE KARL MARX. **Trans/Form/Acao**, v. 40, n. 4, 2017.

LEÃO, Rodrigo Augusto. Teoria Sociológica Clássica: o fenômeno religioso em Durkheim, Marx e Weber. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 8, n. 22, p. 09-23, 2015.

LIMA, João Paulo de. A religião como ópio do povo: um estudo sobre a introdução a crítica da filosofia do direito de Hegel. 2018.

MARX, Karl. **Crítica do programa de Gotha**. Boitempo Editorial, 2015.

MARX, Karl; ENGELS, Friederich. **Lutas de classes na Alemanha**. Boitempo Editorial, 2015.

MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. Boitempo Editorial, 2015.

MARX, Karl. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte**. Boitempo Editorial, 2015.

RODRIGUES, Vicente; STAMPA, Inez; LOLE, Ana. Karl Marx e a crítica dos direitos humanos| Karl Marx and the critique of human rights. **Revista Em Pauta**, v. 16, n. 42, 2018.